

**FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**MARIA IZABEL MOREIRA SALLES**

**TÍTULO: UM RETRATO DA MODERNIDADE PELAS LENTES DE ANTHONY  
GIDDENS: RÊ BORDOSA, O ENQUADRAMENTO POSSÍVEL  
(O Impacto das Transformações da Modernidade na Vida Pessoal e no Self)**

Este exemplar trata-se da versão corrigida, cujo original se encontra disponível no CAPH da FFLCH (Centro de Apoio à Pesquisa Histórica)

**SÃO PAULO, Dezembro de 2011  
TESE DE DOUTORADO  
HISTÓRIA SOCIAL  
ORIENTADOR: PROF. DR. ARNALDO CONTIER**

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é interpretar as transformações da modernidade e seus impactos na vida pessoal e no self, através da teoria de Anthony Giddens, Modernidade Reflexiva, usando a história em quadrinhos da Rê Bordosa para ilustrar o comportamento daqueles que não conseguiram se adaptar às transformações

**ABSTRACT:** This work is about an interpretation of the modernity's transformation and the impacts upon the personal life and the self, according to Anthony Giddens's theory: Reflexive Modernity. The Rê Bordosa's comics are an illustration and example of those who denies the transformation.

Para Mel, Aninha, Kiko e Luis Augusto

## ÍNDICE

### 1.0 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Introdução.....	6
Objetivo do trabalho.....	9
Um Novo Mosaico.....	10
Focando Giddens.....	15
Modernidade Reflexiva.....	17
Moldura Histórica.....	22
História em Quadrinhos.....	23
Breve História dos Quadrinhos.....	25
A Importância dos Quadrinhos.....	26
Os Quadrinhos como Arte.....	27
Cultura de Massa e Subcultura.....	28
Modelo de Análise.....	29
A Mitologia da História em Quadrinhos.....	30
O Sucesso da Rê Bordosa.....	31
Trabalho com uma só Personagem.....	32
Um Trabalho de História Cultural.....	33
Questões de Método.....	33
História do Tempo Presente.....	34
Um Mínimo de Micro História.....	37
Trabalhos Acadêmicos sobre a Rê Bordosa.....	40

### 2.0 | RÊ BORDOSA: O ENQUADRAMENTO POSSÍVEL

Sobre o Autor.....	42
Rê Bordosa.....	43
As transformações da modernidade que afetaram o estilo de vida e a construção da identidade.....	53
Tribulações do Eu.....	62
A Indiferença.....	66
Retorno do Recalcado: Sexo e Feminismo.....	68
Questões sobre a Mulher.....	74
O Corpo como Objeto de Reflexão.....	77
Sexualidade e Saúde: Domínios da Reflexão.....	83
Suicídio: a Contramão da Reflexão.....	84
Dilemas da Modernidade Reflexiva.....	86
Angeli decide matar a Rê Bordosa.....	88
Casamento e Morte da Rê Bordosa.....	95

### 3.0 | OS CONTORNOS DA MODERNIDADE E O IMPACTO SOBRE O EU

Modernidade.....	104
Giddens e a Modernidade.....	108
As Características da Modernidade e a Reflexividade.....	112
Os Contornos do Eu.....	115



Parcerias de Engajamento Instantâneos.....	124
Ausência de Reflexividade.....	126
Reflexividade Institucionalizada: Sistemas Especialistas.....	128
Psicanálise: Um Sistema Especialista.....	130
A Insegurança na Modernidade Tardia.....	142
Modernidade Pós-Traducional.....	144
Tradições Inventadas.....	147
A Repetição como Neurose: Tradição e Vício.....	151
Sociedade de Risco.....	155
Riscos Externos.....	157
Riscos Internos.....	162

#### **4.0 | AS ORIGENS DO “HOMEM” MODERNO E DAS CRISES DA MODERNIDADE**

O nascimento da Reflexividade.....	165
Burguês: o Homem Moderno.....	170
Modernismo: a Arte como Reflexão.....	173
A morte de Deus.....	177
Modernidade: Individualismo, Hedonismo e Narcisismo.....	178
Tempo, Espaço e Altura.....	179
Hedonismo.....	181
Narcisismo: A Personalização Extrema.....	185
Narcisismo e Consumismo.....	189
Um novo estágio do Individualismo.....	191
A perda do Self.....	195
Obstáculos para Autoreflexão.....	195

#### **5.0 | TRANSFORMAÇÕES DA MODERNIDADE: OS DESASTRES DO PROGRESSO**

A Perda do Respeito pelo Passado.....	199
Transformação do Espaço: As Cidades.....	202
Os desacertos do Modernismo e o seu Impacto sobre os Indivíduos.....	207
O Cômodo e a Cidade.....	214
O Mundo Urbano Moderno.....	216
Vida na Cidade: Transgressão e Ilegalidade.....	218
O desgaste do Modernismo.....	218
Pós-modernismo: a dessublimação das artes.....	219
A Sociedade de Consumo.....	222

#### **6.0 | CONCLUSÃO**

Considerações finais.....	230
---------------------------	-----

#### **7.0 | BIBLIOGRAFIA.....235**

## AGRADECIMENTOS

O doutorado para mim foi uma incrível jornada, e por quatro anos, uma parte significativa da minha vida. Impossível compartilhar o que foi essa experiência. No entanto, sem o auxílio de pessoas que me ajudaram, guiaram e encorajaram, dificilmente teria chegado até aqui.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr Arnaldo Contier, por ter aceito o meu projeto, fruto de uma mestiçagem entre a psicanalista e a historiadora, e portanto, pouco ortodoxo, se levarmos em conta que se trata de uma tese do Departamento de História. E também pela confiança depositada em mim, concedendo-me total liberdade para seguir a pesquisa pelo caminho que eu mais acreditava ser o correto.

O meu sincero agradecimento ao artista e cartunista Arnaldo Angeli Filho por ter cedido gentilmente o direito do uso da imagem da sua personagem Rê Bordosa, que sem isso, o trabalho seria impossível de ser realizado.

Gostaria de estender os meus agradecimentos à todas as pessoas que eu atendi durante esses 30 anos de prática clínica e aquelas que atendo, que me inspiraram e foram ,como ainda tem sido, o motor que me move na direção da busca por uma maior compreensão do sofrimento humano.

E finalmente, um agradecimento muito especial ao meu marido, Luis Augusto, por ter ficado ao meu lado nesse tempo tão difícil, pelo seu apoio, companheirismo e carinho. Sua presença constante e estímulo, fez com que eu sentisse que nada seria impossível.

À todos que me ajudaram de várias maneiras, expresso o meu mais sincero desejo de que um dia eu possa retribuir essa ajuda.

Muito Obrigada

Maria Izabel  
Dezembro/2011

## 1.0 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“O homem precisa da história porque a vê como uma espécie de guarda-roupa, onde todas as fantasias estão guardadas. Ele repara que nenhuma roupa lhe serve, nem primitiva, nem clássica, nem medieval, nem oriental, e então continua tentando, incapaz de aceitar o fato de que o homem moderno “jamais se mostrará bem trajado”, porque nenhum papel social nos tempos modernos é para ele um figurino perfeito”.

( Marshall Berman)

Como historiadora, chamam a minha atenção: a necessidade que as pessoas têm de saber qual é a melhor maneira de viver numa sociedade destradicionalizada e a vontade que sentem de entender os comportamentos, reações, valores e emoções, tanto os próprios como os dos outros, que se revelam através de um consumo significativo e cada vez mais crescente de “guias práticos de vida”, de obras chamadas terapêuticas e de manuais de autoajuda .

Como psicanalista, também atrai minha atenção as pessoas que vivem sonambúlicas e sem rumo, desencaixadas e as que perderam a fé nas instituições. Elas negam suas inseguranças, vivem alheias aos seus próprios males, e não fazem questão de entender os motivos do seu mal viver, aparentemente “inadequado” e “fora de lugar”, numa sociedade onde ser feliz passou a ser obrigação. Ao invés de lidarem com suas questões, deprimem-se e consomem álcool e drogas para fugir da realidade. O vício as impede de adaptarem-se a um mundo em permanente mudança. Embora sente-se à minha frente o mesmo Édipo, imutável e atemporal, não é possível ignorar os impactos que as transformações da modernidade causam na vida pessoal e no self e o quanto são responsáveis pelo aumento das angústias do homem contemporâneo.

Enquanto a Sociologia e a Antropologia estão preocupadas em explicar o impacto dessas transformações na vida pessoal, o mesmo não acontece com a Psicologia, ou pelo menos não da mesma maneira e nem com a mesma intensidade, pois esta última, ainda recorre às teorias clássicas para analisar os sofrimentos e os desajustes pessoais, enquanto a Psicanálise se nega a levar em conta o contexto histórico-social do indivíduo.

Elisabeth Roudinesco, psicanalista e historiadora, afirma que a depressão que marcou o século XX, foi uma consequência palpável dos desajustes do homem frente a seu tempo. Segundo a autora: “o sofrimento psíquico manifestou-se sob a forma de depressão. Atingindo o corpo e a alma por essa estranha síndrome, em que se misturam tristeza e apatia, a busca de identidade e o culto do si mesmo. O homem deprimido não acredita mais na validade de nenhuma terapia. No entanto, antes de rejeitar todos os tratamentos, ele busca desesperadamente vencer o vazio do seu desejo. Por isso, passa da psicanálise para a psicofarmacologia, e da psicoterapia para a homeopatia, sem se dar tempo de refletir sobre a origem da sua infelicidade.” (Roudinesco, 2000:13:14)

Segundo Roudinesco, a depressão domina a subjetividade contemporânea da mesma maneira que a histeria dominou a subjetividade do “mundo ocidental” no final do século XIX. No seu entender, se trata de uma forma atenuada da antiga melancolia.<sup>1</sup> A autora afirma que às

---

<sup>1</sup> O artigo escrito por Angela Pinho para Folha de São Paulo na sessão “Folha com Equilíbrio e Saúde” em 10/5/2011 com o título “Doenças psiquiátricas roubam mais anos de vida do brasileiro” trata sobre o problema da depressão no Brasil.

vésperas do terceiro milênio, a depressão já tinha se transformado numa espécie de epidemia psíquica das sociedades democráticas, revelando a infelicidade das pessoas de viverem no mundo de hoje. Muitos especialistas acreditam que além dessa “infelicidade existencial”, a pressa, o estresse, e a insegurança, contribuem para esse quadro de instabilidade pessoal. Segundo Eherenberg: “entre as dez doenças que obrigam as pessoas a procurarem um médico, sete são conseqüências diretas desta calamidade. O stress é de origem psicológica, sendo a depressão uma de suas principais manifestações ...” . (Eherenberg, 2000:148)

Os estudos apontam em direção a um aumento significativo no futuro, de pessoas que sofrerão desses mal estares da alma. O que já é bastante esperado, se levarmos em conta que a sociedade de consumo não só impede as pessoas de refletirem à respeito das causas de sua infelicidade, como também oferece condições para que os indivíduos fujam de si próprios. Além disso, homens e mulheres vivem como verdadeiros Sísifos contemporâneos, carregando de olhos vendados, esse sinistro pacote emocional, como se ele fosse “natural” e fizesse parte da experiência de ser moderno.

A partir da Segunda Guerra Mundial, a interdependência econômica se tornou evidente, isso porque, como afirma Giddens: “ o comércio internacional aumentou de forma dramática, em função do aumento da produção mundial (que é o melhor indicador dessa interdependência), da mesma maneira que aumentou também o “comércio invisível” dos serviços e das finanças, deixando claro para todos, o peso e o preço dessa interdependência” (Giddens, 1997:75). Mas, o mesmo não aconteceu no nível pessoal. As pessoas ainda não conseguem relacionar seus medos e infelicidades às transformações da modernidade. Não acreditam que os impactos globais tenham o poder de afetar o mais íntimo de suas vidas, da mesma maneira que desconhecem o poder que suas ações individuais têm de gerar um impacto global. O desconforto e a infelicidade sentida pela maioria das pessoas, permanece ainda “sem explicação”.

Giddens ressalta a interdependência dizendo que: “a minha decisão de comprar uma determinada peça de roupa, por exemplo, ou um tipo específico de alimento, tem múltiplas implicações globais. Não somente afeta a sobrevivência de alguém que vive do outro lado do mundo, como também pode contribuir para um processo de deteriorização ecológica, que em si, carrega conseqüências potenciais para toda humanidade”(Giddens, 1997:75). Esta extraordinária e acelerada relação entre as decisões do dia a dia e os resultados globais,

---

“Com mudanças no estilo de vida dos brasileiros, os transtornos psiquiátricos passaram a ocupar lugar de destaque entre os problemas de saúde pública do país.

De acordo com dados citados em uma série de estudos sobre o Brasil, publicada ontem no periódico médico "Lancet", as doenças mentais são as responsáveis pela maior parte de anos de vida perdidos no país devido a doenças crônicas. Essa metodologia calcula tanto a mortalidade causada pelas doenças como a incapacidade provocada por elas para trabalhar e realizar tarefas do dia a dia. Segundo esse cálculo, problemas psiquiátricos foram responsáveis por 19% dos anos perdidos. Entre eles, em ordem, os maiores vilões foram depressão, psicose e dependência de álcool. Em segundo lugar, vieram as doenças cardiovasculares, responsáveis por 13% dos anos perdidos. **Outros dados do estudo mostram que de 18% a 30% dos brasileiros já apresentaram sintomas de depressão. Na região metropolitana de São Paulo, uma pesquisa, com dados de 2004 a 2007, mostrou que a depressão atinge 10,4% dos adultos.** Não é possível dizer se o problema aumentou ou se o diagnóstico foi ampliado, diz Maria Inês Schmidt, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e uma das autoras do estudo. Ela afirma também que são necessários mais estudos para saber de que forma o modo de vida nas cidades pode influenciar o aparecimento da depressão, além das causas bioquímicas. No caso da dependência de álcool, no entanto, há uma relação com o estilo de vida, uma vez que pesquisas recentes do Ministério da Saúde apontam um aumento no consumo abusivo de bebidas.

juntamente com seu reverso, a influência das ordens globais sobre a vida individual, compõem um dos principais temas da teoria de Giddens à respeito da Modernidade Reflexiva. Giddens concorda que o papel da coletividade e de agrupamentos intermediários de todos os tipos, incluindo o Estado, não desapareceram totalmente, mas afirma que esses papéis, em função da globalização, tendem a serem reorganizados ou reformulados num futuro muito próximo.

## **OBJETIVO DO TRABALHO**

Em função de um encontro prolongado com o pensamento do sociólogo inglês Anthony Giddens, com o qual nos identificamos em profundidade e extensão, decidimos demonstrar sua teoria na prática, demonstrando assim, que além de se tratar de um rico material teórico de grande aplicabilidade, sua teoria é capaz de explicar o caos contemporâneo e a infelicidade e os desajustes dos indivíduos frente a essa modernidade em constante transformação.

Do conjunto da obra de Giddens, despertou-nos especial interesse a sua teoria à respeito da Modernidade Reflexiva, que ele define como sendo um novo estágio da modernidade, no qual a modernidade se debruça sobre si mesma para avaliar sua trajetória até aqui, e estende essa reflexão também ao nível do eu. Sua teoria é fruto do seu interesse e preocupação em criar um novo vocabulário e novos conceitos para ajudar a compreensão dos novos problemas que freqüentam o mundo contemporâneo. Embora não seja nossa intenção fazer um inventário catastrófico e apocalíptico dos tempos atuais, concordamos com Giddens, que estudar a modernidade e seus efeitos se constitui num dos temas mais importantes para o século XXI.

Para demonstrar o quanto essa teoria é capaz de explicar os desajustes contemporâneos, escolhemos as histórias em quadrinhos da Rê Bordosa como exemplo. Os motivos dessa escolha, reside não só no fato de que a história em quadrinhos trata-se de um dos artefatos culturais mais típicos do século XX, como também a própria Rê Bordosa é uma espécie de arquétipo da modernidade. Nossa heroína, como milhares de pessoas, vive sem rumo, drogada, sem uma identidade definida e bastante infeliz. Portanto, um modelo perfeito para demonstrar o que Giddens denuncia que acontece, quando as pessoas se negam viver a Modernidade Reflexiva sem reflexão. As aventuras e desventuras da Rê Bordosa, os seus sofrimentos e dúvidas, são exemplos de quem afastou de si a reflexividade, e se tornou incapaz de entender a origem do seu sofrimento.

Acreditamos também que incluir as histórias da Rê Bordosa no nosso trabalho, não só o enriqueceu como conferiu a originalidade que buscávamos. Suas aventuras e desventuras, reproduzidas em preto e branco, agregaram bidimensionalidade à linha reta do nosso pensamento. As histórias e “emoções” da personagem nos aproximaram de milhares de histórias de homens e mulheres contemporâneos que como ela, ainda resistem às mudanças e acabam vivendo a modernidade de uma forma dramática.

Para Giddens, a reflexão é a única saída possível para as armadilhas que a própria modernidade criou para si e para o “homem” e é o ponto de partida que coloca em andamento a mudança da sociedade no que se refere à cultura e à tradição. Giddens acredita que à medida que as sociedades forem se tornando cada vez mais modernas (mais modernas para ele significa ter um espaço cada vez maior para a reflexão institucional e pessoal), mais as pessoas irão adquirir o poder de transformá-la. Embora Giddens, admita que a institucionalização da reflexão trata-se de algo bastante complexo pelo fato da sociedade contemporânea ser uma sociedade de consumo (e, portanto, não estimular a reflexão), ele não deixa de ter esperança de que um dia a reflexão será democratizada e institucionalizada em todos os níveis, desde os institucionais até no das relações mais íntimas. Para que isso aconteça, o próprio Giddens, vem trabalhando arduamente.

Nossa intenção não é a de nos aprofundarmos nesse veio “revolucionário” e “ativista” de Giddens, embora compartilhamos a idéia de que a reflexão seja o único caminho para a transformação pessoal e social, nosso foco é demonstrar através do exemplo da Rê Bordosa, o quanto que as transformações da modernidade alteraram e ainda alteram a vida pessoal e a construção da identidade. Acreditamos que dessa maneira possamos contribuir com aqueles que buscam explicações mais amplas e abrangentes à respeito das tribulações do eu no mundo contemporâneo.

Esperamos que o nosso trabalho contribua para aqueles que buscam compreender os fenômenos contemporâneos e as causas que obstruem o equilíbrio do homem e os motivos que geram uma certa opacidade na sociedade. Para aqueles que não concordam com o pensamento de Giddens, acreditamos que ao trazer à tona um veio brilhante do seu pensamento podemos ao menos oferecer um ponto de partida para novas discussões

## **UM NOVO MOSAICO**

O ano de 1989 marcou o fim de uma época porque inesperadamente assistiu-se o fim do mundo comunista, pelo menos tomando-se como parâmetro, o seu modelo clássico. Apesar do Ocidente ter sustentado uma postura “inquestionável” de estabilidade, impossível negar o abalo causado pelo colapso do Leste europeu. Até porque as premissas fundamentais do sistema social e político capitalista passaram a ser desafiadas. Portanto, nas últimas décadas do século XX e até agora, nesses onze anos do século XXI, o grande desafio do Ocidente é saber até que ponto o modelo indissolúvel de “casamento” do capitalismo com a democracia pode ser multiplicado numa escala global, sem correr o perigo de desgastes de suas bases físicas, culturais e sociais. O grande perigo é que diante dos processos de unificação global, possam ocorrer reações extremadas por parte dos nacionalistas e dos racistas, como uma maneira de demonstrar desagrado ao modelo globalizado.

Durante séculos, em função da tradição, a vida permaneceu a mesma. A tradição obrigava os indivíduos viverem segundo suas regras. Os pais passavam para os seus filhos a mesma educação, a mesma visão de mundo que tinham recebido dos seus pais. Segundo Gaudêncio:

“um pai sabia exatamente que resposta dar ao seu filho [...] A unanimidade de opiniões entre o pai, a mãe, o professor e o sacerdote ou pastor, permitia que todos dessem a mesma orientação”. (Gaudêncio,1977:126) Ser obedecido era o direito do pai, dos bispos, das autoridades e das pessoas mais velhas e isso de uma certa maneira, trazia conforto e segurança, para aqueles que obedeciam. Agora que essas “âncoras” não existem mais, viver esse desencaixe, nesta esquizofrênica sociedade contemporânea, dividida entre a cultura do excesso e a valorização da moderação, acabou se transformando num grande desafio pessoal.

Também é importante lembrar que até a década de 1980, o conceito de sociedade no Ocidente, equivalia ao conceito de Estado e que a partir daí, sem crises e revoluções perceptíveis, instalou-se silenciosamente um novo momento no processo de modernização, levando os indivíduos romperem com algumas idéias, crenças e costumes já existentes. A presença da indústria e da globalização acabaram enfraquecendo o poder do Estado, que abriu mão do seu papel protetor, gerando nos indivíduos sentimentos de desproteção, abandono e confusão, alterando completa e definitivamente o perfil da sociedade contemporânea.

O Estado deixou de ser “localizável” e se transformou em volátil, imprevisível e desorientador. Diante desse cenário as pessoas desistiram de se preocupar com as transformações que estavam ocorrendo, preferindo optar pelo consumo de drogas, álcool, ou mergulhar em orgias sexuais, vivendo o que Giddens chama de “reflexividade inversa”, descuidando da necessidade de criar novas estratégias para adaptarem-se às mudanças.

Portanto, em virtude do seu próprio dinamismo, a modernidade, rompeu com todas as tradições; com as formações de classe; camadas sociais; ocupações ; papéis segundo o gênero; família nuclear; agricultura; setores empresariais e também com os pré-requisitos e as formas contínuas do progresso técnico-econômico. Giddens chama esse novo estágio da modernidade de Modernidade Reflexiva: o estágio no qual o progresso pode se transformar em autodestruição, no qual um tipo de modernização destrói outra, modificando-a.

As rupturas que aconteceram na Europa nos séculos XVII e XVIII já haviam causado um significativo enfraquecimento nos valores e costumes da sociedade ocidental, obrigando os indivíduos inaugurarem novos modos de socialização e de individualização, absolutamente inéditos até então. Somando-se a essas mudanças, na virada do século XIX para o século XX, em função de um aumento assustador do consumo, o hedonismo, antes apanágio de alguns poucos artistas, se transformou no valor central da sociedade moderna. É importante salientar que o século XX inaugurou novas formas de comportamentos, jamais vistos anteriormente e que foram os responsáveis pela diversificação dos modos de vida, pela flutuação das crenças e pelos modos de agir na esfera privada. É importante salientar que essas transformações ainda não chegaram ao fim. Esse cenário, pano de fundo do nosso trabalho, se trata de uma mutação histórica, que revela os contornos de uma nova fase na história do individualismo ocidental.



O imenso progresso conquistado pela industrialização no século XX, associado ao progresso nas telecomunicações e na informática, alteraram definitivamente a vida das pessoas. Em termos sociais, a família sofreu uma das suas maiores transformações com o fim do poder patriarcal. As mulheres, ao abrirem espaço no mercado de trabalho, provocaram uma drástica mudança no relacionamento entre marido e esposa, conquistando com o uso dos anticoncepcionais, com a prática do aborto, com a reprodução in vitro e com o divórcio, uma liberdade jamais sonhada em toda história da humanidade. Embora as estruturas não tenham mudado, não se pode deixar de mencionar também a rápida e contínua transformação que aconteceu no campo das idéias.

As alterações radicais que ocorreram à partir da década de 1980, acabaram gerando um grande impacto na produção científica contemporânea, obrigando profissionais de diferentes áreas do conhecimento dar sentido a um mundo, cujo cotidiano passou a se apresentar cada vez mais caótico. Em consequência disto, antigas certezas foram transformadas em dúvidas, ao mesmo tempo que foram desconstruídos sólidos edifícios teóricos, nos mais diversos campos disciplinares. Grande parte da comunidade acadêmica mergulhou em uma intensa efervescência intelectual, aguçando o espírito investigativo e a criatividade, para tecer uma nova rede conceitual que explicasse a nova realidade mundial.

A década de 1980 colocou claramente o mundo em direção de um novo tempo, que urgia por novos conceitos e novas definições. Os intelectuais se dividiram entre os que acreditavam que a modernidade não tinha acabado e aqueles que afirmavam que os tempos eram pós-modernos. Mas, o problema estava muito além dessa discussão. A grande preocupação dos intelectuais era saber qual seria a teoria capaz de substituir o marxismo, que durante décadas explicou como funcionava a sociedade industrial, criticando a divisão de classes e o capitalismo. Nesse momento, se instaurou uma nova ordem, agora global, as classes perderam suas rígidas classificações, o conceito de nação e de indústria vestiu novas identidades e a produção aumentou assustadoramente, o consumo atingiu proporções planetárias e a grande questão que pairava, era saber não só qual seria a teoria capaz de explicar esse novo mundo, como também saber se essa teoria seria capaz de preencher o vazio deixado pelo marxismo.

Se o pós-modernismo não passou de um equívoco, qual seria então a teoria capaz de explicar as transformações evidentes e irreversíveis que estavam acontecendo em dimensão mundial, numa sociedade ocidental informacionalizada e mais do que nunca capitalista?. Diante de tantas interrogações, estudiosos chegaram a sugerir que a teoria sucessora do marxismo crítico fosse a ética da racionalidade comunicativa de Jürgen Habermas. Outros, acreditavam que a análise do poder discursivo concebida por Michel Foucault, enquanto teoria crítica desse novo momento, ocuparia o lugar do marxismo. No entanto, a idéia da Modernidade Reflexiva, concebida por Giddens e Beck, foi aceita pela maioria dos intelectuais como sendo a teoria capaz de substituir o marxismo. Como afirma Lasch: “[A Modernidade Reflexiva] abriu um terceiro espaço num cenário completamente diferente e mais abrangente” (Lasch,1991:137) cujo pensamento pode ser melhor compreendido no contexto sugerido pela Dialética do Esclarecimento de Horkheimer e de Adorno.

Para Lasch, a teoria da Modernidade Reflexiva é a consequência “natural” do próprio desenvolvimento da modernidade, na qual “a razão ou modernização, emancipou a sociedade da ordem estática pré-moderna do Ancien Regime, garantindo a livre expressão, a democracia popular e o capitalismo e em seguida voltou-se sobre si mesma”(Lasch1991:138) para avaliar sua trajetória até aqui. As transformações foram tão grandes e extensas, que pelo fato de não ter havido nenhuma ruptura, a própria modernidade jamais poderia imaginar a extensão de tais mudanças. Lasch afirma que: “a modernidade levou um grande susto”(Lasch1991:138) quando se deparou com os impactos que ela mesma causou tanto na vida pública, quanto na social e privada. Num breve balanço, a modernidade percebeu que tinha perdido o controle sobre suas próprias conquistas como por exemplo, o que aconteceu na *Esfera Pública*, nascida em função da troca de mercadorias, acabou se transformando na empresa capitalista; ou com o *Individualismo Democrático*, que apesar de ter sido uma das grandes conquistas da modernidade, acabou se transformando na burocracia impessoal; ou com o *Impulso Criativo* do “*Avant Gard*” que acabou sendo um grande desastre estético com os enormes blocos residenciais da década de 1960, (revelando serem os projetos habitacionais ineficientes e inadequados) ; ou até mesmo com as *Conquistas da Física*, que embora tenham sido concebidas com objetivos emancipadores, se tornaram na ciência destruidora da Natureza no século XX.

Ulrich Beck chega a perguntar: “será que depois do final da Guerra Fria e da redescoberta da amarga realidade da guerra “convencional” não chegaremos à conclusão de que temos de repensar, na verdade, reinventar nossa civilização industrial, agora que o velho sistema da sociedade industrializada está se desmoronando no decorrer do seu próprio sucesso?” (Beck, 1997:12) Sem dúvida é necessário repensar e reinventar a civilização, até porque, esse quadro que por si só já era complexo, agravou-se com a chegada do final do século XX e do milênio, provocando um profundo mal estar. Segundo Giddens:“o fin de siecle” se tornou amplamente identificado com os sentimentos de desorientação, a tal ponto que toda essa conversa de finalizações como o fim da modernidade, ou o fim da história, refletem esses sentimentos. Sem dúvida, de certa maneira isso é verdade. Mas é claro que não é tudo. Estamos em um período de evidente transição”. (Giddens,1997:73) As transformações ocorridas na modernidade foram tão profundas e tão sem precedentes na história, que justificam plenamente o pessimismo que tomou conta dos indivíduos e a necessidade da busca por soluções.

Anthony Giddens acabou destacando-se no cenário da intelectualidade internacional, não só por ter se declarado publicamente contra a pós-modernidade, (afirmando que não houve nenhuma descontinuidade histórica, e que o sistema capitalista não tinha sido abalado) como por ter defendido a idéia de que a Modernidade hoje, vive um novo momento, muito mais radical, um tipo de “Modernidade Radicalizada”, conceito aliás, muito parecido com o de outro sociólogo contemporâneo, Zigmunt Bauman. Giddens salienta que o lado positivo de tantas transformações é que a sociedade se tornou muito mais reflexiva e pela primeira vez as pessoas estão conscientes da maneira pela qual a modernidade foi construída e do estado precário em que ela se encontra. O autor não esconde sua fascinação por constatar um aumento efetivo da reflexão em todos os aspectos da sociedade, desde às questões ligadas ao

governo, até as questões que se referem à intimidade sexual, passando pela avaliação das relações com o outro.

Giddens se tornou famoso por lidar com essas questões da atualidade, a ponto de Lasch afirmar que se antes Giddens era lido para se aprender sobre Giddens, agora quem deseja entender mais sobre confiança, risco, relacionamentos e crises da modernidade, consulta suas obras. Giddens combina o estilo da sociologia clássica com uma afiada consciência das mudanças na sociedade contemporânea, misturando novas teorias com teorias já consagradas. Concordamos com Gauntlett, de que Giddens é hoje um dos avatares da mudança social e aqueles que o acusam de ser muito eclético e superficial, o criticam porque tentam transformar suas visões estreitas em virtude.

Giddens confere extrema importância ao estudo dos impactos do desenvolvimento econômico, científico e tecnológico na vida das pessoas, da mesma maneira que dá uma atenção especial para as incertezas e inseguranças que povoam a vida de homens e mulheres contemporâneos, principalmente neste momento no qual a previsão do futuro se perde no terreno das hipóteses. Uma das grandes preocupações do autor é encontrar o sentido das três grandes Revoluções que abalaram a vida pessoal no final do século XX: a Globalização, as Transformações da Intimidade e a Mudança no Relacionamento do Homem com a Natureza. À partir dessas análises ele propõe a elaboração de políticas públicas, ressaltando que é necessário não se perder o vínculo com a realidade. Giddens privilegia antes de mais nada a solidariedade e a inclusão social, princípios estes, totalmente esquecidos pela sociedade hedonista.

Alinhamo-nos com o pensamento de Giddens, quando ele afirma que o mundo ocidental desde a metade do século XX, vive uma nova agenda no que se refere à universalização e às transformações das instituições, mas que a maioria das pessoas nem se deram conta dessas transformações. Mas, para Giddens, o importante é que pelo menos as pessoas já estão conscientes de que o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, à despeito de terem sido muito bem vindos, gerou grandes efeitos colaterais. Para Beck, a desorientação, a consciência dos riscos e o despertar nas pessoas de um sentimento de responsabilidade com relação à construção de um mundo melhor, forçaram a busca de um novo conceito para a modernidade. Para Bauman: “diante dessa necessidade visível, Beck e Giddens elaboraram a teoria da Modernidade Reflexiva, com o objetivo de criar novos conceitos para novas necessidades, porque como diria Montesquieu: As instituições afundaram em seu próprio sucesso”. (Bauman, 2003:65)

Quando o século XX, estava chegando ao fim, as pessoas se deram conta de que as rupturas e mudanças que tinham sido feitas em nome do “progresso” e da “felicidade” não tinham atingido o seu objetivo. À despeito de muita gente estar vivendo na era da abundância, principalmente nos países desenvolvidos, elas não estavam felizes. Mesmo vivendo num mundo repleto de objetos, imagens e informação, não conseguiram se sentir mais tranquilas ou mais realizadas. Diante de tanta permissividade, não se sentiram mais livres, diante da possibilidade de pela primeira vez na história poderem escolher um estilo de vida, ficaram com dúvidas. Estudos mostram que as pessoas passaram a viver com uma crescente

instabilidade emocional, obrigadas a lidar não só com suas próprias instabilidades como também com as dos outros.

## FOCANDO GIDDENS

Anthony Giddens, Sir Giddens, é um dos mais importantes sociólogos da atualidade, não só pela qualidade de sua obra, como por sua posição política. Durante vários anos foi reitor da London School of Economics and Political Science. Autor de 34 livros (traduzidos para 29 países) e mais de 200 artigos. Sua trajetória intelectual é sólida e coerente e seus textos versam tanto sobre micro como macrosociologia, contribuindo significativamente para pesquisas também em antropologia e psicologia social, além da própria sociologia. A teoria da Estruturação concedeu-lhe renome internacional, conferindo-lhe um espaço de respeito dentro e fora do mundo acadêmico. É admirado especialmente em função da sua visão holística da sociedade moderna, destacando-se pelo estudo à respeito da constituição da identidade e da sua conexão com as instituições.

No final da década de 1970 os “estudos culturais” ganharam proeminência, enquanto a sociologia estava perdendo espaço para os críticos literários, filósofos de arte e escritores. Quando se imaginou que a sociologia tivesse saído definitivamente de cena, ela fez sua reentrada triunfal pelas mãos de Giddens. Com seu grande poder de análise no trato com os problemas contemporâneos, conquistou além de poder político, um vasto público leitor. Se antes os membros do Partido Trabalhista inglês (a chamada “esquerda” britânica) viam Giddens como elitista, hoje o consideram como um dos analistas mais penetrantes da mudança social.

Giddens utiliza a etnometodologia (termo que abrange um bom número de concepções discordantes) para sua idéia de reflexividade, mediada pela hermenêutica. Giddens deixa claro que a noção de ação está intimamente vinculada à capacidade de autoreflexão do indivíduo, no sentido do “monitoramento” que este faz de suas próprias condutas. A reutilização pela sociologia inglesa da noção de *Verstehen*, (compreensão) trabalhada na Alemanha por Hans Georg Gadamer, foi de suma importância para a teoria da Modernidade Reflexiva, tanto que Giddens chegou a declarar que “talvez o interacionismo simbólico seja a única das principais escolas de pensamento da sociologia de língua inglesa, que atribui um lugar central à capacidade de ação e à capacidade de reflexão” (Giddens, 1998: 286)

Giddens é conhecido e respeitado pela sua abordagem interdisciplinar, cujos comentários à respeito de antropologia, arqueologia, psicologia, filosofia, história, linguística, economia, trabalho social e mais recentemente sobre ciência política, são bastantes pertinentes. Seu trabalho é visto como uma espécie de “grande síntese” da teoria sociológica. Ele se identifica com o pensamento de Durkheim e Weber e afirma que Marx deixou de ser importante para a sociologia como um dia foi, dizendo: “precisamos olhar através de novas e sofisticadas teorias para tomarmos conhecimento de como o mundo funciona hoje em dia”. (Giddens, 2002:100) Embora Giddens jamais tenha negado a importância de Marx para o

desenvolvimento da sociologia, não concorda com a maneira de como esquerda/ direita impregnaram a análise sociológica. Giddens tornou-se conhecido como o arquiteto da “terceira via”, com a qual Tony Blair e Gordon Brown se identificaram, embora seu pensamento seja mais sofisticado e complexo do que uma simples mistura das tradições de esquerda/ direita<sup>2</sup>.

Considerando toda sua produção intelectual, é possível distinguir nitidamente três estágios no seu trabalho acadêmico: o primeiro, se refere a uma nova visão à respeito do que vem a ser a sociologia, sendo seus principais trabalhos: *Social Theory*<sup>3</sup> (1971) e *New Rules of Sociological Method*<sup>4</sup> (1976) nos quais Giddens faz interpretações críticas dos autores clássicos da sociologia ; o segundo estágio é aquele no qual ele desenvolveu a Teoria da Estruturação e que diz respeito a análise da agência e da estrutura, sendo que suas produções mais importantes dessa fase foram: *Central Problems in Social Theory*<sup>5</sup>(1979) e *The Constitution of Society*<sup>6</sup> (1984). Em função desses trabalhos, Giddens atingiu fama internacional.

E finalmente, o terceiro estágio, cujos trabalhos se referem à sua preocupação com as transformações da modernidade e o impacto que causaram na vida social e pessoal. Neste estágio Giddens expressa sua crítica com relação a pós-modernidade e concebe a teoria política da Terceira Via, cujas obras mais importantes são: *Consequências da Modernidade*(1990), *Modernidade e Identidade*(1991), *A Transformação da Intimidade*(1992) , *Beyond Left and Right*<sup>7</sup> (1994) e *The Third Way: The Renewal of Social Democracy*<sup>8</sup> (1998). Através de suas obras Giddens, sempre deixou claro seus dois grandes objetivos : o de dar uma nova forma à teoria social; e a sua determinação em reexaminar e ampliar o conhecimento que existe sobre a trajetória da modernidade.

Giddens, estuda as características da modernidade através da análise das discontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais, cujas características são o ritmo acelerado da mudança e a natureza dessa mudança, (que coloca diferentes áreas do globo em interconexão, em que ondas de transformação social penetram virtualmente toda a superfície da Terra) e finalmente, a natureza intrínseca das instituições modernas que diferem grandemente daquelas de períodos históricos precedentes.

Partindo das discontinuidades Giddens, reafirma o importante papel do capitalismo e dos Estados-nação, como responsáveis pela aceleração e expansão da industrialização e das instituições modernas na formação da riqueza capitalista, demonstrando que por trás destes enfeixamentos institucionais: “se encontram as três fontes do dinamismo da modernidade: separação entre tempo-espaço, desencaixe e reflexividade” (Giddens, 1991:68) Fatores que na visão giddeneana são os responsáveis pela criação das condições necessárias para as transições históricas. Afirma que sem esses três fatores não seria possível a separação da modernidade das ordens tradicionais, ou no mínimo, esta separação não teria acontecido da

---

<sup>2</sup> Sobre esse assunto consultar Giddens: *The Third Way: The Renewal of Social Democracy* (1998) e *The Third Way and Its Critics* (2000)

<sup>3</sup> *Capitalismo e Teoria Social Moderna* (1971)

<sup>4</sup> *Novas Regras do Método Sociológico* (1976)

<sup>5</sup> *Problemas Centrais na Teoria Social*(1979)

<sup>6</sup> *A Constituição da Sociedade*(1984)

<sup>7</sup> *Alem da Esquerda e da Direita*(1994)

<sup>8</sup> *A Terceira Via: O Renascimento da Democracia Social*(1998)

maneira tão rápida e radical como aconteceu e nem teria atingido o cenário mundial da forma como atingiu.

As questões à respeito do fim da natureza como entidade independente da ação humana, o impacto da globalização, a eclosão do fundamentalismo, a persistência da dimensão de gênero e a necessidade de uma teoria normativa da violência, aparecem ao longo do pensamento giddeneano como alguns dos elementos relevantes para a criação de uma nova política verdadeiramente democrática.

Em entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV Cultura em 30 de setembro de 2000<sup>9</sup>, Giddens falou especialmente à respeito das transformações que ocorreram na intimidade: “Creio que toda a confusão de leis em torno da intimidade dos indivíduos, é sinal que se está vivendo um momento de transição. A democracia ainda está tentando criar laços com a vida privada, completamente revolucionada nas últimas décadas. Culturalmente, a sexualidade saiu do domínio da tradição deixando de ser concedida e passando a ser criada. Segundo Giddens: “O fato de nascer com esse ou aquele gênero não estrutura mais nossos papéis na vida, como acontecia antes. Há quatro décadas atrás, ser homem significava ter um destino mais ou menos traçado no mercado de trabalho. Ser mulher significava ter um destino previsível: casar, gerar filhos ou então encaixar-se em outras categorias, como a da prostituta ou da santa. Ser homossexual num país como a Inglaterra, significava ter grandes chances de se encrencar com a polícia. Mas, a democracia penetrou a vida cotidiana. Homens, mulheres e até mesmo crianças, cada vez mais rapidamente estão aprendendo a tratar-se como iguais. Tal mudança, sem dúvida nenhuma, cria ansiedades...” (Giddens, 1990:38)

Outra mudança que abalou profundamente as pessoas e que se constitui num dos aspectos mais importantes da modernidade, foi a questão da dúvida. A modernidade acabou com todas as certezas, sendo que a dúvida passou a permear a vida cotidiana, criando uma dimensão existencial que se espalhou por todo o mundo ocidental contemporâneo. Segundo Giddens: “a modernidade institucionalizou o princípio da dúvida radical, insistindo que todo conhecimento assuma a forma de hipóteses, ou seja, afirmações que hoje podem ser verdadeiras, se encontram em princípio, abertas à revisão e correm o risco de serem abandonadas em algum momento” (Giddens, 1990: 3) A modernidade obrigou homens e mulheres trocarem a fé pela falta de certeza em todos os aspectos da vida.

## **MODERNIDADE REFLEXIVA**

“*Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na ordem social moderna*” (1994) é uma obra escrita por Giddens, Beck e Lasch, na qual os autores se declaram contra a pós-modernidade e afirmam que a modernidade não terminou, mas sim, está passando por uma transformação tão radical e tão profunda que a levará em direção a uma outra modernidade. Do ponto de vista de Giddens, o que houve: “foi uma mudança da sociedade industrial, ocorrida sub-repticiamente e sem planejamento, para uma modernização autônoma, (mas

---

<sup>9</sup> [www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgmo713](http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgmo713)

dentro da mesma ordem política e econômica, que permaneceu inalterada e intacta) que implicou na radicalização da própria modernidade, invadindo as premissas e os contornos da sociedade industrial, abrindo caminho para outra modernidade”.(Giddens, 1997:13).

Após a publicação deste livro, Giddens e Beck seguiram em frente com as pesquisas e conceberam uma teoria à qual chamaram de Modernidade Reflexiva, que explica e define o momento de tensão pelo qual passa a modernidade, gerada entre o confronto da modernidade com os seus próprios problemas como a organização capitalista, os conflitos sociais, a produção, o consumo, o papel feminino, a intimidade etc. e os riscos criados pela própria modernidade, como as epidemias, a destruição da natureza, a ameaça nuclear etc. Portanto, essa tensão entre o desenvolvimento da modernidade de um lado e os riscos do outro, obrigaram a modernidade refletir sobre si mesma e sobre sua trajetória até aqui.

Para Giddens, o exagerado apetite pelo novo que se constitui numa das marcas mais características da modernidade, não se trata de um simples apetite, mas de uma prova de que a modernidade vive uma radicalização da reflexividade, ou como Giddens denomina de “reflexividade indiscriminada” que acaba colocando em dúvida e de uma maneira radical e contínua, conhecimentos e informações adquiridos, que passam a ser incessantemente trocados por novos, gerando uma espécie de destruição criativa.

É fato que a reflexão sempre esteve presente em todas as culturas e em todas as épocas, responsável pela busca do sentido da existência e pela orientação dos indivíduos. Foi só na sociedade ocidental, mais especificamente na modernidade tardia<sup>10</sup>, que a reflexão assumiu uma forma radical, passando a ser aplicada a todos os aspectos da vida humana. No pensamento clássico, a reflexividade foi concebida como sinônimo da razão, pois o idealismo alemão, seguindo os passos de Descartes, consagrou o Cogito. No século XX, o pensamento empírico anglo-saxão, a psicanálise e mesmo as correntes da fenomenologia, buscaram de uma certa maneira dar à reflexividade um conceito alternativo, mas sem muito sucesso. Husserl foi quem retomou o sentido racionalista da reflexão, colocando um ponto final na discussão entre “vivência” e “reflexão”. Portanto, na cultura ocidental, venceu a concepção racional da reflexividade, estabelecendo-se uma clara separação entre sujeito e objeto.

Na visão de Beck, a teoria da Modernidade Reflexiva: “abre a possibilidade para a transformação da modernização, em que os avanços do “sistema” parecem destruir inexoravelmente o “mundo da vida” apontando para a possibilidade de uma nova mudança na dialética do esclarecimento”(Beck, 1997:138). Os excessos da modernização e seu extremo poder de destruição ( com relação à vida pessoal, social e institucional) ficaram tão claros, que imaginou-se que talvez esta nova da reflexividade se tratasse da tão esperada vitória da “livre vontade” sobre as forças inexoráveis do “destino”. Mas, na verdade, a reflexão foi resultado do próprio desenvolvimento do processo de modernização, ou seja, foi um pré-requisito necessário para poder haver mais modernização.

---

<sup>10</sup> Giddens denomina a contemporaneidade de modernidade tardia ou alta modernidade

O *Motor* da Modernidade reflexiva é o mesmo motor que impulsiona a sociedade industrial, ocidental, capitalista, democrática e global, o seu *Meio*, se refere ao conhecimento em suas várias formas, tanto com relação ao conhecimento especializado dos cientistas, como o conhecimento do dia a dia do homem comum, o seu *Sujeito*, é àquele que é capaz de efetuar essa mudança, que tanto pode ser feita pelo homem comum, como pelos agentes coletivos, cientistas, instituições, organizações e estruturas.

A modernização por si só produziu uma crise cultural e institucional profunda, atingindo as principais instituições. Em termos metodológicos podemos dizer que a Modernidade Reflexiva se refere à autoaplicação da modernização à própria modernidade (industrial). Segundo Beck: “ esta crise não atingiu apenas os partidos políticos e os sindicatos, mas atingiu também e principalmente os princípios causais da responsabilidade na ciência e no direito, as fronteiras nacionais, a ética da responsabilidade individual, a ordem da família nuclear e assim por diante” (Beck, 1994:2) Em função dessa crise, a modernidade acabou perdendo suas bases históricas e sua legitimidade.

Embora Marx, tenha profetizado que o capitalismo seria seu próprio coveiro e que a modernidade afundaria em crises talvez irrecuperáveis, a teoria de Giddens e Beck prova justamente o contrário e demonstra que a crise pela qual passa a modernidade, se deve justamente à vitória do capitalismo e não ao seu fracasso, da mesma maneira que não foi a luta de classes que dissolveu os contornos da modernidade industrial, mas sim, o seu desenvolvimento. Como salienta Beck: “a constelação que está surgindo como resultado disso, também nada tem em comum com as utopias até agora fracassadas de uma sociedade socialista. Em vez disso, se enfatiza que o dinamismo industrial, tem sido extremamente veloz e está se transformando em uma nova sociedade, sem a explosão primeva de uma revolução e sobrepondo-se a discussões e decisões políticas de parlamentos e governos”.(Beck,1997:13)

As transformações na sociedade ocidental, contrariando tanto marxistas como funcionalistas, aconteceram sem nenhuma revolução e foram tão grandes e profundas, que modificaram a sociedade, exigindo novos conceitos que explicassem a nova realidade. Na visão de Giddens, esse é um dos momentos mais preciosos da História moderna, pois é o momento no qual a sociedade ocidental rompeu com a crença de que uma mudança social só seria possível através de revolução. Giddens, se dedica ao estudo dessa transição que ele afirma não ter sido intencional e nem pré-meditada por partidos políticos, grupos ou instituições, conseguindo “contradizer até mesmo as convicções fundamentais da própria sociologia”(Giddens, 1.991: 22)

Giddens e Beck acrescentaram o termo reflexividade à modernidade, para deixar claro que na modernidade tardia, a reflexão se transformou numa espécie de “automonitoramento” com relação à todas as suas atividades. Essa constante revisão só se tornou possível à partir da existência de novas informações e de novos conhecimentos, que converteram a reflexão em objeto para a própria reflexão. Beck faz questão de ressaltar que: “o “sujeito” dessa



destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental”(Beck,1997:12)

Para Giddens e Beck, a reflexividade é o fio condutor da modernização e o que possibilita distinguir e separar claramente as conquistas e desenvolvimentos da modernidade dos seus efeitos colaterais ou perversos<sup>11</sup>. Beck defende a idéia de que a reflexão é livre de sistematização, enquanto, Giddens, afirma que ela não só está ligada à uma consciência prática individual, como também ela existe no nível institucional. A posição giddeana se firma na crença de que os indivíduos contemporâneos possuem uma capacidade adquirida que os tornam aptos para refletirem conscientemente não só sobre as condições sociais como também sobre suas próprias vidas, podendo à partir daí modificá-las.

Embora, jamais tenha sido explicitado um ponto de ruptura entre os dois autores, os pontos em comum não foram suficientemente fortes para evitar que ambos acabassem tomando caminhos teóricos diferentes. Giddens, formulou sua teoria baseando-se na concepção de um tipo de reflexividade essencialmente cognitiva, considerando-a “reflexiva” à partir do momento no qual ela se refere à mediação da experiência do cotidiano, que tanto pode ser uma mediação conceitual como mimética. Portanto, a Modernidade Reflexiva de Giddens, não se trata de uma teoria crítica do sistema, na medida em que as verdades transcendentais, intersubjetivas e discursivas da racionalidade, analisadas por ele, não se dirigem à lógica da mercadoria e da burocracia, mas sim, à transformação da sociedade e da tradição. A autoreflexividade diz respeito à transformação das narrativas de vida e aos relacionamentos amorosos em direção ao monitoramento autônomo, enquanto a reflexividade institucional diz respeito às regras e aos recursos da sociedade.

Giddens, menciona Nietzsche, o qual já havia feito a cem anos atrás, uma severa avaliação à respeito dos rumos da modernidade “chamando a modernidade à razão”. Nietzsche, afirmava que o Iluminismo não tinha passado de um mito. Segundo Giddens: “a modernidade tem sido obrigada “tomar juízo”, não tanto em função dos seus dissidentes internos, mas em função de sua própria atuação mundo afora”. (Giddens, 1994:74)

Segundo Lasch, a teoria da Modernidade Reflexiva de Giddens, pode ser explicada de três maneiras diferentes: a primeira, como uma teoria na qual os atores sociais ou a “atividade social” tem poderes sempre crescentes com relação à estrutura; a segunda, como uma teoria essencialmente cognitiva, na tradição de Kant, passando por Durkheim e Habermas, que pressupõe a crítica do particular (condições sociais existentes)<sup>12</sup> pelo universal (atividade bem informada) e finalmente a terceira, como uma teoria que possui um “forte programa” de individualização no qual “o estado das coisas que a teoria descreve, é cada vez mais apresentado como o “eu sou eu”, no qual o “eu”, está cada vez mais livre dos laços

---

<sup>11</sup> Sobre esse assunto pesquisar o artigo de José Mauricio Domingues “Reflexividade, Individualismo e Modernidade in Revista Brasileira de Ciências Locais vol. 17, nº 49 São Paulo, Junho,2002

<sup>12</sup> Quanto ao particular preferimos empregá-lo segundo a tradição de Baudelaire, passando por Walter Benjamin e chegando até Adorno, compreendido como a estética, envolvendo não apenas a “arte elevada”, mas também a cultura popular, e a estética da vida cotidiana (sobre esse assunto pesquisar Lasch, 1997, p.136)

comunitários, sendo capaz de construir suas próprias narrativas biográficas”. (Lasch, 1997:136)

Se por um lado, no passado, a política da modernidade simples serviu ao “marxismo padrão” do Leste Europeu, agora a Modernidade Reflexiva, diz respeito a uma política da democracia radical, com raízes no localismo e nos interesses pós-materiais e nos novos movimentos sociais. Segundo Lasch: “ se a modernização simples forneceu o cenário de atomização, normalização e individuação de Foucault, então a contrapartida reflexiva abre uma individualização genuína, com possibilidades de uma subjetividade autônoma em relação a seus ambientes naturais, sociais e psíquicos”(Lasch, 1997:139)

Giddens, afirma que a preocupação de seus críticos de que a Modernidade Reflexiva possa criar uma espécie de devoção cega nas pessoas, capaz de paralisar o seu próprio desenvolvimento, resultando em novas formas de insegurança e de subjugação é absolutamente infundada. Do seu ponto de vista, o que minimiza esse perigo é o fato da Modernidade Reflexiva se tratar apenas de uma ponte para outra modernidade, pois outros fatores reunidos, como a crescente e assustadora pobreza no mundo, o aumento excessivo de riquezas extremas, os problemas com a ecologia, o intenso aumento econômico, o voraz desenvolvimento tecnológico, servirão como uma mola propulsora que obrigará a modernidade passar através da Modernidade Reflexiva em direção à uma outra modernidade, formando segundo Giddens: “uma tempestade que irá impulsionar ou impelir a sociedade industrial, rumo a uma nova era”(Giddens, 1997:13)

Beck, afirma com relação aos medos apontados pelos críticos que a Modernidade Reflexiva da sociedade industrial não oferece nenhum perigo, até porque ela: “ocorre silenciosamente, e de uma certa forma despercebida pelos sociólogos, que sem se questionarem, continuam coletando dados de acordo com as antigas categorias. A insignificância, a familiaridade, escondem a mutação da sociedade. Apenas uma maior quantidade dos mesmos acontecimentos, assim acreditam as pessoas, não pode produzir nada qualitativamente novo”. (Beck, 1997:14). Não só apenas os sociólogos ignoram as transformações da sociedade, mas a maioria das pessoas, incluindo os educadores que se mostram despreparados para atuar numa sociedade que só na aparência continua a mesma. Embora, Beck, compreenda o receio das pessoas com relação à Modernização Reflexiva, por se tratar de: “ uma modernização ampla, solta e modificadora da estrutura” afirma que ela merece mais do que a “curiosidade filantrópica, porque se refere a uma “nova criatura””. (Beck, 1997:14)

Por se tratar de uma nova modernização, é compreensível que hajam inseguranças e medos de todos os tipos. Esses medos se somam aos já existentes, que eram resultantes da interrupção da comunicação do homem com o divino. Não se pode mais ignorar que a perda do contato do homem com o substrato mítico da cultura, trouxe conseqüências devastadoras, tornando cada vez mais impossível se desassociar esta perda, das complexidades atuais.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Dados de censos colhidos desde o século 19 indicam que a religião pode ser extinta em nove nações ricas que foram analisadas em um estudo científico. A pesquisa identificou uma tendência de aumento no número de pessoas que afirmam não ter religião na Austrália, Áustria, Canadá, Finlândia, Irlanda, Holanda, Nova Zelândia, Suíça e República Tcheca -o país com o índice mais elevado, com 60%. Usando

A globalização e os riscos da sociedade atual causaram conseqüências dramáticas, afetando os aspectos sociais, pessoais e íntimos de homens e mulheres contemporâneos, levando a crer que o “progresso” da modernidade destruiu a vida. Acreditamos, portanto, que a teoria de Giddens, por se tratar de uma teoria que busca esclarecimentos, exatamente no momento em que a modernidade passa a refletir à respeito de si, seja um possível caminho de acerto para uma sociedade em descontrole.

## **MOLDURA HISTÓRICA**

Para maior compreensão a respeito do nosso tema, dedicamos maior atenção à década de 1980, não só por se tratar do período no qual as historietas da Rê Bordosa foram veiculadas, como também por ter sido uma década que se transformou num marco histórico, testemunha de mudanças profundas. As décadas de 1960/70, foram tempos vanguardistas que romperam com todas as fronteiras, desconstruíram todos os conceitos, estabelecendo relações entre disciplinas até então separadas e entre teorias absolutamente diferentes como o freud-marxismo, o estruturalismo-marxista, o freudismo-estruturalista, a antipsiquiatria, a economia libidinal etc. Se de um lado isso provocou uma grande abertura intelectual, do outro, acabou gerando uma grande instabilidade emocional. Com um olhar mais atento para esses acontecimentos, já era possível se enxergar os contornos de uma era narcísica que estava por vir.

Os anos de 1980 deram continuidade à abertura conquistada nas duas décadas anteriores, que foram anos de frenesi com relação à tudo que significasse inovação e criatividade, nos quais foram levantadas bandeiras em nome de uma miríade de causas. Panfletos voavam de uma cidade à outra, convocando as pessoas lutarem pelas mais diversas causas. Uma enorme quantidade de cartazes passaram a fazer parte da paisagem urbana das pequenas e grandes cidades do bloco ocidental, contestando sobre tudo e todos. O descontentamento social e principalmente as questões de raça e gênero, tinham um grande apelo social e se pulverizavam em grupos, guetos, “tribos”, criando movimentos para lutar por um futuro melhor. Foram anos de “boom” e de euforia nos Estados Unidos e no mundo, onde a direita triunfou com o colapso do bloco soviético, no momento em que o comunismo clássico acabou virando pó, junto com os tijolos do muro de Berlim. Esse desmoronamento foi o responsável pela crença de que o perigo do comunismo tinha passado e que seria possível dali em diante se construir uma história de liberdade e prosperidade. Isso fez com que as pessoas de centro e de direita, tivessem esperanças de que o mundo moderno finalmente tinha ficado livre dos riscos e que dali para frente o mundo seria muito melhor.

---

um modelo de progressão matemática, o levantamento - divulgado durante um encontro da American Physical Society - mostra que as pessoas que seguem alguma religião vão praticamente deixar de existir nestes países. Na Holanda, por exemplo, 70% dos holandeses não terão religião alguma até 2050. Hoje, esse grupo é de 40% da população."Em muitas democracias seculares modernas, há uma tendência maior de as pessoas se identificarem como sem uma religião", afirma Richard Wiener, que trabalha em um centro de pesquisa em ciência avançada, subordinado ao departamento de física da Universidade do Arizona. A pesquisa seguiu um modelo de dinâmica não-linear que leva em conta fatores sociais e a influência que exercem em uma pessoa a fazer parte de um grupo não-religioso. Os parâmetros se mostraram semelhantes em vários países pesquisados, indicando que a religião está a caminho da extinção nessas nações. (Reu

Não só a esperança se mostrou falaciosa como os riscos passaram a ser conhecidos, assumindo um papel central nas sociedades ocidentais e causando uma grande e generalizada desilusão. Como por exemplo, o risco de uma guerra nuclear que à despeito de ter havido progresso nas negociações internacionais no que se refere ao controle de armas nucleares, só o fato de existirem o conhecimento e a tecnologia necessários para construí-las fez com que o risco de uma guerra maciça não desaparecesse, o que explica a tristeza e a desilusão generalizadas. E agora, no momento em que a natureza tem apresentado fenômenos constantes de desequilíbrio, as pessoas passaram a temer também uma catástrofe ecológica. Esse é o cenário de fundo das aventuras da Rê Bordosa .

## HISTÓRIA EM QUADRINHOS

“Não há História sem documento”

(Samaran)

“Antes de saber o que a História diz de uma sociedade, é necessário saber o que acontece dentro dela.”

(Michel de Certeau)

Nosso documento é a história em quadrinhos da Rê Bordosa, que à despeito de se tratar de uma literatura simples, concebida para ser efêmera e descartável, nos possibilitou saber do “homem” e do seu tempo. Pois, segundo Lucien Febvre, qualquer coisa que demonstre a presença, os gostos e as maneiras de ser do homem, pode ser usado como documento: “a História faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se e deve se fazer sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com Palavras, Signos, Paisagens e Telhas. Com as eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, se constitui num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram [...]” (Febvre in Burke, 1974:33)

As transformações radicais trazidas pela Revolução Industrial inauguraram a moderna sociedade de consumo, coincidindo com o nascimento da história em quadrinhos . Quando as historietas começaram a ser veiculadas, encontraram um homem moderno e urbano que tinha um trabalho que o separava de sua família e com o qual sentia cada vez menos prazer. Casado com uma mulher aflita, reprimida e muda, tentava sobreviver às drásticas mudanças

da modernidade. A história em quadrinhos acompanhou a história desse “homem” moderno, e transformou-se num precioso documento, através do qual podemos hoje como no caso da *Rê Bordosa*, analisar os impactos das transformações da modernidade na “vida” de uma personagem que espelha a vida de milhares de pessoas, que vivem numa sociedade de massa e globalizada. Para nós, o grande valor da história em quadrinhos, está em além de documentar a sociedade do seu tempo, o de ter funcionado desde o seu início como um instrumento de reflexão, para aqueles que vivem numa sociedade que faz de tudo para manter as pessoas afastadas de si próprias, superficializando e banalizando o contato com o outro.

As novidades do século XX, passaram a ser tantas, que atropelaram a vida dos indivíduos, fazendo com que as coisas acontecessem de uma maneira desordenada. Ao mesmo tempo em que a realidade perdia o encadeamento lógico, nascia de uma forma assustadora, a consciência que o “homem” passou a ter da sua individualidade. O consumo aos poucos, foi se sobrepondo à produção e o indivíduo começou sentir a necessidade de ser objetivo, racional e prático, para produzir cada vez mais. De uma maneira vagarosa as pessoas foram ganhando a consciência desse sistema, mas não das suas conseqüências. A própria cultura se colocou como uma fonte de ambigüidade: ao mesmo tempo em que ela promovia a alienação do conhecimento e a fetichização da realidade, era criativa e provocadora. Segundo Moya: “é nessa dialética que se debate e cresce a cultura de massa” (Moya, 1977:105).

Os quadrinhos, produto típico da cultura de massa, passaram despertar nas pessoas um envolvimento catártico e se transformaram em colaboradores para o nascimento de uma nova consciência da realidade, junto com o jornal e o cinema. Segundo Moya: “seja pelo seu papel “digestivo” ou pela sua função crítica, os quadrinhos se constituíram numa articulação imagística original e própria, sendo possível afirmar sua tipicidade” (Moya,1977: 110). Entre todas as formas modernas de contato entre os homens, em pleno século XX, os quadrinhos foram uma das formas mais instantâneas e de alcance internacional, incentivando a imaginação e criando cenários futuros, tanto que quando o homem pisou na Lua, afirma Moya, este acontecimento que “foi televisionado direta e imediatamente para o mundo todo, [...] já era uma imagem gasta e prevista pelos quadrinhos: a Terra já era azul nos capítulos domingueiros e à cores, de Buck Rogers, Brick Bradford e Flash Gordon...” (Moya, 1977: 23).

Apesar de se tratarem de uma literatura superficial e de lugares-comuns, os quadrinhos, por serem simples e baratos, foram consumidos em grande quantidade durante todo o século passado e como atesta Moya, passaram a exercer uma forte influência “na cultura, língua e costumes de seus inúmeros leitores, modelando seus gostos e suas inclinações”. (Moya, 1977:10) Capazes portanto, de nos fornecer uma idéia muito próxima do “clima histórico” dos anos 1980.

Para não fugir do nosso objetivo, nos afastamos da análise da linguagem dos quadrinhos, até porque, nos falta conhecimento para tal empreitada e colocamos a personagem sob luz alta, com seus vícios, crises e desesperanças. Analisamos suas histórias, esticando as bordas das suas aventuras, desdobrando-as em espiral até o ponto no qual, seus sentimentos e dilemas esbarrassem nos sentimentos e dilemas do indivíduo ocidental moderno, na tentativa de montar um quadro, o mais próximo possível do real, para termos a segurança de usar a

ficção como representação da realidade. Para conseguir tal objetivo, parafraseando Burke, fizemos um esforço “para manter um fino equilíbrio entre o abstrato e o concreto, entre o geral e o particular” (Burke, 1997:18). E com a permissão da Nova História, pudemos trocar o papel de “consultar” pessoas mortas, pela liberdade de “consultar” pessoas de papel.

Para fazer contraponto com a Rê Bordosa, incluímos os quadrinhos da Mafalda, por ser uma personagem reflexiva, consciente e crítica, com relação aos problemas da modernidade. Criação do cartunista argentino Quino, Mafalda é dona de uma inteligência afiada e de um humor reflexivo. À despeito dos seus seis anos de idade, Mafalda se preocupa com os problemas da ecologia, com a paz mundial, com a política e com a coerência das pessoas. Apaixonada pelos Beatles, seus comentários são ácidos e severos à respeito das questões sociais. Rê Bordosa ao contrário, é narcísica, desestabilizada e alienada, mas ambas, (guardadas as respectivas diferenças), tem em comum o fato de serem personagens definidas, abrangentes, absolutamente desinibidas no trato com a realidade. Ambas, perderam a crença nas instituições e cada uma à sua maneira, dão “testemunho” aos seus leitores de quão difícil é viver num mundo destradicionalizado e sem controle, sendo ambas, uma fonte inesgotável de reflexão, ao mesmo tempo que representam o imaginário coletivo na sua dimensão existencial.

As análises das situações vividas pela Rê Bordosa, foram construídas à partir das “cenas primordiais”, ou como diria Berman, através das “experiências que brotam da concreta vida cotidiana” (Berman, 2007:178) Optamos também em privilegiar mais o mundo da experiência comum, do que propriamente a experiência do indivíduo com a sociedade. No nosso trabalho, o cotidiano assumiu um papel bastante importante, mas como esse conceito é impreciso, escolhemos usar a definição de Braudel, que o define como sendo o reino da rotina, das atitudes, hábitos mentais e do ritual.

## **BREVE HISTÓRIA DOS QUADRINHOS**

Poderíamos afirmar que a História nasceu desenhada em quadrinhos, nas cavernas pré-históricas, nas Bíblias impressas, repletas de imagens que contavam a história da vida de Jesus e nas paredes das antigas Igrejas, onde ainda pode-se encontrar pintado quadro a quadro, a história do Calvário. Mas, o nascimento oficial da história em quadrinhos, aceito com unanimidade, foi em 1895, quando foi publicada o *Yellow Kid* (Menino Amarelo), no New York Herald, do desenhista Richard Outcult. O menino amarelo tinha esse nome, porque usava um camisolão amarelo, no qual o artista, escrevia mensagens “subversivas”.

Em 1896, quando o jornal World, instalou sua primeira impressora em cores, um dos técnicos do jornal, Benjamin Ben-day, pediu para Outcult testar a cor amarela no camisolão do garoto, Moya considera que nesse momento, duas coisas importantes acabavam de nascer: a primeira delas era os *comics*, cuja história de seus personagens iria ser publicada semanalmente nos jornais e a segunda, foi que a partir do camisolão amarelo, por conter

frases panfletarias, nascia nos EUA a “imprensa amarela”, designando um tipo de imprensa sensacionalista. No Brasil, segundo Moya: “ a tal “ imprensa amarela” ficou conhecida como “imprensa marrom”. Talvez, o subdesenvolvimento fosse tal, que a tentativa de imprimir a riqueza do nosso amarelo se frustrou num amarronzado de m(\*)...” (Moya, 1977:36).

Chamados nos Estados Unidos, de *funnies ou comics*, por se tratarem de histórias engraçadas, de *bandes-dessinées* na França, por serem as histórias publicadas em tiras (*bandes*) diárias, nos jornais, por *fumetti* na Itália, por causa dos seus balãozinhos ou fumacinhas (*fumetti*) que indicam a fala dos personagens, *tebeo* na Espanha, por terem sido publicadas numa revista infantil chamada TBO, *historietas* na America Espanhola, *historia aos quadrinhos* em Portugal, e *historia em quadrinhos* no Brasil, o fato é que todas essas designações se referem à mesma coisa, ou seja, uma narrativa feita por meio de imagens fixas.

À despeito da fotografia e do cinema terem criado um grande interesse pela imagem, o mesmo não aconteceu com os quadrinhos, que embora tivessem sido contemporâneos do cinema, passaram por uma fase de serem relegados a uma situação de inferioridade cultural. Só depois de algum tempo e justamente em função do poder de suas imagens, é que acabaram despertando entusiasmo. Alguns autores acreditam, que o poder de sedução dos quadrinhos não está naquilo que eles representam, mas sim, no fato da imagem se encontrar no meio do caminho entre o real e o imaginário, entre o documento e a ficção. Compreender o século XX, é compreender também as histórias em quadrinhos, que são expressões culturais características do século XX, cuja penetração não teve nenhuma equivalência na cultura de massa, com nenhuma outra forma de expressão artística ou literária.

## A IMPORTÂNCIA DOS QUADRINHOS

O homem para compreender a si e ao mundo, precisa de modelos de emoção que sejam ao mesmo tempo simbólicos e públicos, que o ajudem a revelar os seus próprios sentimentos. Durante muito tempo esses modelos foram fornecidos pela fala, mas esta, acabou perdendo esse atributo quando se converteu em mera comunicação.

O fato é que os quadrinhos foram pouco a pouco se transformando em “modelos mitológicos”, tanto que hoje, (em função do seu grande poder de incitar a reflexão) junto com outras artes, transformaram-se em importantes instrumentos de auxílio, na construção do self. Segundo Sullerot “ a imprensa escrita, o cinema, a história em quadrinhos e as telenovelas, acabaram se transformando nos reservatórios mitológicos da nossa sociedade” (Sullerot in Moya,1977: 91) e num produto de consumo de massa para os cidadãos de todo o mundo. Segundo Moya: “desde princípios do século XX, substituíram os folhetins semanais no gosto do público leitor, de forma parecida à evolução do chocolate solúvel, do café concentrado, do purê de batatas ou da sopa desidratada e em envelope. Mas, o caso é que estes produtos de massa, foram criados sem intuito de transcendência, tal como um novo divertimento do qual, como no caso do leite desidratado não se guarda o recipiente e que, portanto, joga-se fora depois de ler” (Moya, 1977: 9), possuindo a virtude de causar um

prazer instantâneo, que nasce da identificação do leitor com a experiência do cotidiano dos personagens.

No caso da Rê Bordosa, seu estilo “underground” tem o valor de justificar a feiúra do mundo, segundo a visão trágica nietzschiniana. Como afirma Moya : “a metamorfose da informação, transformada em mercadoria, o avanço da ciência, a nova consciência da realidade, enfim, as coordenadas características do estabelecimento da sociedade de consumo, criaram as condições para o aparecimento e sucesso do jornal, do cinema e da história em quadrinhos” (Moya, 1977:110)

Enquanto, o teatro e a pintura foram meios de comunicação que precisaram ser adaptados à sociedade de consumo, a história em quadrinhos e o cinema já nasceram como veículos específicos para a sociedade de massa. Sem dúvida alguma, seja pela sua função “digestiva” ou pela “crítica” que fazem à sociedade, essa nova forma de comunicação acabou se transformando “numa articulação imagística original e própria” (Moya,1977:110) desempenhando magnificamente seu papel de estímulo afetivo e intelectual.

## OS QUADRINHOS COMO ARTE

Foi a partir de 1951, quando aconteceu a Primeira Exposição em São Paulo, no MASP, de História em Quadrinhos, que essa arte começou ganhar reconhecimento mundial. Entre 1964 e 1979, Claude Moliterni, seguindo o exemplo do Brasil, montou centenas de exposições na Europa, enquanto que nos Estados Unidos, nessa mesma época, as *graphic novels* recebiam prêmios de literatura, figurando entre os best-sellers, que por falta de uma classificação específica acabaram sendo apreciadas tanto como arte popular quanto erudita. Mas, o caminho para aceitação dos quadrinhos foi longo. Apesar dos sucessos intermitentes aqui e acolá, as historietas acabaram sendo classificadas como expressão da subcultura e apesar dessa humilde posição, os quadrinhos, não deixaram de exercer uma grande influência em vários movimentos artísticos. Tanto assim, lembra Sullerot, que “muitos movimentos literários, artísticos, musicais encontraram uma parte importante de sua inspiração nas manifestações mais vulgares da subcultura. O romantismo foi precedido pelo gosto popular aos melodramas e romances de “quatro vinténs” dos jornais, enquanto que a pop arte nasceu da história em quadrinhos” (Moya, 1977: 94). Pouco a pouco os quadrinhos foram ganhando respeitabilidade, e hoje são considerados a nona arte<sup>14</sup>.

O que ajudou enormemente a aceitação e disseminação dos quadrinhos, foi o fato deles terem sido publicados primeiramente dentro dos jornais, ou seja, dentro de outro veículo de comunicação de massa. Junto com as notícias, os quadrinhos passaram também a frequentar diariamente a casa dos leitores e sua leitura acabou se transformando num hábito bastante

---

<sup>14</sup> Dados obtidos de Autor: Fabio Luiz Carneiro Mourilhe Silva. Revista Redescições – Revista online do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-Americana Ano 1, Numero4,2010  
Site:[http://www.gtpragmatismo.com.br/redescicoes/redescicoes/04/6\\_bola](http://www.gtpragmatismo.com.br/redescicoes/redescicoes/04/6_bola).



difundido. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, mostrou que na década de 1960, existiam mais de dois bilhões e meio de leitores de história em quadrinhos, que compravam ou assinavam os principais jornais da época. O maior feito dos quadrinhos foi o de terem conquistado um espaço de inovação em todo o mundo, dentro de uma mídia considerada padronizada e conservadora. Isso só prova que a arte, qualquer que seja e onde quer que esteja, é uma forma superior de comunicação e de entendimento entre os homens.

## **CULTURA DE MASSA E SUBCULTURA**

“A cultura de massa assume a hereditariedade da cultura popular tradicional (folclore). As classes subalternas procuram nesta, aquilo que a cultura de elite mostra não saber lhe oferecer mais”

(Gramsci)

O termo cultura de massa é um termo híbrido, impreciso, por que não se sabe ao certo o que significa cultura e o que significa massa, portanto, “cultura de massa” se aproxima mais de uma definição antropológica. Segundo Umberto Eco, o termo é válido: “para indicar um preciso contexto histórico, onde todos os fenômenos comunicacionais, desde as propostas para o divertimento evasivo até os apelos à interiorização, surgem dialeticamente conexos, cada um deles recebendo do contexto uma qualificação que não mais permite reduzi-los a fenômenos análogos surgidos em outros períodos históricos” (Eco, 2006:16). Quando nos referimos à cultura, estamos usando a definição de Barthes, como sendo algo além da biblioteca e do teatro, e que engloba o dia a dia dos indivíduos, levando em conta não só o tipo de vida social, mas também as formas de organizar o mundo, e as maneiras de se estabelecer um relacionamento. Nossa posição à esse respeito é de que as formas culturais não são nem universais e nem eternas e que em sociedades altamente complexas como a ocidental, encontramos a presença de ideologias específicas que representam os interesses de diferentes grupos e classes sociais. Em outras palavras, fazemos ressalva à visão universalista de Barthes, sem cair na idéia de hegemonia cultural de Gramsci.

O aparecimento da cultura de massa gerou uma grande discussão entre aqueles que queriam manter afastada a cultura tradicional da cultura popular e como só isso não bastasse, o interesse (principalmente nos Estados Unidos) pelo estudo de grupos contestatórios que aumentavam à cada dia nas grandes cidades e os fenômenos urbanos que não se encaixavam nem na cultura tradicional e nem na cultura popular, exigiam um nova qualificação, pressionando assim o nascimento (por volta de 1930) do conceito de subcultura. Criado pela Escola de Chicago, o termo subcultura se trata de um termo, segundo Hebdige, já nasceu carregado de mistério, sugerindo segredos, princípios maçônicos e submundo. Mas foi só por volta de 1987, que o conceito se consolidou.

A modernidade tradicional, tentou manter e perpetuar a diferença e a separação entre uma experiência estética autêntica, de uma experiência cultural comercial, simplória e mediana. Enquanto que a alta modernidade ou modernidade tardia, fez questão de acabar com essa separação. Do ponto de vista de Jameson, Emile Zola, talvez tenha sido o último exemplo da coexistência num único texto, do romance de arte e *best seller*, pois à partir daí, houve não só o desaparecimento dessa distinção, como aconteceu uma fusão definitiva da cultura clássica com a cultura popular. Jameson menciona como exemplo a fusão entre a música “clássica” e a “popular” com Schonberg e Cage. A renovação nas artes visuais, principalmente na fotografia e na *pop art*, refletiram também esse mesmo processo.

Entre 1959-1960, se desenvolveu nos Estados Unidos uma cultura jovem que criticava veemente a educação e os padrões culturais, mas que acabou sendo absorvida pela indústria cultural. Depois apareceram os hippies, movimento típico da subcultura que se colocou veementemente contra a Guerra do Vietnã e contra o consumismo americano, dando início a uma luta entre classes dominantes e subcultura. Do ponto de vista de Hebdige, essa luta se tratou apenas de uma luta por posse de significados, que acabou se estendendo e se infiltrando até mesmo no dia a dia dos indivíduos. No Brasil, esses movimentos ( *hippies*, feministas, ecológicos e negro) surgiram durante os anos 1970, para questionar a ordem estabelecida, buscando um espaço político e cultural que lhes fosse próprio, sem falar na importação dos movimentos *punk*, *new wave*, *beat*, *rastafári*, *skinhead*, *hip-hop* e outros.

As manifestações da contra-cultura, tanto aqui no Brasil como no mundo, acabaram sendo expressas na história em quadrinhos e nos gibis *underground*, como no caso da *punk* Rê Bordosa. Atualmente, o conceito *punk* é um pouco diferente daquilo que foi chamado de *punk* “clássico”, composto de agressividade e pessimismo, características do movimento inglês. O *punk* de uma maneira geral, nasceu para contestar a moda e os valores que passaram a reger a sociedade, defendendo o anti-nazismo, o amor livre, a liberdade individual e o cosmopolitismo. Valores vividos pela Rê Bordosa com uma mistura de culpa, vergonha e incerteza. Todas publicações de história em quadrinhos que se denominavam de “*underground*”, proclamaram sua liberdade diante das imposições do *Comic Code*<sup>15</sup>, alardeando uma nova postura ética e de pouco apreço diante da vida e das tradições morais, inaugurando o surgimento de novas subjetividades.

Sendo ou não “*punk*” ou “*underground*”, os “sentimentos” e “dilemas” da Rê Bordosa, transcenderam qualquer tipificação cultural, atingindo em cheio à todos que como ela, careciam de um sentido pessoal. Os leitores se identificaram com a sensação de vazio e com a crença de que a vida não tinha nada a oferecer da Rê Bordosa. A frequência e generalização desses sentimentos acabaram se transformando, como afirma Giddens, num “problema psíquico fundamental da modernidade tardia” (Giddens, 2002:16).

---

<sup>15</sup> O *Comic Code Authority* é um código que faz parte do *Comics Magazine Association of America*, e se trata de uma ferramenta para os editores de história em quadrinhos ou comics, que regula o conteúdo dos *comic books* nos Estados Unidos [http://en.wikipedia.org/wiki/Comics\\_Code\\_Authority](http://en.wikipedia.org/wiki/Comics_Code_Authority)

## MODELO DA ANÁLISE

Para analisar as histórias da Rê Bordosa, nos inspiramos no modelo criado por Marc Bloch, na sua obra “La Société Feodale”,( na qual ele analisa os modos de pensar e de sentir do homem medieval, privilegiando mais as tendências do que os acontecimentos) A diferença   que nosso trabalho não pode ser definido como um trabalho de psico-história, como Peter Burke qualificou o trabalho de Marc Bloch, porque não fomos buscar explica es na subjetividade humana, mas sim na cultura. Nossa linha de pensamento segue a de Edward Thompson e de Roger Chartier<sup>16</sup> cuja ênfase   colocada na visão cultural que se tem dos fenômenos históricos. Segundo Chartier: “tanto na vida cotidiana, quanto nos momentos de crise, o que conta   a cultura” (Chartier in Burke, 1992: 35).

Para evitar o pecado do anacronismo histórico, construímos o distanciamento necessário, utilizando o conceito de “*h bitus*”<sup>17</sup> de Pierre Bourdieu, que diz respeito   maneira pela qual uma pessoa está envolvida na constru o das estruturas sociais. Em fun o desse conceito, os estudiosos relacionam Bourdieu   Giddens, definindo-o como um teórico da “estruturac o”. A acusa o que fazem, de que existe na teoria de Bourdieu uma “dualidade na estrutura”, faz jus   verdade, pois para Bourdieu, as estruturas não são apenas o resultado, mas também o meio reflexivo da aço. Nesse sentido, o *h bitus* se assemelha ao conceito tradicional da aço de Max Weber, que para Lash: “supõe um certo “arremessar-se” em uma rede de práticas e significados já existentes” (Lasch, 1997:187).

## A MITOLOGIA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

O papel dos heróis ou super-heróis nas histórias em quadrinhos,   o de fornecer um modelo mítico com o qual o leitor possa se identificar. Como atesta Carvalho Junior “os heróis dos quadrinhos desenvolvem uma rela o catártica com o leitor, na qual este se projeta no personagem e o utiliza para indiretamente viver seus medos e desejos”. (Carvalho Junior,2002). Segundo a classifica o de Carvalho Jr, a R  Bordosa não se trata propriamente de uma super heroína, mas sim de uma típica e prosaica heroína do cotidiano, que não possui nenhum super poder, cuja maior aventura   enfrentar os desafios do mundo e sobreviver ao dia a dia. Os heróis do cotidiano refletem com maior precisão o cotidiano factual, cujas aventuras são metáforas da vida real e por conta disso, se encaixam melhor nas tiras diárias dos jornais.

Infelizmente, não existe uma pesquisa   respeito do tipo de público que valoriza ou que se identifica com o herói do cotidiano, sabe-se apenas que esse público, guarda uma grande

---

<sup>16</sup> Ambos historiadores da Nova História.

<sup>17</sup> *h bitus* definido como sendo a propensão que as pessoas tem de selecionar respostas através de um repertório cultural particular, de “acordo com as demandas de uma determinada situa o ou de um determinado tempo”.

semelhança com o público leitor dos jornais e que é composto de um tipo de leitor pulverizado entre diferentes camadas sociais e com diferentes graus de instrução. Os heróis do cotidiano, diferentemente dos super-heróis, atraem homens, mulheres, crianças e adultos, praticamente de todas as faixas etárias, justamente por não possuírem nenhum super poder e por viverem num mundo muito parecido ao mundo do leitor. As aventuras desse tipo de herói, simplesmente acontecem impostas pela vida, obrigando o herói ou a heroína sobreviverem às suas batalhas cotidianas. Os heróis do cotidiano não nascem prontos, mas vão se construindo ao longo da história, a partir de suas próprias experiências, fazendo com que o leitor se identifique e se apaixone por eles.

## O SUCESSO DA RÊ BORDOSA

A identificação da Rê Bordosa com um público bastante heterogêneo foi imediata e inesperada, superando até mesmo a especificidade de suas características *punk* e *underground*, assustando até mesmo o seu criador. Angeli, em uma entrevista, expressou sua surpresa: “a Rê Bordosa não era meu personagem preferido. Eu gostava muito mais de fazer o Bob Cuspe, o Wood e o Stock... Agora, a Rê Bordosa era uma personagem importante e eu gostava de trabalhar com ela, mas ela tomou um rumo que me deixou confuso em relação ao que é fazer uma personagem de sucesso. Por exemplo, eu sempre quis fazer a Rê Bordosa assim como o Bob Cuspe, como uma coisa tão áspera, mas tão áspera que não descesse pela goela das pessoas. Só que começou a descer. Então, no lançamento de um livro, aparecia uma menininha (...) e falava assim: ‘Eu sou a Rê Bordosa’. Eu pensava: não é. Eu comecei a sentir que tinha uma falta de entendimento ou talvez..... ela estivesse virando “fofinha”. Exatamente, fofinha. O pessoal falava assim: ‘Por que você não faz uma Rê Bordosa de pano para vender?’. Aí eu pensava: só se apertar e vomitar, aí talvez fosse o caso. Só que ninguém ia fazer isso. Então a Rê Bordosa se transformou numa coisa que eu continuava achando que tinha o peso necessário para o que eu queria, mas percebi que ela foi se tornando a Mônica drogada dos anos 80, ... uma personagem mais aceitável. Então achei que era a hora de acabar com ela. Como ela era tão grande, não dava para abandonar, tinha de acabar mesmo”<sup>18</sup>

Foi um grande fenômeno a ampla aceitação da Rê Bordosa, por pessoas de diversas classes sociais e diferentes idades, demonstrando assim, o quanto ela refletia as agruras e dificuldades de milhares de pessoas que como ela, viviam num mundo destradicionalizado, perdidas e sem eixo. As experiências da personagem, ao mesmo tempo que exalavam uma crítica velada do autor à hipocrisia da sociedade, também serviam como espelho através do qual, qualquer um poderia se olhar. Rê Bordosa demonstrava com humor, como é a vida daqueles que optaram pela fuga e negação da realidade, de um mundo cuja agenda ainda é desconhecida para a maioria das pessoas.

---

<sup>18</sup> Entrevista de Angeli concedida a Dario de Barros Carvalho Jr., na entrega do Prêmio HQ Mix, na cidade de São Paulo, em 26/09/2000.

Bob Cuspe Personagem de Angeli inspirado pelo movimento punk, que usava cabelo moicano, argola no nariz, morava no esgoto e tinha como esporte predileto cuspir nas pessoas.

Rê Bordosa, sem dúvida, expressa uma das regras mais importantes da ficção, ou seja, é uma pessoa possível de existir no mundo real. Segundo Carvalho Jr, os personagens de ficção “representam pessoas reais ou pelo menos valores e características de pessoas existentes e ao fazê-lo, auxilia os leitores a viverem seus medos e desejos de forma catártica, sem os riscos ou conseqüências da realidade”(Carvalho Jr)<sup>19</sup>

Rê Bordosa é testemunha “viva” de uma época que ainda não terminou, repleta de ressentimentos, os mesmo daqueles que foram traídos pela promessa de liberdade, igualdade e fraternidade, que não aconteceu, sem falar na paz no mundo que a cada dia parece impossível de ser alcançada. O que hoje, as pessoas encontram é apenas um arremedo ou uma substituição “ do “cada vez melhor”, pela “desorientação e a agitação dos espíritos, pelo temor generalizado, pelo desencantamento do “cada vez pior”. (Lipovetsky, 1944:11)

## **TRABALHO COM UMA SÓ PERSONAGEM**

Embora nosso trabalho seja apenas com uma só personagem, nosso objetivo não é o de reconstituir uma história individual, mas sim, como fala Ginzburg, o de assumir o papel do historiador-narrador que esquadrinha “os mais ínfimos detalhes de um acontecimento...” (Ginzburg, 2007:265). A individualização nos permitiu fazer generalizações, porque partimos da idéia de que a Rê Bordosa representa os sentimentos de homens e mulheres de sua época, na medida em que, acreditamos na universalidade dos seus “sentimentos”. Posto de outra maneira, partimos de um fundamento antropológico universal, defendido por Chartier: “que nos permite reconhecer o que é universal em nós (e nos outros), para além das diferenças e das descontinuidades” (Chartier, 2009: 57)

Transportamos as histórias da Rê Bordosa de uma região da cultura para outra. Alteramos a natureza do documento transferindo-o de uma linguagem cultural para outra, fazendo as transformações que julgamos necessárias. Lembrando as palavras de de Certeau: “da mesma forma que o urbanista quando integra o campo no sistema de comunicação da cidade, o arquiteto quando transforma o lago em barragem, Pierre Henry quando transforma o rangido de uma porta em tema musical e o poeta que altera as relações entre “ruído” e “mensagem”... modifica o meio ambiente através de uma série de transformações que deslocam as fronteiras e a topografia interna da cultura. Ele “civiliza” a natureza, o que sempre significou que a “coloniza” e “altera”” (de Certeau, 2007:80)

Arrancamos Rê Bordosa do seu submundo, “alteramos” suas histórias com nosso olhar acadêmico, pesquisamos seriamente quem não nasceu para ser sério e com isso, lemos as suas histórias com outro objetivo que não o de extrair prazer do seu humor, com a segurança de fazer o que é permitido ao historiador fazer, pois, segundo de Certeau: “o historiador não é

---

<sup>19</sup> Carvalho Junior, Dario. “A morte do Herói: Introdução ao estudo de sobrevivência de modelos míticos nas Histórias em Quadrinhos. Tese de Mestrado. Faculdade de Educação da UNICAMP,2004

mais o homem capaz de construir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista transforma-se num vagabundo. Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as marcas das grandes regiões exploradas. Faz um desvio para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, etc., todas elas zonas silenciosas” (de Certeau, 2007: 87) O desafio é trabalhar com essas “zonas silenciosas” e mostrar as suas relações com as totalidades propostas ou supostas, ressaltando as continuidades dentro da descontinuidade

O fato de trabalharmos com a história em quadrinhos, ou como chamaria Ginzburg, com um “fenômeno aparentemente negligenciável”, não nos eximiu da exigência acadêmica de ser um trabalho original. Depois de uma pesquisa cuidadosa, constatamos que existem vários trabalhos<sup>20</sup> sobre a Rê Bordosa, mas a maioria deles analisam o seu humor, ou a linguagem própria dos quadrinhos, muito distante da nossa proposta, que é de transformá-la num exemplo prático da teoria de Anthony Giddens.

## **UM TRABALHO DE HISTÓRIA CULTURAL**

Resolvemos abraçar os desafios de fazer uma história cultural do tempo presente, utilizando um único documento a respeito de uma personagem de ficção. Portanto, para realizar nosso trabalho, nos valem de posições e teorias de historiadores consagrados para dar suporte teórico à nossa investigação e também conferir “legitimidade” à nossa pesquisa. Nosso trabalho tem a cidadania da história cultural, porque acreditamos que toda história seja ela econômica, social, demográfica ou política, não deixa de ser uma história cultural. Segundo Chartier, com quem concordamos amplamente, afirma que: “todos os gestos, todas as condutas, todos os fenômenos objetivamente mensuráveis sempre são o resultado das significações que os indivíduos atribuem às coisas, às palavras e às ações” (Chartier, 2009:34).

Embora nosso documento pertença à cultura popular, entendemos que as histórias da Rê Bordosa extrapolam sua origem humilde e refletem o que acontecia também em outros artefatos culturais mais sofisticados, expressando assim, os sentimentos de uma geração que à despeito de aparentemente viver distante do mundo da personagem, tinha em comum a decepção com relação à modernidade.

Portanto, na medida em que fomos identificando as circulações, os empréstimos e as hibridações culturais na “vida” da Rê Bordosa, foi ficando cada vez mais claro que o seu comportamento não dizia respeito apenas a um lugar, a uma classe social ou a uma nação, mas fazia parte de algo mais universal, fazia parte da globalização. No período em que suas histórias foram publicadas, já se pronunciava a união do local com o global, não demorando muito para chegar o tempo em que alguns autores usariam o termo “glocal” para explicar tal união, ou seja, processos nos quais aconteciam o compartilhar de referências de modelos

---

<sup>20</sup> A relação e um breve comentário sobre esses trabalhos se encontram no fim desse capítulo.

impostos de textos e de bens, que circulavam mundialmente, plasmando sentidos em lugares concretos.

## **QUESTÕES DE MÉTODO: HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E MICRO HISTÓRIA.**

Para trabalhar nosso tema, cronologicamente incrustado nos anos 1980 e início dos anos 2000, criamos uma “mestiçagem metodológica”<sup>21</sup> entre história do tempo presente e micro-história. Não nos restringimos apenas aos anos nos quais as histórias foram publicadas, mas também a integramos num fluxo mais amplo de tempo, no intuito de aumentar nossa capacidade de explicação. A história do tempo presente nos forneceu ferramentas para que enfatizássemos o sócio-cultural como fonte de explicação dos valores e motivações para a ação dos indivíduos.

Procuramos revestir o nosso objeto de pesquisa com uma textura e espessura o mais próximo possível de um produto histórico. Tentamos ler os acontecimentos da “vida” da heroína com a profundidade histórica pertinente, não nos contentando em descrevê-los, mas sim, explicá-los, estabelecendo uma hierarquia para que pudéssemos distinguir o que é importante. Feito isso, integramos os acontecimentos numa longa duração e numa problemática para que todos os historiadores, os de hoje, os do imediato e os de ontem, pudessem reconhecê-lo.

### **HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE**

“A incompreensão do passado nasce afinal da ignorância do presente.”  
(Marc Bloch)

Quando Lucien Febvre, na primavera de 1936, administrou no Collège de France um curso sobre “*A história na vida contemporânea*”, pela primeira vez ele se pronunciou à favor do historiador fazer a história do tempo presente, afirmando que “a análise do presente” poderia fornecer aos historiadores “régua e compasso”. Embora, em 1930, já existissem uma série de artigos que tratavam da evolução política da Alemanha e do fascismo europeu, foi só em 1934, que Febvre efetivamente ajudou Borkenau publicar um trabalho sobre fascismo e sindicalismo. Febvre, numa carta a Bloch, fez um comentário sobre isso, dizendo ao amigo que à despeito de não se tratar de um trabalho brilhante, o assunto despertava um grande

---

<sup>21</sup> Termo usado por Chauveau e Tetart (1999,p.23)

interesse no público, mas ao mesmo tempo despertava desconfiança por parte dos editores (seus editores). Febvre confessou na carta ter suavizado um pouco o trabalho, para não assustar os seus editores, mas reconhecia que o valor de um trabalho desse tipo estava no fato de se tratar de um trabalho atual. Portanto, escreveu Febvre: “eu adociquei algumas fórmulas para não assustar a casa editora (alusões a Armand Collin). De resto, ele (o artigo) não é nem um pouco brilhante, mas evidentemente muito atual”.

A despeito das grandes inovações propostas pela Nova História, o presente foi ignorado. Exceção feita a Jacques Le Goff e Pierre Nora. Le Goff se mostrou bastante interessado pela história do tempo presente, mas afirmava que os sociólogos, politólogos e alguns grandes jornalistas, sabiam fazer melhor que os próprios historiadores. Esses profissionais tinham em comum a vontade de “reagir” ou tentar explicar o presente, estudando o impacto dos acontecimentos do século XX, sobre os indivíduos. Entre os historiadores, demorou bastante para germinar um pressuposto metodológico maior, que garantisse que a história não deveria se ocupar apenas com o passado, sendo necessário o desenvolvimento de uma metodologia particular e tipos de análises, que garantissem o recuo exigido do historiador, para que ele se sentisse seguro de trabalhar com o presente.

Diante da prenhez dos fatos, absoluta novidade para o historiador, ficou claro que antes de mais nada seria necessário resolver alguns problemas metodológicos, epistemológicos e deontológicos. O primeiro deles foi a necessidade de se tomar uma decisão com relação à espessura do tempo: próximo, presente e imediato. Será que todos eles seriam considerados objetos da História? Mais tarde, ficaria acordado que sim, mas ainda permanecia a dificuldade de se estabelecer com precisão o espaço cronológico que cobriria o imediato: seria ele composto de algumas horas, algumas semanas, alguns anos? A terceira questão era com respeito à terminologia: História Próxima ou História do Presente? Acabou sendo acordado que a terminologia ficaria por conta de uma escolha pessoal. Segundo Chauveau e Tétart: “as sensibilidades pessoais prevaleceriam sobre a escolha semântica” (Chauveau, Tétart, 1999:19).

Para a maioria dos autores, não fazia a menor diferença se a história próxima levasse vantagem sobre os últimos trinta anos, ou se a história do presente englobasse os últimos cinquenta ou sessenta anos, até porque, chegou-se à conclusão, que “as duas funcionavam de um mesmo modo, definindo-se por características comuns: a natureza dos arquivos e sua forma de acessibilidade, a natureza dos métodos, o círculo dos historiadores, a continuidade cronológica num século”. (Chauveau e Tétart, 1999:20) Ficou decidido portanto, que as duas possuíam o recuo necessário para se construir uma abordagem científica .

Embora essas três locuções: história do presente, história próxima, história imediata, não se refiram exatamente às mesmas cronologias, todas pertencem ao campo do “muito contemporâneo” e dizem respeito ao século XX, e a esse início do século XXI. O termo que prevaleceu por convenção, foi “história do presente”, não só por se tratar do termo mais usado, como também por ser o mais reconhecido. Em 1978 nasceu o *Institut d’Histoire du Temps Présent* e já no pós-guerra (nos anos 1950) havia sido banido o que nos anos 1920



tenham sido consideradas associações excludentes: história e imediato, história e presente. Enfim, o movimento da história do presente se transformou num movimento em profundidade, e foi “oficializado” como um campo científico.

No final da década dos anos 1980, cresceu muito o interesse pela história do presente, nascendo uma aproximação entre sociólogos, politólogos e historiadores. Além de existir entre esses profissionais, vários interesses em comum como o estudo das mentalidades, do político e do cultural. Existiram alguns fatores que facilitaram tal aproximação: os jornalistas, diante da decomposição sofrida pela imprensa nos anos de 1930, estavam ávidos para fazer comentários mais rigorosos que explicassem o presente e os historiadores que passaram a concordar em estudar a história que viviam, aceitaram finalmente que o seu objeto de estudo não fosse só o passado e passaram a acreditar que tinham uma responsabilidade e um papel cada vez mais valorizado pela sociedade, o de comentaristas do presente ou do imediato. Isto fez com que se desencadeasse uma profunda reflexão sobre a presença física do historiador no tempo do seu tema, obrigando-o a estabelecer uma nova relação entre ele e seu campo de investigação. Assim, a história do tempo presente passou a integrar a dimensão de “geração”, permitindo com isso, que fosse feita uma reflexão desapassionada sobre um percurso científico no tempo.

Hoje, existe uma vasta produção editorial e jornalística da história do tempo presente que ultrapassa os meios universitários e que vem se tornando significativa desde a década de 1950, quando a situação internacional demandou por esclarecimentos. Não cabe aqui uma discussão sobre a simetria entre produção histórica e demanda social, até porque outros fatores como o aumento do interesse sobre a investigação do tempo presente, o aumento e expansão da comunicação, a grande renovação na imprensa; a elevação do nível de estudo; e principalmente os engajamentos políticos e morais dos anos 1950/1960 contribuíram para o crescimento editorial, que culminou com o extraordinário sucesso nos anos 1980, na França, e depois no mundo ocidental, das coleções de bolso, muitas delas inteiramente dedicadas à história do presente, como *Seuil*, *Champs-Flamarion*, *Folio-Galimard*.

Defendendo a história do presente da acusação daqueles que acreditam que ela não possui o recuo suficiente, impossibilitando os historiadores fazerem uma investigação considerada científica, Jean Pierre Rioux afirma que: “os historiadores do recente, nadando na indolência conceitual, mas bastante bem garantidos sobre suas retaguardas sociais, fazem bonito, no final das contas, martelando o bom senso do velho artesão, metodologicamente pouco sofisticado, mas passavelmente percuciente: o argumento da “falta de recuo” não se sustenta. Pois é o próprio historiador desempacotando sua caixa de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso “recuo”. A ambição científica constrói a boa distância do seu objeto de estudo e métodos de investigação histórica acertados desde Langlois e Seignobos, anestesiando propriamente a carne de um presente alarmado e o questionamento rigoroso apazigua a desordem partidária. Em poucas palavras: a construção de um relato histórico, hierarquizará pois, tanto a perestroika gorbacheviana, quanto a decomposição do império carolíngio” (Rioux, 1999: 46).

O rádio, o cinema e principalmente a televisão, tiveram um papel importante no desenvolvimento da história do presente, não só pelos programas e filmes que abordam a atualidade, como também pela demanda por profissionais aptos a quem consultar. A história do tempo presente se impôs definitivamente no final dos anos 1970, exigindo posições metodológicas e epistemológicas, que acabaram sendo naturalmente empreendidas. Para Chauveau e Tétart, a conquista do estatuto de história se constituiu para a história do tempo presente “numa verdadeira aventura científica, que conquistou daí em diante sua carta de nobreza”.( Chauveau e Tétart, 1999:19)

Entretanto, faz-se necessário quando se trabalha com a história do presente, não perder de vista a horizontalidade cronológica. Apesar de se estar lidando com o presente ou com o imediato, não se pode deixar cair na armadilha da verticalidade sincrônica da análise pontual. Até porque, o que se espera, não é diferente do método histórico usado para analisar qualquer época, ou seja, o esclarecimento do presente pela “reverberação histórica”. Se perdermos essa dimensão da história do presente, ela não passará de uma manipulação lingüística, baseada numa antinomia.

Acredita Le Goff que tomadas certas precauções, o historiador do presente estará mais próximo do historiador do século XIX, do que daqueles que se dedicam apenas aos fatos do dia e de quem constitui a tessitura da informação moderna. O mais importante para ele, é que o historiador do presente esteja preocupado com o peso esmagador do passado, às vezes remoto, no qual se situa o princípio de toda explicação histórica. (Le Goff in Chauveau e Tétart, 1999:127) Tomando todos os cuidados, a história do tempo presente, se torna cientificamente oportuna por que consegue explorar o imbricamento “constantemente cruel e alimentador ao mesmo tempo do passado com o presente”( Chauveau e Tetart, 1999:49), muitas vezes expresso em forma de traumas, de reverberações da memória coletiva ou de recalques, a espera de um trabalho do luto, que sempre auxilia no apaziguamento do presente. Dessa forma, pode-se integrar a representação do passado como parte do imediato.

Nesse tipo de trabalho pode-se facilmente observar a presença ativa do passado na construção do contemporâneo, contribuindo de uma maneira efetiva para colocar a reflexão sobre o sentido, principalmente nesse momento em que as visões dos cursos das coisas desabam e se perdem. Então, seguros, poderíamos nos unir à Rioux, quando ele define a história do presente como “um vibrato inacabado que anima repentinamente todo um passado, um presente pouco a pouco aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas: é um pouco isto, a história do presente”. ( Rioux, 1999:119)

## **UM MÍNIMO SOBRE MICRO-HISTÓRIA**

“Micro-história é um auto-retrato, não um retrato de grupo”  
(Giovanni Levi)

A micro história é uma prática historiográfica que agrega várias referências teóricas, até mesmo ecléticas, cujo método se baseia praticamente na redução da escala de observação numa análise microscópica do material documental. No nosso caso, ela garante e justifica nossa pesquisa feita à partir de um único documento. Nossa observação cuidadosa nos ajudou também trabalhar a anomalia como fazendo parte de uma base cultural mais ampla, compartilhada no mundo contemporâneo por grande parte das pessoas. Como afirma Ricoeur: “em cada escala vemos coisas que não se vêem em outra escala e cada escala tem sua própria regra”. (Ricoeur, 2000 :267)

Quanto ao método de redução da escala, Ginzburg afirma que a micro história se trata de uma decisão do historiador de: “transformar num livro aquilo que, para outro estudioso poderia ter sido uma simples nota de rodapé.” (Ginzburg, 2007:264). Este método, além de possibilitar a observação dos mais ínfimos detalhes de um acontecimento, nos permite investigar “as motivações recônditas que inspiram o comportamento dos indivíduos, dos grupos sociais ou dos Estados” (Ginzburg, 2007: 265). Para Ginzburg: o “olhar aproximado nos permite captar algo que escapa da visão de conjunto e vice-versa” (Ginzburg, 2007: 267)

Sem dúvida, concordamos que os fenômenos previamente considerados como bastante descritos e compreendidos assumem significados completamente novos quando se altera a escala de sua observação. Isto não significa uma valorização de causas e efeitos, mas sim, a valorização do espaço social e da situação de vida de cada pessoa. A questão da escala tem sido também tema de discussão entre os antropólogos, que a vêem como um importante objeto de análise para medir as dimensões, principalmente no campo dos relacionamentos.

Apoiamo-nos nos pequenos indícios, sinais e sintomas da Rê Bordosa, sem nos descuidar do peso do passado, para não incorrer no erro que Levi nos alerta, quando usa o romance de Henry James “*In The Cage*”, como metáfora do perigo que correm os historiadores de super valorizar os detalhes. O romance narra a história de um telegrafista londrino, que constrói uma análise da vida de seus clientes a partir do conteúdo dos telegramas que são trocados. Através desse material tosco, de uma documentação escassa, falaciosa e fragmentária, o telegrafista se julga “apto” para construir sua análise e entender a realidade. O alerta de Levi também é no sentido de mostrar o papel que a narrativa pode ter nesse tipo de trabalho<sup>22</sup>.

O uso da micro escala tem sido algumas vezes mal interpretado. Não é rara a idéia de que a micro escala seja perfeitamente aplicável ao estudo de comunidades locais, enquanto que inadequada ao estudo de comunidades maiores. Não existe nenhuma relação entre o método e o tamanho do objeto estudado. Pode-se descrever estruturas sociais complexas, através da situação de vida de um indivíduo, da mesma maneira que se pode estudar grandes estruturas através da micro escala. Levi afirma que mesmo a ação aparentemente mais insignificante, como por exemplo, a de alguém sair para comprar um pão, envolve o sistema bem mais amplo dos mercados de grão de todo o mundo. Portanto, a micro escala é um instrumento

---

<sup>22</sup> Maiores detalhes se entram no livro de Peter Burke(org): A Escrita da História, Novas Perspectivas, 1992, p.153)

analítico, aplicável a qualquer dimensão do objeto analisado, independentemente de suas dimensões.

A despeito de ter nascido dentro da pesquisa histórica, a micro história apresenta certas semelhanças com a antropologia, principalmente com relação à “descrição densa”. Esse tipo de descrição, serve para registrar por escrito, fatos e acontecimentos insignificantes que de outra maneira seriam ignorados, como também permite ao historiador chegar a conclusões mais amplas. Essa similaridade com a antropologia, levou Kracauer declarar, que a micro-história não passa de um mero sinônimo de pesquisa monográfica. Mas, com o passar do tempo, ele reviu sua posição e chegou à conclusão que a micro-história poderia ser comparada ao close-up, ou ao primeiro plano cinematográfico, cujo mérito está em modificar as visões de conjunto desenhadas pela macro-história.

Kracauer, embora seduzido pela micro-história, não abandonou a história clássica, acreditando que certos fenômenos só podem ser apreendidos dentro de uma macro perspectiva. Para ele, a melhor solução para o impasse entre micro e macro foi encontrada por Marc Bloch, na sua obra *La Société Féodale*. Nesse trabalho, Marc Bloch estabelece um contínuo vaivém entre micro e macro-história, entre close-ups e planos gerais, os chamados extreme long shots, e coloca em discussão a visão conjunta do processo histórico, por meio de exceções aparentes e causas de breve período. Essa receita metodológica, desemboca numa afirmação de natureza decididamente ontológica, fruto da visão consciente que Kracauer possui dos fenômenos da cultura do século XX, segundo a qual, a realidade é fundamentalmente descontínua e heterogênea, sendo a homogeneidade definitivamente descartada do trabalho do historiador.

Rê Bordosa, embebida em álcool, mergulhada na banheira, colecionando parceiros sexuais de todas as raças e idades, resistiu bravamente, como milhões de pessoas pelo mundo à fora, à qualquer tipo de mudança. “Não nasci para ser a cura, e sim a doença” repetia Rê Bordosa seu rebelde bordão. Portanto, a teoria da Modernidade Reflexiva, centrada na explicação da “consciência e das ações dos nossos dias”, iluminou nosso caminho ajudando-nos a entender o porque das “atitudes” da nossa heroína, dentro de um contexto muito mais amplo e revestindo-as de significados mais profundos.

Tivemos a preocupação de não aliviar o presente do peso do seu passado e como aconselha Le Goff, decidimos explicá-lo através da “reverberação histórica”. Portanto, como “comentaristas do presente”, esperamos que nosso trabalho seja uma pequena contribuição para aqueles que buscam por explicações que os ajudem a compreender um pouco mais sobre si, e sobre o mundo em que vivem.

## TRABALHOS ACADÊMICOS SOBRE A RÊ BORDOSA

“Os melhores quadrinhos expõem a natureza humana e nos ajudam a rir de nossa própria estupidez e hipocrisia. Eles se permitem exageros e absurdos, nos ajudando a ver com outros olhos o mundo e nos recordando de como é importante brincar e ser ridículo”

(Bill Waterson)

Importante ressaltarmos que todos os trabalhos à respeito da Rê Bordosa tratam basicamente de um desses dois assuntos: sobre o humor, ou sobre análises à respeito da linguagem dos quadrinhos. A originalidade do nosso trabalho reside no fato de usar Rê Bordosa como exemplo de uma teoria sociológica, deixando de lado as análises pertinentes à arte dos quadrinhos.

1) Dantas, Daiany Ferreira. “Rê Bordosa: morte, vodka e fetiche” in Programa de Pós Comunicação em Comunicação. Pernambuco, UFPE, 2006

2) Fontana, Mônica. “Sacadas e estocadas: o cotidiano urbano nos quadrinhos de Angeli”. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Núcleo de História em Quadrinhos. Belo Horizonte: INTRECOM, setembro de 2003

3) Oliveira, Francine Natasha Alves de. “Chiclete com Banana e Rê Bordosa: uma sátira à libertação social dos anos 80”.

4) Fava, Antonio Roberto . “ Morte garante sobrevivência aos super heróis” . Tese de Mestrado. UNICAMP ,2002

- 5) Nunes, Yuri Saladino Souto Maior. “A construção Artístico- Cultural expressa nas Histórias em Quadrinhos. Rê Bordosa: Que projeto político?”. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande
- 6) Diniz, Paulo Fernando Dias. “Os Quadrinhos de Angeli e o Contemporâneo Brasileiro”. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco
- 7) Carvalho Junior, Dario. “A morte do Herói: Introdução ao estudo de sobrevivência de modelos míticos nas Histórias em Quadrinhos. Tese de Mestrado. Faculdade de Educação da UNICAMP
- 8) Nery, João Elias. “Graúna e Rê Bordosa: o mundo gráfico nos anos 70 e 80”. UNESP, 1993
- 9) Cirne, Moacy. “Heróis e personagens, talvez sim, talvez ficção”. Universidade Federal Fluminense

## **2.0 | RÊ BORDOSA: O ENQUADRAMENTO POSSIVEL**

“A grande mágoa de minha vida é nunca ter feito quadrinhos”

(Picasso)<sup>23</sup>

“As histórias em quadrinhos são consideradas um artefato típico da modernidade. É travesso, auto ironizador e até esquizóide e reage à austera autonomia do alto modernismo ao abraçar imprudentemente a linguagem do mercado e da mercadoria. Sua relação com a tradição cultural é de pastiche irreverente, e sua falta de profundidade intencional solapa todas as solenidades metafísicas, por vezes, através de uma brutal estética da sordidez e do choque”

(David Harvey).

“ Como um produto de massa, além de possuir imagens niveladas por determinado padrão, construídas para causar efeitos violentos, oferecem sentimentos e paixões, amor e morte já confeccionados de acordo com o efeito que devem conseguir. Os títulos dessas estórias já contém o reclamo publicitário e o juízo explícito sobre o fato preanunciado e quase que o conselho sobre como fruí-las”.

(Umberto Eco)

---

<sup>23</sup> Citação: Moya 1977,p.83



## **SOBRE O AUTOR**

“Há quem se atribua a tarefa de pregar o Evangelho, de libertar o Tibete ou de salvar o pica-pau-anão-da-caatinga. Angeli contenta-se em pisar com os pés sujos de barro no tapete dos outros, honrável missão que abraça desde a juventude. Quando cria histórias em quadrinhos, charges e cartuns, não almeja simplesmente o sucesso. Move-se, acima de tudo, pela gana de incomodar o público — de implodir a hipocrisia, zombar do senso comum e engordar as pulgas atrás das orelhas, como o visitante que emporcalha de propósito o chão impecável das casas que o recebem”.

(Armando Antenore)

Arnaldo Angeli Filho, nasceu em 31 de agosto de 1956, na cidade de São Paulo. Já aos 14 anos publicou seu primeiro desenho na extinta revista Senhor. Em 1973 foi convidado a desenhar para o Jornal Folha de S. Paulo, onde além de charges políticas criou para a seção de quadrinhos, a tira diária Chiclete com Banana, título que lançou personagens como Rê Bordosa, Bob Cuspe, Wood & Stock e os Skrotinhos.

Autor de vários livros, participante de alguns festivais de *comics* na Europa e colaborador do Jornal Diário de Notícias, de Lisboa, Angeli teve seus trabalhos publicados pelas revistas Linus, de Milão, El Víbora, de Barcelona e Humor, de Buenos Aires. Atualmente, trabalha com exclusividade para Folha de S. Paulo e para o provedor Universo Online, desenvolvendo quadrinhos animados para a internet.

## **RÊ BORDOSA**

“Não nasci para ser a cura e sim a doença”

(Rê Bordosa)

“Quando escolhemos nossa vida, escolhemos nossa doença”

(François Dagognet)

Embora seu destino fosse ser descartável, Rê Bordosa, viveu na contramão desse fim sem glória e ao invés de morrer na lata de lixo, tornou-se famosa e conseguindo o feito heróico de superar a efemeridade. Tanto, que vez por outra, reaparece em filmes e documentários e hoje é uma estrela na Internet, mesmo depois de sua “honrada” aposentadoria. Suas aventuras ainda são lidas com interesse por jovens, que não viveram o período em que foram escritas e por adultos que na época eram seus fãs. A personagem continua “viva” também na Academia, despertando interesse de pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento e também entre diretores de cinema que transformaram suas histórias em filme e documentário premiados.

As histórias da Rê Bordosa, foram publicadas diariamente no Jornal a Folha de São Paulo e rapidamente se espalharam por mais de 30 jornais do país. Apesar de sua vida ter sido breve, de 1984 a 1987, seu sucesso evidenciou sua importância social. Em 2007, a editora L&PM reuniu pela primeira vez em livro, as tiras “que narram a sua tresloucada trajetória: a vida, a obra, a morte e as memórias da Rê Bordosa ao alcance do leitor...”. Essa edição em preto e branco: “Rê Bordosa do começo ao fim” foi usada por nós como a base do nosso trabalho. Também usamos as tiras coloridas do livro : “Rê Bordosa: Vida e Obra da Porrailoca” da editora Jacarandá ( 2001).



Segundo Houaiss, a palavra *Rê Bordosa*, significa confusão, alvoroço, conflito ou uma doença grave. Excluindo a doença grave, poderíamos afirmar que seu nome revela seu ser com perfeita exatidão. Mas, para sabermos exatamente de quem se trata a heroína, nada melhor do que a apresentação feita por Angeli, seu criador: “O sol nasceu para todos. Menos para *Rê Bordosa* que preferiu refugiar-se na escuridão da vida noturna. Conhaque misturado com cerveja, vodka digerida com cocaína, sexo com sentimento de culpa. Por isso, sem pestanejar, trocou seus verdes anos pelo roxo das olheiras. Era bonitinha quando menina, saborosa na adolescência e hoje usa meias para esconder as primeiras estrias. Mas, mesmo com tudo isso, não se sente diferente das outras mulheres, afinal, ir sozinha a um bar dá tanto trabalho quanto criar um filho. *Rê Bordosa* é uma junkie, um trapo humano. Sua aparência é cansada, arqueada. Nada muito limpo e nem certinho. Ela é ofegante, puída e desanimada”.<sup>24</sup>(Angeli, 2001: 4)

Angeli, inspirou-se nas meninas que freqüentavam a noite paulistana, para criar sua personagem, podendo ser definida como uma mulher liberada sexualmente, viciada, carente e desorientada. Segundo Angeli: “fiz a *Rê Bordosa* meio à semelhança dessas meninas que freqüentavam os bares que eu ia, e das mulheres que eu via na cena musical e tal. Então, ela veio prontinha: vestidinho preto, que era a coisa mais tradicional dos anos 80, botinha...”. Angeli afirma que “a personagem não começou a viver nos anos 80 e sim nos 70, tendo desabrochado “ou murchado, quem sabe” nos 80”. (Angeli,2001)

O estilo *punk* da *Rê Bordosa*, nasceu nos Estados Unidos por volta de 1975, como uma manifestação juvenil, (semelhante às manifestações da década de 1950 e 1960) com o objetivo de se afirmar mais como um estilo contestatário, do que como um movimento preocupado com questões éticas, políticas ou sociais, mas acabou se misturando a uma situação de tédio cultural e de decadência social. O movimento firmou-se como sendo um estilo de visual grosseiro, sarcástico, agressivo, portador de um humor ácido e de um profundo pessimismo.

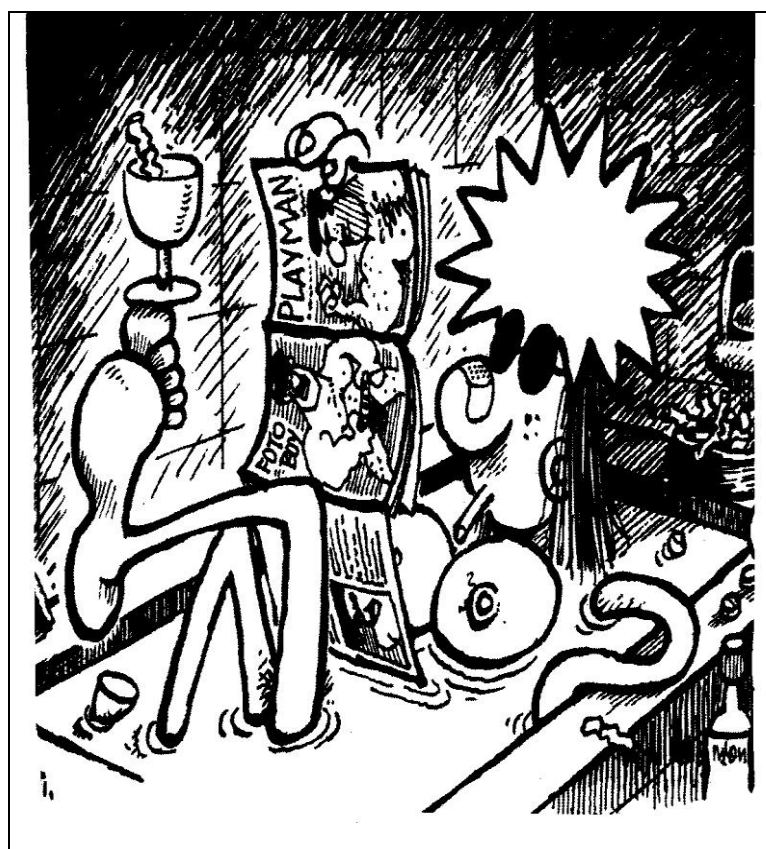
A história da *Rê Bordosa*, começa de chofre sendo apresentada já adulta ao leitor. O lugar no qual se desenrolam a maioria das suas histórias é o banheiro, lugar preferido da personagem, depois do bar. A grande obsessão da *Rê Bordosa*, além dos vícios, é viver mergulhada na banheira, não ligando para a advertência de sua mãe, que dizia que uma mulher não podia passar o resto da vida deitada numa banheira. No fundo ela própria, se preocupava de não conseguir “conviver com o mundo lá fora”. Chegou a consultar um analista por telefone, que a tranqüilizou, dizendo que esse hábito era absolutamente normal.

---

<sup>24</sup> Importante ressaltarmos que nossa visão à respeito de grupos dos movimentos da subcultura, (deixando de lado as interpretações psicanalíticas à respeito da patologia que acomete os participantes desses movimentos) para mantermos a coerência de nossa análise social, o entendemos como grupos que se tornaram sintomas de problemas estruturais e como afirma Melucci: “o importante é entender que a maneira que eles expressam os conflitos não pode ser medida em termos de uma ação “efetiva”, mas sim no desafio de reverter os códigos sociais”. (Melucci, *Nomads of the Present*,1989,58) Portanto, tanto sozinha ou identificando-se com o movimento *punk*, *Rê Bordosa* não deixa de ser um sintoma.



Rê Bordosa passa os seus dias mergulhada na água, com os seios de fora, segurando o cigarro no canto da boca. Usa sempre um brinco de argolas e cabelos arrepiados e óculos escuros, segundo o estilo *punk*. Vive grudada com um copo de vodca nas mãos, e adora ler revista pornográfica para mulheres.



Deitada na banheira, usa o telefone desde para marcar hora para um aborto,



até para encomendar pizza, cuja entrega, acaba sempre em orgias sexuais com o entregador.



É no banheiro, dentro da banheira curando uma ressaca, que ela recebe seus parentes, amigos, inimigos, conhecidos e desconhecidos, mas jamais se lembra do que fez na noite anterior.





Sonho, fantasia e realidade se misturam em sua cabeça e é comum não conseguir lembrar-se como ou com quem chegou em casa, na noite anterior.



Nos seus raríssimos momentos de autoreflexão, tem consciência que estragou sua vida e que precisa fazer algo para mudar, mas sua fraqueza, falta de vontade, o vazio que sente e o



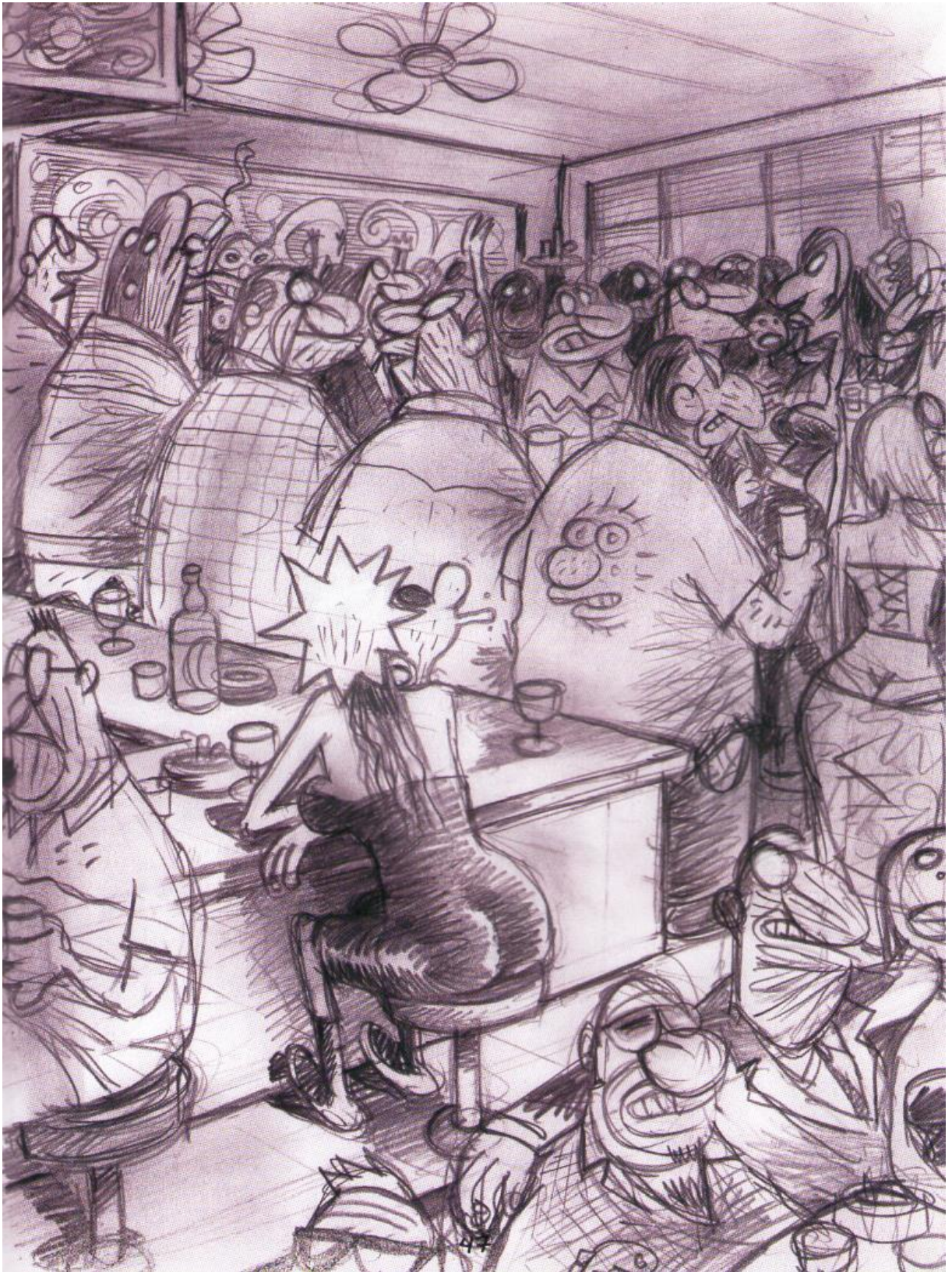


sentimento de que a vida não vale a pena, colaboram para desistir do esforço que ela precisa fazer para mudar a sua vida. Consequentemente, ela acaba sempre se entregando ao vício.



Não foram raras às vezes que a Rê Bordosa, colocou as mãos na cabeça e apelou para Deus, ao tomar consciência de que as “forças do mal” não poderiam vencer...mas basta qualquer um convidá-la para uma “noitada”, para que ela se entregar às forças do mal.







Rê Bordosa, vive de bar em bar, atormentada pela culpa. Consequentemente, é inevitável que faça comparações com a vida das outras mulheres, que cumprem com suas obrigações.



No fundo se acha uma mulher “meio torta”, por lhe faltar uma certa intimidade com as “coisas femininas” como por exemplo, com a cozinha....



Cansada de passar as noites dormindo no sofá, porque quando chega em casa está sempre tão bêbada, que não consegue andar até ao quarto, que decidiu num determinado dia fazer algumas “sérias mudanças”..... “mudar o sofá para o quarto e a cama para a sala”....



Se quando menina tinha sido bonitinha,



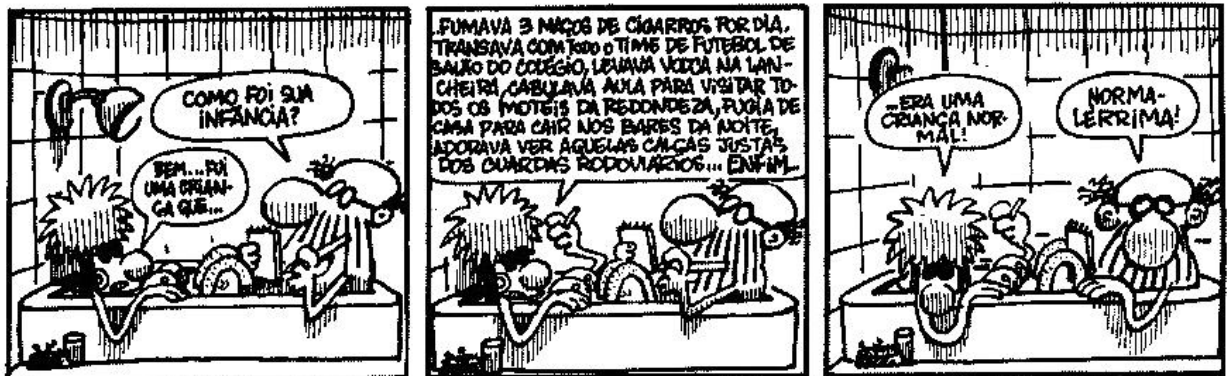
como adulta, não podemos dizer abertamente que ficou feia, até porque, tanto o belo quanto o feio são relativos aos tempos e às culturas. Como afirma Umberto Eco, corremos o risco de cometer erros de julgamento, pois segundo ele: “desde sempre se comete o erro de se estabelecer padrões definidos em relação a um modelo estável”. (Eco,2007:15) Portanto, para evitar injustiças estéticas, diremos que ela se tornou “antigraciosa”. Com um olhar que não precisa ser muito atento, rapidamente se nota que seu rosto é um tanto desarmônico, sua boca pequena e seu nariz ( substituto do falo) é grande, o que lhe confere uma imagem grotesca. Seus olhos escondidos atrás dos óculos escuros, não deixa de ser uma confissão velada ao leitor, do seu desejo de se esconder da realidade.

Pouco ou quase nada conhecemos sobre sua infância, a não ser que desde pequenininha gostava mesmo de ficar junto com os homens.





Quanto à sua adolescência, sabemos apenas o que ela contou ao analista: que “fumava três maços de cigarro por dia, transava com todo o time de futebol de salão do colégio, levava vodca na lancheira, cabulava aula para visitar todos os motéis da redondeza, fugia de casa para cair nos bares da noite, adorava ver aquelas calças justas dos guardas rodoviários”...No entanto, essa sua vida desregrada, sempre lhe pareceu absolutamente normal.



Perdeu sua virgindade em 1970, com o Dalto, estudante de direito, em 1973, conheceu um grupo de hippies e “meio que se casou” com Fred Frisco e confessava ao seu diário, que sempre teve uma queda por “caras perdidos” que em plena modernidade tardia, não eram difíceis de serem encontrados.





Em 1980, se casou com um escritor de ficção e segundo o que ela contou ao seu diário, foi com ele que ela viveu seus momentos de glória. Mas o casamento terminou quando ela vomitou nos originais inéditos. Rê Bordosa, também viveu um ano com a Marion, que era muito ciumenta, mas admitia que ela própria era muito “galinha”.



### AS TRANSFORMAÇÕES DA MODERNIDADE QUE AFETARAM O ESTILO DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE



Com sua maneira de se vestir “dark”, com o seu inseparável vestindo preto com ar de roupa comprada em brechó; seu corte de cabelo arrepiado, Rê Bordosa construiu uma figura rebelde-feminista-liberada-devoradora-de-homens. O cigarro no canto da boca lhe confere um toque masculino. Rê Bordosa é uma figura típica de uma feminista radical da sua época. Enfim, seu estilo se resume em freqüentar bares sujos, noites escuras, vícios e orgias sexuais.







Segundo ela própria, seu estilo “junky”, é mais do que simplesmente picotar o cabelo e usar óculos escuros: “é necessário se ter tempo de serviço”



Segundo Giddens, num universo social pós-tradicional organizado reflexivamente, o eu de uma forma geral, é pressionado a escolher um estilo de vida<sup>25</sup>, ou seja, os indivíduos são pressionados a escolher “um conjunto mais ou menos integrado de rotinas, que não só preencham as necessidades práticas, como dão forma material a uma narrativa particular da identidade”(Giddens,2002:79) No caso da Rê Bordosa, seu estilo não foi organizado reflexivamente, mas sim, “concebido” para fugir de si própria e bastante coerente com o seu projeto autodestrutivo e com sua incapacidade de se adaptar a um mundo em transformação. Se de um lado ela jamais quis repetir o script social materno, do outro, a ausência de um self bem constituído a empurrou para o extremo oposto:Rê Bordosa, demoliu todas as tradições, brigou com todos os rituais, carregou uma imensa culpa por tudo isso, e diante do seu vazio, optou por um caminho sem fim de autodestruição.



<sup>25</sup> “O termo “estilo de vida” é um exemplo interessante de reflexividade.O colunista do New York Time William Safire sugeriu que ele deriva dos escritos de Alfred Adler, de onde foi tomado pelos radicais nos anos 1960 e, mais ou menos ao mesmo tempo, pelos redatores de publicidade.Segundo Dennis Wrong, entretanto, a principal influência foi realmente Max Weber: “estilo de vida”, tal como associado aos estamentos no uso weberiano, se tornou termo da linguagem cotidiana”.(Giddens, 2002,79)

Embora a noção de estilo de vida possa parecer um tanto trivial, por estar muitas vezes associada à um consumismo superficial ou às imagens da propaganda, para Giddens, o estilo de vida é de grande importância por estar intimamente ligado ao processo de identidade. Na sua visão, o estilo de vida na Modernidade Reflexiva, precisa ser urgentemente revisitado, questionado e reelaborado. Para Giddens, é esta reflexão que irá possibilitar não só uma mudança pessoal como social. O estudo da identidade (e conseqüentemente o estudo à respeito do estilo de vida) tem um papel importantíssimo na obra de Giddens, pois segundo o autor: “cada uma das pequenas decisões que uma pessoa toma todos os dias, o que vestir, o que comer, como conduzir-se no trabalho, com quem se encontrar à noite, contribui para a formação de uma rotina, que expressa o estilo de cada um” (Giddens,2002:80).

Para Giddens, essas escolhas ( das menores, às mais importantes) implicam em decisões, não só sobre como agir, mas também como sobre quem ser, o que afeta diretamente a identidade”. (Giddens,2002:80). Na alta modernidade, os indivíduos passaram a “adotar” qualquer estilo, desenvolvendo hábitos diferentes de se vestir, de comer e de diversos modos de agir, não sendo essas escolhas necessariamente, frutos de reflexão. As pessoas passaram escolher o seu tipo de vida, baseando-se na moda, na mídia, na imitação de celebridades. Os estudos mostram a “construção” da identidade feita dessa maneira, além de não garantir felicidade, atinge a saúde psíquica de uma maneira violenta.

Embora, jamais tenha existido uma cultura que tivesse conseguido eliminar completamente as escolhas individuais, foi só na alta modernidade que o indivíduo se viu diante da possibilidade de escolher um estilo, em meio a uma infinita variedade. Se de um lado, a sociedade lhe concedeu tal liberdade, do outro, o Estado o abandonou à sua própria sorte, negando-lhe apoio e orientação, obrigando as pessoas a se responsabilizarem pelas suas próprias escolhas. Se para alguns, esse abandono não gerou grandes problemas, para outros como a Rê Bordosa, mais frágeis e menos preparados, foi devastador.



Enquanto, nas sociedades pré-modernas, o estilo de vida era “outorgado” pela tradição e se baseava no nascimento da pessoa ou no tipo de trabalho de seus pais ou na religião, na modernidade, pelo fato da sociedade ter rompido com a tradição, o Estado se eximiu da responsabilidade de ajudar os indivíduos a se integrarem na vida, gerando sérias e desagradáveis conseqüências .

Se reunir com um bando para cheirar cocaína, fazer sexo grupal, ser promíscuo, beber até cair, passou a ser um estilo valorizado pelos jovens à partir dos anos de 1970. As tiras da Ré Bordosa, mostram com muita frequência esses hábitos que a sociedade brasileira, como todas as outras, fazia questão de não ver ou hipocritamente ocultar.



Giddens, afirma que “quanto mais pós-tradicionais forem as situações, mais o estilo de vida terá que estar relacionado com o centro da própria identidade.”(Giddens,2002:80). Daí a necessidade de se criar e de se manter um padrão de comportamento, mais ou menos ordenado, para guiar a escolha de um estilo. Só que as escolhas precisam ser feitas à partir do autoconhecimento, porque sem isso, os indivíduos correm o grande risco de destruir o próprio *self* e de mergulharem no desespero e na depressão.







Rê Bordosa, com seu estilo “cool”, é indiferente a tudo e a todos revelando uma personalidade narcísica e egoísta. Também faz questão de ignorar as descobertas da ciência com relação aos cuidados com a saúde. Confessa que é avessa à frutas, papinhas e costuma tomar um vidro de aspirina para curar suas ressacas. Giddens, afirma: “que uma dieta rica em frutas e fibras e com pouco açúcar, gordura e álcool, não só é fisicamente benéfica, como reduz o risco das pessoas contraírem alguns tipos de doenças”. (Giddens, 2002:81) Os indiferentes, aqueles que vivem na contramão da Modernidade Reflexiva, ignoram os novos conhecimentos e consomem uma dieta pesada, gordurosa e doce, semelhante à das gerações passadas (que não possuíam o conhecimento científico). Giddens, insiste em chamar atenção para esse tipo de conduta, porque acredita que o que fará a diferença na Modernidade Reflexiva, possibilitando uma transformação da sociedade, será o comportamento diferenciado e reflexivo de cada um.



O que também influenciou e contaminou sobremaneira a construção da identidade na modernidade, foi a institucionalização da dúvida. O iluminismo obrigou os indivíduos conviverem perenemente com a dúvida, de uma forma metódica e radical, institucionalizando “o nada é certo”, até “nova ordem”, postura que colaborou com uma crescente instabilidade emocional.



Outro fator, que gerou um grande impacto na construção da identidade, foi a pluralização dos mundos de vida. Durante uma grande parte da história da humanidade, as pessoas viveram restritas a um único ambiente, no qual se misturavam trabalho, família e lazer, o que garantia a conquista de um estilo de vida sólido e consistente, propiciando segurança e estabilidade emocional. A partir da separação do espaço público do privado, nasceu uma multiplicidade de ambientes, os quais as pessoas passaram a frequentar todos os dias, compatíveis ou não, com suas crenças. Mas, à medida que as sociedades se modernizaram, os ambientes passaram a se multiplicar, aumentando o medo e as inseguranças das pessoas, que acabaram ficando expostas à vários “mundos” diferentes e muitas vezes despreparadas para enfrentá-los, sem se deixarem abalar.

Rê Bordosa, é um exemplo clássico de quem não conseguiu se encaixar em nenhum ambiente. Embora tenha deixado claro sua infelicidade por viver assim, chegando algumas vezes, até pensar em mudar de vida, trocando os ambientes de volúpia e prazer, por um ambiente mais saudável: um convento de freiras, por exemplo. Desnecessário dizer que nunca colocou em prática essa idéia.

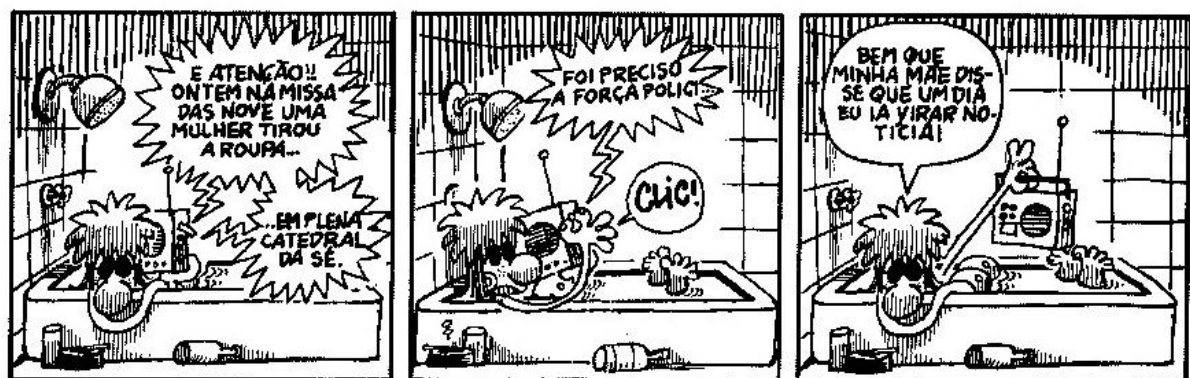


e que jamais mudou sua personalidade..





Seu maior objetivo foi viver em ambientes que não impusessem limites, que não tivessem censura e que não exigissem nenhuma responsabilidade.



A invenção da mídia, também teve um grande papel na influência da construção do self de homens e mulheres contemporâneos.



A crescente globalização da mídia, não só tornou possível a um número cada vez mais significativo de pessoas o “acesso” a uma infinidade de “mundos” diferentes, como estimulou e estimula crianças, jovens e adultos imitarem aqueles que a própria mídia transformou em notícia: cantores, artistas, astros e estrelas de cinema, atletas e todos os tipos de celebridades. A mídia oferece aos seus seguidores o “efeito colagem”, uma justaposição tosca de imagens, histórias e estilos de vida sem nenhuma coerência e sem nada em comum entre elas, impossibilitando dessa maneira, a construção de uma sólida narrativa. Embora, sem a menor familiaridade com os cenários e histórias veiculadas pela mídia, as pessoas imitam o estilo dessas celebridades, construindo suas identidades como quem costura uma colcha de retalhos: o jeito de falar de um artista, o cabelo de um cantor(a), a roupa de uma estrela de cinema e assim por diante. As pessoas passaram a “construir” seus estilos à partir de cada nova edição de revista ou a cada novo programa de televisão.

Meyerowitz afirma que a mídia, principalmente a eletrônica, altera a “geografia situacional” transformando os indivíduos em “audiências diretas” de performances que acontecem em outros lugares. O resultado disso, é a ausência da ligação tradicional entre “ambiente físico” e “situação social”, criando uma experiência esquizofrênica. Embora seja possível construir semelhanças entre as situações sociais divulgadas pela mídia e as experiências do dia a dia, o mesmo não se pode afirmar com relação às diferenças, cuja riqueza e diversidade foram completamente solapadas, na medida em que, a experiência social já vem pré-construída <sup>26</sup>, o que acarreta um grande prejuízo, não só para a construção da identidade, como também para o seu desenvolvimento.

A influência dos acontecimentos distantes sobre os eventos próximos, é uma das características mais marcantes da alta modernidade, responsável pelo impacto sobre o *self*, interferindo diretamente sobre a questão da identidade e sobre a organização das relações sociais. Hoje, o que se assiste, é cada vez mais uma interpenetração entre o autodesenvolvimento e o sistema global, o que nos obrigará dentro em breve, segundo Giddens, estudar cada acontecimento pessoal, simultaneamente com o que estiver acontecendo no mundo.

<sup>26</sup> Sobre assunto pesquisar Meyerowitz, in Giddens, 2002:83

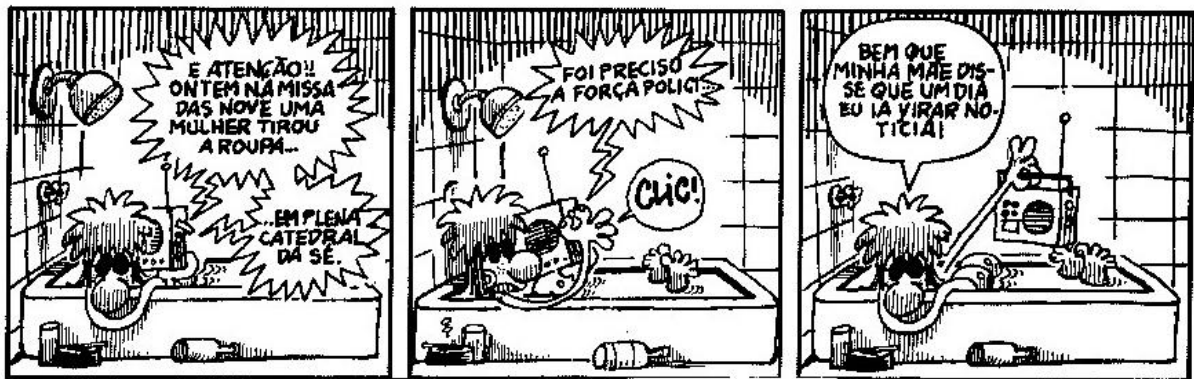


## TRIBULAÇÕES DO EU

A guerra de notícias e informações, criada pela mídia, se associa a uma constante guerra interior, que Lipovetsky chama de desenvolvimento do Sobre-Eu, que se refere ao fenômeno da modernidade tardia, do poder e fascínio que as celebridades exercem sobre as pessoas. Através do encorajamento da mídia, pessoas comuns, crianças, adolescentes e jovens, se identificam com as celebridades, alimentando o sonho de um dia poderem ser celebridades, conseguindo glória, dinheiro, fama e sucesso. Dificilmente essa fantasia se realiza e o resultado é que essas pessoas passam a odiar fazer parte do rebanho, ficando cada vez mais complicado e difícil, aceitarem a banalidade das suas vidas cotidianas.

Tendo como parâmetro o sucesso, as pessoas desenvolvem um hábito destrutivo, que é o da autocrítica implacável que atinge de uma maneira frontal e “fatal”, a construção da própria identidade. Lipovetsky afirma que a sociedade narcísica-midiática: “ativa o desenvolvimento de ambições desmesuradas e torna suas realizações impossíveis, favorecendo a autodepreciação e o desprezo por si mesmo (Lipovetsky, 2005:53). De uma certa maneira, mesmo que a sociedade seja tolerante e indulgente superficialmente com essas ambições, as pessoas não deixam de sentir ansiedade e incerteza, enquanto a frustração se multiplica. Rê Bordosa, embora de vez em quando se sinta uma barata, não deixa de ficar feliz quando vira notícia, mesmo sendo em nota policial.





E ATENÇÃO PARA O GOLE DE OITO SEGUNDOS...CHOF...CHOF...CHOF...

# A LOUCA NO AR!



O momento de glória para Rê Bordosa, foi quando apareceu na televisão, para dar uma entrevista...





Por volta dos anos 1960, paralelamente ao poder da mídia, o surrealismo decretou que todas as pessoas tinham a obrigação de viver um prazer perpétuo e num estado permanente de felicidade, criando a utopia de que o tédio deveria ser abolido definitivamente. O objetivo



era transformar todos os dias em instantes de intenso prazer e permanente felicidade, transmutando o cotidiano num caldeirão efervescente de satisfação. Com o passar do tempo, quando esse estilo de vida se mostrou inviável e a realidade se impôs nua e crua, as pessoas que tinham acreditado nisso, caíram numa profunda depressão.

A história da Rê Bordosa, é a historia de um momento da sociedade ocidental, chamado de “era da abundancia”, no qual as pessoas viviam a vida como se o mundo fosse um parque de diversão e acreditavam que o rock, o sexo e as drogas, haviam inaugurado um mundo de sonho e de libertação e que a reflexão era inútil e desnecessária, sendo que o mais importante era ignorar o próprio *self*. Para essas pessoas, que não eram a minoria, os rumos do mundo não despertavam nenhum interesse. O que contava era mergulhar suas vidas no caos de uma modernidade, que já estava em descontrole.

O descontrole do mundo se refletia na vida das pessoas, levando-as ao descontrole pessoal. Sempre alcoolizada, Rê Bordosa, não conseguia andar na rua sem desviar de um poste, geralmente ia se grudando neles até chegar em casa. Numa dessas vezes, escutou uma voz familiar. Era Cosmo, o seu amigo de balada, de prazeres e diversão, embora disposto a ajudá-la, estava também muito bêbado. Quando Rê Bordosa, perguntou o que ele estava fazendo, sua resposta foi: “tô largado por aí”



Rê Bordosa foi sem dúvida uma das primeiras a se converter à pregação de que o prazer deveria ser conquistado à qualquer preço, em qualquer lugar e de qualquer jeito, sem ao menos avaliar qual seria o seu preço.



As pessoas além de descobrirem que o prazer intenso e permanente era impossível, também não conseguiram escapar da depressão e para sobreviverem optaram por um estado de pura indiferença. Nos anos de 1970, nos países desenvolvidos, a democracia<sup>27</sup> foi transplantada

<sup>27</sup> Período de ditadura no Brasil, instaurada com a “desculpa” de resguardar a democracia.



para a vida pessoal, passando a serem aceitos os mais diferentes gostos, os comportamentos mais estranhos, qualquer maneira de se vestir por mais esquisita que fosse. A liberdade passou a ser exercida em todos os níveis. Como consequência, nasceu um tipo de “ética”, que pregava que todos deveriam conviver de uma forma pacífica com essa verdadeira Babel de estilos. Já no fim dos anos setenta, o resultado dessa extrema aceitação, foi o nascimento de um tempo desvitalizado, desenergizado, sem referências maiores e sem nenhuma coordenação, tempos de tédio, em que a indiferença se impôs, ao lado de um ideário individualista.



## A INDIFERENÇA

A desmotivação pela *res publica* foi acompanhada por inúmeros sinais visíveis de indiferença, acompanhada de uma crescente desestabilização. Para Lipovetsky: “a descontração dos relacionamentos interindividuais, o culto ao natural, a freqüência cada vez maior de casais livres<sup>28</sup>, a erupção de divórcios, a rapidez das mudanças de gostos, valores e aspirações, na ética tolerante e permissiva”(Lipovetsky, 2005:88) acabaram provocando “ explosões de síndromes psicopatológicas, de estresse, e de depressão[...]”(Lipovetsky, 2005:88). Lipovetsky faz menção aos diagnósticos e estatísticas médicas realizadas no final do século XX : “ em quatro indivíduos, um sofrerá no decorrer da vida de uma profunda depressão nervosa; em cinco alemães, um faz tratamento de perturbações psicológicas, sendo que, de cada dez pessoas, uma sofre de perturbações de sono.”(Lipovetsky, 2005:88)

Para muitos autores, a desestabilização emocional foi o resultado do estilo “cool”<sup>29</sup> em voga, o qual aceitava de uma maneira exagerada a coexistência pacífica dos contrastes, fazendo com que as pessoas perdessem o sentido do certo e do errado. Para Lipovetsky, o “homem cool” da modernidade tardia : “não é como o decadente pessimista de Nietzsche, nem como o trabalhador oprimido de Marx, mas se parece mais com o indivíduo que tenta “assistir” um programa noturno de televisão e muda de canal um após o outro”.(Lipovetsky, 2005:24) Se para Marx, a alienação era resultante da mecanização do trabalho, na contemporaneidade, a alienação e apatia dos indivíduos se devem ao cardápio variado de maneiras de se viver. A

<sup>28</sup> “casais livres”, expressão usada pelo autor, nas décadas de 1960 e 1970 significava que a fidelidade passou a ser um item dispensado pelos cônjuges e como era um acordo entre as partes, as relações extra conjugais não eram vividas em segredo. Outro nome que esse tipo de relacionamento passou a ser chamado era “casamento aberto”

<sup>29</sup> leia-se, indiferente

maioria optou por um “self service” generalizado, patrocinado pela industrialização, cujo principal objetivo tem sido manter o indivíduo distante da realidade.



Rê Bordosa pegou carona nesse “movimento” e viveu indiferente à tudo e à todos. À medida em que ela foi demolindo partes do seu “status” tradicional, também foi deixando de construir uma nova identidade. Na modernidade tardia, até mesmo a identidade relativamente homogênea do sexo, acabou sendo substituída por indivíduos híbridos e cada vez mais alienados. Segundo Lasch, troca-se a identidade “por combinações até então improváveis de atividade e de passividade, por miríades de seres híbridos sem laços fortes de grupo, e a identidade pessoal se torna problemática, é o ser si mesmo, para além das oposições constituídas do mundo do sexo, que passa a ser o desafio do neofeminismo”(Lasch, 1995:35)



A sedução feminina, histórica ou velada, cedeu lugar a uma autosedução narcísica, onde homens e mulheres passaram a participar igualmente de uma espécie de sedução transexual, completamente separada das respectivas atribuições do próprio sexo. Para alguns autores, o feminismo acabou se transformando mais numa máquina de despadronização do sexo, especializada na reprodução do narcisismo, do que na busca do que “deve ser” uma mulher.





Rê Bordosa no fundo, perdida em meio à tanta liberdade, muitas vezes chegou a pensar que se talvez tivesse realizado o desejo materno, que era se casar e ter filhos, talvez tivesse sido a solução, para dar jeito na sua vida. Então, decidiu se casar com um dos seus parceiros de orgia sexual, mesmo sem saber o seu nome. Decisão tomada, pegou o telefone e comunicou a notícia à sua mãe. Rê Bordosa tentou várias saídas para resolver sua infelicidade, mas não encontrou nenhuma que fosse genuína e restauradora.



## RETORNO DO RECALCADO: SEXO E FEMINISMO

Seguindo e segundo os ditames da época, Rê Bordosa colecionou abundantemente ao longo de sua vida, “casos” com homens e mulheres de vários tipos, cores, raças e profissões. Teve aventuras com homens baixos e gordos, depressivos, infantis, rabugentos, idealistas. Com garotos adolescentes, jogadores de boxer, homens delicados, mulheres diferentes, pessoas nefastas e homens inseguros, saindo grávida de algumas dessas aventuras.



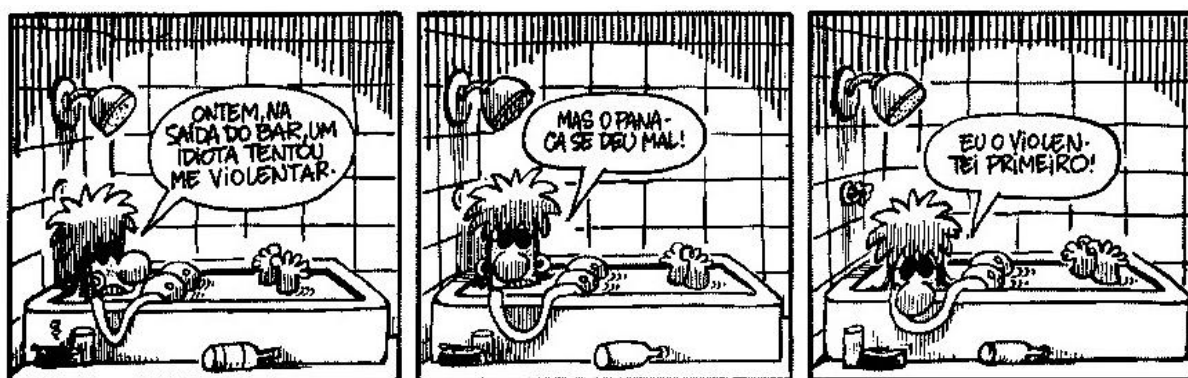
Sua vida desregrada e promíscua, não era segredo para ninguém, muito menos para sua mãe.



Seu comportamento sexual, como o de milhares de pessoas, é uma espécie de retorno do recalado, no qual a sexualidade é transformada num dos principais elementos da busca pela intimidade. Mas, no entanto, na medida em que a sexualidade rompeu com todas as restrições e se separou da procriação, acabou afastando as pessoas da possibilidade de viverem uma experiência capaz de transcender o próprio sexo, e como afirma Giddens: “afastou os indivíduos dos processos cósmicos da vida e da morte, se transformando hoje, numa fonte muito maior de angustia do que de prazer”. (Giddens, 2002:121)



O sexo, na opinião de alguns autores, se tornou político, na medida em que o feminismo transformou a relação com o homem, numa relação de poder, afetando diretamente o processo de sedução. O que é lamentável, pois a sedução como afirma Lipovetsky: “ amplia o ser-sujeito, conferindo dignidade e integridade ao corpo, que antes era ocultado” (Lipovetsky, 2005:13) Só que na modernidade tardia, a liberdade do sexo e a exposição do corpo, se transformou em pornografia.



Hoje, ironicamente, as feministas se juntam aos moralistas e denunciam a inflação erótica e o crescimento da pornografia, como um ultraje à mulher, por reduzi-la a mero objeto sexual.

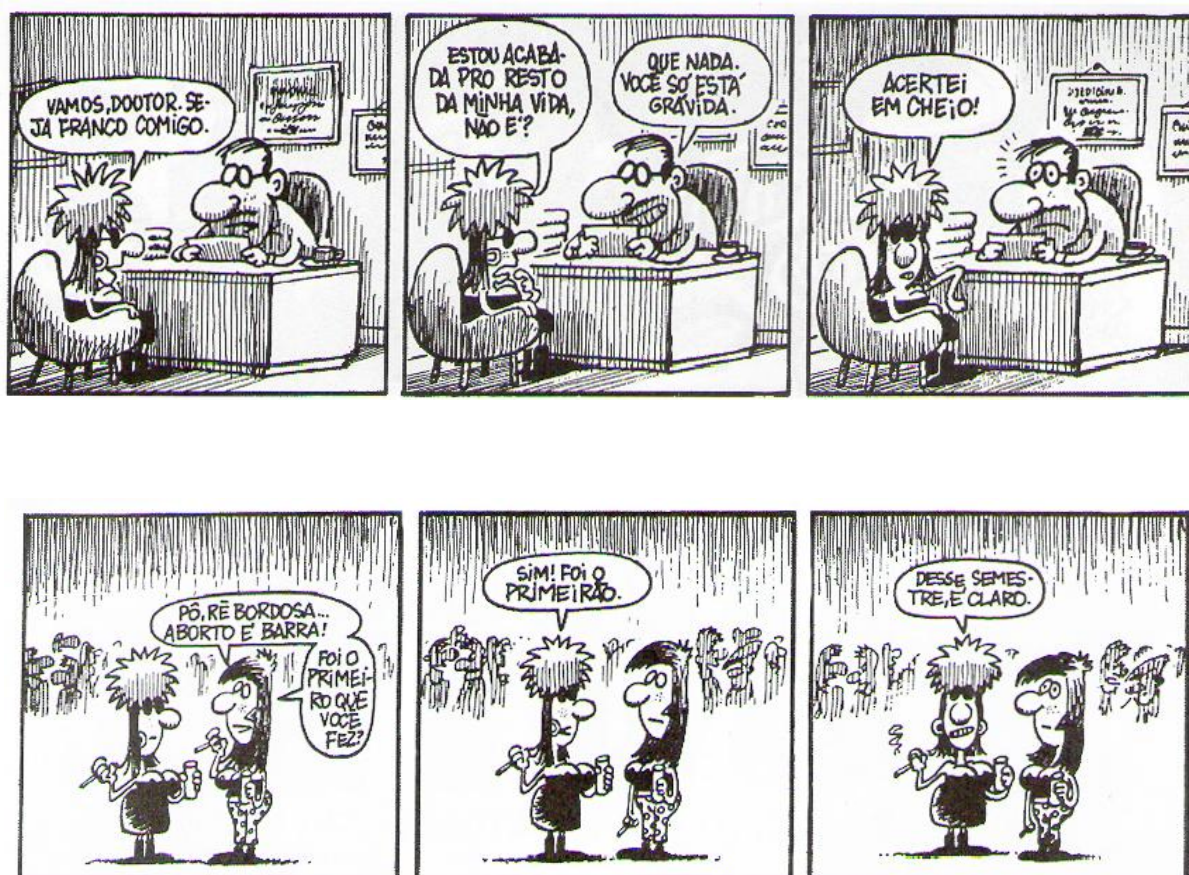
Como a ordem atual é ver tudo, fazer tudo, dizer tudo, a empresa do sexo propaga a livre utilização do corpo, transformando a pornografia num item necessário na composição do movimento de liberação sexual. Nesse “self service” libidinal, o corpo e o sexo se tornaram instrumentos de subjetivação. Foi à partir da liberdade sexual, que se estabeleceu uma espécie de lei, a qual define que tudo que se assemelhe à imobilidade ou estabilidade deve desaparecer em proveito da experimentação e da iniciativa. Desta maneira, como afirma Lipovetsky: “produzimos um sujeito não mais pela disciplina, mas ,sim, pela personalização do corpo e pela égide do sexo[....]”(Lipovetsky, 2005:13)





O feminismo, ainda hoje luta em vários países do ocidente pelo direito ao aborto, movimento este, que faz parte do processo de personalização e de reflexão da alta modernidade. As recentes campanhas contra o estupro e contra os abusos cometidos com a mulher casada, revelam a autoconsciência, que busca canais com a sociedade através de pequenos grupos de autoajuda, nos quais as mulheres se escutam, se analisam, refletem e conversam à respeito de seus corpos e dos seus desejos.

A quantidade de abortos feitos pela Rê Bordosa, revelam sua falta de reflexão e a falta de cuidado consigo mesma, sendo no fundo uma forma de autodestruição, comum numa época na qual o sexo era praticado de uma maneira promíscua e sem responsabilidade, até o aparecimento da AIDS.







Por algum tempo, a AIDS, mudou o comportamento sexual das pessoas, por ter sido uma das mais graves epidemias do século XX. A quantidade de mortes causadas por essa doença, deixou claro para todos, que a modernidade tinha se tornado uma sociedade de risco.



A ironia é que a Rê Bordosa lutou anos pela liberdade sexual e de repente, com medo da contaminação, passou tomar todas as precauções possíveis,





chegando até  
a pensar novamente, que a solução seria entrar para um convento de freiras.





## QUESTÕES SOBRE A MULHER

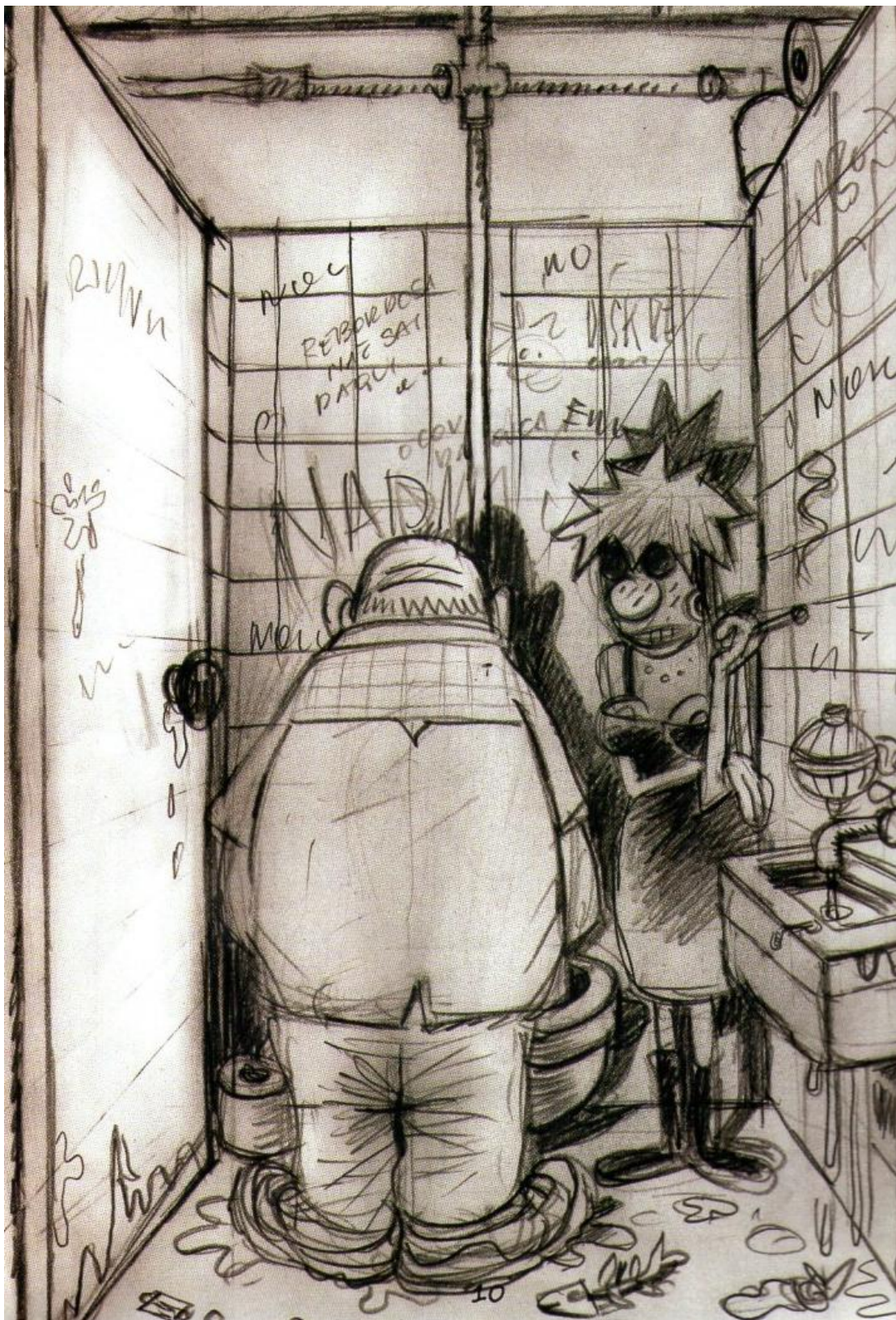
Na década de 1980, a discussão sobre os direitos da mulher frequentava de “botecos” a Academia, à despeito de mulheres como a Rê Bordosa, não terem a menor idéia do que significava ser mulher numa sociedade em constante transformação. Na dúvida, as feministas começaram a mimetizar o comportamento masculino. No caso da Rê Bordosa, ela mesma dizia que apesar de não ter sido a filha que sua mãe gostaria de ter tido, ela foi o filho que sua mãe nunca teve. Numa de suas inúmeras tentativas de suicídio, desabafou: “aos 13 anos já namorava todos os rapazes da rua, aos 17, circulava pelos bares da noite, aos 20 era a rainha dos motéis”.





Nossa heroína entrava nos banheiros masculinos sem a menor cerimônia e sem nenhum pudor, fazia questão de urinar de pé, demonstrando sua rebeldia. Simone de Beauvoir, na sua obra o “*Segundo Sexo*”, cita diversos países cuja cultura determina que os homens urinem sentados e as mulheres de pé. A autora via o hábito das mulheres se agacharem, como um dos múltiplos sinais da dominação masculina na sociedade ocidental, dizendo: “para a menina essa é uma das mais impressionantes diferenciações sexuais, a menina precisa agachar-se, despir-se e portanto esconder-se, se tratando de uma espécie de “servidão vergonhosa e incomoda””. (Beauvoir, 1949:15,vol2)





Até hoje, várias questões do feminismo não foram resolvidas e o futuro das mulheres em todo o mundo ocidental, seu papéis e tarefas, continuam um ponto de interrogação. Tanto



que para Giddens, refletir sobre o feminismo e seus desdobramentos, se constitui num dos temas mais importantes do século XXI.

## O CORPO COMO OBJETO DE REFLEXÃO

Para Giddens, uma das grandes conquistas da Modernidade Reflexiva, foi o corpo ter se tornado reflexivo, resultado da liberação sexual. As dietas e a preocupação com a sensualidade, abriram o caminho para uma constante reflexão, em que a pluralidade de escolhas de estilos de vida, as opções sexuais e logicamente o cuidado com o corpo, passaram a ser respeitadas.

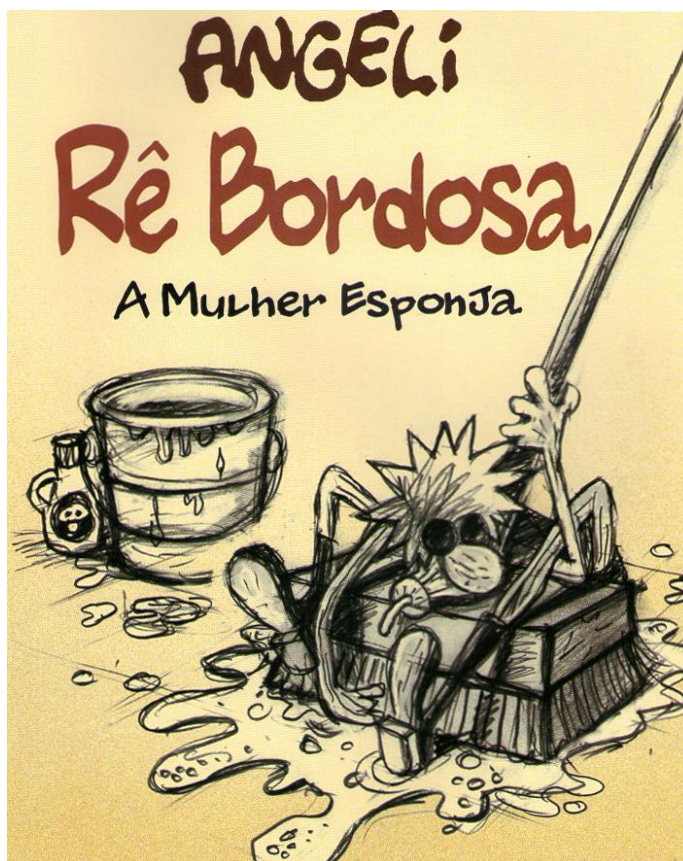


Do ponto de vista de Giddens, seria uma grande miopia ver o fenômeno do cuidado com o corpo, apenas como resultado de novos ideais frívolos, ligados à aparência corporal, beleza, elegância e juventude, ou como algo típico de uma sociedade mercantilista, para vender mais produto. Mas sim, foi a própria reflexividade, que as pessoas: “se tornassem responsáveis pelo desenho do próprio corpo.”(Giddens, 2005:97). Giddens, acredita que quanto mais pós-tradicionais e reflexivas forem as sociedades, existe uma grande chance de que o cuidado com o corpo, se transforme num dos principais hábitos.



A reflexão com relação ao corpo está intimamente ligada à manutenção daquilo que Giddens chama de casulo protetor<sup>30</sup>, uma espécie de “rede de proteção”, que as pessoas desenvolvem em torno do próprio *self*. Portanto, o cuidado com o corpo não se trata de narcisismo, mas uma legítima e necessária preocupação, que faz com que as pessoas possam ter uma vida equilibrada.

Quase todas as atividades que as pessoas realizam com facilidade, algum dia, requereu um grande esforço. Caminhar, atravessar uma rua, pronunciar uma frase completa, amarrar os sapatos, foram treinamentos, que à despeito das primeiras vezes terem causado até calafrios, permitiram o indivíduo ter uma *performance* competente. Ao fim e ao cabo, todas essas habilidades foram introjetadas pelas pessoas e se tornaram automáticas. Em função disso, Giddens, defende a idéia de que à partir do momento em que as pessoas ao longo da vida, forem sendo capazes de entender e dominar a linguagem do próprio corpo, elas estarão aptas para enfrentarem as mais diversas situações. A prova disso é a Rê Bordosa, que por sentir seu corpo frágil, não consegue enfrentar a vida.



Rê Bordosa, além de jamais conhecer seu corpo, nunca teve habilidade com ele. Ao contrário, como a maioria das pessoas da sua época, além de desprezá-lo, o maltrata com drogas, desconhecendo sua importância para o equilíbrio emocional.

---

<sup>30</sup> Giddens chama de “casulo protetor”, a aquisição de uma espécie de inoculação emocional que o indivíduo adquire contra as ansiedades existências. O casulo protetor é adquirido através da confiança que a criança passa a ter nas pessoas que cuidam dela.





É importante que na Modernidade Reflexiva, as pessoas conheçam o próprio corpo e aprendam a escutar o seu alarme, para poderem agir de maneira adequada. Adquirir essa habilidade, significa evitar doenças e ter a liberdade e tempo suficientes para escolher qual o melhor tratamento, em caso de necessidade. Mas, o mais importante, é a possibilidade de construir um psiquismo forte, à partir de um corpo saudável.

Rê Bordosa, caminha na direção inversa e confessa ao seu diário: “Sabe, diário? Como você já deve ter notado , eu gosto de me entupir...” Para ela se entupir, significa cheirar cocaína, fumar maconha, beber bebidas alcoólicas, ingerir barbitúricos e comer um Big Mac.



O “sentido do corpo” envolve também o “cuidado com o corpo”, que só será conquistado através da autoreflexão. “Ouvir o corpo” significa captar os sinais que avisam que alguma coisa está errada. O cuidado com o corpo, produz a “força do corpo” (Giddens, 2005) que é a capacidade que o corpo adquire, se bem cuidado, de enfrentar os pequenos sintomas sem recorrer ao uso de remédios, como também a capacidade de obter uma crescente vitalidade , (força) capaz de evitar doenças graves.





Sem vitalidade, sem força e cada vez mais desesperada e sozinha, Rê Bordosa, adoece por causa das drogas e da solidão.



O corpo exerce o duplo papel: como meio através do qual o indivíduo mantém a sua biografia (consequentemente sua identidade) e como um instrumento que possibilita o indivíduo exibir um eu “corporificado”. Portanto, apenas os indivíduos que possuem o que Giddens, chama de “integridade corporal”, são capazes de lidar simultaneamente com esses dois aspectos. Tanto que, uma das maiores conquistas do ser humano, é ser capaz de possuir um eu que esteja ligado “ao” corpo de uma forma segura, e ao mesmo tempo levar em consideração a apreciação que os outros fazem dele. Hoje, o que se observa, é que as pessoas sentem uma profunda indiferença com relação à apreciação que os outros fazem à respeito delas.



Para que exista uma coerência entre o eu e o corpo, que possibilite o indivíduo conquistar um sentimento perene de segurança ontológica, é necessário que haja a união do que Goffman chamou de “aparência normal” com a narrativa biográfica. Embora todas as culturas exijam que o indivíduo faça uma nítida separação entre sua identidade e sua “*persona*”<sup>31</sup> social, ou seja, entre sua identidade e suas “*performances*” sociais, o indivíduo jamais pode perder a consciência, de que suas “*performances*” são artificiais. Colocando de outra maneira, a pessoa sadia psiquicamente, que conquistou e sabe manejar perfeitamente o seu eu no corpo e na cultura, e que possui o sentimento de segurança ontológica, jamais perde o controle sobre suas farsas sociais. Giddens cita o exemplo de: “um marido que para esconder de sua mulher, que está tendo um caso e que planeja se divorciar, estabelece novas rotinas, obviamente falsas, e passa a encená-las, agindo como se nada tivesse acontecido. Esse indivíduo, mantém o controle sobre a farsa do bom marido, para não comprometer a imagem que ele tem de si, e nem a imagem que os outros tem dele”.(Giddens,2005:59) Mas, por outro lado, se tudo o que a pessoa vier a fazer se transformar em farsa, existem grandes chances de que ela sofra uma severa dissociação psíquica, e seja condenada a viver o que Laing chama de um eu “sem corpo” ou segundo Winnicott, viver um “falso eu”.

Hoje, as pessoas estão vivendo cada vez mais distantes do seu próprio self, vivendo vidas emprestadas ou imitadas, e cada vez mais se valendo de “*performances*” sociais. A grande preocupação de Giddens é que as pessoas acabem vivendo um eu “sem corpo” (experiência válida apenas, quando se trata de êxtase religioso, o que é aceito e até mesmo valorizado pelas grandes religiões). Quando essa dissociação acontece, sem ter sido desejada e fora de um contexto religioso, ela causa no indivíduo um quadro de severa ansiedade, que irá interferir diretamente na sua própria identidade, como acontece nos surtos psicóticos e com as pessoas viciadas em drogas.

---

<sup>31</sup> A palavra Persona, é usada para designar um papel social ou um personagem representado por uma ator. A origem do nome é italiano que por sua vez deriva do latim, que significa uma mascara através da qual ecoa a voz do ator( per sonare, significando “o som através de”) A palavra latina deriva provavelmente do etrusco “phersu”, cujo significado é o mesmo da palavra grega πρόσωπον <http://en.wikipedia.org/wiki/Persona>



**RÊ BORDOSA**  
em  
**DELIRIUM  
TREMENS**  
por  
**ANGELI**





## SEXUALIDADE E SAÚDE: DOMÍNIOS DA REFLEXIVIDADE

Para Bruckner, existem dois domínios privilegiados de beatitude que fazem parte da reflexividade : a sexualidade e a saúde. Além de serem mensuráveis, tornaram-se objetos de contínua atenção. Segundo o autor: “o prazer erótico não é somente uma velha audácia que a liberalização de costumes transformou em banalidade, mas é a única coisa com a qual os seres humanos podem contar e que lhes permite converter em quantidades memoráveis as emoções fugidias que experimentam. Eros tem de particular o fato de tornar o amor calculável e submetê-lo ao poder da matemática, fazendo com que os amantes examinem a própria felicidade e se perguntem: estamos à altura?(Bruckner,2002:64) Mas, ao mesmo tempo que Giddens afirma, que a preocupação com o corpo é muito importante, não podemos deixar de mencionar a obsessão com a saúde, fenômeno contemporâneo, que transformou a vida despreocupada dos nossos antepassados, numa preocupação que se divide não mais entre os sabores e prazeres, mas no que é ou não saudável.



Segundo Bruckner : “a mesa não é mais somente o altar das suculências, um momento de partilha e de trocas, mas virou um balcão de farmácia onde se pesam minuciosamente, gorduras e calorias, onde se mastigam com consciência alimentos que passaram a ser agora apenas remédios. É preciso beber vinho não por prazer, mas para reforçar a elasticidade das artérias, comer pão integral para acelerar o transito intestinal e assim por diante” (Bruckner,2002:65)

Se de um lado, o corpo vem sendo monitorado através da comida, do outro, ele nunca esteve mais livre. A modernidade tardia libertou o corpo de todas as amarras, seja as do sexo, as das praias, das ruas, das danceterias, de uma maneira tal que nem mesmo as décadas de 1960 e 1970 conseguiram fazer. Com o *rock* e com o *twist*, o corpo ainda se submetia a certas regras, mas com o *jerk*<sup>32</sup>, desapareceu qualquer obrigatoriedade, sendo um sinal concreto dessa emancipação. Segundo Lipovetisky, no *jerk* “o corpo tem apenas que se expressar e se tornar, a exemplo do Inconsciente, uma linguagem singular. Sob os refletores das danceterias gravitam pessoas autônomas, seres ativos, ninguém convida ninguém para dançar, as moças não tomam mais “chás de cadeira” e os “bonitões” já não monopolizam a iniciativa. Restam

<sup>32</sup> Termo em inglês que significa movimentos corporais(musculares) rápidos

apenas as mônadas silenciosas, cujas trajetórias aleatórias se cruzam em uma dinâmica de grupo, amordaçadas pelo feitiço das vibrações sonoras... “(Lipovetisky, 2005:13)



A vida hoje ou a duração dela, em função da conquista da liberdade do corpo que fez dele algo muito precioso, levou os cientistas investirem muito tempo e dinheiro para afastar a morte, ganhar tempo e empurrar o envelhecimento para depois dos 90anos. Embora esse seja o “clima”da modernidade, existem aqueles que como a Rê Bordosa, não ligam para a vida.

## SUICÍDIO: A CONTRAMÃO DA REFLEXIVIDADE

Depressão e medos criaram uma fórmula explosiva para Rê Bordosa, servindo de gatilho para as suas várias tentativas de suicídio. Sem marido e filhos, que dessem sentido à sua vida (nas suas próprias palavras), pular do parapeito da janela ou tentar pular, jamais foi uma decisão difícil, até porque, ela sempre mudava de idéia na última hora.

Na sociedade de massa, o suicídio se transformou em algo tão banalizado, como a fadiga e a depressão. Com o hábito instaurado da absorção de barbitúricos, o número de tentativas fracassadas aumentou muito, fazendo parte de um processo pessoal de indeterminação, no qual o indivíduo alterna sem grandes justificativas, tanto o desejo de viver como o de morrer. Segundo Lipovetsky: “ um grande número de suicidas consomem remédios de seus armarinhos, para em seguida procurar ajuda médica. O suicídio perdeu seu radicalismo, tornou-se irreal no momento em que os pontos de referência individuais e sociais se diluíram, e o próprio real se esvaziou da sua substância pesada e se identificou a um espetáculo programado”. (Lipovetsky,2005: 182).



A liquefação do desejo de aniquilamento, é uma das faces do neonarcisismo, ligada à desestruturação e a dessubstancialização voluntária do self. De fato, quando o indivíduo vive um alto grau de narcisismo, a origem do suicídio tem muito mais a ver com uma depressão efêmera, do que com um definitivo desespero existencial.

Nas sociedades pós-tradicionais, as pessoas que vivem como a Rê Bordosa, tentam o suicídio num gesto teatral vazio, sem vontade de morrer de fato, e se parece “um pouco como esses crimes entre vizinhos, em que se mata mais para se desembaraçar de uma poluição sonora, do que por uma determinação de causar a morte”. (Lipovetsky, 2005: 182). Hoje, a violência consigo mesmo e com os outros está tão banalizada, que jovens marginais trocam tiros por causa de um comentário que não gostaram, matam para roubar uma entrada de cinema ou então fazem como uma jovem, na Flórida, que em janeiro de 2011 matou seu bebe, porque seu choro estava atrapalhando ela jogar o *farm ville*<sup>33</sup>, no seu computador.

Em todos os países desenvolvidos, a elevação da taxa de suicídio sem mortes dá a dimensão da natureza suicida das nossas sociedades pós-modernas, cujas pesquisas mostram, ser muito mais alta do que nas épocas autoritárias. A epidemia de suicídio é assustadora, e parece que não irá abaixar tão cedo, devido ao aumento significativo da tendência moderna à autodestruição. Além disso, a acentuação de um individualismo cada vez mais exacerbado, cria um tipo de personalidade frágil, incapaz de enfrentar a “prova do real” através da reflexão. A fragilidade e vulnerabilidade, expressões de um indivíduo desintegrado, resulta da falta de investimento no *self*, que conduz o indivíduo ao tédio. Sendo que a falta de sentido de vida, já se transformou num flagelo endêmico.

Num sistema “descaracterizado”, um simples acontecimento, um nada, pode causar uma grande desestabilização. O indivíduo caminha sozinho nessa sociedade pós-tradicional, sem nenhum apoio e cada vez mais vulnerável. Para Lipovetsky, a depressão generalizada se trata de Narciso em busca de si mesmo. Sempre obcecado por si mesmo e conseqüentemente suscetível de se enfraquecer ou de se desmoronar a qualquer momento, por não ter a força interior suficiente, para enfrentar a adversidade. O “homem narcísico, descontraído, está desarmado. Os problemas pessoais assumem, assim, dimensões desmesuradas. O que hoje em dia, não está sujeito à dramatização e ao estresse? Envelhecer, engordar, enfeiar, dormir, educar os filhos, sair de férias... tudo se transforma em problema”. (Lipovetsky, 2005:29)

O narcisismo impede a autorealização, porque esta só pode ser obtida através de um equilíbrio entre aproveitar as oportunidades que a modernidade tardia oferece e o aprendizado em evitar os riscos. Esse equilíbrio só pode ser obtido por aquelas pessoas que conseguiram se libertar do seu passado e de seus hábitos opressivos. Infelizmente a Rê Bordosa, e todos que se identificam com ela, estão muito longe de conseguir tal equilíbrio.

---

<sup>33</sup> noticias.uol.com.br-album-101028

## DILEMAS DA MODERNIDADE REFLEXIVA

Pelo fato de não conseguir lidar com os seus problemas, Rê Bordosa recorre sempre ao seu único amigo, o Juvenal, que é o garçom do bar que ela mais frequenta. Juvenal, na verdade, é a sua única salvação,



quando ela não consegue fazer com que seus problemas desapareçam magicamente.



Seu diálogo interno é torturante e cheio de culpa. Acredita piamente que foi condenada à infelicidade perpétua, por não ter realizado o papel de esposa e mãe. Por mais que ela rejeite tudo que seja tradicional em sua vida, o peso da tradição aparece ao longo de sua história, espelhando também a angústia daqueles que romperam com ela e vivem perdidos numa modernidade, que não criou nenhuma saída para além das rupturas.





Rê Bordosa, numa das inúmeras vezes que tentou o suicídio, chegou à conclusão que se tivesse assistido novela, cozinhado e trocado fraldas, já teria se matado há muito tempo. Super individualista, Rê Bordosa, sofre dos mais graves problemas afetivos e à medida em que suas histórias evoluem, podemos notar na sua vida, uma lenta dissolução de referências maiores. Rê Bordosa, ainda é um exemplo perfeito e radical da desagregação que as pessoas sofrem na modernidade tardia, tempo este difícil e cheio de efeitos especiais, tempo de pura *performance*, mas sobretudo, de multiplicação do vazio.

Avessa a romantismos, casamento e família, Rê Bordosa, sempre fugiu desesperada quando alguém lhe pedia em casamento, fugia de tudo o que fosse tradicional.



Um dia, por puro descuido, Rê Bordosa se viu casando numa Igreja de véu e grinalda, mas quando se deu conta, fugiu, largando o noivo no altar, não resistindo em terminar seu dia em orgia com os coroinhas. Mas, o hábito de se atirar “à aventura da libertação dos costumes”, acabou revelando ao longo de apenas duas décadas, seu lado amargo, para todos aqueles libertários que pregavam o fim do casamento, da família, do trabalho e da relação com o outro.

O filósofo Pascal Bruckner, fazendo um balanço desses anos de extrema liberdade, afirmou: “é uma estranha aventura a da libertação dos costumes, e mesmo a conhecendo de cor, não nos cansamos de repeti-la, e de saborear sua amarga reviravolta”(Bruckner, 2002: 60) Durante vários séculos, o corpo, o sexo, a espontaneidade, e o prazer, foram reprimidos em



nome da fé, e agora que isso tudo foi liberado, aconteceu um fenômeno bastante estranho, os indivíduos permitiram que o Superego administrasse a felicidade com mão de ferro, e ao invés do “fim da culpa”, colocaram no seu lugar um tormento sem fim.



Bruckner, afirma que o resultado de tudo isso é o que as estatísticas apontam, a existência de “uma geração de faltosos, que não se tratam mais dos sibaritas ou dos libertinos, mas dos tristes, dos desmancha prazeres, dos depressivos [...] Quando o desejável se torna possível, é imediatamente integrado à categoria do necessário. Incrível a rapidez com que o edênico de ontem se torna o corriqueiro de hoje. É uma moral de combatentes exclusivamente interessados na vida cotidiana, e que vão deixando para trás numerosos abatidos. Pois existe uma redefinição do status social, não mais somente pelo angulo da fortuna ou do poder, mas também pelo da aparência: não basta ser rico, é ainda preciso estar em forma, nova espécie de discriminação e de realce do valor não menos severa que a do dinheiro. É toda uma ética do parecer estar bem consigo mesmo que nos dirige e que sustenta a publicidade e as mercadorias em sua exaltação sorridente.”(Bruckner, 2002:62)

## ANGELI DECIDE MATAR A RÊ BORDOSA

Em 1987, Angeli, decidiu matar sua heroína, cansado que estava de sua (dela) vida louca. Para levar a cabo sua decisão, entrou na história e começou a procurá-la de quadrinho em quadrinho, e só conseguiu encontrá-la quando seguiu uma imensa trilha de garrafas vazias.



Angeli, finalmente desabafou e revelou à heroína que ele tinha se cansado dela.



Para descontar sua raiva, o autor decidiu torturá-la, pendurando-a no teto. Mas, nesse momento, percebeu que os seios da Rê Bordosa estavam flácidos, e que ela tinha muitas estrias e gordura localizada. Chegou a pensar em lhe “pagar” uma lipoaspiração, talvez como uma saída inconsciente para aumentar a autoestima da Rê Bordosa, provavelmente Angeli, pensou que se ela se cuidasse melhor, talvez a vida da sua heroína melhorasse.



Mas, quando Angeli, consultou seu caderninho de anotações e se deu conta da vida desvairada que ela levava, lembrando a quantidade de bebida que a Rê Bordosa, havia consumido durante o tempo de publicação das suas histórias: 7.000 litros de cachaça, 65.000



doses de vodka, 12.500 cálices de licor de Anis, 80.100 doses de whisky vagabundo, 450 Jurubebas, 310 vinhos nacionais e 570 estrangeiros, 700 caixas de conhaque, 327 latas de cerveja, 1.800 doses de caipirinha de vodka, percebeu que a Rê Bordosa não tinha mesmo mais jeito. Rê Bordosa, ainda o lembrou de que havia consumido também, um vidro de perfume, um galão de acetona, um de querosene e três garrafas de álcool a 90%.



Diante dessa calamidade, o autor perdeu as esperanças de que ele pudesse concertá-la e decidiu acabar definitivamente com ela, atirando-a nas águas sujas de qualquer rio da cidade. Pois assim, ele teria certeza de que jamais a veria novamente e em poucos segundos, Rê Bordosa finalmente estaria morta para sempre.

Decididíssimo, Angeli, desamarrou a Rê Bordosa do teto e num tom “criminoso”, participou à heroína que sua hora tinha chegado e que eles iam dar um passeio. Colocou a Rê Bordosa, nas costas, desceu umas escadarias e à despeito



da Rê Bordosa ter lembrado de que ele tinha um público à zelar, suplicando-lhe que ele não fosse burro de fazer o que estava prestes a fazer, Angeli, não se comoveu e anunciou que iria atirá-la nas águas sujas do rio. E assim cumpriu sua promessa.



O autor, atirou Rê Bordosa de uma ponte de cujo rio, não sabemos exatamente do qual foi, mas existem suspeitas, que talvez tenha sido da ponte do Rio Tietê.



O autor voltou para casa cantarolando, feliz da vida. Tinha finalmente, tirado um peso das suas costas. Tinha se livrado definitivamente da Rê Bordosa, para sempre.



Mas, Rê Bordosa, confirmando a máxima popular de que vaso ruim não quebra, foi salva por um grupo de mendigos, que se não fossem eles, teria morrido afogada. A partir daí, Rê Bordosa, iniciou uma saga pessoal de aventuras, na sua tentativa de voltar para a cidade. Ela não via a hora de retomar sua vida, resgatar sua rotina e a sua “sagrada” trilogia : amantes, bar e banheira, não necessariamente nessa ordem.

Refeita do susto, Rê Bordosa, pegou carona com um desvairado piromaníaco, cujo carro já era por si só “uma verdadeira bomba de quatro rodas, altamente inflamável”. Relaxada e feliz, Rê Bordosa, nem por um minuto sequer percebeu que corria um sério perigo, e gentilmente ascendeu um “baseado”<sup>34</sup> para o motorista. Em questão de milésimos de segundos o carro explodiu, indo tudo pelos ares. A explosão foi tão grande e chamou tanto a atenção, que uma repórter foi enviada ao local para fazer a cobertura para a televisão do acidente. A repórter noticiou “que segundo testemunhas, logo após a explosão, uma mulher em chamas teria saído correndo em direção ignorada”.

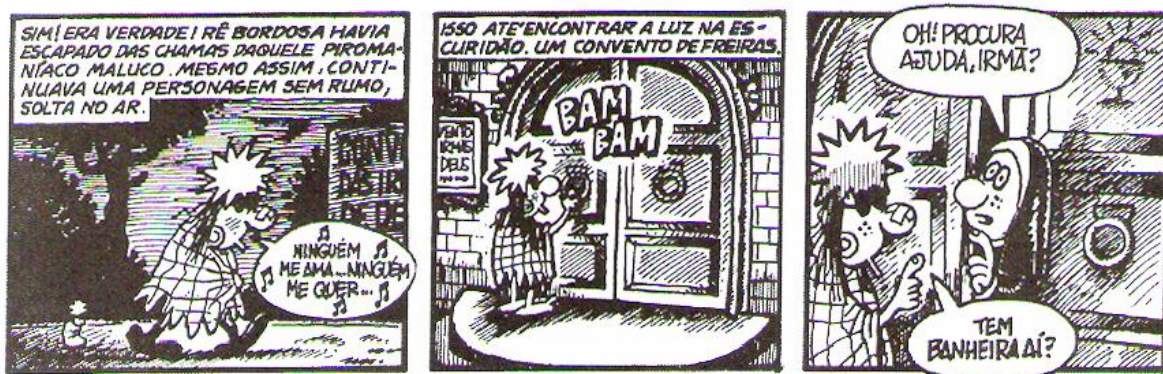


A testemunha estava certa, Rê Bordosa, escapou das chamas mas nas palavras do seu próprio autor: “ continuava sendo uma personagem sem rumo, solta no ar”. Rê Bordosa,

<sup>34</sup> gíria usada para o cigarro de maconha



perambulando, cantava uma famosa canção: “ninguém me ama, ninguém me quer...” expressão de sua carência e baixa autoestima. Se em situações normais ela se sentia um pano de chão, agora perdida na escuridão e em farrapos, já era esperado que se desesperasse. Mas uma luz apareceu...era a luz de um convento de freiras. Sendo, que a primeira pergunta que a heroína fez para a irmã, que veio lhe oferecer ajuda, foi se no convento tinha uma banheira!



“Rê Bordosa foi abandonada pelo seu autor, mas não por Deus. Naquela casa Santa, encontrou abrigo e carinho. Em apenas uma semana, já se sentia totalmente à vontade. Assim, a puta velha se transformou em Noviça”



Mas, como tudo não são flores, não durou muito tempo para que o lado “negro” da Rê Bordosa viesse à tona. A mesma Rê Bordosa de sempre, tarada, viciada, perdida e desajuizada apareceu por detrás do hábito, tentando seduzir os padres, escandalizando as freiras, deixando claro que “seu relacionamento com o pensamento católico estava se tornando difícil”.





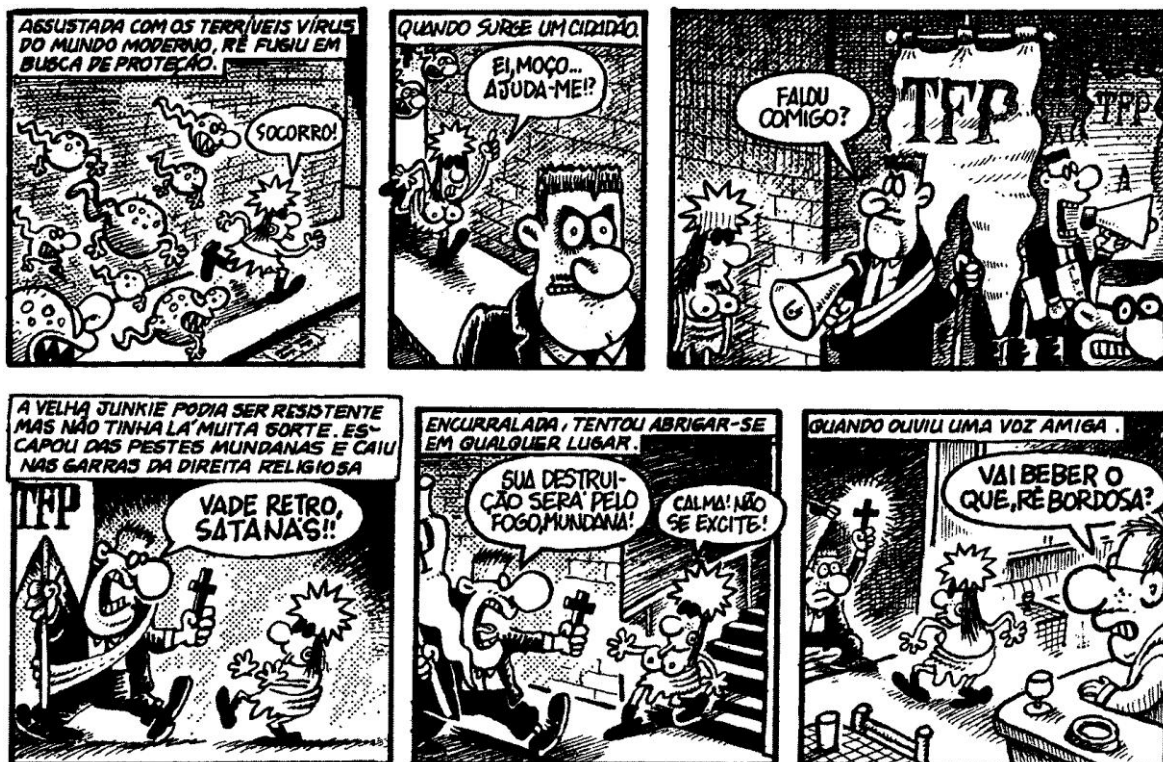
Num certo dia, Rê Bordosa olhou pela janela de sua “cela” e enxergou as luzes da cidade, ouvindo o “pecado” lhe chamar. Com a goela seca, fugiu para o mundo, em busca de um bar.



Encontrou o tão esperado bar, mas o bar era exclusivo para negros. Saiu acompanhada por dois funkeiros, pronta para viver mais uma noite de sexo e drogas: “baseados acesos, funk rolando, cheiro de sexo no ar... . Nada mais propício para uma batida policial. Flagrante na certa”. Rê Bordosa, desesperada fugiu dos policiais pela janela, passou para o outro edifício pendurada num fio de arame e acabou desabando lá de cima, ficando desacordada com a queda.



Quando acordou, deu de cara com seres estranhos que se identificaram como sendo o “vírus da destruição”. Rê Bordosa fugiu desesperada desse vírus, mas deu de cara com uma passeata da TFP<sup>35</sup>, cujos membros passaram a persegui-la.



## CASAMENTO E MORTE DA RÊ BORDOSA

Depois de tantos apuros, medos, perseguições e fugas, Rê Bordosa, conseguiu finalmente chegar no bar do Juvenal. Escutou uma voz: “não era a voz de Deus, mas sim a do Juvenal, seu fiel amigo, velho companheiro e conselheiro de longa data”.

<sup>35</sup> movimento religioso católico de extrema direita, cujas siglas significam Tradição, Família e Propriedade





Rê Bordosa se ajoelhou na frente do balcão, e implorou: “ajuda-me Juvenal, querem me matar”. Juvenal, sem saber muito bem o que fazer, decidiu preparar-lhe um drinque, e a pedido da própria Rê Bordosa, lhe serviu uma dose de Fogo Paulista. Juvenal conseguiu convencê-la de que sua vida estava em um perigo, e que o casamento era sua única salvação.



Fragilizada e com medo, à despeito de estar toda empipocada de alergia só de ouvir a palavra casamento, decidiu para ter segurança e paz “fechar o negócio”, afinal de contas Juvenal sempre foi seu amigo.







A cerimônia do casamento foi realizada no bar do Juvenal, com as bênçãos de um santo sacerdote. Mas, em meio à tanta alegria, Rê Bordosa acabou ficando revoltada, porque o único que bebeu foi o padre.

A partir do seu casamento, sua vida mudou completamente, seu marido, disposto a colocá-la nos trilhos, a proibiu de beber, fumar, e de freqüentar à noite. Juvenal decidiu transformá-la numa esposa virtuosa. Para Rê Bordosa, esse tipo de casamento era surreal: “casar com um garçom e parar de beber, não passava de pura ironia”



Ela no fundo sabia que seu casamento seria absolutamente convencional, e que teria que ser uma esposa doméstica, dedicada, e que viveria do ganha-pão do seu marido. Embora Rê Bordosa achasse que o casamento era uma parte da vida, particularmente, não compensadora, resolveu encará-lo segundo sua mãe: “como um emprego que não se aprecia muito, mas suporta-se por dever”.

Juvenal, definitivamente não era um homem moderno. Decidiu manter Rê Bordosa confinada em casa, com a esperança de confinar também sua vida sexual.



O dia a dia conjugal acabou se transformando num verdadeiro martírio para a Rê Bordosa. Embora Juvenal fosse muito atencioso e quisesse saber se estava tudo bem com sua mulher, Rê Bordosa sentia falta do “moreninho que ia ao bar de calça justa...”



Quando Juvenal saía para trabalhar, Rê Bordosa desesperada se atirava ao chão, se agarrava aos seus pés, implorando que ele a levasse junto para o bar. Mas não adiantava, Juvenal era irredutível, e diante de tal recusa, se antes Rê Bordosa afogava suas mágoas na vodca, passou a afogá-las no leite com Nescau.



Triste, gorda, desanimada, nossa heroína sempre acabava na cozinha se embriagando de vinagre.



Os dias da personagem eram passados na frente da televisão. Rê Bordosa engordava, tomava milk shake, e começava sua comilança desde a hora que acordava até a hora que ia dormir, caprichando na pipoca, durante a novela.



Juvenal, preocupado com a gordura da Rê Bordosa, decidiu tomar uma atitude. Rê Bordosa (acreditando se tratar de zelo e carinho) teve a esperança de que seu marido iria liberar uma garrafa de vodca ou então, talvez lhe permitisse ter um amante... Mas Juvenal, decidiu comprar um sofá maior, para sobrar mais espaço.

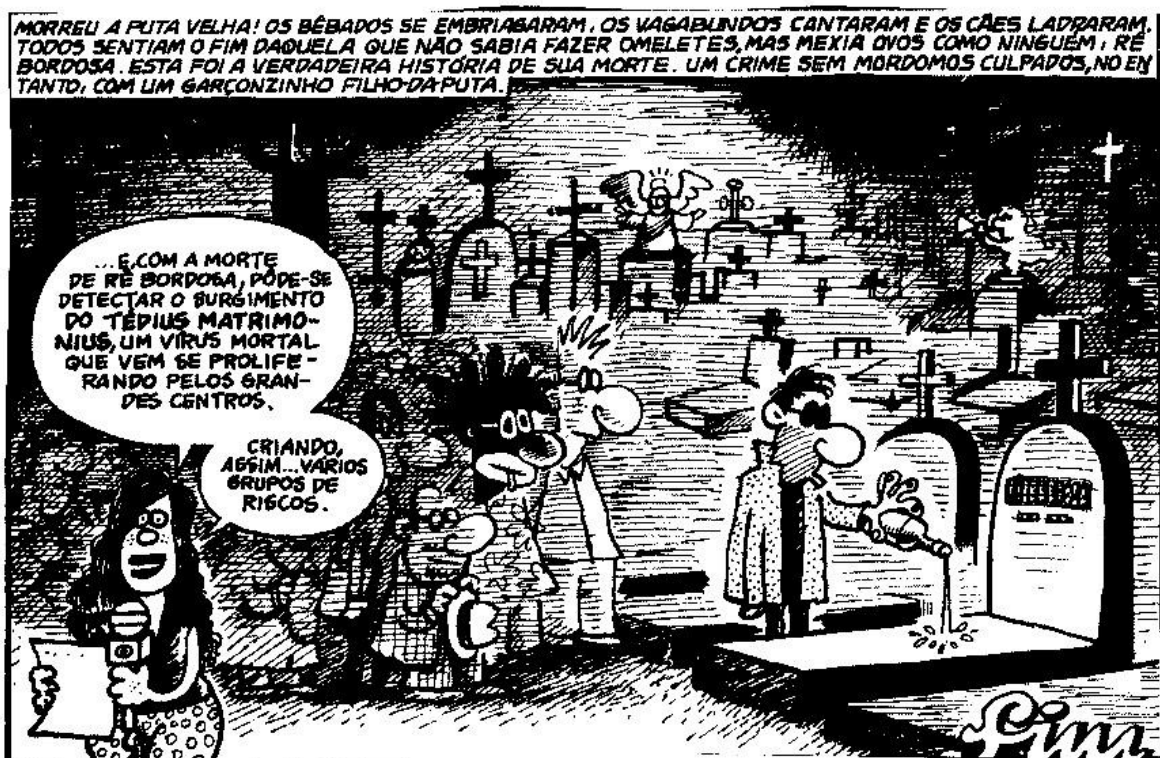




Rê Bordosa estava irreconhecível, provavelmente estava com uns 90kilos acima do peso. E, numa bela noite, quando ela e o Juvenal estavam assistindo televisão, Juvenal resolveu lhe fazer dois pedidos: o primeiro bastante explícito, era que ela lavasse suas cuecas, e o segundo, expressou sua vontade de ter filhos. Diante desse quadro desesperador, Rê Bordosa explodiu e morreu.







Seu enterro foi televisionado. A jornalista leu ao vivo o atestado de óbito, cuja “causa mortis” foi um vírus fatal chamado “tedius matrimonius”. Segundo a jornalista, esse vírus “vem se proliferando pelos grandes centros, criando vários grupos de risco”.

Quando a série terminou, Angeli recebeu cartas de leitores de todo o país, protestando a morte da heroína. Intelectuais como Ignácio de Loyola Brandão, os cartunistas Jaguar e Ziraldo, artistas como Rita Lee e Jô Soares, chegaram a protestar publicamente. Mas, Angeli declarava estar aliviado. Confessava nas entrevistas ter matado a Rê Bordosa, porque não lhe agradava a unanimidade que se formou em torno dela. Segundo ele, Rê Bordosa jamais deveria ter se tornado heroína: “Eu era parado na rua por velhinhas que diziam adorar a Rê Bordosa. Era assustador”, afirmava Angeli, que se irritava com algumas pessoas que se projetavam em sua personagem<sup>36</sup>. Mas, por pressão ou culpa, Angeli se rendeu, e acabou ressuscitando a Rê Bordosa. Para justificar a volta da sua personagem, criou uma história de que “ algo misterioso e sobrenatural aconteceu: uma gaveta do seu arquivo, de repente começou pegar fogo,

<sup>36</sup> Entrevista de Angeli concedida a Dario de Barros Carvalho Jr., na entrega do Prêmio HQ Mix, na cidade de São Paulo, em 26/09/2000.



e que depois de uma operação digna de bombeiro, finalmente conseguiu exterminar as chamas, e no meio das cinzas encontrou uma pasta misteriosa...



Era o diário da Rê Bordosa!



Assim, as “Memórias da Rê Bordosa” foram publicadas de junho de 1984 até 22 de dezembro de 1987.

Para Charles Taylor: “A fim de ter um sentido de quem somos, precisamos ter uma noção de como nos transformamos e para onde vamos”. O avesso disso, é o verdadeiro retrato da Rê Bordosa.

### **3.0 | OS CONTORNOS DA MODERNIDADE E O IMPACTO SOBRE O EU**

“Things fall apart, the centre cannot be hold.  
Mere anarchy is loosed upon the world”<sup>37</sup>

(Yeats)

---

<sup>37</sup> “As coisas desmoronam, não existe mais um centro. Uma mera anarquia domina o mundo”

## **MODERNIDADE**

Se existe uma unanimidade a respeito da modernidade, é que ela permanece e foi desde seu início, um período de incertezas, rupturas e transformações. Tanto as análises de direita quanto da esquerda concordam, que o estado de alienação no qual as pessoas se encontram frente ao mundo, nada mais é do que fruto da desilusão. Pois, as promessas de criação de um mundo mais justo, rico e feliz, feitas pelo Iluminismo, efetivamente não se concretizaram. Concordamos com Lipovetsky, quando ele afirma que a modernidade sucumbiu diante de dois grandes flagelos : “a tecnologia e o liberalismo comercial” (Lipovetsky,2004:17).





O termo modernidade foi usado pela primeira vez no século V, pelo Papa Gelásius (494/5), sendo que o termo “modernus” não se referia apenas ao presente, em oposição ao tempo de Jesus vivo, mas significava “agora”. O termo que adquiriu o significado oposto a “modernus” foi “antiquas”, à partir do trabalho do historiador Cassiodorus<sup>38</sup>, quando este descreveu a conquista de Roma pelos godos.

Portanto, desde o século V, existe a idéia de que tudo que é moderno é necessariamente novo, enquanto que o novo não precisa ser necessariamente moderno. O Papa Gelásius, foi quem pela primeira vez na história, imprimiu ao termo “modernus” uma das características mais essenciais da modernidade, que é a separação entre o tempo e o espaço. Mas, para os historiadores, o nascimento da modernidade com o sentido oposto ao passado se deu apenas no romantismo, como reação contra o período clássico. Baudelaire, foi quem usou o termo moderno com o mesmo sentido que é usado ainda hoje. Entretanto, a idéia de modernidade só se espalhou, um pouco antes da sociedade industrial, quando a palavra passou a ser usada por aqueles que desejavam se colocar contra o passado e contra as crenças religiosas, mas sobretudo por quem apoiava veemente a razão.

Para Habermas, o “projeto da modernidade” só entrou em cena no século XVIII, através do esforço dos Iluministas de tentarem desenvolver uma ciência que fosse objetiva, uma moral e leis que fossem universais, e uma arte que fosse autônoma e se guiasse apenas pela sua lógica interna. O objetivo dos Iluministas era usar a grande quantidade de conhecimento acumulado para obter a emancipação humana, criar formas racionais de organização social e maneiras racionais de pensar, libertando os indivíduos da irracionalidade, da superstição, do mito e da religião, marcando assim o início da modernidade.

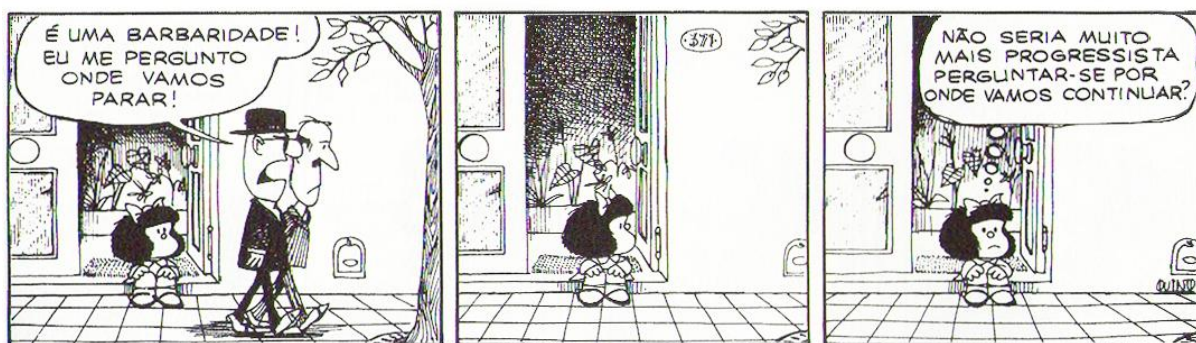
Durante a Revolução Industrial, o termo moderno, passou a ser sinônimo de economia e mais tarde sinônimo de tecnologia. Hoje porém, o conceito de modernidade se refere a um vastíssimo terreno, composto das diferentes produções humanas como pintura e escultura, poesia e prosa, música e dança, cinema e teatro, arquitetura e desenho. Embora, essas produções compartilhem de uma mesma ancestralidade, é muito difícil afirmar que sejam frutos de um mesmo “background”. Portanto, não é de se admirar, que alguns autores, principalmente a partir da metade do século XIX e início do século XX, empregassem o

<sup>38</sup> historiador contemporâneo ao Papa Gelásius

termo “modernismo” a qualquer tipo de inovação, referente a qualquer campo de conhecimento. Quanto aos historiadores, a solução encontrada por muitos, foi usar a palavra modernismo no plural.



Quanto a nós, usaremos as palavras modernidade e modernismo como sinônimos, tomando a liberdade de não levar em conta a posição de alguns autores, que defendem a idéia de que usá-las dessa maneira é uma forma de banalizá-las. Nossa intenção é de facilitar e de imprimir nitidez a esse quadro já bastante nebuloso, ao invés de introduzir mais uma polêmica, a nosso ver, desnecessária. A modernidade à qual nos referiremos ao longo de todo nosso trabalho, é a modernidade que Berman descreve como sendo um conjunto de experiências de tempo e de espaço; de si mesmo e dos outros; dos perigos da vida; compartilhadas por homens e mulheres, que sofrem permanentemente com o medo da desorientação e da fragmentação.



Usaremos a definição de homem moderno proposta por Berman, que se refere à todas as pessoas que se identificam com a modernidade, e que de uma maneira ou outra se sentem movidas por um grande desejo de mudança, não só com relação à própria autotransformação como também à transformação do mundo em redor, incluindo também aqueles que foram assaltados pela preocupação de que a vida de repente ,pode se desfazer em pedaços.



Ser moderno, portanto, se refere a um estilo de vida decorrente de um tipo de organização social, surgida na Europa no século XVII, cuja influência tornou-se mundial no decorrer do tempo. Berman, se refere a uma modernidade ocidental européia acima de tudo, cuja ênfase se encontra na análise dos sentimentos e na consciência maior ou menor que as pessoas tinham à respeito do que vinha a ser moderno. Para Berman, viver hoje na modernidade significa: “viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e de freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas, e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador; aberto às novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizados pelo abismo niilista, as quais tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo se desfaz.” (Berman, 2007: 21)

Adotamos a divisão da modernidade elaborada em fases por Berman: a primeira fase se iniciou no século XVII e terminou no século XVIII, período no qual as pessoas começaram a experimentar o que viria a ser a vida moderna, mas que na verdade, como afirma Berman: “mal faziam idéia do que as atingiu. Elas tateiam desesperadamente, mas em estado de semi-cegueira, no encaicho de um vocabulário adequado; têm pouco ou nenhum senso de um público ou comunidade moderna, dentro da qual seus julgamentos e esperanças pudessem ser compartilhados” (Berman, 2007:25).

A Revolução Francesa marcou o início da segunda fase, que terminou no século XIX, na qual um público moderno ganhou espaço de uma maneira abrupta e dramática, que segundo Berman :“ partilhavam o sentimento de viver em uma era revolucionária, que desencadeou explosivas convulsões em todos os níveis: pessoal, social e político. As pessoas modernas do século XIX, viviam tanto material quanto espiritualmente “em um mundo que não chegava a ser moderno por inteiro” (Berman, 2007:27). Foi desta profunda dicotomia, deste sentimento de se estar vivendo simultaneamente em dois mundos, que nasceu e se pluralizou a idéia de modernismo e modernização. A terceira e última fase da modernidade “ se iniciou no século XX, na qual o processo de modernização tomou proporções mundiais, abarcando virtualmente o mundo todo. A cultura mundial do modernismo atingiu todas as artes e penetrou no pensamento do homem moderno” (Berman,2007:27).

A modernidade nasceu desde o principio, cercada de muita esperança. Acreditava-se que viver neste período, seria viver num ambiente de aventura, poder, alegria, crescimento,



transformação de si e do mundo. Só mais tarde, que as pessoas passaram a sentir o medo de destruição. Os ambientes e experiências modernos, cruzaram todas as fronteiras da geografia, etnicidade, classe, nacionalidade, religião e ideologia, e nesse sentido a modernidade uniu toda a humanidade. Porém, não deixou de ser uma unidade paradoxal, porque incluía fragmentação, efemeridade e caos.



O historiador Carl Schorske, ao descrever Viena no final do século XIX, afirmava que a alta cultura: “entrou num turbilhão de inovação infinita, cada campo proclamando-se independente do todo, cada parte dividindo-se por sua vez, em partes” (Schorske, 2007:22).

O mais irônico com relação à modernidade, é que quem ajudou a construí-la foi quem menos acreditou nela. De uma certa forma, depois de observar os rumos que a modernidade estava tomando, essas pessoas perderam as esperanças de que a modernidade pudesse ser um período de paz, equilíbrio e tranquilidade para todos. Baseados no que estavam vendo, essas pessoas chegaram até mesmo a fazer previsões de que a modernidade se transformaria num período de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia, e que ser moderno seria fazer parte de um universo, como Marx chegou a dizer: “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

Nietzsche, Goethe, Marx, Baudelaire, Freud, Dostoiévsky, os membros da Escola de Frankfurt, construíram a modernidade, mas enfrentaram e tentaram lidar com essa sensação avassaladora de caos. Weber, entre os três fundadores da sociologia moderna, foi quem primeiro percebeu que viver no mundo contemporâneo, era estar impedido de viver espontaneamente. Marx, definiu a modernidade como um verdadeiro monstro, e acreditava que o grande responsável por todo o caos, era o burguês. Mais do que ninguém, Marx percebeu quão destruidora e irreversível eram as transformações da modernidade, impostas ao homem, enquanto Freud afirmava que o homem moderno sofria do “mal estar da civilização”.

## **GIDDENS E A MODERNIDADE**

Para Giddens, a modernidade dos dias de hoje se trata de uma ordem pós-tradicional, na qual a tradição e o hábito ainda não foram totalmente substituídos pela razão, e a dúvida se infiltrou na vida cotidiana, transformando-se numa das características mais importantes da modernidade.



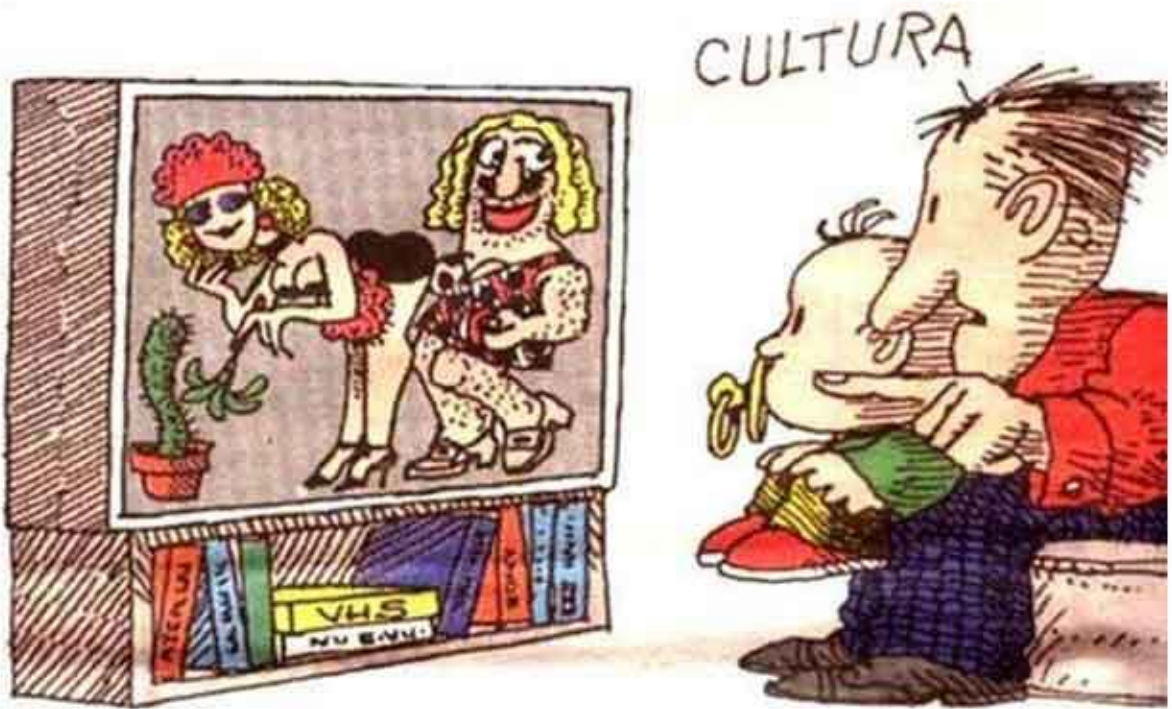
A modernidade radicalizou e institucionalizou a dúvida de uma tal maneira, que todo conhecimento não passa apenas de uma hipótese, além do que, passou a ser norma o conhecimento se manter aberto a revisões, podendo até mesmo, eventualmente, ser abandonado em algum momento, se preciso for.

A dúvida moderna, como afirma Giddens, atingiu até mesmo o próprio eu, fazendo que “ no nosso mundo de hoje, o eu, assim como os contextos institucionais mais amplos, precisam ser construídos reflexivamente, sendo que essa tarefa é realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e possibilidades”(Giddens, 2002:11) contribuindo para que o indivíduo contemporâneo, seja cada vez mais inseguro e indeciso.

Embora, o descontrole da modernidade seja muito grande, por causa do capitalismo ter se transformado numa via irracional para dirigir o mundo moderno, substituindo a satisfação das necessidades humanas pelos caprichos do mercado<sup>39</sup>, Giddens é bastante otimista com relação à transformação desse caos, porque acredita que no momento em que as pessoas tomarem conhecimento dos problemas, elas se darão conta da necessidade de “domar o monstro”. O cartunista Quino parece não compartilhar com o otimismo de Giddens, expressando sua desilusão com o rumo do século, no que diz respeito aos valores.



<sup>39</sup> Sobre assunto, olhar (Giddens,1991,140).





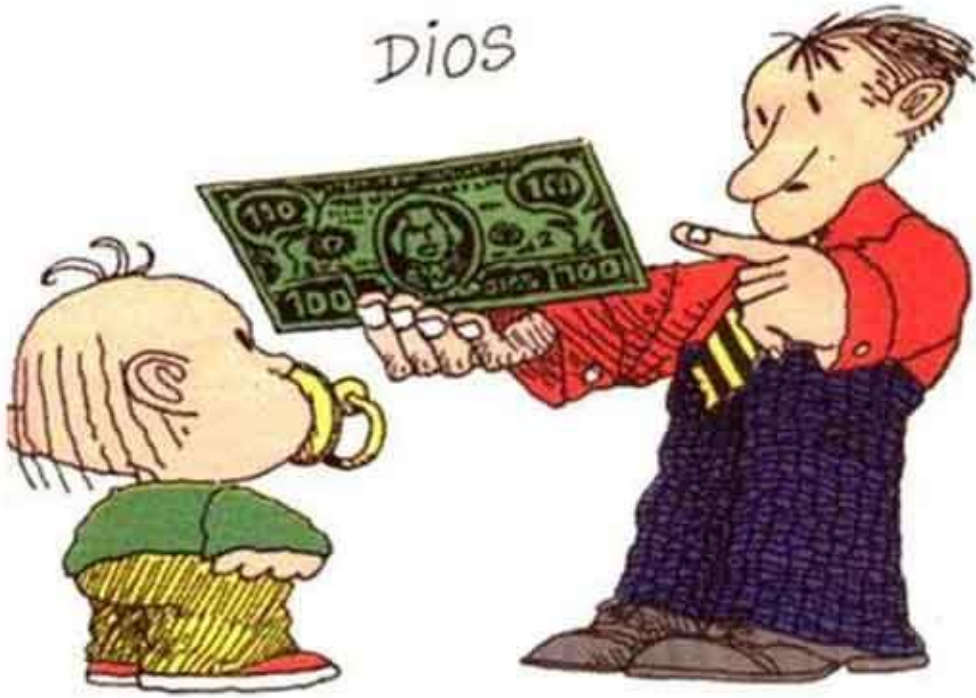
EL PRÓJIMO A QUIEN AMAR



IDEALES, MORAL, HONESTIDAD



DIOS



ES IMPORTANTE QUE DESDE PEQUEÑO  
APRENDA BIEN CÓMO ES TODO.



©



## AS CARACTERÍSTICAS DA MODERNIDADE E A REFLEXIVIDADE



Giddens, analisa a modernidade à partir de três características: a separação entre tempo e espaço, (sendo o espaço não mais definido como o lugar onde as pessoas se movem), a substituição da sabedoria dos velhos pelo conhecimento dos sistemas especializados, e a presença do conhecimento reflexivo, que destrói a certeza em todas as áreas, inclusive nas ciências naturais. A presença maciça da reflexividade na modernidade, permitiu que ela assumisse o lugar deixado pela tradição.

A partir do momento em que a modernidade acabou com a tradição, os indivíduos perderam os códigos do que fazer e de como fazer. Portanto, a reflexão, se tornou o único guia do homem contemporâneo. Isso não significa que a tradição tenha desaparecido totalmente, mas ela também foi submetida ao exame da reflexão. Do ponto de vista de Giddens, uma tradição que perde a espontaneidade e autenticidade, e precisa ser justificada, deixa de ser uma tradição. Segundo Giddens: “a tradição passou a ser articulada e defendida discursivamente — em outras palavras, seu valor precisou ser justificado num universo de valores plurais e em constante competição” (Giddens, 1996: 56).

Mas, na modernidade tardia, não só as instituições impedem o indivíduo de fazer reflexões, (principalmente no que tange às questões existenciais) como também não o auxilia no encontro com ele mesmo. Esta omissão, essa falta de apoio, é até certo ponto uma espécie de repressão, causam sentimentos de vazio e falta de sentido, levando o indivíduo a um “isolamento existencial”<sup>40</sup>, que não significa a separação do indivíduo dos outros, mas a

<sup>40</sup> Sobre esse assunto consultar Giddens, 2002, p.16

separação dele, dos recursos morais necessários, para se viver uma existência satisfatória. Giddens afirma, que ao contrário do que pensava Freud, o mal estar que toma conta das pessoas na modernidade tardia, não diz respeito à repressão que Freud acreditou necessária à manutenção da vida moderna, mas sim, ao papel das instituições, que impedem as pessoas de adquirirem e de desenvolverem a autoreflexão.



Giddens, chama as instituições na modernidade tardia de “*shell institutions*”, ou seja, se vistas de fora, parecem se tratar das mesmas instituições, mas se observadas com mais cuidado se percebe que essas instituições sofreram imensas mudanças. Segundo Giddens: “ o nome das instituições permanece o mesmo, mas se observadas de dentro, percebe-se que elas se tornaram muito diferentes”.(Giddens, 1990:36) Segundo ele, continuamos a falar de nação, família, trabalho, tradição, natureza, como se fossem a mesma coisa que foram no passado.



As instituições se tornaram inadequadas para as necessidades e tarefas exigidas pela modernidade tardia, contribuindo para os indivíduos se sentirem perdidos em meio a uma grande diversidade de posturas e crenças, convivendo paradoxalmente lado a lado com um ceticismo generalizado, e com um vertiginoso progresso, que traz consigo novos riscos e perigos consideráveis.



Giddens, afirma que viver na alta modernidade é ter a sensação de se estar dirigindo um carro de Juggernaut<sup>41</sup>. Ou seja, é o mesmo que dirigir uma máquina em alta velocidade e de grande potencia, com medo de perder o controle e ela se espatifar, com a certeza de que ela é capaz de esmagar os que resistem à ela. Os ingênuos, acreditam que ela possui um rumo definido, mas na verdade, ninguém pode prever qual direção ela tomará. Giddens completa seu pensamento dizendo que: “a viagem não é de modo algum totalmente desagradável ou sem recompensas, podendo ser com frequência estimulante e dotada de esperançosa antecipação. Mas, até onde durarem as instituições da modernidade, nunca seremos capazes de controlar completamente nem o caminho nem o ritmo da viagem. E nunca seremos capazes de nos sentir inteiramente seguros, porque o terreno por onde viajamos está repleto de riscos de grandes conseqüências. Sentimentos de segurança ontológica e ansiedade existencial, coexistem num estado de ambivalência”.(Giddens,2002:140)

## OS CONTORNOS DO EU

“A identidade somente se torna uma questão, quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável, é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”

(Kobena Mercer)



<sup>41</sup> Juggernaut é o carro de uma divindade hindu, sob cujas rodas muitos devotos se jogavam, na certeza de que tal morte lhes traria a salvação.

Em função das velhas identidades estarem hoje em declínio, a questão da identidade, se tornou numa das principais questões da teoria social. Se antes, a identidade era o que permitia enxergar os indivíduos como seres unificados, as novas identidades conduzem o homem moderno a um tal grau de fragmentação, e a um processo tão agudo de mudanças, que acabam provocando sérias “crises de identidade” que na verdade, significam a perda das referências anteriores.

Stuart Hall, afirma que: “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é , deslocadas ou fragmentadas”.(Hall,2006:8) Com relação ao conceito de identidade, a opinião dos sociólogos ainda permanece dividida, não só pelo fato de ser um conceito muito complexo, como também por faltarem estudos específicos, o que torna o conceito bastante vulnerável para ser discutido. É evidente que as identidades modernas estão entrando em colapso por causa das grandes transformações que a sociedade sofreu nos dois últimos séculos. Esse descentramento ou deslocamento, leva o indivíduo à uma crise do “sentido de si”, que não diz respeito apenas ao deslocamento do indivíduo de si mesmo, mas também do seu lugar no mundo social e cultural. Segundo Hall: “esse descentramento está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, forneceram aos indivíduos sólidas localizações sociais . Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”.(Hall, 2006:12)

Hall, ao tratar da questão de identidade afirma que “ esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam uma transformação tão fundamental e tão abrangente, que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada[...] Algumas vezes, como nosso mundo pós-moderno, nós somos também “pós” relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade, algo que desde o Iluminismo se supunha definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser”.(Hall,2006:10). Acreditamos que os dois processos ocorrem simultaneamente, afetando-se mutuamente: tanto a modernidade está mudando num ritmo veloz, como o indivíduo pós-tradicional está sendo obrigado repensar sua identidade, seus papéis sociais e seu lugar no mundo.

Stuart Hall, caracteriza três tipos diferentes de identidade ao longo da história: a primeira delas é o que ele chama de *identidade do sujeito do Iluminismo*, na qual o indivíduo era visto como alguém que possuía razão, consciência e ação, e cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia quando o sujeito nascia, permanecendo o mesmo até a sua morte. O segundo tipo se refere ao *sujeito sociológico*, cuja identidade refletia a complexidade do mundo moderno, marcando o nascimento da consciência do indivíduo, que o núcleo interior não era autônomo e nem autosuficiente como se pensava no Iluminismo, mas que se forma à partir da relação que o indivíduo estabelece com as pessoas que são importantes para ele, e que fazem o papel de mediadores entre o indivíduo e os valores e símbolos da cultura da sociedade à qual ele pertence. Segundo essa visão,(que se tornou a visão da sociologia clássica) a identidade se forma à partir da “interação”entre o eu e a sociedade. Assim, o núcleo central



ou a essência do indivíduo vai sendo formado e modificado, através de um diálogo contínuo com o mundo exterior e com as outras identidades.

Essa concepção sociológica de identidade, “resolve” a questão do espaço interior e exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público. Em outras palavras, a identidade costura o indivíduo à estrutura, e segundo Hall: “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis”. (Hall,2006:12) Mas é isso, justamente, que está mudando. O indivíduo antes, possuidor de uma identidade única, estável e permanente, está se tornando fragmentado, possuidor de várias identidades. Também as identidades de “lá de fora” que compunham a paisagem social, e que o ajudavam a equilibrar suas necessidades subjetivas com as “necessidades”objetivas da cultura, também estão entrando em colapso, em função das mudanças estruturais e institucionais que estão acontecendo. Como afirma Hall: “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. (Hall,2006:13).

Esse quadro produz o que Hall define como sendo o terceiro tipo de identidade, a do sujeito pós-moderno, aquele indivíduo sem uma identidade fixa, essencial ou permanente, “uma identidade que se torna uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Esse tipo de identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, e principalmente, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. (Hall, 2006:13). Homens e mulheres contemporâneos, não só carregam várias identidades, como muitas vezes elas são até mesmo contraditórias, empurrando as pessoas em diferentes direções, fazendo com que as identificações pessoais sejam cada vez mais continuamente deslocadas. Hall afirma que: “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nos mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente”(Hall, 2006:13)

A construção da identidade hoje, está intimamente ligada à globalização e ao seu impacto na vida pessoal e cultural. Embora, ainda existam conexões intermediárias, como por exemplo, a de pequenas localidades com organizações governamentais, isso não anula o fato da separação entre tempo-espaço ser tão grande, que pela primeira vez na história o “eu” e a “sociedade” estão interligados numa conexão global, cuja interdependência é a responsável pela inauguração de um “novo mundo”<sup>42</sup>.A globalização não afetou apenas as estruturas

---

<sup>42</sup> expressão usada por Bauman

estatais, mas também as relações com o Estado, subjetividade, com as condições de trabalho, com a produção cultural, vida cotidiana, e principalmente a relação entre o “eu” e os “outros”.

Se por um lado a autoreflexão aumentou a capacidade de adaptação do indivíduo ao mundo em mutação, permitindo-o sobreviver a um cotidiano caótico, do outro, o fragilizou, expondo-o a crises constantes e a um profundo vazio existencial, causando a “erosão das identidades sociais”, um profundo “desgaste ideológico e político”, e uma “acelerada desestabilização das personalidades” (Lipovetsky, 2005:xv). Portanto, a questão da identidade não se resolve à partir de um modelo pré-estabelecido, mas, através de um autoprocesso que exige análise e compreensão. Em função dos indivíduos precisarem afirmar suas identidades em meio à crise do multiculturalismo, do fundamentalismo ou da presença maciça da mídia e da internet em suas vidas, tudo isso tem tornado o processo de se autoconstruir num processo cada vez mais difícil, perigoso, que exige um extremo cuidado.

A tarefa de ser uma pessoa, hoje, na modernidade tardia, não se resume apenas no fato dela ser reflexiva, mas na necessidade de possuir um conceito muito claro do que venha ser uma pessoa, sendo esse conceito, aplicável a si e aos outros. É isso, que oferece a possibilidade de usar o “eu” em contextos diferentes. A questão da identidade, só recentemente ganhou um espaço significativo nas preocupações dos intelectuais contemporâneos, e hoje se constituiu num dos dilemas mais intrigantes da atualidade, e num dos estudos mais importantes para o século XXI.

Enquanto na pré-modernidade, o nascimento determinava a identidade, (impedindo o indivíduo de se perguntar “quem sou”) no início da modernidade, o que passou a determiná-la foi o papel produtivo que o indivíduo exercia na sociedade. Existia uma espécie de acordo tácito entre o indivíduo e o Estado. O Estado garantia estabilidade às pessoas, mas deixava claro que tipo de vida elas podiam ter. Hoje, o trabalho não garante mais a identidade, e nem tão pouco a estabilidade, o que gera uma profunda insegurança em quase cem por cento dos funcionários<sup>43</sup>. Essa situação é responsável por um quadro de ansiedade, que atinge o eu, ao qual Sennet chama de “corrosão do caráter”<sup>44</sup> o que dificulta sobremaneira as pessoas tomarem decisões, principalmente ao que se refere aos seus projetos de vida. É importante ressaltarmos que embora o estudo de Sennet, seja voltado para os executivos, esse quadro de ansiedade também é encontrado em todos os tipos de pessoas que sofrem da mesma dificuldade para tomar decisões, sendo que muitas vezes, essa ansiedade, evolui para severos quadros depressivos.

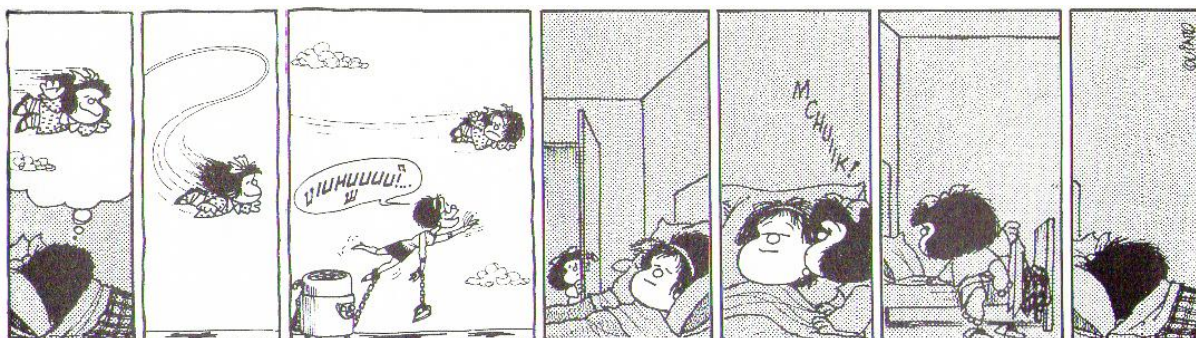
Foi só na modernidade, que o núcleo do eu se transformou num projeto reflexivo solitário, porque antes, nos momentos de transição de vida, as pessoas contavam com o apoio de Deus,

---

<sup>44</sup> Infelizmente essa discussão foge do escopo do nosso trabalho. Sobre assunto pesquisar Richard Sennet, *The Corrosion of Character, the personal consequences of work in the New Capitalism*. New York: W.W. Norton & Company, Inc, 2009

para tomarem decisões e se organizarem psiquicamente. Nas sociedades pré-modernas, os rituais ajudavam as pessoas passarem para um novo estágio, integrando-as no fluxo sagrado da natureza, consagrando-as como colaboradores da obra Divina, conferindo a elas uma identidade “sagrada”.

Hoje, o eu alterado, que estiver prestes a viver uma nova fase na sua vida, e que não necessariamente precise vir acompanhada de uma nova identidade (adolescência, vida sexual, primeiro trabalho, casamento, divórcio, novo casamento, perda do emprego, velhice, doença e finalmente a morte) precisa ser explorado e construído à partir de um processo solitário, assustador, e absolutamente autoreflexivo.



Durante milhares de anos, os ritos por serem celebrados apenas em lugares sagrados, forneciam suporte para o processo de transformação individual, e estabeleciam o distanciamento necessário entre o indivíduo e sua vida particular e cotidiana, abrindo espaço para a reflexão e para autotransformação. Tanto o mito quanto sua prática inseparável, o rito, foram capazes de transmitir ao homem das sociedades pré-modernas, a essência do sagrado, obrigando-o adotar um comportamento ético correto, compatível com o seu novo estágio de vida, imitando as virtudes dos deuses e heróis, construindo de tal forma uma identidade, que a vida se tornava uma representação do simbólico.

Um dos grandes valores do rito, é que através dele as pessoas consentem encarar a perspectiva do vazio e da morte. É essa ponte entre o sagrado e o profano, entre o visível e o invisível; entre a vida e a morte, que impedia as pessoas de viverem, como a Rê Bordosa, em permanente desespero. Além do império do logos não ter sido um sucesso absoluto, (embora tenha tornado melhor em vários aspectos a vida do homem contemporâneo) é preciso se admitir, que o mundo desmistificado “deu certo” apenas nos países desenvolvidos. Embora, não podemos afirmar, que os medos e ansiedades que impedem a construção do self sejam exclusivamente resultados de neuroses autoindulgentes, podemos afirmar, que a vida sombria que uma grande parte das pessoas que vivem na sociedade ocidental, é resultado desse mundo desmistificado.

Por causa de uma lenta desintegração do poder unificador da vizinhança, e da revolução nos transportes, (responsável pelos grandes deslocamentos populacionais), as pessoas se

distanciaram e perderam o apoio da comunidade, transformando a questão da identidade num dos problemas e desafios mais importante da sociedade ocidental. Sem heróis ou deuses para serem imitados, e na falta de modelos exemplares, as pessoas transformam celebridades plastificadas, robotizadas, idiotizadas, em modelos de inspiração para a construção das suas identidades, e como a Rê Bordosa, na falta de uma ortodoxia para acreditar, celebram seus “ritos de passagem” em bares, e têm “experiências místicas” com drogas, mas perdem o próprio self.



Como observa Armstrong: “ quando se contempla as epifanias do século XX, percebe-se que construir uma identidade sem saber exatamente para que e por que, se torna um suplício”. (Armstrong, 2005:110) Homens e mulheres contemporâneos enfrentam algo sem precedentes na história, pois, enquanto nas sociedades pré-modernas a morte era uma transição para outros modos de ser, hoje nem mesmo construir a vida, faz sentido. Do ponto de vista da Antropologia, as pessoas na pré-modernidade “não nutriam idéias simplistas e vulgares, nem sobre a própria vida e nem sobre outra vida, mas criaram mitos e rituais que as ajudaram enfrentar o indizível” (Armstrong, 2005:111)

O século XX, foi abundante na destruição de alguns mitos modernos: “ o naufrágio do Titanic em 1912 mostrou a fragilidade da tecnologia; a Primeira Guerra Mundial revelou que a ciência podia ser aplicada também aos armamentos com efeitos letais; Auschwitz, o Gulag e a Bósnia detalharam o que pode acontecer quando o senso do sagrado se perde. Aprendemos que uma educação racionalista não redime a humanidade do barbarismo, e que o campo de concentração pode se situar no mesmo bairro de uma grande universidade. A explosão das bombas em Nagasaki e Hiroshima depositou o germe da autodestruição niilista no cerne da cultura moderna, e o ataque ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001 mostrou que os benefícios da modernidade, tecnologia, facilidade de viajar e comunicações globalizadas podem se transformar em instrumentos de terror”. (Armstrong, 2005:112)

Ao observarmos o percurso da constituição da identidade ao longo da História, o que nos salta à vista, é o quanto que na modernidade as identidades sociais, culturais e sexuais se tornaram incertas e descartáveis. No entanto, agora, a própria modernidade busca maneiras de adaptá-las às sociedades capitalistas, mas isso, segundo Bauman, não passa de “uma



convenção socialmente necessária, que é usada com extremo desinteresse, no intuito de moldar e dar substancia a biografias pouco originais”.(Bauman, 2005:12). Hoje, mais do que nunca, é importantíssimo se falar e se estudar sobre a identidade, principalmente porque as instituições que forneciam as bases sobre as quais a sociedade moderna e as identidades foram construídas, entraram em colapso.

Até o final do século XIX, a educação na Europa letrada, seguia os arquétipos da Antiguidade clássica, educando as crianças para transformarem suas vidas em algo que fosse exemplar, incentivando-as assumirem personagens históricas ou religiosas, como modelo. Para Mircea Eliade: “esta tendência sobrevive mesmo entre os representantes mais eminentes da mentalidade moderna” só que os modelos exemplares, criados pela cultura de massa, pela mídia, acabaram desenvolvendo um papel importante na formação da identidade dos adolescentes do século XX, são os heróis de guerra, celebridades, atores de cinema, personagens de romances de aventura etc., que os adolescentes se esforçam para serem parecidos. A atualização e a imitação desses modelos, denunciam um certo desprazer com a própria vida, e uma certa percepção (consciente ou inconsciente) da impossibilidade de construir suas próprias narrativas.



Segundo Bauman, na modernidade tardia, a busca pela identidade nasce de um profundo desejo de segurança que acabou se transformando numa verdadeira aventura. Segundo o autor: as pessoas “flutuam sem apoio, num espaço pouco definido, num lugar teimosamente perturbador, vivendo a longo prazo numa condição enervante e produtora de ansiedade” (Bauman, 2005:35). Há 100 ou 150 anos atrás, o indivíduo, como atesta Simmel, era “portador da cultura, e se constituía num ser geistig <sup>45</sup>, maduro, agindo e avaliando, no controle total dos poderes de sua alma, ligado aos outros seres humanos na ação e nos sentimentos coletivos”. (Simmel in Bauman, 2005:21) Simmel, se referindo à sua própria identidade declara: “se voce fica me instigando a declarar a minha identidade ou seja, o meu “eu postulado”, o horizonte em direção ao qual me empenho e pelo qual eu avalio, censuro e corrijo os meus movimentos, esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí”. (Simmel, 2005:21)

<sup>45</sup> espiritual e intelectual

As principais razões, que permitiam que a reflexividade do eu fosse definida e desprovida de ambigüidades, e que ajudavam na construção da identidade, desapareceram ou perderam o valor, quando o Estado abriu mão da sua responsabilidade de cuidar dos indivíduos. Esse abandono, não só obrigou que cada um se tornasse responsável pela construção do seu próprio self, como causou a perda das bases sociais da reflexividade do eu, obrigando as pessoas lançarem mão dos seus próprios recursos, para conseguirem construir suas identidades “capturando-a em pleno vôo”<sup>46</sup>. A ironia é que foi a própria modernidade que inaugurou a autoreflexão, e hoje é ela que dificulta e impede a mesma.

Junto com esse quadro desanimador, nasce o desejo das pessoas por estabilidade. Antes esse desejo estava ligado ao fato de que em função das guerras, períodos de fome, epidemias, suas vidas podiam mudar repentinamente. Mas, o que se observa hoje, é que o medo de viver é tão grande, que o desejo de estabilidade existe, independentemente da possibilidade ou não de um desastre. Como observa Sennet, esse desejo passou a ser uma “espécie de tecido que envolve todas as práticas cotidianas” (Sennet,1998:31) A insegurança se transformou em algo “normal” ou “natural”, mas não diminuiu o impacto que ela causa na constituição do self e da autoestima. Homens e mulheres contemporâneos, sem nenhuma orientação e proteção, perderam o vínculo com a verdade e o compromisso consigo mesmos.



A despeito das dificuldades de se autoconstituírem, as pessoas anseiam e fazem tentativas de encontrar ou criar novos grupos, com os quais possam compartilhar o pertencimento, o convívio e reflexões. Mas o que se observa, é que não tem sido fácil transformar o eu em “nós”. Durante séculos, em alguns momentos da história, por razões sociais, religiosas ou políticas, a identidade precisou ser suprimida ou trabalhosamente escondida, hoje, sua fragilidade e sua eterna condição provisória, acabaram vindo à tona.

Na medida em que, os vínculos com a tradição foram rompidos, a escolha de estilos de vida também ficou por conta da escolha reflexiva do indivíduo, que temeroso, sabia-se solto, vivendo sem nenhuma garantia com relação ao certo e errado de suas escolhas. Após essa ruptura, as pessoas que temiam viver em constante oscilação emocional, passaram a se submeter à inúmeras formas de autoritarismo. Foi assim que, na modernidade tardia, o fundamentalismo religioso foi ganhando espaço, por oferecer respostas claras sobre o que

<sup>46</sup> expressão usada em vários momentos por Bauman na sua obra *Identidade* (2005)

fazer e como se comportar num mundo que todos sentem que parece estar sem direção. Como afirma Bauman: “quanto mais “autoritária” é uma determinada orientação religiosa, mais ela “resolve”o problema de como viver num mundo de múltiplas opções”( Bauman, 2005:133).

Assim, o fundamentalismo encontrou na modernidade tardia, um terreno fértil onde pode crescer, arrebanhando pessoas perdidas, feridas pela experiência de abandono, assustadas pelo fantasma da exclusão. Em troca de um lugar “seguro” apagam suas identidades e abrem mão da liberdade, mas em compensação, ganham o pertencimento. Embora não deixe de ser uma escolha patológica e na contramão da modernidade reflexiva, para muitos, ela é a garantia da manutenção do “nós”. Os lugares nos quais as pessoas costumavam depositar seu sentimento de pertencimento, como trabalho, família e vizinhança, se tornaram indisponíveis ou indignos de confiança, aumentando conseqüentemente a sede de convívio e a ilusão que existe um lugar, capaz de diminuir ou mesmo de dissolver o medo do abandono e da solidão.

Muitas pessoas não estão preocupadas com isso e negam a necessidade de convívio, solidariedade e troca com o outro, optando por uma forma de ser à la Don Juan. Dentre as infinitas estratégias usadas pela Rê Bordosa, para fugir das suas próprias limitações e da autoreflexão, mergulhava nas orgias sexuais. Rê Bordosa, usa o sexo como um entorpecente, e não parece que seja coincidência, que alguns autores consideram Don Juan, o herói da modernidade



Rê Bordosa, sempre viveu a fugacidade do momento sem nenhum vínculo com a realidade. Bauman com muita propriedade observa que na modernidade tardia, as “parcerias de engajamento instantâneo” aquelas de consumo rápido e descarte imediato causam sentimentos de vazio e solidão, muito semelhantes aos sentimentos de privação.





Para afastar tão desastrosos sentimentos, o mercado de consumo, através da propaganda “mitologiza” automóveis, roupas, lingerie, jóias, viagens, celulares como se fossem cupidos modernos, como por exemplo os perfumes, que são vendidos como se fossem porções mágicas, capazes de despertarem no outro, paixão e desejo.



## PARCERIAS DE ENGAJAMENTO INSTANTÂNEO

Rê Bordosa, além de relacionamentos instantâneos, como a maioria dos jovens de sua geração, tinha orgulho desse tipo de comportamento, no qual o outro passava era totalmente descartável.





Bauman chama esses relacionamentos instantâneos, de “comunidades guarda-roupa”, por pendurarem os problemas individuais numa sala, como fazem os freqüentadores de teatros. Qualquer evento espetacular ou escandaloso, serve para manter as pessoas afastadas dos seus próprios desafios: uma empolgante partida de futebol, um crime particularmente “fotogênico”, a primeira sessão de um filme badalado, um casamento, divórcio ou infortúnio de uma celebridade que esteja em evidencia. Segundo Bauman, essas comunidades duram enquanto dura o espetáculo e desaparecem “quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides”. Suas “vantagens” com relação àquilo que é verdadeiro, são precisamente um círculo curtíssimo de duração, pois se trata de um compromisso precário e frágil. Essas relações “diferem da sonhada comunidade calorosa e solidária, da mesma forma que as copias em massa, vendidas nas lojas de departamento, diferem dos originais produzidos pela alta-costura...”(Bauman, 2005:37)



Bauman se junta ao coro de Giddens, e faz um alerta, dizendo que a modernidade torna cada vez mais difícil a reflexividade do eu : “autoridades hoje respeitadas amanhã serão ridicularizadas, ignoradas ou desprezadas; celebridades serão esquecidas, ídolos formadores de tendências só serão lembrados nos *quizz* shows da T.V; novidades consideradas preciosas serão atiradas nos depósitos de lixo, causas eternas serão descartadas por outras com a mesma pretensão à eternidade[...] poderes indestrutíveis se enfraquecerão e se dissiparão, importantes organizações políticas ou econômicas serão engolidas por outras ainda mais poderosas, ou simplesmente desaparecerão, capitais sólidos se transformarão no capital dos tolos; carreiras vitalícias promissoras mostrarão ser becos sem saída. Tudo isso é como habitar um universo desenhado por Escher, onde ninguém, em lugar algum, pode apontar a diferença entre um caminho ascendente e um declive acentuado.(Bauman,2005:58)

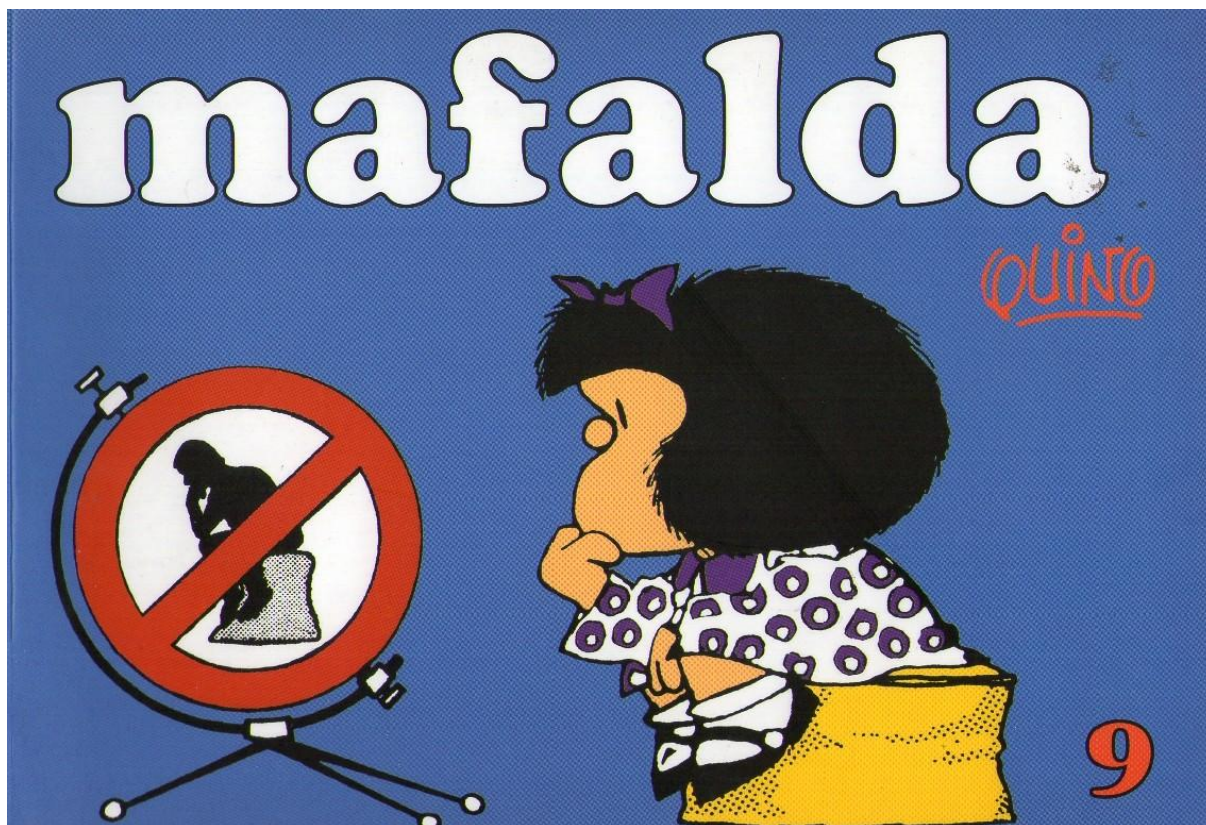
Essa perda de consistência contaminou também a identidade nacional. O sentimento patriótico, tão valorizado no início dos Estados modernos, acabou sendo transferido para o mercado e por ele formatado para aumentar o lucro daqueles que promovem o esporte, do mundo do entretenimento , e dos organizadores das festividades, diluindo qualquer possibilidade de identidade nacional. Bauman cita um cartaz que em 1944 foi pregado nos muros, e espalhados pelas ruas de Berlim, ridicularizando os movimentos nacionalistas, nos quais se lia: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza, italiana. Sua democracia,

grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (Bauman, 2005:33)

No processo contínuo de se inventar, o indivíduo sente as ambivalências da própria identidade, construída à partir de um misto de nostalgia do passado e de um desejo de adaptação ao contemporâneo. A identidade, portanto, se torna frágil, porque se trata apenas de mais uma história (que o indivíduo conta) entre muitas outras histórias possíveis. Mas, ao mesmo tempo, dependendo de certas circunstâncias, essa mesma identidade frágil pode se tornar sólida, quando o sentido de identidade é mantido ao longo da vida, mesmo em situações de tensões e transições. Embora, a autoreflexão, seja o único antídoto para se sobreviver num mundo caótico, o autoescrutínio não deve se transformar em obsessão. Se isso acontecer, a pessoa deixará de ter confiança na sua integridade e passará a se sentir moralmente “vazia”, por lhe faltar o “aconchego” de uma autoapreciação amorosa. Como pontua Giddens : “O resultado do autoescrutínio quando obsessivo, é uma sensação de que a espontaneidade viva do eu, se tornou numa coisa morta, sem vida” (Giddens, 2002:55)



## AUSÊNCIA DE REFLEXIVIDADE

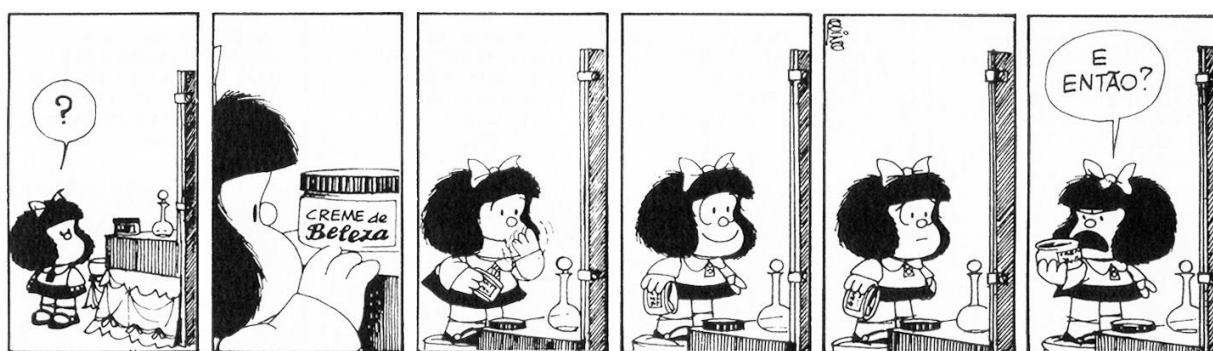


Alguns autores acusam Giddens, afirmando que é impossível existir uma modernidade reflexiva, pelo fato de não se encontrar a reflexividade em todos os setores da vida e nem estar ao alcance das pessoas menos favorecidas. Levantam, para dar exemplo de suas posições, o caso de uma mãe solteira, morando na periferia, e que trabalha para sustentar seus filhos, é impossível que esta mulher seja reflexiva, como também não tem liberdade para construir sua própria narrativa de vida.

Seguem com o argumento, dizendo que além disso, as pessoas não são hospitaleiras à crítica e uma onda crescente de sentimentos hedonistas, cuja política é a do “eu primeiro”, dificultam a reflexividade. Segundo Bauman: “tem se falado muito de “reflexividade” da vida contemporânea; na verdade, todos nós, “indivíduos por decreto” que somos, os “políticos da vida”, mais do que membros de uma “comunidade organizada politicamente”, tendemos a ser contadores de histórias compulsivos, e encontramos poucos ou nenhum tópico mais interessante que nós mesmos para nossas histórias, nossas emoções, sensações e as mais íntimas experiências”(Bauman,2008:17).A questão, segundo ele, é que nesse jogo da vida, no qual todos jogam, tal jogo é conduzido de uma maneira tal, que as cartas que são embaralhadas e distribuídas, raras vezes sofrem qualquer tipo de exame, e acima de tudo não se tornam nem material para reflexão, e muito menos material para uma discussão séria.

Outro argumento contra a Modernidade Reflexiva é a constatação de muitos, que a falta de reflexividade atingiu também a sociedade, na medida em que esta, parou de se questionar. Embora a modernidade tenha dado à todos a liberdade de criticar, o problema apontado por aqueles que não concordam com Giddens, é que essas críticas quando existem, são críticas “sem dentes”, incapazes de afetar a agenda estabelecida. A liberdade sem precedentes, que a

sociedade ocidental, oferece a seus membros, chegou como Leo Strauss alertou há muito tempo, com uma impotência sem precedentes.



Mas, seguindo o pensamento de Giddens, o que sustenta e mantém a reflexividade, é uma articulação de entrelaçamentos de redes globais e locais e de estruturas de informação e comunicação, que torna possível que a reflexão abranja todos os setores da vida e todas as pessoas, independente da classe social. Diferentemente do capitalismo industrial, no qual as desigualdades de classe e as oportunidades de vida, dependiam do lugar que o indivíduo ocupava na sociedade, e do acesso que ele tinha aos meios de produção, na Modernidade Reflexiva, as oportunidades de vida dependem do lugar que o indivíduo ocupa no “mundo da informação”. Como afirma Lasch: “na Modernidade Reflexiva, as oportunidades de vida e de reflexão, não estão ligadas ao capital produtivo ou às estruturas da produção, mas em vez disso, às novas estruturas de informação e comunicação”. (Lasch, 1997:147)

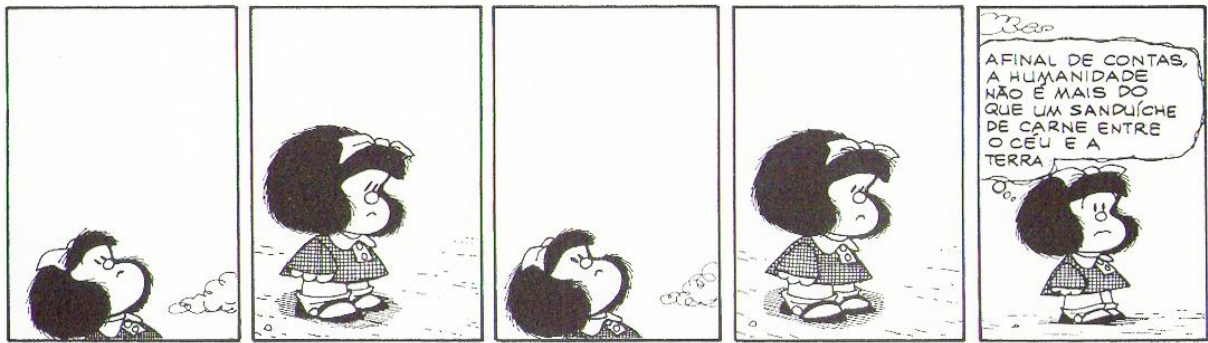




Giddens concorda, que embora a Modernidade Reflexiva, se caracterize pela abertura “experimental” e pela “democracia dialógica”, infelizmente os fenômenos não reflexivos, como o alcoolismo, drogas e vícios alimentares, continuam a existir. Sem dúvida, para aqueles que ficam de fora e não tem a coragem de seguir o fluxo da reflexão, os dilemas à respeito “do que fazer” e “como fazer” se tornam mais agudos e dolorosos, da mesma maneira que um indivíduo reflexivo, sua reflexão não tem nenhum valor se ele não conseguir aproveitar as novas oportunidades que a Modernidade Reflexiva, tem para oferecer. Como por exemplo, quando a vida precisa ser vista com um novo olhar, quando o eu necessita de uma requalificação, quando o corpo ou a alma adoecem, ou quando o homem precisa de amparo, são os Sistemas Especialistas que poderão ajudá-lo.

## **REFLEXIVIDADE INSTITUCIONALIZADA : SISTEMAS ESPECIALISTAS**

Nicolau Copérnico, considerava seus estudos como um ato religioso, mas à despeito dessa sacralidade, destruiu o “sagrado”, quando provou que os seres humanos não só ocupavam uma posição periférica no Universo, como também viviam num planeta banal, que girava em torno de uma estrela, que se comparada às demais, é de uma grandeza menor. Suas descobertas causaram um impacto profundo na confiança que os homens depositavam nas suas próprias percepções. O fato de ter provado que o planeta que parecia imóvel, na verdade, movia-se em grande velocidade e em volta do Sol, arrancou as pessoas do trono das certezas atirando-as na vala comum da eterna e permanente dúvida, despertando sentimentos de ambivalência e insegurança. Portanto, a modernidade, que desde seus primórdios havia estimulado as pessoas a desenvolverem suas próprias idéias, acabou transformando-as em seres inseguros e dependentes dos modernos sistemas “especialistas”, treinados para decifrar todos os aspectos da natureza da vida.



Em função do Estado ter transferido a responsabilidade da construção da identidade, para os ombros dos próprios indivíduos, os sistemas especialistas, (médicos, psicólogos, educadores, e várias formas de “consultoria”) passaram a deter o conhecimento técnico, na modernidade tardia, desempenhando um papel importantíssimo na vida das pessoas, ajudando-as a viver melhor. Com isso, os sistemas especialistas foram ganhando cada vez mais espaço na sociedade, exercendo um duplo papel: o de fonte de informação, e o de instrumento de reflexão.



Esses sistemas passaram a se envolver não só com a ordem institucional da modernidade, como também com a formação do eu. A primeira socialização da criança, segundo Giddens: “tende cada vez mais depender do conselho e instrução de especialistas (pediatras e educadores) e não mais da orientação direta e dos conselhos de uma geração pela outra”. (Giddens, 2002:37) Para Giddens, a Sociologia, a Psicanálise e a Psicologia, são as únicas e principais ciências, preparadas para se envolverem de maneira direta com a Modernidade Reflexiva, sendo a Psicologia e a Psicanálise, na sua visão, as únicas capazes de ajudar os indivíduos no processo da autoreflexão, ou seja, na autorganização das suas narrativas de vida.

Segundo Giddens: “os sistemas especialistas, põe entre parênteses o tempo e o espaço, colocando à disposição dos indivíduos modos de conhecimento técnico, validado independentemente dos praticantes e dos clientes que fazem uso dele. Tais sistemas, penetram virtualmente todos os aspectos da vida social da modernidade, desde a relação com os alimentos que comemos, dos remédios que tomamos, dos prédios que habitamos, às formas de transporte que usamos, incluindo muitos outros fenômenos. Os sistemas especialistas não se limitam apenas às áreas tecnológicas; mas também se estendem às

próprias relações sociais e às intimidades do eu. O médico, o analista e o terapeuta, são tão importantes para os sistemas especialistas da modernidade, quanto o cientista, o técnico ou o engenheiro”(Giddens,2002:24) Giddens completa afirmando, que a reflexão na modernidade tardia, só é possível em função da confiança que os indivíduos depositam nos sistemas especialistas, mas sua grande preocupação é com a “segurança ontológica” mais do que com as instituições.

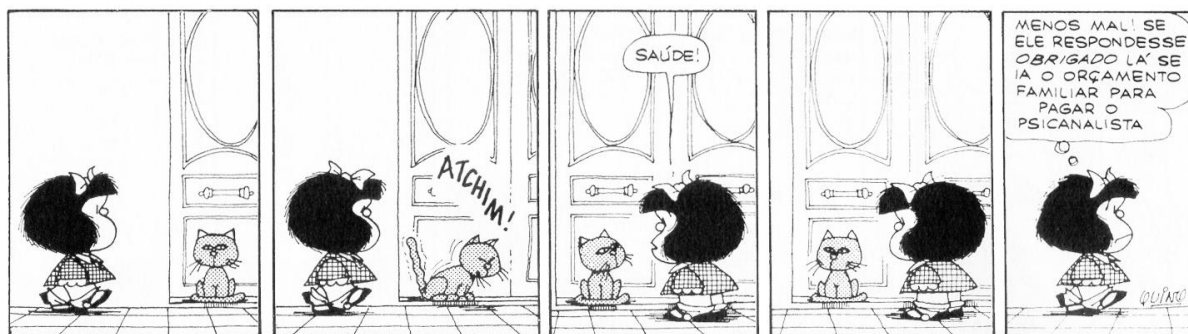
Ele tem pesquisado para encontrar uma saída, para um dos maiores impasses e desafios: como o indivíduo pode enfrentar as ameaças sociais e as psíquicas que existem na modernidade tardia, e ao mesmo tempo manter um nível razoável de estabilidade emocional. Embora, Giddens, concorde que no passado os indivíduos também sentiam ansiedades e inseguranças, completa dizendo que “ com certeza, a forma e o conteúdo das ansiedades e inseguranças que hoje afligem milhões de indivíduos, são muito diferentes das que foram no passado”.(Giddens, 2002:35).Portanto, a única saída que Giddens enxerga para resolver o problema da insegurança ontológica e o da ansiedade das pessoas, é através da mediação dos sistemas especialistas.

## PSICANÁLISE: UM SISTEMA ESPECIALISTA



Embora no século XX, o mundo ocidental tenha entrado numa fase desencantada, por volta de 1960, o hedonismo se transformou no grande valor da sociedade ocidental. Nas palavras de Lipovetsky: “ o próprio hedonismo personalizou-se e mudou para o narcisismo psi” (Lipovetsky, 2005: 93).

Neste momento, no qual as pessoas começaram a questionar a lógica hedonista, a psicanálise foi vista como uma saída, porque ela estabelecia uma ferrenha oposição à autoridade, ao puritanismo, ao trabalho alienado e à irrupção psicodélica; dando início nesse decênio, aos ideais *cool*, que significavam “crítica à bulimia consumista, crítica à vida urbana e padronizada, crítica aos valores agressivos e viris, psicologização da militância, integração da autoanálise e do eu na crítica social, e uma crescente e generalizada vontade de “mudar a vida”, transformando diretamente as relações consigo mesmo e com os outros.



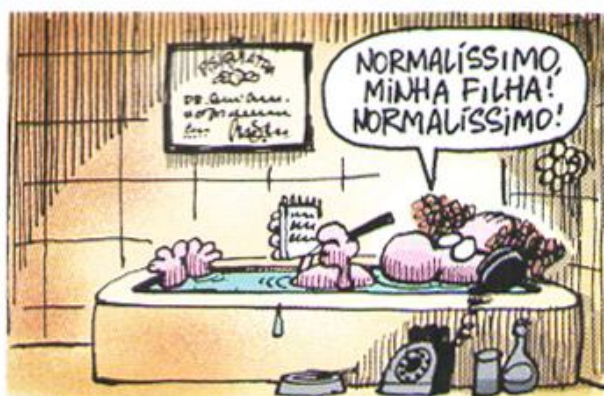
No final do século XX , “o entusiasmo psicodélico” chegou ao fim, e o movimento da contracultura foi substituído pelo culto do desenvolvimento espiritual, psicológico, e esportivo.



A Psicanálise então, conseguiu ser vista como um instrumento capaz de auxiliar o indivíduo a revisitar seu passado, a fim de criar maior autonomia com relação ao seu futuro. Mas, sua grande limitação como tratamento, foi e continuou sendo, caminhar na contramão do sistema capitalista, que segrega as pessoas da autoreflexão, de experiências existenciais como a morte, loucura, violência, e oferece em troca uma cultura de enorme empobrecimento moral.

Rê Bordosa, também fez parte do movimento daqueles que procuraram a psicanálise para fazer uma profunda autoreflexão. Num dos seu raros momentos de sensatez, telefonou para um psicanalista, para saber se o que sentia era normal. Falou que era infeliz, que se sentia um verdadeiro poço de amarguras, que bebia feito uma vaca, mas que não sabia a origem do seu sofrimento, se era falta de homem ou loucura de fim de século. Mas como o psicanalista era tão doido quanto ela, afirmou com toda segurança, que tudo o que ela sentia era absolutamente normal.





O capitalismo expõe pessoas despreparadas às exigências duras da vida e aos grandes choques, e conseqüentemente não consegue evitar que elas se tornem desajustadas. Por isso, o eu, na modernidade tardia, é frágil, quebradiço, fraturado, fragmentado, exatamente como descrito pelos pós-estruturalistas. Daí as freqüentes ocorrências de “desordens narcísicas de caráter”, quando o eu é chamado a cumprir tarefas, às quais não pode dar cabo.



Portanto, o sistema especialista, foi a forma que a sociedade encontrou, para preparar os indivíduos para a vida, incentivando a reflexão. Sendo também uma forma de proteger as pessoas, da enxurrada de livros de autoajuda e medicina alternativa, que prometem curas milagrosas para os problemas físicos, emocionais, e espirituais, cujos autores, garantem que resolvem problemas de relacionamento pessoal e familiar, como “vendem” também fórmulas mágicas e conselhos “sábios”, para as pessoas se darem bem no trabalho, ganharem muito dinheiro, e terem uma vida espiritual rica de experiências transcendentais. Juntam-se aos autores de autoajuda os “*experts*” em “*body building*”, prometendo exercícios mágicos para perder a barriga e ter um corpo atraente, e os orientadores sexuais, que ensinam as mulheres alcançar orgasmos pirotécnicos. Esses tipos de autores se aproveitam das divergências de opiniões dos sistemas especialistas, para venderem “verdades inquestionáveis”, e da dificuldade das pessoas de fazerem escolhas e tomarem decisões.

Nos Estados Unidos, país que se encontra no topo da lista como o maior mercado de livro de autoajuda, Vernon Coleman<sup>47</sup>, é um desses autores campeões de venda, cuja “*expertise*” é no campo da saúde. Normalmente seus livros apresentam questionários, que através das respostas, ele é capaz de calcular os riscos que os indivíduos tem de contrair doenças específicas como câncer, problemas circulatórios e cardíacos, dificuldades com os músculos e articulações, e até doenças respiratórias. Sua técnica é apelar para o “bom senso” do leitor, afirmando que ele (o leitor) não pode acreditar nos conhecimentos que a medicina divulga: “se voce acreditar em tudo o que lê hoje em dia sobre os alimentos, você provavelmente nunca mais vai querer comer. Ligue a TV ou o radio, abra uma revista ou um jornal, e verá ou ouvirá histórias horríveis sobre as coisas sinistras que o alimento causa em você. Não é agradável sentar-se diante de um prato de boa aparência, e imaginar que pode ser o último da sua vida. O que preocupa é o fato de que a informação que é oferecida neste momento, muitas vezes entra em conflito com os dados da semana passada...Qual é a verdade sobre a

<sup>47</sup> Sobre esse assunto ver em “Modernidade e Identidade” (2002) de Anthony Giddens

comida que comemos?...O que é bom e o que é mau para voce? Coleman deixa claro que as incertezas da medicina e de seus profissionais, principalmente na área da nutrição, só servem para deixar as pessoas confusas e muito mais inseguras, afirmando que: “as pessoas são aconselhadas a diminuir a ingestão de colesterol, gordura animal, sal, álcool, doces, sem os médicos terem uma prova concreta de que essas coisas realmente fazem mal à saúde”. Coleman termina sua ladainha, estimulando as pessoas comprarem os alimentos de pequenos produtores locais, ou em pequenos supermercados, cujos produtos tendem a ser mais frescos. Coleman, como muitos outros autores de livros de autoajuda, procuram suplantar a autoridade dos sistemas especialistas, se valendo da falha da própria modernidade, que reduz em incerteza e dúvida grande parte do conhecimento.

Portanto, segundo Giddens, em função das exigências feitas pela modernidade tardia com relação à maneira pela qual o indivíduo precisa interpretar e experimentar o mundo, a Psicanálise se constitui num dos sistemas especialistas mais importantes, capaz como nenhum outro, de auxiliar o indivíduo, não só lidar com sua faceta mais problemática, que é a psicológica, como também dar conta do desafio de se manter equilibrado, num mundo em desequilíbrio. Tanto a psicanálise quanto a psicologia, por se tratarem de sistemas especializados em distúrbios da personalidade, motivação, e comportamento, se constituem nas únicas ferramentas capazes de ajudar o indivíduo obter o autoconhecimento.



A psicanálise se tornou conhecida no alvorecer do século XX, como um movimento teórico de vanguarda, cujo tratamento se baseia no “dizer tudo”, na escuta do analista, nas associações livres e na transferência dos analisandos, sendo esta ultima, a pedra de toque dessa alquimia. O movimento psicanalítico se misturou na vida moderna, espalhou-se pela cultura, criando um continente seguro para a reflexão e construção do ser. A atenção flutuante do psicanalista se alinha com a representação moderna do indivíduo, que abraça o novo, criando o espaço onde tudo faz sentido, até mesmo o “nonsense”.





Para Lipovetsky, a teoria freudiana se tornou “peça constituinte da cultura moderna, o Inconsciente e o Recalcamento tornaram-se vetores de personalização. A nossa representação antropológica: o sonho, o lapso, a neurose, o ato falho, o fantasma, já não pertencem a esferas separadas, mas unificam-se de algum modo sob a égide das “formações do inconsciente”, exigindo uma interpretação na “primeira pessoa”, baseada nas associações do próprio indivíduo. Sem dúvida, a criança, o selvagem, a mulher, o perverso, o louco, e o neurótico, conservam sua especificidade, mas os territórios perdem a heterogeneidade com o desenvolvimento de uma problemática, que reconhece a onipotência da arqueologia do desejo, do recalcamento e do processo primário”. (Lipovetsky, 2005:82)

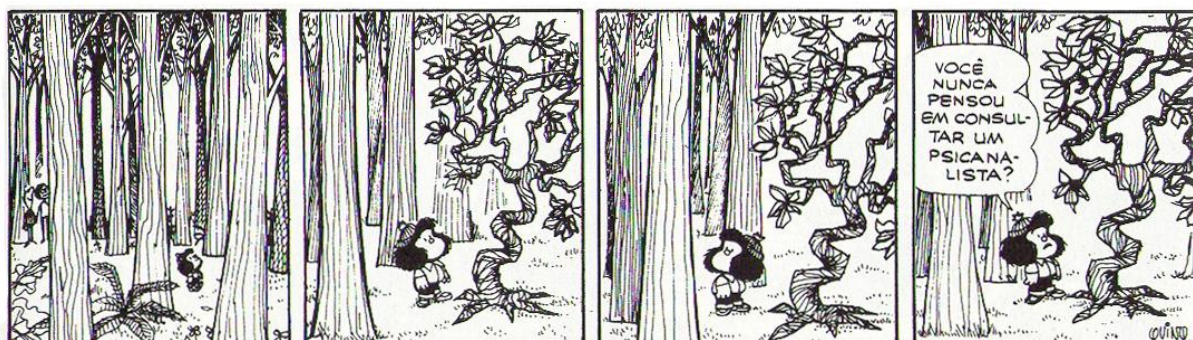
Alguns autores defendem a idéia de que existe uma íntima relação entre o surgimento da psicanálise e o enfraquecimento da religião, responsável pelo “deserto moral”<sup>48</sup> que marcou o século XX. Se partirmos do pressuposto que a psicanálise veio ocupar o vazio deixado pela religião, dando continuidade ao papel orientador da Igreja, ela serviria apenas para garantir o “funcionamento social adequado” do indivíduo. Alguns autores defendem a idéia de que a psicanálise veio substituir a religião, afirmando que se antigamente as pessoas buscavam consolo na Igreja, hoje elas buscam o primeiro analista disponível, para se tornarem pessoas sãs num mundo louco, e para possuírem uma personalidade integrada na era de perigo nuclear.



<sup>48</sup> Expressão usada por Rieff, no livro Modernidade e Identidade de Anthony Giddens( 2002,166)



O objetivo da psicanálise não é “integrar” o indivíduo à sociedade, mas sim ajudá-lo a conquistar o autoconhecimento. Portanto, como afirma Giddens, a psicanálise é “ muito mais uma expressão específica de dilemas e práticas relevantes para a alta modernidade, do que um fenômeno que substitui formas sociais e morais mais tradicionais”. (Giddens, 2002:166) Mas ainda persiste a crença, expressa por muitos e inclusive pela Mafalda, ( que representa o imaginário popular) de que a psicanálise pode “concertar”o indivíduo.



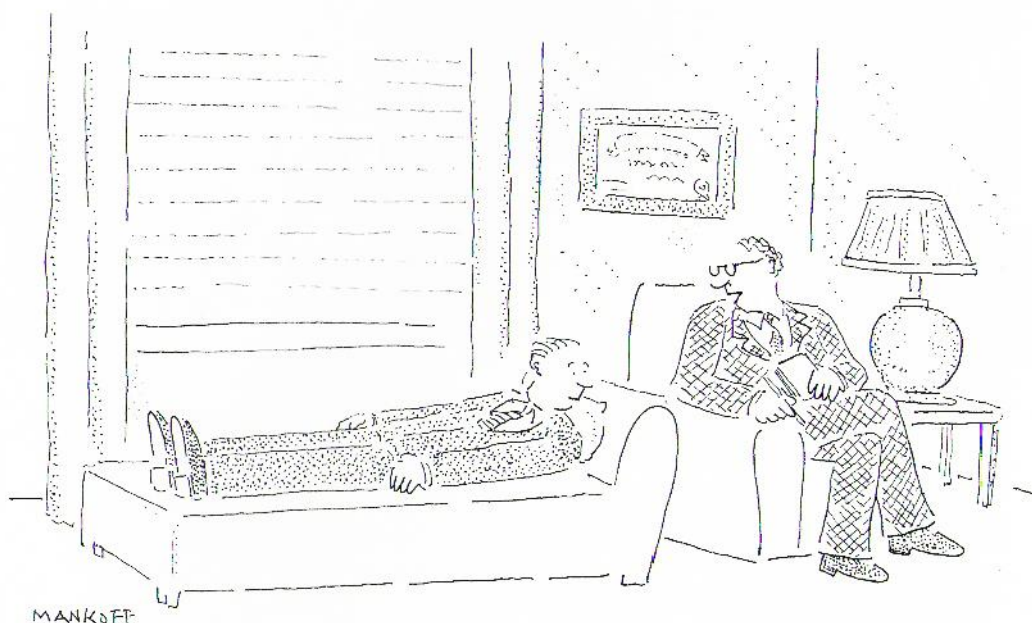
O indivíduo contemporâneo, em função da modernidade ter acabado com a pequena comunidade, se sente só, distante de tudo o que um dia lhe foi familiar, jogado num mundo, que não lhe oferece nenhum tipo de apoio psicológico. Portanto, a Psicanálise, acabou sendo aceita na sociedade ocidental, por se tratar de uma espécie de “resposta aos efeitos debilitantes das instituições modernas, com relação à autoexperiência e às emoções”(Giddens,2002:38) Tanto a psicanálise, como a psicologia, ganharam espaço como um meio de lidar com os medos e ansiedades, como uma maneira de estimular a autoreflexão.



Mas a despeito da aceitação, psicanálise e psicanalistas não escaparam de se tornarem motivos de piadas, e de temas de cartuns em revistas do mundo todo, inclusive os da prestigiada New Yorker<sup>49</sup>. Segundo o crítico Sergio Augusto, os cartuns são “verdadeiras

<sup>49</sup> tradicional revista do mercado editorial americano, lançada pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1925

crônicas gráficas, oportunas, perspicazes e concisas, das neuroses e modismos do século XX” (Augusto, 2009:6). Behrman, dramaturgo americano, dizia que o principal objetivo da psicanálise é fazer com que as pessoas simples se sintam complexas. Freud e Jung ficariam horrorizados com os cartuns do New Yorker, que invariavelmente mostram o analisando (paranóicos, edipianos, maníaco-depressivos, hipocondríacos etc.) deitados no divã, atendidos por um psicanalista louco, interesseiro, narcísico, e até mesmo cruel.



– *Que parte da “regressão maligna e da reintrojeção patogênica como defesa contra a descompensação psíquica” você não entendeu?*

Até hoje a psicanálise ainda é vista como um tratamento para loucos, aplicada por outro louco, que além de não “curar” o indivíduo dos seus males, custa muito caro. É o “bolso” do analisando, dizem os mais céticos, que irá definir a duração do tratamento, enquanto as más línguas afirmam que o único interesse do psicanalista, é o dinheiro da consulta.





Hoje, depois de mais de um século, a visão que a terapia toma tempo e dinheiro e que não passa de uma “diversão de privilegiados”, ainda permanece, e o pior, muitos acreditam que a psicanálise transforma as pessoas em pessoas arrogantes e egoístas. Até mesmo intelectuais, como Lasch, confundem o ethos da autodescoberta proposto pela psicanálise, com um método que promove a dependência, a inflação de ego, capaz de desviar o indivíduo da reflexão restauradora, empurrando-o para um autoengrandecimento vazio.



Giddens é um grande defensor da psicanálise, e embora admita o risco da inflação de ego, afirma que isso não invalida absolutamente o valor da mesma. Para Giddens, o pior é a idéia que a sociedade hedonista faz do projeto reflexivo como subversivo. Giddens afirma que: “não é o projeto reflexivo do eu enquanto tal, que é subversivo, mas sim, o ethos do autocrescimento que marca importantes transições sociais na modernidade tardia, como um todo”(Giddens, 2002:19)

É muito difícil para as pessoas enxergarem a psicanálise, como um sistema especializado e profundamente engajado com o projeto reflexivo do eu. Embora a psicanálise tenha nascido com o objetivo de combater as neuroses ou as chamadas patologias da personalidade, ela precisa e deve ser entendida e avaliada como sendo uma metodologia de planejamento de vida.





Hoje, o “indivíduo capaz” é aquele que conquistou o autoconhecimento, e é suficientemente competente para harmonizar preocupações presentes e projetos futuros, com a herança psicológica do passado. A psicanálise e alguns tipos de terapias, não se constituem em aparatos de ajuste, mas como meios de reflexão, que ajudam o indivíduo lidar com os deslocamentos, rupturas e incertezas produzidos pela modernidade, como também lidar com as oportunidades e riscos que hoje estão absolutamente misturados. Como afirma Giddens: “as terapias podem sim provocar dependência e passividade, mas também podem permitir o envolvimento e a reapropriação”. (Giddens, 2005:167)



Hoje, a personalidade esquizofrênica, (não no sentido clínico restrito) tem uma presença muito mais marcante e é muito mais freqüente do que os tipos de personalidade alienada ou paranóica.



Para Lacan, a esquizofrenia se trata de uma desordem lingüística, ou de uma ruptura na cadeia significativa de sentido que se revela na formação de uma frase simples, pois quando a cadeia se rompe, “temos a esquizofrenia, na forma de um agregado de significantes distintos e não relacionados entre si”. (Deleuze, 1997: 83). Segundo Lacan, se partirmos do pressuposto que a identidade pessoal é forjada por meio de uma certa unificação temporal do passado e do futuro com o presente, as frases obrigatoriamente tem que seguir o mesmo padrão, para poder expressar uma experiência biográfica coerente. Mas, na modernidade tardia, tudo isso foi deixado de lado. A preocupação passa a ser muito maior com o significante, do que com o significado, e nas palavras de Harvey: “mais com a participação, com a performance e o com happening, do que com um objeto de arte acabado, muito mais com as aparências superficiais do que com as raízes” (Harvey, 1989: 56).

Do ponto de vista de Lacan, a ruptura de uma cadeia significativa tem como efeito a redução da experiência do indivíduo a “uma série de presentes puros e não relacionados no tempo” (Deleuze, 1997: 85). Deleuze e Guatarri, na obra *O Anti Édipo*, afirmam que o capitalismo é responsável pela esquizofrenia no mundo, dizendo que: “a nossa sociedade produz esquizofrênicos da mesma maneira como produz o xampu Prell ou os carros Ford, com a única diferença de que os esquizofrênicos não são vendáveis”, (Deleuze e Guatarri, 1984:245)



Marx acreditava que o “homem” era capaz de construir uma subjetividade rica, mas o que o impedia era o trabalho assalariado, tornando-o alienado, aviltando e mutilando esse homem moderno<sup>50</sup>. No caso da modernidade tardia, não é possível se falar em indivíduo alienado, até porque para ser alienado o sujeito precisa primeiro possuir um eu coerente e se dedicar a projetos de longa duração, e não ser fragmentado como é o indivíduo contemporâneo. Outro fato que não permite que o “homem” contemporâneo seja alienado, é porque não existe na modernidade tardia, esforço para sustentar uma continuidade: seja ela de valores, crenças ou até mesmo de descrenças. Da mesma maneira que a continuidade histórica sofreu uma grande ruptura e a desconstrução da autoridade tem sido contínua, responsável pela superficialidade que hoje permeia a vida, podemos afirmar que a alienação é da ordem psicológica e não social. Afinal, como afirma Harvey, a modernidade tardia “julga o espetáculo, apenas em termos de quão espetacular ele é”. (Harvey, 1989:58)

## A INSEGURANÇA NA MODERNIDADE TARDIA

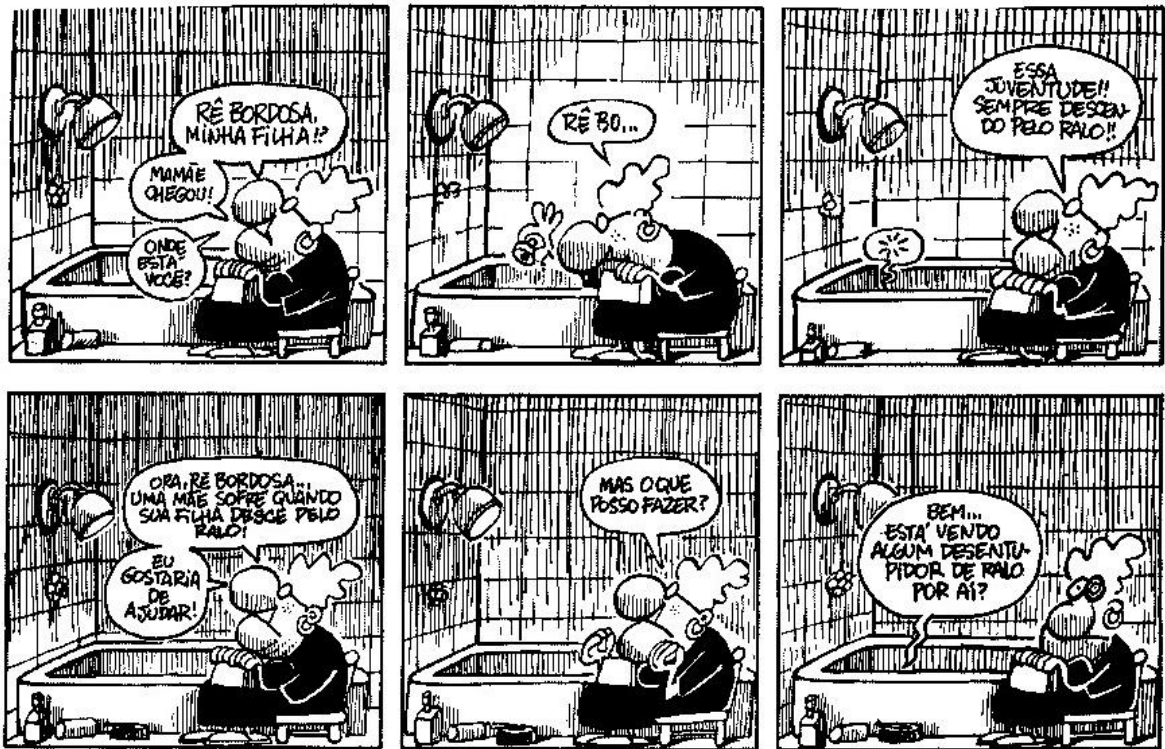
Inseguro, o “homem” contemporâneo, se tornou ávido de auxílio, e passou a se entregar nas mãos daqueles que podem o ajudar. Woody Allen, abordando essa característica num de seus filmes, criou um personagem golpista e bastante esperto, que decide se aproveitar dessa necessidade para ganhar dinheiro, criando cursos de verão para “aconselhar” as pessoas como agir em diversas situações: “um curso de teoria econômica, no qual estaria incluído o item inflação e depressão e como se vestir para cada situação, um curso de ética, que trabalharia o tema “o imperativo categórico e seis maneiras de fazê-lo trabalhar para você”, e finalmente um prospecto de astronomia que seria entregue gratuitamente às pessoas, informando “ que o Sol é feito de gás, e que pode explodir a qualquer momento, destruindo todo nosso sistema solar”<sup>51</sup>.

Laing afirma que as pessoas inseguras carecem de sentimento de continuidade biográfica e percebem o tempo como se fosse uma série de momentos descontínuos e não estabelecem nenhuma ligação entre as experiências prévias e as subsequentes, (o que torna impossível a

<sup>50</sup> Sobre esse assunto ver o trabalho da Prof. Dra Maria Lucia Duriguetto “A Temática da Alienação: Origens e Particularidades” <http://www.unicamp.br/cemarx/marialucia.htm>

<sup>51</sup> Texto extraído de outro contexto do livro de Bauman: A Sociedade Individualizada(2008,67)

construção de uma narrativa contínua), conseqüentemente o que os torna mais ansiosos e medrosos de serem engolfados, esmagados ou sufocados.



Laing concluiu também que num ambiente exterior cheio de mudanças, esses indivíduos se tornam obsessivamente preocupados com os riscos que podem afetar suas vidas, e se paralisam só de pensar nessa possibilidade. Dr Laing chama esse estado de “morte íntima”, ou seja, quando as pessoas são incapazes de bloquear os perigos iminentes através de um “casulo protetor”, podendo chegar até a se “misturar com o próprio ambiente” com medo de serem alvos dos perigos que os assombram.





Enquanto, que as pessoas seguras são aquelas que possuem um sentido razoavelmente estável de identidade, têm uma clara sensação de continuidade biográfica, e são capazes de comunicar isso aos outros, em maior ou menor grau.

Giddens afirma que para alguém se tornar uma pessoa segura, é necessário que ela tenha tido na infância confiança nos adultos que cuidaram dela, e que esses adultos tenham ajudado a construir um casulo protetor, capaz de “filtrar” no dia a dia os perigos que possam ameaçar a integridade do eu. Essa pessoa portanto, na visão de Giddens, (que coincide com as principais teorias de psicologia) é capaz de manter uma autoapreciação suficientemente capaz de sustentar o sentido de um eu “vivo”, através de uma constante reflexão.

## MODERNIDADE PÓS-TRADICIONAL

As transformações sofridas pela modernidade, não atingiu apenas o Ocidente, mas o mundo como um todo, dando nascimento ao que Giddens chama de modernidade pós-tradicional. Embora esse nome soe como um disparate, visto que modernidade significa o oposto de tradição, a intenção de Giddens é chamar atenção para esse momento no qual a modernidade passa, de destradicionalização. Se no início, a modernidade colocou muita energia para a reconstrução e “invenção” da tradição, hoje, ela usa esse mesmo esforço para dissolver toda e qualquer tradição, deixando intacta apenas a família e a identidade social.



Se nas sociedades tradicionais, as mudanças praticamente não existiam, tanto o passado como seus símbolos eram venerados e perpetuados através das gerações, hoje a sociedade trabalha no sentido de acabar com a tradição, desprezando o fato de que a tradição sempre foi um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer tipo de atividade ou de experiência num “*continuum*” de passado, presente e futuro, o que concedia segurança e coerência à narrativa pessoal dos indivíduos.



Uma das características principais da modernidade tardia ou pós-tradicional, é a mudança, que Marx descreveu como sendo: “ o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos...Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem, antes de poderem ossificar-se. Tudo o que é sólido se desmancha no ar...”(Marx e Engels in Hall, 2006:14) O ritmo e o alcance da mudança continuam sendo tão grandes, que hoje atingem diferentes áreas do globo, modificando as instituições, (como por exemplo, o estado-nação, a mercantilização de produtos, e o trabalho assalariado) que à despeito de parecerem ser continuidades das antigas instituições, elas são organizadas em torno de princípios bem diferentes.



Outra característica da sociedade destradicionalizada, diz respeito às descontinuidades que aconteceram com relação à sociedade tradicional. Os modos de vida, inaugurados pela modernidade, nos livraram de todos os tipos tradicionais de ordem social. As transformações da modernidade foram tão grandes e profundas, que estabeleceram formas de interconexão social que cobriram todo o globo, alterando algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência, gerando inseguranças, descrenças e desesperança.



No que se refere às transformações da modernidade, o pensamento de Giddens pode ser resumido em duas características principais: a primeira diz respeito à globalização das instituições modernas, e a segunda, refere-se ao abandono das tradições, tanto na vida pessoal quanto na social.



Nessas últimas décadas, em função da influência de uma comunicação eletrônica, global e instantânea, as questões da tradição e do poder local, se modificaram de uma maneira tão radical, que acabaram transformando o mundo num lugar tão amplo, no qual “ninguém é forasteiro”. Hoje, com a globalização, não se pode evitar que as tradições que já existiam, não tenham contato com outras tradições e com modos alternativos de vida. Isso faz que Giddens acredite, que a Modernidade Reflexiva, irá assistir o retorno das antigas tradições, ou a invenção de novas.





Afirma David Harvey, que o rompimento da modernidade com a tradição : “não foi apenas um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente, mas sim, se caracterizou em ser um processo sem fim, de rupturas e fragmentações internas, no seu próprio interior”(Harvey,1989:12) Harvey e Giddens tem em comum a ênfase na descontinuidade, no deslocamento, na ruptura, na fragmentação da sociedade contemporânea, sendo que Giddens vai mais além e acredita na necessidade da novas tradições.

## TRADIÇÕES INVENTADAS

Giddens acredita na necessidade de invenção de novas tradições, baseando-se no fato de que as sociedades que se desenvolveram à partir da Revolução Industrial, para manter o poder e conferir credibilidade à ele, desenvolveram e até mesmo inventaram novas tradições. Segundo Hobsbawm, a tradição pode ser definida como sendo: “um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, que tem por objetivo imprimir através da repetição, valores e normas de comportamento, procurando manter uma relação de continuidade com o passado histórico ao qual a “tradição” se diz referir”.(Hobsbawm,2008:11)



Embora, as tradições inventadas existam desde tempo imemoriais, usadas como meio de poder, Hobsbawm só considera verdadeira a tradição, cujo nascimento tenha sido espontâneo. Quanto às tradições mais recentemente inventadas, (pois o passado que se imagina que elas pertençam, não precisa ser necessariamente remoto) funcionam como uma espécie de resistência às constantes mudanças e inovações do mundo moderno. Para Hobsbawm, é justamente essa “tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável, ao menos alguns aspectos da vida social, que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da historia contemporânea”.(Hobsbawm 2008:11).

No seu livro “*Tradições Inventadas*”, Hobsbawm fala à respeito das cerimônias mais importantes dos escoceses, nas quais todos os homens usam saia kilt<sup>52</sup>, e alguns tocam gaitas

<sup>52</sup> Um tipo de saia xadrez, usada pelos escoceses.



de fole. Difícil acreditar que esta tradição não tenha sua raiz em tempos muito antigos. Na verdade, o kilt, pelo que tudo indica, foi inventado por um industrial inglês no início do século XIX, para substituir a vestimenta até então usada pelos trabalhadores, com a intenção de trazer os highlanders para trabalhar nas fábricas. Quanto ao padrão xadrez, que distingue os diferentes clãs, foi criado em plena era vitoriana, por alfaiates, que enxergaram uma grande oportunidade comercial.

Giddens é mais radical e vai mais longe, afirmando que todas as tradições em um determinado momento, foram inventadas. Para ele, nenhuma sociedade considerada tradicional foi totalmente tradicional, da mesma maneira que as tradições nunca foram impermeáveis às mudanças. As tradições inventadas não são encontradas apenas na modernidade, pois de uma certa maneira, imperadores, reis e papas, inventaram tradições não só para servir a si próprios, como para legitimizar suas regras. Giddens, portanto, defende seu ponto de vista, partindo do pressuposto que se as tradições podem ser alteradas ou modificadas, (exceção com relação às tradições ligadas às grandes religiões, que tem durado milhares de anos, atravessando o tempo, relativamente com poucas alterações) elas podem também ser inventadas ou na melhor das hipóteses reinventadas. Giddens defende uma de suas posições mais firmes, que é a necessidade de se inventar novas tradições, que se alinhem à Modernidade Reflexiva.



Na visão de Giddens, a tradição confere identidade ao indivíduo, principalmente a tradição religiosa, embora esta, seja também uma fonte de exclusão, ( discriminando o não iniciado do iniciado) mas são elas que propiciam segurança ontológica, na medida em que, o “crente” estabelece uma forte ligação emocional com a tradição. As tradições também permitem que os indivíduos estabeleçam conexões mais amplas, gerando identidades sociais mais ricas e complexas. Partindo do ponto de vista de Giddens, podemos afirmar que as ameaças à integridade das tradições na modernidade tardia, são frequentemente, senão universalmente, experimentadas como ameaças à integridade do eu.

Desse modo a tradição e o hábito funcionam como uma âncora, para a confiança do indivíduo em si próprio e como mecanismo orientador para outras relações de confiança. O hábito, criado pela tradição, ajuda estruturar a personalidade, sendo que qualquer mudança mesmo mínima, causa um grande impacto na vida pessoal, obrigando as pessoas mudarem suas maneiras de fazerem as coisas, para poderem se adaptarem às novidades da vida cotidiana. Um exemplo maravilhoso do que estamos falando, se encontra no romance *The Mezzanine*

(1990) de Nicholson Baker, no qual um personagem descreve com um misto de nostalgia e encantamento, as “mudanças tecnológicas” ocorridas com a fôrma de gelo. Giddens usa esse exemplo, para ressaltar o quanto que uma transformação, mesmo banal e cotidiana, exige uma seqüência de adaptações, novas habilidades, e reflexão:

*A forma de gelo merece uma nota histórica. No início eram formas de alumínio com uma grade de laminas ligadas a uma alavanca, como um freio de mão, uma solução ruim; a gente tinha de passar a grade sob a água morna para que o gelo conseguisse se desprender do metal. Recordo-me de vê-las sendo usadas, mas eu mesmo nunca as usei. Depois, de repente, eram “bandejas” de plástico e de borracha, realmente moldes, com vários formatos, alguns produzindo cubos bem pequenos, outros produzindo cubos grandes e cubos de diferentes formatos. Havia sutilezas que com o tempo a gente acabava compreendendo; por exemplo, as pequenas fendas entalhadas nas paredes internas que separavam uma célula da outra, permitiam que o nível da água se igualasse, isto significa que poderíamos encher a bandeja passando as células rapidamente sob a torneira, como se estivéssemos tocando harmônica, ou poderíamos abri-la só um pouquinho, de forma que um filete de água silencioso caísse como uma linha da torneira e, segurando a bandeja em um determinado angulo, permitindo que a água entrasse em uma única célula e daí fosse passando para as células vizinhas, uma a uma, pouco a pouco enchendo toda a bandeja. As fendas intercelulares também eram úteis depois que a bandeja estava congelada; quando a torcíamos para forçar os cubos, podíamos seletivamente puxar um cubo de cada vez, enfiando a unha sob a projeção congelada que havia se formado em uma fenda. Se não conseguíssemos pegar a beirada de um toco da fenda porque a célula não havia se enchido até acima do nível da fenda, poderíamos cobrir com as mãos todos os cubos, menos um, e virar a bandeja, diríamos liberar todos os cubos ao mesmo tempo e depois, como se a bandeja fosse uma frigideira e estivéssemos virando uma panqueca, lançando-os ao ar . Os cubos pulavam simultaneamente dos seus espaços individuais, elevando-se cerca de meio centímetro, e a maioria voltava de novo para o seu lugar; mas alguns, aqueles que estivessem mais soltos, pulavam mais alto e frequentemente caíam de maneira irregular, deixando alguma ponta saliente por onde podiam ser apanhados, estes nós usávamos na nossa bebida (Giddens, 1987:78)*

Em muitos países industriais, as tradições ainda persistem porque as mudanças que ocorreram ficaram restritas ao nível governamental e econômico, permanecendo os modos tradicionais de se fazerem as coisas no dia a dia. Tanto isso é verdade que as tradições ainda impregnam alguns segmentos da vida, como a família, sexo, e gêneros.



Embora estejamos vivendo numa sociedade pós-tradicional, não significa que a tradição irá desaparecer. Na visão de Giddens, ela não só continuará a existir como até mesmo irá florescer. Isto porque, segundo Giddens: “o modo tradicional de ser e de fazer as coisas (o que significa defender as atividades tradicionais, através de seus rituais e simbolismos), precisa da existência da tradição, porque a tradição significa verdade e defender a tradição é defender a verdade”.(Giddens, 2005:213).Para Giddens, a tradição não se encontra nos costumes, mas sim na “memória coletiva”, que é o possibilita a reconstrução do passado e a construção do futuro. Embora, a tradição na modernidade tardia, tenha perdido espaço para a ciência, esta não conseguiu substituí-la, por não conseguir fornecer a “verdade”, que as pessoas precisam.

Desde a primeira etapa da modernização, fundada na oposição entre tradição e modernidade, até essa segunda etapa, de natureza reflexiva e autocrítica, a modernidade tem sido considerada um problema. Portanto, importante ressaltar, que esse momento, não se trata apenas de ser reflexivo, mas já se pode observar uma significativa reabilitação da tradição, principalmente no que diz respeito às exigências étnico-religiosas, que tem buscado apoio nos patrimônios simbólicos. Giddens acredita fortemente que: “todas as lembranças, todos os universos de sentido, todos os imaginários coletivos, que fazem referência ao passado, estão sendo convocados e reutilizados, não só para a construção de identidades, como também como realização pessoal”. (Giddens,1997:85)



Se por um lado, a sociedade consumista trabalha no sentido de apagar a memória coletiva, e para desmontar os hábitos ancestrais, por outro, existe um “*frisson*” pelo patrimônio histórico, pelas comemorações, assim como pelas identidades regionais, nacionais, étnicas e até mesmo religiosas, cujos motivos profundos, ainda não foram suficientemente estudados. Apenas percebemos, como afirma Lipovetsky, que: “quanto mais nossas sociedades se dedicam a um funcionamento-moda focado no presente, mais elas se vêem acompanhadas de uma onda mnêmica de fundo. Os modernos queriam fazer tabula rasa do passado, mas nós o reabilitamos; o ideal era ver-se livre das tradições, mas elas readquiriram dignidade social. Celebrando até o menor objeto do passado, invocando as obrigações da memória, remobilizando as tradições religiosas, a hipermodernidade não é estruturada por um presente



absoluto, ela o é por um presente paradoxal, um presente que não para de exumar e “redescobrir” o passado (Lipovetsky,2004:85). Talvez esse consumo do passado não seja tão ingênuo assim, talvez faça parte da onda consumista, capaz de transformar o passado em mercadoria, com a sedução de artigos “legítimos” e “originais”, vintage e retrô, mas acima de tudo e principalmente, transformar a memória em entretenimento. Talvez seja uma simples saudade do passado, ou uma maior confiança no que é “tradicional”. Mas são apenas hipóteses, que precisariam ser testadas à partir de uma pesquisa mais profunda.

Talvez a busca do passado tenha a ver com a própria modernidade e com um movimento de reutilização das tradições. Concordamos com Giddens, quando este afirma que: “a reflexividade ultramoderna não se refere apenas aos riscos tecnológicos, à racionalidade científica ou à divisão dos papéis sexuais, ela invade todos os reservatórios de sentido, todas as tradições do Ocidente e do Oriente, todos os saberes e todas as crenças, aí incluídas as mais irracionais e as menos ortodoxas, como astrologia, reencarnação, parapsicologia. O que define a modernidade não é só a autocrítica dos saberes e das instituições modernas, mas também a memória revisitada, a remobilização das crenças tradicionais, a hibridação individualista do passado e do presente. Não é só a desconstrução das tradições, mas o reemprego delas sem imposição institucional, o eterno rearranjar delas, conforme o princípio da soberania individual”.(Giddens, 2003:24)



Nem todos os elementos da tradição pré-moderna desapareceram, alguns funcionam até hoje, segundo uma lógica moderna, destradicionalizada e desinstitucionalizada. A omissão do Estado é escandalosa, a religião e a família se transformam em assuntos absolutamente privados, enquanto a sociedade de mercado se impõe, espalhando o culto da concorrência por toda a economia. A democracia destradicionalizada passou a ser a grande ambição de muitas nações, enquanto os direitos dos indivíduos, compõe os salmos da nova bíblia.

## A REPETIÇÃO COMO NEUROSE: TRADIÇÃO E VICIO

“A compulsividade em seu sentido mais amplo, é uma incapacidade para escapar do passado.O indivíduo que se vê autônomo, vive um destino sub-reptício”



(Giddens)



A ruptura com as tradições fez com que outras dinâmicas se introduzissem na vida pessoal, criando um verdadeiro puxa e empurra entre liberdade de ação e compulsividade de um lado, e cosmopolitismo e fundamentalismo do outro. A ruptura libertou as pessoas do círculo engessado das repetições, mas também abriu espaço para que os indivíduos, agora livres, se viciassem em qualquer coisa.



Giddens afirma que: “o progresso do vício é uma característica substantivamente significativa do universo social pós-moderno, como também é um “índice negativo” do processo de destradicionalização da sociedade”.(Giddens, 1997:90)



Se de um lado a ruptura com a tradição forçou homens e mulheres viverem de uma maneira mais reflexiva, do outro, em função da liberdade e de infinitas possibilidades de escolhas de estilos de vida, passaram a ter grandes dificuldades para tomar decisões, e essa insegurança criou espaço para o que Giddens chama de “o lado negro das dependências”, dos apegos, dos vícios e das compulsões.



Antes, quando se falava em vício, se estava falando apenas do alcoolismo e da dependência de drogas, hoje, qualquer área da vida humana é passiva de ser invadida pelo vício. As pessoas hoje, podem ser viciadas em qualquer coisa: comida, sexo, exercícios, trabalho e até mesmo em amor.



Giddens enxerga esse fenômeno como sendo resultado da perda da tradição, que antes regulava essas atividades. Hoje, homens e mulheres vivem sem códigos que os orientem com relação aos costumes, fazendo-os a se submeterem ao jugo da ansiedade, que é a chave mestra do vício.



Assim como a tradição, o vício se baseia na influência do passado sobre o presente, gerando o que Giddens chama de “autonomia congelada”. Para Giddens, vício é: “qualquer coisa sobre a qual precisamos mentir”. O vício tem o poder de manter as pessoas longe do contato consigo próprias, longe dos seus próprios sentimentos, da moralidade, da consciência, e dos processos de vida em geral. Quanto aos relacionamentos afetivos, os viciados geralmente são absolutamente obsessivos na relação com o outro. Para Giddens, “o vício, antes de ser um fenômeno fisiológico, é um fenômeno social e psicológico” (Giddens, 1997:90). O vício, embora tenha sido resultado de uma escolha pessoal, não deixa de ser uma escolha “obrigada” pela ansiedade. O vício obriga o indivíduo desenvolver hábitos, rituais que o aprisionam, impedindo-o de romper com os hábitos repetitivos, que estruturam o presente pelo passado, dominando seus sentimentos e emoções.



A sociedade contemporânea se caracteriza entre outras coisas, pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições e pela fragilização das personalidades, que se revela na autonomia exagerada dos indivíduos diante das limitações impostas pela família, e pela religião. Se de um lado, o indivíduo se tornou mais independente socialmente, do outro, se tornou mais cambiante e frágil, portador de um eu desestabilizado. Embora, essa independência tenha sabor de vitória, decretou o indivíduo como senhor de si próprio, mas, essa liberdade exige o alto preço dos efeitos colaterais, que se revelam e se resvalam numa maré de sintomas psicossomáticos, sentimentos de insuficiência pessoal, distúrbios compulsivos, depressões, ansiedades, autodepreciação e tentativas de suicídio.



Quando Freud iniciou sua busca pela cura das neuroses, ele se deparou com uma “ressaca emocional” e com a desintegração da cultura tradicional. Na verdade, Freud teve que lidar não apenas com a ordem psíquica, mas também com uma ordem social. Ele jamais escondeu que estava preocupado com o universo social, e principalmente com as questões que afetavam diretamente a autoidentidade, pois *a tradição estava começando a se transformar em compulsão...* Rê Bordosa é um exemplo eloqüente de uma vítima da modernidade. Viciada, as drogas mascararam sua sede por felicidade e destroem sua autoestima. Como afirma Bauman: “os vícios destroem a possibilidade de se chegar à satisfação, e dificilmente alguns deles cumprirem o que prometem”. (Bauman, 2001: 85)

## SOCIEDADE DE RISCO

“A sociedade de risco não é uma opção que se pode escolher ou rejeitar em debates políticos. Ela surge na continuidade dos processos de modernização, que são cegos e surdos a seus próprios efeitos e ameaças”

(Ulrich Beck)

“Julho de 1998 foi provavelmente o mês mais quente na história do mundo. Ondas de calor provocaram verdadeira devastação, não só em muitas áreas do hemisfério norte, como também em Eilat, Israel, onde as temperaturas se elevaram a quase 46 graus centígrados. No Texas, E.U, as temperaturas também chegaram perto dos 46 graus. Durante os primeiros oito meses do ano, cada mês batia o recorde de calor do mês anterior. Pouco tempo depois, em algumas áreas que haviam sido afetadas pelas ondas de calor, e onde jamais havia nevado, caiu uma tempestade de neve”.(Giddens, 2003:20) Notícias desse tipo, nunca mais deixaram de povoar a mídia internacional. Passaram a ser constantes na modernidade tardia, sem falar em catástrofes, que desde então, se alternam em todo o globo terrestre.





Não se sabe ainda se as mudanças climáticas, a presença de furacões, tufões, tempestades, e grandes deslizamentos de terra, são resultados da interferência do homem na Natureza, mas o que se pode afirmar com certeza, é que viver na modernidade tardia, é viver num “clima de risco”, que toma de assalto a vida cotidiana, atingindo à todos consciente ou inconscientemente. A questão do risco, passou a ser central numa sociedade que rompeu com o passado, e abandonou a maneira tradicional de se fazer as coisas, tornando o futuro além de problemático, bastante incerto.

O conceito de risco nasceu provavelmente entre os séculos XVI e XVII, cuja origem da palavra é portuguesa e significava ousar. Era usada para definir especificamente situações de navegação em mares desconhecidos. Como observa Giddens, foi um conceito que nasceu ligado ao espaço, e só mais tarde, com a importação da palavra pelo mercado financeiro, (usada por bancos de investimentos e pelas Bolsas de Valores) o conceito passou a ter uma íntima relação com o tempo, significando “o cálculo das prováveis conseqüências dos investimentos, se tornando um termo típico das sociedades orientadas para o futuro” (Giddens, 2003:21) Só recentemente que o conceito de risco, passou a definir uma gama muito mais ampla de possibilidades.



A modernidade tardia é o cenário perfeito para a proliferação do risco. Pois, do ponto de vista de Giddens não existem só : “as ameaças e perigos que emanam da Natureza, mas também existe uma constante presença de surtos de doenças infecciosas, insegurança climática, inundações e outros desastres naturais, isso sem falar na violência humana, em que exército de pilhadores, senhores de guerra locais, bandidos ou salteadores, ameaçam constantemente, a vida humana”(Giddens, 1991:10).



Para Giddens, os riscos podem ser internos e externos . Os riscos externos são aqueles que impactam a sociedade, e são resultados da própria reflexividade aplicada na modernidade. Enquanto que os riscos internos são a falta de sentido pessoal, vícios em geral tentativas de suicídio, que impactam a vida pessoal, e são resultantes da reflexividade aplicada ao eu.

## RISCOS EXTERNOS

Na categoria de riscos externos, Giddens faz uma divisão entre aqueles que os homens não tem nenhum controle, os que são produzidos pelas Tradições (terrorismo) ou pela Natureza (inundações, terremotos, ciclones, furacões etc.) e os que são produzidos pelo conhecimento (“progresso”) do homem, que embora fabricados pelo próprio homem, ele não possui nenhum conhecimento histórico para enfrentá-los.

Os riscos ambientais pertencem a essa segunda categoria. Nasceram da vontade do homem de controlar o futuro, mas hoje se voltam contra ele, fazendo com que o homem sinta muito medo e viva cheio de incertezas à respeito do futuro, cada vez mais intensificadas pela globalização .Os riscos produzidos pelo homem não afetam apenas à Natureza, mas penetram também em outras áreas da vida, como o casamento e a família, áreas que vêm sofrendo profundas mudanças, principalmente nos países industriais. Há pouco tempo atrás, quando as



peças se casavam, sabiam de uma maneira geral, o que estavam fazendo. O casamento tinha suas bases na tradição e nos costumes, e era realizado através de parentescos, (o que ainda acontece em vários países) o que reduzia os riscos e a possibilidade de insucesso.



Hoje, no entanto, em função da dissolução das tradições, as pessoas quando se casam, não tem nenhuma segurança do que estão fazendo. Geralmente, se sentem como se estivessem dando um salto num precipício de olhos vendados. Giddens fala que hoje, as pessoas iniciam as relações à partir do nada, como pioneiros. Portanto, a insegurança e o medo dos riscos passaram a permear todas as decisões.

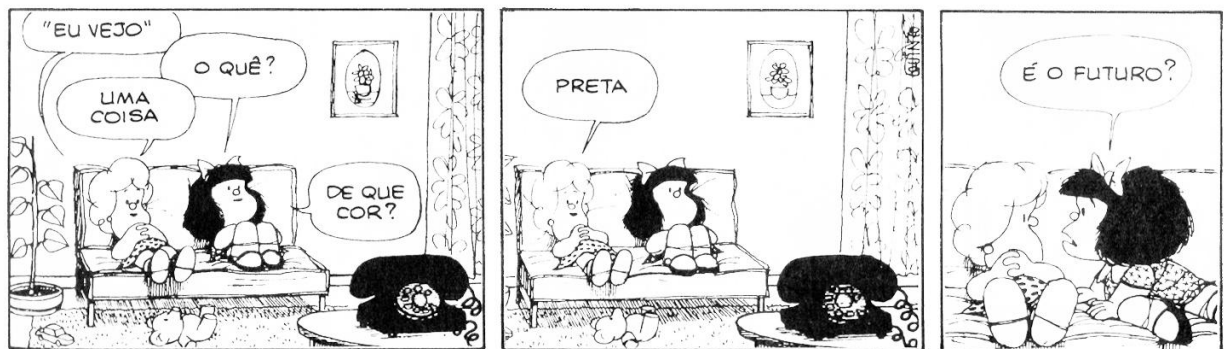
O desenvolvimento tecnológico, é um dos principais fatores causadores de riscos para a sociedade contemporânea. Apesar da tecnologia gerar efeitos positivos, principalmente se forem levadas em consideração a acumulação e a circulação de conhecimentos tão fundamentais à vida contemporânea, ela envolve também riscos de vida; (criados pelo desenvolvimento da indústria bélica e pelo seu poder de destruição), riscos de destruição ecológica,



(resultado da “necessidade” das indústrias) e riscos de exclusão social, causando consciente ou inconscientemente, desânimo, tristeza, insegurança e infelicidade.



“Hoje, podemos afirmar, que tudo está ligado ao risco” afirma enfaticamente Giddens (Giddens,2003:21).



A noção de risco era inexistente nas sociedades pré-modernas, embora a vida na Idade Média fosse desagradável, brutal e curta, o que existia era o conceito de perigo, que abrangia o medo da miséria, do outro, das epidemias, da violência, do além, e da punição Divina. Todos, com exceção dos judeus, acreditavam que Deus havia se encarnado, e para garantir Sua Graça, era necessário seguir os passos de Jesus. Portanto, as catástrofes naturais, as desgraças e as doenças, eram recebidas como sinais da manifestação da cólera de Deus, pelas faltas cometidas pelos homens. Diferentemente das religiões africanas, que encaravam as desgraças, como feitiçaria ou magia negra, como encomendas feitas pelos inimigos aos pais-de-santo, e enviadas à vítima através dos espíritos.

Claro que as crenças nas magias, no destino, ou na sorte através dos astros, não desapareceram totalmente, mas passaram na modernidade tardia, a serem vistas apenas como superstições, nas quais as pessoas não acreditam totalmente, mas lançam mão dessa possibilidade quando precisam tomar decisões, ou quando a vida lhes parece insegura. Giddens pontua esse assunto afirmando, que muitas pessoas, incluindo os executivos do mercado financeiro, fazem rituais para se garantirem com relação às incertezas que enfrentam. Afirma Giddens, que: “não é surpresa que as pessoas ainda consultem astrólogos, principalmente nos momentos mais importantes de suas vidas”(Giddens,2003:23)

Não se pode esquecer que o risco produz excitação em certos tipos de personalidades, desenvolvidas pela própria modernidade. Alguns indivíduos passaram a encontrar um



grande prazer no risco que se vive num jogo, ou numa aventura sexual. O risco na modernidade tardia e capitalista, funciona como força motriz, que põe em andamento a riqueza da economia. Do ponto de vista de Giddens, o risco tem uma faceta positiva: “porque se constitui na dinâmica mobilizadora da sociedade, obrigando-a a mudar e determinar seu próprio futuro, ao invés de deixá-lo nas mãos da religião, da tradição ou dos caprichos da natureza”(Giddens, 2003:23) O risco, portanto, está intimamente ligado ao sistema capitalista, cuja base se encontra no cálculo contínuo de ganhos e perdas.



Há 25 anos atrás, aconteceu o desastre da usina nuclear de Chernobyl na Ucrânia, até então, o maior desastre nuclear da história. Recentemente, em março de 2011, um terremoto seguido de tsunami, danificaram os reatores da usina nuclear de Fukushima, no Japão, se tornando o maior desastre nuclear da história. Da mesma maneira que Chernobyl, depois de tantos anos, ninguém sabe até hoje quais serão as conseqüências desses desastres a longo prazo, tanto para o homem quanto para a natureza. O mesmo aconteceu com a doença da vaca louca na Inglaterra, ou com a AIDS, que se espalhou pelo mundo todo, e que à despeito de não ser mais uma doença mortal, os efeitos colaterais do tratamento ainda são desconhecidos. Nossa relação com a ciência e com a tecnologia mudou drasticamente, em comparação com o início da modernidade. Por mais de dois séculos, a ciência funcionou como uma espécie de verdade, hoje o conhecimento científico, não traz nem conforto e nem segurança ao homem contemporâneo, pois o próprio conhecimento se tornou instável e reflexivo.

Os próprios cientistas, discordam frequentemente entre si, principalmente numa situação na qual o risco foi produzido. Até mesmo a decisão do que comer, faz com que a pessoa fique em dúvida: O que seria melhor tomar no café da manhã?. Será que beber café sem cafeína, é melhor, ou o melhor mesmo é tomar café comum?. Será melhor tomar leite ou chá?. Será um crime comer pão feito com farinha tradicional, ou melhor será comer só farinha integral?. As decisões na modernidade tardia acabam sendo tomadas, vividas pelos indivíduos como verdadeiros conflitos, diante de frequentes e novas descobertas no campo científico. Rabinovitch fala à respeito desse assunto: “Consideremos o vinho vermelho. Como outras bebidas alcoólicas, o vinho tinto foi considerado perigoso à saúde. Mas, pesquisas recentes, indicam que uma pequena dose diária de vinho tinto, previne doenças cardíacas. Um dia, ouvimos falar sobre o perigo do mercúrio e corremos a jogar fora latas de atum de nossas prateleiras, no dia seguinte, a comida a evitar pode ser a manteiga, que nossos avós

consideravam como o máximo para a saúde, e depois devemos raspar a tinta à base de chumbo de nossas paredes. Hoje, o perigo espreita nos fosfatos de nosso detergente favorito; amanhã o dedo aponta os inseticidas, que eram saudados há alguns anos como salvadores de milhões de vidas da fome e da doença. As ameaças de morte, de insanidade e talvez ainda a mais temível, do câncer, estão em tudo que comemos e tocamos”(Rabinovitch, 2003:117).

Rabinovitch escreveu isso à quase trinta anos atrás e “ desde então, já foram encontrados outros teores de contaminação no atum, detergentes que tinham a garantia de serem seguros na década de 1970, hoje são considerados perigosos, hoje as pessoas são incentivadas a consumirem manteiga ao invés da margarina, que por sua vez um dia já foi entusiasticamente recomendada. Portanto, o homem contemporâneo não tem idéia do que esperar das novas descobertas das ciências , da mesma maneira que não consegue avaliar o que virá pela frente”.(Giddens, 2003: 118)

No mundo de hoje, os perigos criados pelo homem são mais assustadores do que os que vem de fora, sendo que alguns afetam diretamente os indivíduos, como aqueles causados por dietas, remédios e até pelo casamento . Sem duvida nenhuma, os perigos são os responsáveis pela criação de novas religiões e de filosofias, que se colocam definitivamente contra a ciência. Mas em compensação, a sociedade contemporânea é uma sociedade que passou a perceber a necessidade de criar novas formas de cooperação, e buscar conhecimentos globais que possam controlar de alguma maneira os riscos gerados pelo próprio desenvolvimento. Em função da reflexividade consciente, auxiliada pelo desenvolvimento de novas tecnologias, é possível se montar uma poderosa rede de comunicação, capaz de fazer circular rapidamente informações sobre riscos que estejam acontecendo, gerando um maior conhecimento para as pessoas de todo o mundo.Portanto, a tecnologia digital permite que a Modernização Reflexiva, desenvolva um olhar crítico e sistemático, em direção aos conhecimentos contemporâneos.

A partir desse ponto de vista, a reflexividade é sustentada por uma cadeia de redes globais, jamais vista, que disponibilizam conhecimentos da comunidade científica para uma população leiga. No entender de Giddens, no momento em que o conhecimento rompe com as barreiras institucionais, ele próprio se torna objeto de reflexão, aumentando o pensamento crítico e reflexivo. Lasch, menos entusiasmado que Giddens, observa que é justamente "o acesso a essas estruturas de informação e comunicação, que são desigualmente distribuídas, tanto espacial quanto socialmente, que se constitui num fator cada vez mais fundamental na desigualdade de classe, raça e gênero no mundo atual" (Lasch, 1995:253). Apesar de seu entusiasmo, Giddens jamais foi ingênuo, e sempre afirmou que os riscos fazem parte do lado escuro da modernidade, e defende sua crença de que é justamente através desse vínculo estreito entre mídia e informação, que será possível transformar essas informações não apenas no reflexo do mundo social, mas numa sólida contribuição para a reflexão na modernidade. Pois, o conhecimento real acumulado, à respeito dos riscos, contribui para a humanidade ir aos poucos dando uma nova forma ao mundo.

O fundamentalismo, fruto da influência da globalização, é hoje um dos grandes riscos para o mundo. O termo fundamentalismo nasceu na virada do século XIX para o século XX, e se referia à algumas seitas protestantes dos E.U, principalmente aquelas que renegavam a

teoria darwiniana. Até os anos de 1950, a palavra fundamentalismo não constava do dicionário Oxford da língua inglesa, tornando-se conhecida só nos anos 1960, embora muitas vezes foi confundida com fanatismo ou autoritarismo. O fundamentalismo é uma proposta de retorno à uma leitura literal das Escrituras, com o objetivo de aplicá-la na vida social, econômica e política. O Fundamentalismo ressuscita a importância da tradição na sua forma mais patológica, e como apenas os fundamentalistas conhecem o “sentido exato” do texto, passam a ganhar principalmente no mundo árabe, um poder secular e religioso privilegiado. Mas, seja lá a forma que o fundamentalismo assuma, religiosa, étnica, nacionalista ou política, é sempre um risco, porque traz potencialmente a violência por se declarar inimigo dos cosmopolitas.

## **RISCOS INTERNOS**

Na visão de Giddens, o maior risco que a reflexividade pode apresentar na modernidade tardia, capaz de atingir diretamente o eu, é a perda do sentido da vida, responsável por quadros crônicos de depressão, dependência de drogas, e tentativas de suicídio.

Do ponto de vista de Giddens, o crescimento pessoal e o amadurecimento em direção a se tornar uma pessoa equilibrada, só será possível, se o indivíduo se libertar do passado e de hábitos opressivos. Giddens afirma, que o indivíduo só conseguirá a autorealização, se ele conquistar um equilíbrio entre oportunidade e risco. A Modernidade Reflexiva oferece inúmeras possibilidades de ser e de agir, mas é importante que as pessoas estejam prontas para aproveitarem as oportunidades que a modernidade oferece. Giddens ressalta, que não seria correto afirmar que uma pessoa psicologicamente equilibrada, enfrenta menos riscos do que uma pessoa que não esteja preocupada com isso. Mas, a diferença está na probabilidade de que as pessoas que vivem na Modernidade Reflexiva, podem desenvolver uma consciência maior e mais consistente à respeito do risco, integrando essa possibilidade em suas próprias vidas, seja ele interno ou externo. Giddens acredita que através desse tipo de consciência, será possível monitorar o risco, tanto hoje como amanhã, assim como num futuro mais distante.

Não podemos ignorar que a vulnerabilidade psicológica de hoje, se deve menos, do que se imagina, à uma pressão constante em favor do desempenho, do que à ruptura dos antigos sistemas de defesa e de orientação, que um dia a sociedade chegou proporcionar aos indivíduos. Falta resistência interior, capaz de vencer uma espiral cada vez mais ascendente de distúrbios e desequilíbrios. Nas palavras de Lipovetsky: “quanto mais o indivíduo é socialmente cambiante, mais surgem manifestações de esgotamentos e “panes” subjetivas. Quanto mais ele quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso de viver (Lipovetsky, 2004:84)

#### **4.0 | AS ORIGENS DO “HOMEM” MODERNO E DAS CRISES DA MODERNIDADE**

“Chamo de burguês todo aquele que pensa irrelevantemente”

(Flaubert)



Na Idade Média, a vida para o povo era muito difícil, em função da enorme opressão que a Igreja exercia sobre ele com a ameaça da condenação eterna. Num determinado momento, cansado de viver tão pressionado, o povo exigiu que a Igreja desse uma trégua e revisasse as Escrituras para reinterpretar o Apocalipse, e reconsiderar se de fato a vida precisava ser vivida como um eterno vale de lágrimas, se o sofrimento precisava fazer parte integrante da vida, e se o prazer precisava mesmo ser totalmente proibido. O que o povo estava pedindo, era que a Igreja suavizasse o medo e o desconforto que as pessoas sentiam, por serem consideradas inexoravelmente pecadoras.

Essa “revisão” só acabou sendo feita, porque os padres, a aristocracia e os príncipes, tinham conhecimento que os “avanços tecnológicos” das charruas com rodas, dos moinhos, e das novas “técnicas” de plantio da vinha, tinham propiciado um aumento das colheitas e consequentemente o aumento do valor das terras. Então, o clero, para manter esse ritmo “acelerado” de produção, tratou de providenciar uma “negociação” com Deus, para tornar a vida das pessoas mais suaves, e aliviar um pouco o peso do pecado, diminuindo o sofrimento e o medo da condenação, para que os indivíduos se sentissem mais felizes, trabalhassem mais, rendessem mais, e não criassem problemas.

O artifício encontrado pelo clero, para garantir o contínuo avanço da produção agrícola, foi a invenção do Purgatório. Esse terceiro local na geografia divina, ficava justamente entre o céu e o inferno, para onde as almas das pessoas que não tivessem cometido pecados graves, seriam levadas. A esperança de ter a chance de um segundo julgamento, e a possibilidade do perdão de Deus, foi o que o povo precisava para viver uma vida com menos opressão. Assim, ao invés de um único julgamento no momento da morte e do perigo de uma condenação eterna ao fogo do inferno, a chance de uma parada estratégica *post-mortem*, amenizou o terror de cometerem pecado, possibilitando ao povo levar uma vida um pouco mais leve. Essa mudança, sem que ninguém tivesse consciência, preparou o terreno para o aparecimento do homem moderno.

A origem econômica da modernidade ocidental foi completamente diferente de todas as sociedades pré-modernas, e teve um papel importantíssimo no nascimento do homem moderno. Ao invés de se valer dos excedentes da produção agrícola, a nova sociedade ocidental, que começava a nascer, colocou ênfase na reprodução tecnológica e no reinvestimento constante do capital, possibilitando o Ocidente não só se libertar das amarras das sociedades tradicionais, (que ainda viviam com base numa precária atividade agrária) como desenvolver uma nova economia com características infinitamente renováveis.

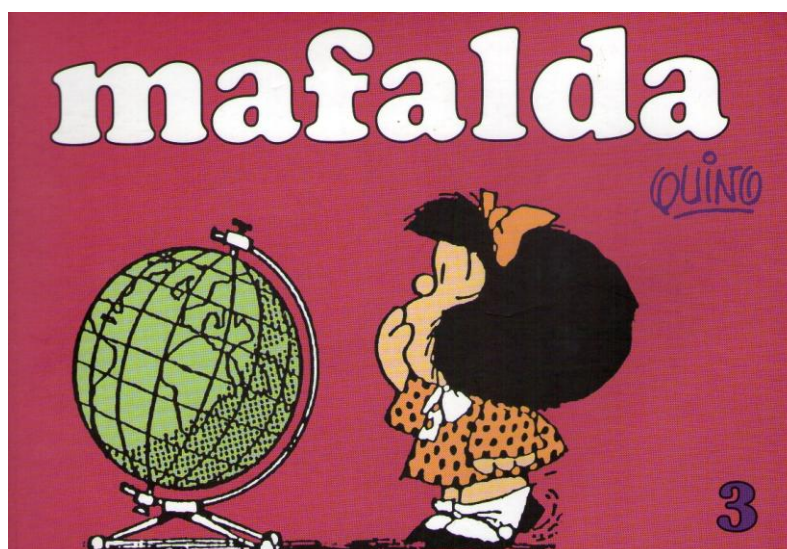
O Ocidente, ao invés de se manter preso ao passado, (atitude típica das sociedades pré-modernas), optou apostar no futuro, dando início a um longo processo de modernização, que durou cerca de três séculos, e que foi acompanhada de uma série de profundas mudanças: como as revoluções agrícolas, as transformações políticas e sociais, e as revoluções industriais. Todas estas transformações, foram absolutamente necessárias para viabilizar a

modernidade, para reorganizar a nova sociedade e para capacitar o Ocidente a enfrentar as novas condições do crescimento econômico. A conquista da liberdade intelectual, que desconsiderou o mito e elegeu a razão como soberana, colocou o Ocidente definitivamente nos trilhos da modernidade.

É indiscutível que a cultura Ocidental e o pensamento Iluminista emergiram de um contexto religioso, cujo maior objetivo era obter a graça da Divina Providência. O Iluminismo, portanto, vai lutar pela valorização da razão, desvinculando-a completamente das determinações da Providência. O Iluminismo conseguiu substituir a certeza que as pessoas tinham nas leis divinas, pela certeza nos próprios sentidos e na observação empírica. Essa campanha da superioridade da razão, coincidiu com a ascensão do domínio da Europa sobre o resto do mundo, fornecendo à todos as “evidenciais materiais” para provar que a nova perspectiva racional européia possuía bases sólidas, capazes de proporcionar não só segurança, mas um crescimento absolutamente sedutor para os outros países, à despeito de ter descartado a tradição.

Segundo Giddens: “a conquista ocidental dependeu do triunfo do espírito científico e pragmático. Eficiência se tornou a palavra da moda. Tudo precisava funcionar. Uma nova idéia ou invenção dependia da comprovação racional, e da capacidade de se adequar ao mundo exterior. Ao contrario do mito, Giddens afirma: que “o Logos precisava corresponder aos fatos [...] Os heróis da modernidade ocidental passaram a ser os gênios tecnológicos ou científicos e não mais os gênios espirituais inspirados pelo mito. Isso queria dizer que os modos de pensar mítico-intuitivos seriam negligenciados em favor de uma racionalidade científica mais pragmática e lógica”.(Giddens, 1991:103). Portanto, a sociedade ocidental acabou desistindo do mito e este foi caindo no esquecimento, perdendo os seus próprios significados e o significado daquilo que representavam.

## O NASCIMENTO DA REFLEXIVIDADE



Para alguns autores, a Reforma, o Iluminismo, e a Revolução Francesa, foram no Ocidente, os acontecimentos históricos responsáveis pelo nascimento e florescimento da razão e da subjetividade modernas, cujo grande mérito foi libertar o homem da culpa do pecado, oferecendo-lhe um arranjo ético e paz na consciência, catapultando-o diretamente para a modernidade. Lutero, no momento em que renegou a autoridade papal e transferiu para o homem, o livre acesso ao mundo divino, transformou a fé num exercício reflexivo. Portanto, para alguns, foi Lutero que inaugurou a racionalidade na religião, mas este tipo de racionalidade só colaborou para que os indivíduos se sentissem mais inseguros, pois como a ênfase do protestantismo foi colocada nas Escrituras, mais do que na Igreja, a idéia que as pessoas tinham do texto sagrado acabou sendo alterada com a invenção da imprensa e com a generalização da alfabetização. A leitura silenciosa e solitária das Escrituras, substituiu a recitação litúrgica, e como atesta Armstrong: “as pessoas à partir de então, puderam conhecer a Bíblia em detalhes e formar sua própria opinião, só que essa leitura feita fora do contexto ritual, facilitou uma abordagem secular, o que privilegiou a informação factual, exatamente como acontece com qualquer outro texto moderno”(Armstrong,2005:105)

Durante muitos séculos a ciência foi praticada dentro de uma mitologia abrangente, que justificava suas descobertas, mas não demorou muito tempo para que o Logos científico e o mito, se tornassem definitivamente incompatíveis. Blaise Pascal (1623-62), um homem profundamente religioso, falava com horror do “silêncio eterno”, aberto pela ciência moderna, desabafando: “quando vejo a condição humana cega e miserável, quando perscruto o universo inteiro em sua apatia, e vejo o homem entregue a si mesmo, sem luz alguma, como perdido neste recanto do universo sem saber sequer quem o colocou ali, o que deve fazer ou o que será feito dele quando morrer, incapaz de saber qualquer coisa, sou tomado pelo terror, como um homem transportado durante o sono para uma terrível ilha deserta, e que acorda perdido, sem ter como escapar. Depois me deslumbro ao ver que um estado tão lastimável não conduz as pessoas ao desespero” ( Armstrong,2005:108) Se Pascal vivesse hoje, ele poderia constatar que angústia e o desespero que o homem contemporâneo sente por estar entregue a si mesmo, se transformou num dos sintomas mais significativos da modernidade.

Embora o Logos tenha obtido resultados espetaculares, a mitologia cada vez mais descartada, não saiu de cena sem deixar registrados os efeitos de sua ausência. Armstrong afirma que já no século XVI : “vemos sinais claros do crescimento de desespero entorpecedor, de paralisia mental crescente, e de um senso de impotência e ressentimento, enquanto o antigo recurso do pensamento mítico decaía e nada de novo surgia para tomar seu lugar.Vemos uma anomalia, similar atualmente, nos países em desenvolvimento que ainda passam pelos estágios preliminares da modernização”.(Armstrong, 2005:104).

Os próprios reformadores que tentavam tornar a religião européia mais dinâmica, eficiente e moderna, sofriam de instabilidade emocional. Segundo Armstrong: “Martinho Lutero (1483-1546) sofria de depressões terríveis e paroxismos de raiva. Ulrich Zwingli (1484-1531) e João Calvino(1509-1564) compartilhavam o desespero profundo de Lutero perante as provações da existência humana, desconforto que os impelia a buscar uma solução. A reforma do cristianismo mostrava quanto o espírito moderno em ascensão se antagonizava” (Armstrong, 2005:104) Os puritanos, muitos dos quais foram capitalistas de sucesso e

cientistas importantes, tiveram também uma espiritualidade tumultuada e experiências traumáticas de conversão, porque muitos deles não estavam preparados para enfrentar tal mudança. Um número significativo deles pendeu para estados depressivos, e alguns chegaram a cometer suicídio.

O Iluminismo propiciou o nascimento de uma cultura racional, enquanto a Revolução Francesa decretou com guilhotina e sangue o fim da história ligada ao passado, cabendo aos indivíduos, de agora em diante, a responsabilidade de construir a história voltada para o futuro, buscando sempre o novo, o melhor e o mais perfeito.

Weber não concorda que tenha sido Lutero o responsável pela racionalização da religião, afirmando que ele apenas ressuscitou o racionalismo greco-romano, transplantado-o para a religião. Além disso, para Weber, nenhuma religião pode ser considerada ocidental, na medida em que o Ocidente jamais permitiria a criação de qualquer tipo de crença ou de religião, que pudesse competir com o catolicismo, sendo ele próprio uma importação religiosa romana do Oriente.

Seguindo a tese de Weber, o Ocidente teria se apropriado da religião oriental, helenizando-a, e transformado em teologia o que era filosofia. Ele afirma que a existência e a adoração da Santíssima Trindade, constituída por um Salvador humano, com certeza é menos metafísica do que Jeová ou Alá, o que explicaria o fato da racionalização da religião ter ocorrido apenas no Ocidente. Portanto, na sua adaptação ao Ocidente, o catolicismo acabou se tornando mais pagão, ou menos “espiritual” que as religiões orientais. A característica expansionista do catolicismo, acrescido ao prazer e ao amor que os clérigos tinham pelo discurso, (diferentemente da prática do silêncio e da meditação orientais) fizeram com que o raciocínio lógico, do ponto de vista weberiano, tivesse uma grande importância, o que explica a perda do sentido místico do catolicismo.

Embora a colocação weberiana seja consistente, discordamos que a religião católica tenha sido uma importação do Oriente, mas concordamos com Le Goff quando ele afirma que a raiz da racionalidade na religião, a reflexividade, foi introduzida ainda na Idade Média quando a Confissão, no século XII, passou por uma grande reforma. Segundo as determinações das mais importantes escolas de teologia, o penitente foi obrigado a explicar ao padre durante a confissão, a intenção que o levou a cometer o pecado, sua situação familiar, social, profissional, e as circunstâncias que o levaram a pecar. Só depois da análise da intenção e do contexto no qual o pecado fôra cometido, que o confessor poderia avaliar a gravidade da culpa do penitente.

Para Le Goff, no momento em que o penitente faz um profundo exame de consciência e descobre a motivação que o levou a pecar, (prática que acabou se disseminando por toda a Europa) é que se dá a racionalização da religião, inaugurando uma nova forma de viver. O fato da confissão ter deixado de ser uma prática pública e coletiva, para se transformar numa prática auricular (da boca para o ouvido) e portanto, mais íntima e individual, permitiu que o penitente compartilhasse suas reflexões com seu confessor, inaugurando a reflexividade e a subjetividade modernas.



A Confissão só passou a ser obrigatória à todos os homens e mulheres, à partir do IV Concílio de Latrão (1215). A partir desse Concílio, todos os católicos deveriam se confessar pelo menos uma vez por ano, e de preferência na Páscoa, período coincidente com a reflexão da própria Igreja. Com relação a importância da conquista da reflexão para a humanidade, Hegel sustenta uma visão diferente, afirmando ser a reflexão responsável pelas crises frequentes de instabilidade emocional<sup>53</sup>, fragilidade e vulnerabilidade do “homem” moderno. Para nós, a reflexão, se trata de uma das mais importantes transformações da modernidade, cujo papel hoje é levar homens e mulheres contemporâneos tomarem conhecimento dos desajustes da modernidade, e a partir daí poder transformar a sociedade no que se refere à cultura e à tradição.

A mudança nos hábitos religiosos exigiu um grande esforço tanto da parte do penitente quanto do confessor. Não só pela novidade que isto significava, como também pela necessidade de se desenvolver novas maneiras de avaliar a si próprio e ao mundo. Le Goff insiste em dizer, que essa prática inaugurou definitivamente a passagem para o futuro: “uma frente pioneira está aberta: a da introspecção, que vai lentamente transformar os hábitos mentais e os comportamentos. É o começo da modernidade psicológica” (Le Goff, 1989:12) cuja introspecção iniciada pela Igreja, atingiu seu ápice com Freud, no início do século XX.

A teoria freudiana revolucionou a cultura ocidental, (embora não tenha sido ainda suficientemente mapeada) e ninguém duvida da sua importância, principalmente os membros da burguesia culta, cujos gostos tiveram uma tremenda influência nas origens e progressos da modernidade. Embora Freud não tivesse sido um dos modernistas mais fanáticos no que se refere às artes, também não se pode dizer que tivesse sido um homem moderno. Ao contrário, em matéria de arte, literatura e música, ele era um burguês conservador. Mas, por meio do seu método de introspecção, ele mudou definitivamente e drasticamente a visão que o indivíduo tinha até então de si mesmo.

Na trilha da discussão quanto à origem da racionalidade crítica europeia, não podemos deixar passar em branco a tese da relevância do marranismo<sup>54</sup>, que embora careça de estudos, não deixa de ser uma hipótese, defendida por Morin, bastante interessante<sup>55</sup>. Os marranos, na sua grande maioria eram judeus convertidos que permaneceram na Europa depois da expulsão dos muçulmanos de Granada. Alguns deles ficaram na Espanha, enquanto outros foram para os Países Baixos, formando dois grupos distintos: os que esqueceram sua origem judaica, tornando-se cristãos, e aqueles que mantiveram secretamente a fé e a identidade judaicas. À partir dessa dupla identidade, nasceu um terceiro tipo de marranismo: aquele que possuía o sentimento de pertencer a dois modos de existência completamente diferentes, e a duas comunidades antagônicas. Portanto, segundo Morin, é do choque e confrontação interna e silenciosa entre catolicismo e judaísmo, que nasce a base do humanismo reflexivo europeu. Segundo Morin: “é como o encontro entre partículas que se entrecrocaram, destruindo-se para formar um novo conjunto” (Morin, 2009:17). Foi à partir da

---

<sup>53</sup> Consultar “Habermas, 2002” que a partir da página 11, estabelece uma brilhante discussão sobre esse assunto.

<sup>54</sup> Sobre esse assunto consultar a obra de Edgar Morin, 2

<sup>55</sup> Justamente por se tratar de um assunto pouco estudado, fizemos questão de registrá-lo, apontando-o como uma excelente pesquisa para ser desenvolvida.

reflexão, segundo Morin, feita pelos marranos, que se desenvolveu um profundo respeito por todos os seres humanos, independentemente de sexo, raça, cultura ou religião. Las Casas, Montaigne, Spinoza foram marranos e criaram uma síntese para lutar pela compaixão, igualdade e universalidade da liberdade. Morin acredita que o fato da razão autocrítica ter sido semeada na Europa e eternizada pelas Luzes se deveu ao sofrimento dos marranos, justificando a luta desses europeus pela laicidade e universalidade. Portanto, segundo Morin: “o humanismo se desenvolveu a partir da mensagem grega revitalizada na Itália renascentista, surgindo sub-repticiamente daqueles a quem podemos chamar pós-marranos”. (Morin, 2009:18).

Embora, a racionalidade tenha expandido seu domínio, ela não conseguiu eliminar da modernidade a crença religiosa, e muito menos fazer desaparecer a necessidade da tradição. Se de um lado, a racionalização diminuiu o poder que a religião tinha sobre os indivíduos, do outro, ela recriou exigências de religiosidade do tipo “crente”. Não se trata aqui de falarmos de um fenômeno residual ou de uma volta ao mundo pré-moderno, mas sim, do resultado de um mundo que extinguiu drasticamente utopias seculares, gerou inseguranças, confusão referencial e rupturas do vínculo social. Como atesta Lipovetsky: “num universo incerto, caótico e atomizado da modernidade, cresceu também a necessidade de unidade e de sentido, de segurança, de identidade comunitária, sendo esta a chance das novas religiões. De todo modo, à despeito do contínuo declínio da influência social da religião, o avanço da secularização não levou a um mundo inteiramente racional, até porque a secularização, como atesta Lipovetsky: “ não se trata apenas de irreligião, mas ela é também o que recompõe o religioso no mundo da autonomia terrena, um religioso desinstitucionalizado, subjetivo, afetivo.”(Lipovetsky,2004:94). A autoreflexão imposta ao “homem” pela modernidade, o transformou num ser com medo de tomar decisões, dependente do Estado, da corporação e de outras burocracias, atitudes que acabaram minando sua competência de viver. Do ponto de vista de Lasch, o medo da responsabilidade tem uma estreita relação com o narcisismo contemporâneo, ou novo narcisismo, assunto que trataremos mais tarde.

Há que se levar em conta que um dos grandes feitos do Iluminismo, da Reforma, e da Revolução Francesa, foi ter posto fim à alienação dos indivíduos naquilo que se referia à razão crítica. O Iluminismo fez um grande esforço intelectual na direção de desenvolver uma ciência que fosse objetiva, uma moralidade e leis universais modernas que emancipasse os indivíduos dos grilhões da tradição. O maior objetivo estava em libertar o homem das irracionalidades, superstições e mitos, desenvolvendo um pensamento que fosse racional. Segundo os Iluministas, o único caminho capaz de propiciar aos indivíduos a liberdade e o enriquecimento da vida diária, com consciência e participação. Com relação ao perigo da escassez dos alimentos, os Iluministas acreditavam que à medida que as pessoas tomassem conhecimento do problema, elas desenvolveriam habilidades e ferramentas para dominar a natureza.

Tinham certeza que depois que todos os problemas tivessem sido resolvidos, a verdadeira natureza humana (essencialmente boa) iria florescer. Infelizmente, com o decorrer do tempo, esse “programa de ação” se mostrou utópico e o “homem” moderno teve que conviver com a frustração e a desilusão de um projeto abortado que foi o Iluminismo. Se em função da racionalidade, morreu a alienação, por causa dela, nasceu também a desorientação. Da mesma

maneira que a igualdade conquistada na Revolução Francesa gerou inúmeros problemas, uma religião racional proposta pela Reforma gerou uma sociedade sem transcendência, laica, que acabou abandonando os indivíduos à sua própria sorte.

Logo após a Revolução Francesa, as pessoas estavam felizes não só pelo fato de terem sido libertadas das leis sagradas e imutáveis da tradição, como também pelas descobertas científicas, que garantiam que todos iriam viver muito melhor. Mas, à medida que o tempo foi passando, percebeu-se que o Logos era incapaz de oferecer a sensação de importância e segurança que o mito oferecia, ficando claro para todos que era o mito que estruturava e dava significado à vida.

Marx, Freud e Pareto já desconfiavam não só da aura que cercava a racionalidade, como a certeza que tinham os teóricos de que a racionalidade era soberana. Cada um a seu modo demonstrou para o mundo, que por trás da racionalidade aparente, um mundo de sombras e desarmonia atuava com muita força. Para Marx, por baixo do mecanismo racional da troca capitalista, existia a anarquia no mercado, para Freud, por baixo do ego racional e onipotente, existia um ilimitado inconsciente, que recebia ordens dos instintos, e para Pareto, abaixo das formas da lógica, encontravam-se os resíduos de sentimentos e emoções irracionais. Portanto, como salienta Berman, a racionalidade como única força atuante na vida humana, como pretendiam os Iluministas, se revelou ser um grande mito. Morin declara: “o *Homo sapiens*, racional, pode ao mesmo tempo ser o *Homo demens*, capaz de delirar, e de experimentar a loucura”. (Morin,2009:11)

O excesso de racionalismo produziu um assustador efeito colateral, uma espécie de “pessimismo histórico” expresso pelos intelectuais, que os fazia prognosticar um futuro catastrófico com relação à modernidade, o que se tornou mais evidente nos séculos XIX e XX. Embora de áreas diferentes, Lukacs acreditava na possibilidade da destruição da razão, Gramsci, na guerra das posições, Adorno no sujeito prejudicado, Sartre na miséria, Walter Benjamin no seu Anjo da catástrofe, e Althusser na ilusão onipresente. Esses intelectuais, expressavam uma profunda decepção com relação ao projeto moderno.

## **BURGUÊS: O “HOMEM” MODERNO**

Detentor de uma consciência secularizada, adquirida para sobreviver às hostilidades, o burguês foi o agente histórico que realizou tremendas e profundas rupturas. Agente de uma história profana, desafiou a tradicional e sagrada história universal. Foi ele o principal responsável pela revolução cultural moderna, transformando o mundo a partir do século XVII.

Weber e Le Goff fazem uma distinção entre o burguês comerciante e o burguês capitalista. O primeiro “caiu” no mundo, como se este fosse um grande carnaval. Segundo Reis: os “outros continentes viram desembarcar em seus litorais esse estranho homem europeu moderno, enlouquecido, articulando um discurso religioso fanático, e agindo furiosamente contra a sua própria salvação” (Reis, 2006:25). Weber e Le Goff concordam que o ascetismo

era norma apenas para o burguês capitalista, pois, sua capacidade de investir dependia exclusivamente da sua poupança pessoal. Para Le Goff, o burguês capitalista, era aquele que não se deixava atrair pelas especulações e nem pelo luxo, mas sim pela sua capacidade de sacrificar tudo para poder obter sua salvação, e tentava desesperadamente conseguir a sua “certitudo *salutis*”.<sup>56</sup> O burguês capitalista, nas palavras de Le Goff, substituiu “o ascetismo fora do mundo, pelo ascetismo no mundo”, procurando seguir à risca os conselhos de São Paulo:

“Eu digo irmãos: O tempo está abreviado. Então, doravante, os que têm mulher vivam como se não tivessem mulher; e os que choram, como se não chorassem, e os que estão alegres, como se não estivessem alegres; e os que fazem compras, como se não possuíssem coisa alguma; e os que usam do mundo, como se dele não estivessem gozando. Pois a figura deste mundo passa”. (1 Cor 7,29-31)

Santo Tomás de Aquino advertia à respeito de quão perigoso era o desejo de possuir dinheiro, por acreditar que esse tipo de desejo se tornava insaciável. Por isso que a Igreja Católica proibia a usura e a liberdade de fixar o preço dos produtos, práticas amplamente exercidas pelo burguês. O burguês tinha consciência que a prática do lucro excluía a salvação, e que seria impossível conciliar seus objetivos com os princípios da Igreja. Encurralado, ele acabou cindindo sua consciência, perdendo sua unidade, antes bancada e garantida pela religião. O burguês acabou aderindo a uma nova religião, que via sua riqueza como prova inquestionável da graça de Deus. Portanto, a racionalização, foi a saída encontrada pelos burgueses para aliviar suas consciências, e dar mais sentido às suas ações.

A usura foi uma das práticas mais condenadas pela Igreja durante a Idade Média, por ameaçar frontalmente os valores cristãos, se constituindo no que Le Goff chama do verdadeiro “parto do capitalismo”. Segundo Le Goff: “um novo sistema econômico estava prestes a se formar: o capitalismo, e para se desenvolver necessitava senão de novas técnicas, ao menos do uso massivo de práticas condenadas desde sempre pela Igreja”. (Le Goff, 1989:10). Portanto, é desta tensão, entre o que a Igreja dizia que era pecado e o que o burguês desejava, que nasce, segundo Le Goff: “uma luta encarniçada, cotidiana, assinalada por repetidas proibições, articuladas por valores e mentalidades, que tem por objetivo a legitimação do lucro lícito, que se distingue da usura ilícita.” (Le Goff, 1989:10).

Bell confere profundidade à discussão da usura, trazendo à tona a clássica distinção entre necessidade e vontade. Para ele, necessidade é o que todos os indivíduos possuem como membros de uma espécie, enquanto que vontade se refere a uma infinita variedade de desejos que as pessoas sentem, em função de seus gostos e idiossincrasias, e cuja satisfação, segundo Bell: “nos coloca acima de nossos companheiros, fazendo-nos sentir superiores. As necessidades do segundo tipo, aquelas que satisfazem o desejo de superioridade, podem ser com certeza insaciáveis, mas isso não é verdade com relação as necessidades que são essenciais”(Bell,1978:13) infelizmente, apenas as necessidades do segundo tipo prevaleceram, e foram, como continuam sendo, valorizadas na modernidade.

---

<sup>56</sup> “Certitudo et gracie praesentis et salutis aeternae” certeza da graça presente e da salvação eterna



Os dois impulsos, tanto o do ascetismo como o da aquisição, sempre estiveram ligados desde o nascimento do capitalismo. Segundo Bell: “um era o espírito prudente de cálculo do burguês, o outro era o incansável movimento de Fausto, expresso na moderna economia e tecnologia, que tomou o mote de “ fronteiras sem limites”, cujo objetivo era a completa transformação da natureza. O entrelaçamento desses dois impulsos formatou a moderna concepção de racionalidade. A tensão entre os dois, impôs uma restrição moral, na ostentação característica do início das conquistas” (Bell,1978:xx). Com o passar do tempo, tanto o ascetismo como o comportamento moral do capitalismo desapareceram, se tornando a ausência de limites numa das principais características do capitalismo e da cultura, à partir do século XIX.

As transformações na economia ocidental promoveram uma grande mudança na cultura e no comportamento individual. O futuro passou a ter mais importância que o passado, coincidindo com o início de um individualismo exacerbado. O individualismo proposto pelas novas religiões tinha como objetivo libertar o burguês empreendedor da tradição, e acabou se infiltrando também na economia sob a forma do *laissez-faire*. O livre trânsito do dinheiro e das mercadorias inauguraram o modelo da economia individual burguesa, enquanto que o burguês, o homem moderno, passou a ser visto, segundo Morin: “como aquele que coloca o interesse econômico acima de tudo e tende a adotar comportamentos egocêntricos, ignorando o outro, e dessa maneira, desenvolve sua própria barbárie”. (Morin, 2009:13)

Acusada como a grande responsável pela inversão de valores, a burguesia se transformou num dos maiores problemas da modernidade. O burguês acabou trocando definitivamente o êxtase religioso pelos êxtases terrenos, avarento e cobiçoso decidiu acumular riquezas para obter poder. Sua ambição impulsionou seu sucesso político, sua arrogância foi o motor necessário para obtenção de honra e prestígio social. Obsceno, procurou o êxtase sexual por meio do “prazer egoísta e anti-fraternal do sexo”. Vaidoso, queria viver o êxtase estético. Pretensioso, ansiava o êxtase intelectual.

Na cultura, o individualismo teve sua expressão na figura do artista independente, que livre do poder da Igreja, passou a criar seguindo apenas sua inspiração e gosto pessoal, sendo que pela primeira vez na história, o artista olhou o mercado como uma boa solução financeira. Mais tarde, o desejo de liberdade de todas as convenções, encontrou um fértil terreno no modernismo, cuja principal idéia era manter um self livre, que pudesse se expressar sem nenhum obstáculo.

Bruckner afirma que o burguês passou a ser visto por todos: “ como aquele que prefere a segurança, em vez da coragem, a sobrevida medíocre em vez da morte gloriosa num banho de sangue redentor [...] sendo a felicidade burguesa duplamente odiosa: para os crentes, por exaltar um materialismo que com o passar do tempo, não dá mais valor à salvação espiritual, e para os revolucionários, por consagrar o triunfo dos homenzinhos pusilânimes que não ousam colocar a própria vida à prova do sacrifício supremo. Sim é melhor ser um terrorista, um criminoso do que um funcionário subalterno ou um acionista minoritário”.(Bruckner, 2002:148) Portanto, o burguês ao longo da história, passou a ser o ser humano mais odiado e vilipendiado da história moderna.

Segundo Bell, o burguês: “ se transformou numa espécie de protótipo abstrato da ignomia, que abandonou sua feição real para se instalar no panteão das divindades malditas. Toda a história da mitologia antiburguesa, não é senão uma longa declinação de anátemas: desde o comerciante do Antigo Regime que arremeda a aristocracia, fantasiado e dançando de forma grotesca, até o capitalista dos séculos XIX e XX, que engordou à custa do suor e do trabalho do povo. Rejeitado com repugnância pela nobreza, por seu prosaísmo, pela classe operaria, por sua cupidez, e pelo artista, por desprezar seu modo de vida subserviente ao dinheiro e à utilidade, o burguês é sempre condenado por uma mediocridade ontológica. Avarento, explorador, grosseiro, só faltava ao buquê de qualidades negativas acrescentar mais uma: a de criminoso, pois sabemos, desde Hannah Arendt, que foram os indivíduos assustadoramente normais que se tornaram os executantes da máquina de extermínio nazista”.(Bell, 1978:36)

O surgimento da sociedade e das instituições burguesas aconteceram a partir de um universo esmagadoramente feudal, sendo que a concepção de “sociedade civil” diz respeito justamente a uma tentativa de teorizar os modos de secularização, disponíveis dentro das estruturas da sociedade feudal européia. Concordam muitos autores, que a revolução burguesa acabou fracassando, sendo substituída pelo capitalismo industrial, acontecendo o que Marx já havia previsto, ou seja, que os pensadores tentaram inventar soluções políticas para o que era essencialmente um problema econômico. Habermas, afirma: “que a revolução burguesa foi um “projeto inacabado””(Habermas in Jameson,2006:163)

Portanto, o que irá definir a sociedade burguesa não serão as necessidades mas os desejos. Os desejos são psicológicos e sua natureza é ilimitada. Os burgueses acabaram com o tipo de sociedade que se constituía numa associação natural de homens ou de famílias unidas por um propósito comum, criando uma sociedade de indivíduos separados, na qual cada um busca apenas sua própria gratificação. Hobbes descreveu no seu livro “*Leviatã*”, a psicologia do homem moderno, cuja prioridade passou a ser o próprio apetite, direcionando sua vida apenas para conquistar ferozmente os seus desejos, abandonando definitivamente o espírito racional proposto por Platão. Se instaurou assim, na sociedade moderna, uma máquina do apetite, azeitada para aumentar ilimitadamente o padrão de vida, acompanhado de ostentação e esbanjamento de dinheiro. Bell cita Rousseau, quando este explica no seu “*Segundo Discurso*” a origem psicológica da inveja : “apareceu quando o homem “solitário” começou a encontrar o mais forte, o mais bonito e o mais ardiloso, o melhor dançarino, o melhor cantor e aqueles que dividiam indevidamente os seus bens. A inveja, então, mostrou a sua face. Para parecer com o mais bonito, com o mais habilidoso, os outros passaram a dissimular, os cosméticos eram usados para mascarar o rude e o feio, as aparências começaram a ter maior importância que a realidade. “Se o consumo representa uma competição psicológica por status, podemos dizer que a sociedade burguesa é a institucionalização da inveja”. (Bell, 1972:22)

## **MODERNISMO: A ARTE COMO REFLEXÃO**

Mais do que justificação cultural, o hedonismo, ou seja, a idéia de prazer como uma forma de viver, se transformou na moral do capitalismo. No ethos liberal que passou a prevalecer, o modelo da imago cultural acabou se transformando no impulso modernista, pois, entre 1880 e 1930, o modernismo assumiu toda a sua magnitude e conseguiu diminuir o espaço de tudo o que era clássico, rompendo todas as obrigações com o tradicional, consagrando definitivamente o trabalho dos artistas de vanguarda. Ironicamente o termo “*avant gard*” foi formulado por Henri de Saint-Simon, que foi quem mais tarde iria se transformar no símbolo da tecnocracia. Saint-Simon sabia que o novo homem moderno emergente estava faminto de inspiração, e que devido à falência do cristianismo, era necessário se criar um novo culto, uma nova religião. Ele funda então, o culto da arte pela arte, por intermédio do qual, os artistas iriam revelar para a sociedade, o glorioso futuro que existia pela frente, despertando os homens para uma nova civilização.

Saint-Simon deu ao termo militar “*avant gard*” uma conotação cultural moderna, e no diálogo com os cientistas, afirmava que: “somos nós, artistas, que serviremos a vocês como “*avant-gard*””. (Bell, 1976: 35). Saint Simon sabia que o poder das artes é o mais imediato e rápido quando se deseja espalhar novas idéias. Tem sido assim desde tempos imemoriais, quando os homens para influenciar outros, inscreviam suas idéias no mármore ou na tela. Bell comunga da mesma idéia e afirma que a arte “exerce um poder positivo sobre a sociedade, um verdadeiro poder sacerdotal, marchando com o objetivo de atingir todas as faculdades mentais[...] Esta é a obrigação dos artistas, e esta é a sua missão...” Bell, 1976: 35).

O modernismo nasceu ainda na “*belle époque*” européia, como conseqüência segundo Anderson: “de um campo de força triangulado por três coordenadas: uma economia e uma sociedade apenas semi industriais ainda, nas quais a ordem dominante continuava em larga medida, agrária ou aristocrática, uma tecnologia de grandes invenções cujo impacto era ainda recente ou incipiente; e um horizonte político aberto no qual levantes revolucionários de um ou de outro tipo contra a ordem dominante eram amplamente esperados ou temidos”. (Anderson, 1976:96) É nesse contexto político e social que eclodem uma enorme variedade de criações artísticas: o expressionismo, o simbolismo, o cubismo, o construtivismo, movimentos que iam desde um “*revival*” clássico, até movimentos engajados com levantes sociais. Não se pode esquecer os movimentos que estabeleciam uma poética para as novas máquinas que começavam a fazer parte da vida das pessoas. Mas o fato era, que nenhum desses movimentos estava alinhado com o mercado.

Os modernistas, homens agora livres, se viram diante da possibilidade de inventar uma nova sociedade e criar uma nova cultura, desestabilizando a que existia. A fratura da visão “holista” da vida, a inversão da relação do indivíduo que se sente superior ao conjunto da sociedade, permitiu, segundo Lipovetsky: “o aparecimento de uma arte livre das obrigatoriedades ópticas e lingüísticas, livre dos códigos da representação, da intriga, da verossimilhança e da consonância”. (Lipovetsky, 2005:73). O modernismo promoveu uma arte e uma cultura extremamente individualistas, experimentais e livres, cujas fronteiras passaram a ser permanentemente deslocadas, promovendo a circulação contínua da cultura, explorando incessantemente novos materiais, novos significados e uma multiplicidade infinita de novas combinações.

Poucas coisas uniam os modernistas, entre elas: o ódio ao burgueses; a paixão pela Europa; e a busca incessante de autoreferencialidade. Os artistas não quiseram ou não puderam buscar modelos em outras épocas, criando um modernismo, segundo Habermas: “susceptível de sua autocompreensão, cuja dinâmica era composta de tentativas de afirmar-se a si mesmo, o que prossegue até nossos dias”. (Habermas, 2002 :24)

Se não existia um estilo que os unisse, eles tinham em compensação dois traços psicológicos em comum: primeiro, a atração pela heresia, chegando até mesmo decretarem a morte de Deus, e segundo, uma verdadeira obsessão pela autoreflexão, pelo autoconhecimento, e pelo desejo de descobrir os segredos da natureza humana. Embora isso não tenha sido nenhuma novidade, pois Platão, Santo Agostinho, Montaigne, Shakespeare, Pascal, e Rousseau já haviam mergulhado profundamente nessas águas, a novidade estava no fato de que autoreflexão proposta pelos modernistas se tratava de uma busca existencial em meio a uma cultura racional e numa sociedade materialista. Esses artistas, através dos seus trabalhos, expressavam a busca pelo self e por uma vida interior. O fato de não se importarem com o que cada companheiro pensava, fez do modernismo um movimento absolutamente compatível com qualquer credo, tanto assim, que encontramos entre seus membros, artistas conservadores, ateus, fascistas, católicos, judeus, etc.

Em meio à tantas inovações, não podemos esquecer o ódio que os modernistas tinham dos burgueses, e os métodos que eles empregavam para atingi-los, que iam da simples agressividade verbal, a trabalhos nada convencionais para escandalizar e chocar a classe média. Como por exemplo, o famoso nu de Manet, “*Olympia*”; ou os “*Poemas e Baladas*” de Swinburne, repletos de alusões ao masoquismo e outras especialidades sexuais burguesas. Enquanto a literatura, era inundada pelas famosas cartas de franceses, de Baudelaire, Flaubert, um pouco depois de Zola, expressava a falta de esperança que tinham com relação a uma possível transformação da burguesia.

A paixão que os modernistas tinham pelo autorretrato jamais pode ser interpretada como narcisismo. Esses quadros tinham sempre um lado muito escuro, bastante depressivo, engajados acima de tudo com o compromisso de denunciar a miséria humana. Os pintores, por meio dos seus autorretratos, procuravam expressar o seu mais íntimo ser, ao mesmo tempo que buscavam uma maior aproximação com as pessoas. Como afirma Gay: “esses olhares para o espelho eram monumentos à subjetividade, de maneira nenhuma suficientemente patológicos para serem qualificados de atos narcísicos, mas contundentes o suficiente para servir como documentos de autoabsorção.” (Gay, 2008:108).

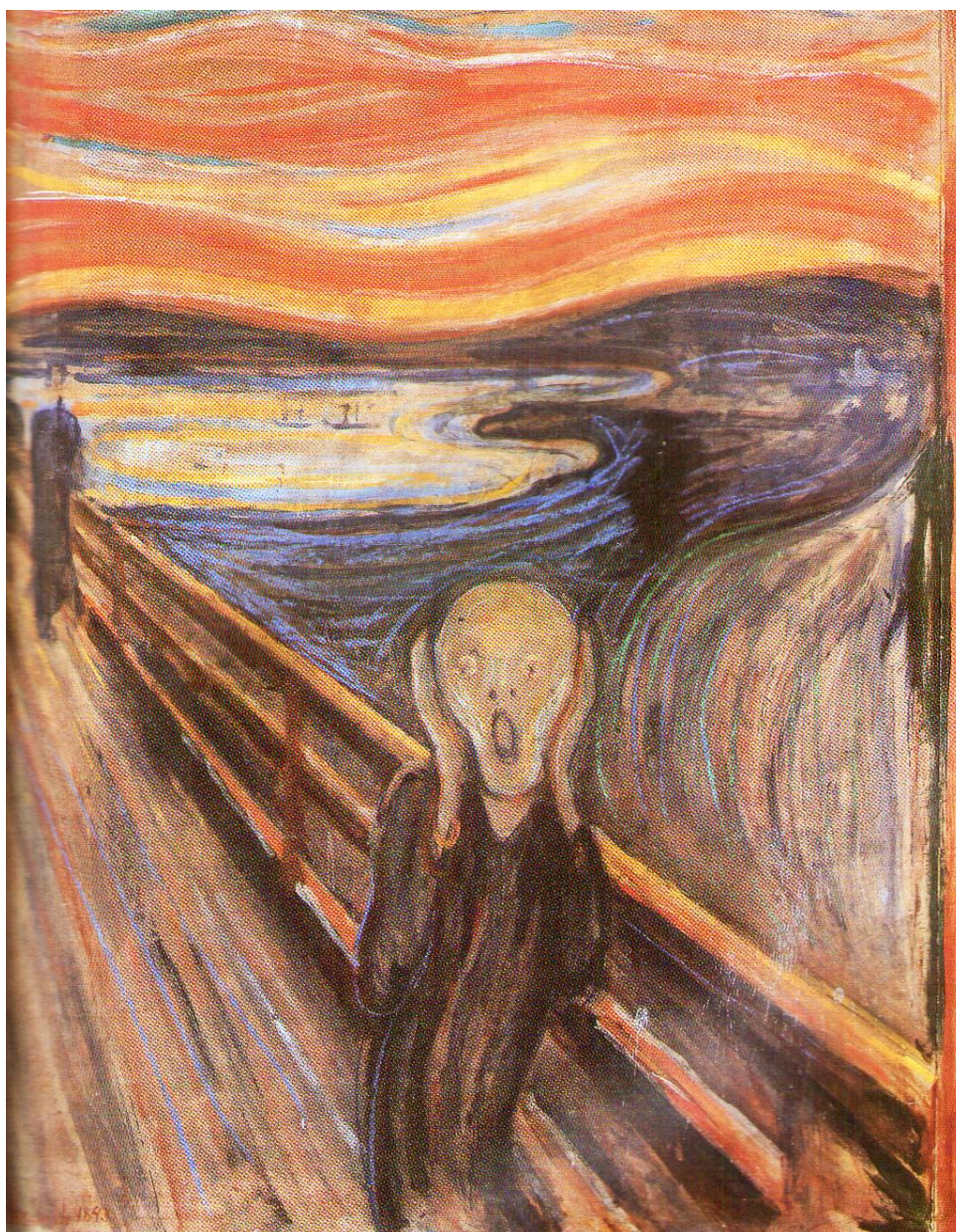
O norueguês Edvard Munch, expressou através de sua pintura, a ansiedade do seu tempo partindo do que via ao seu redor e do que sentia no seu íntimo, chegando a declarar que a “doença, insanidade e morte, foram anjos que cuidaram de mim no berço.” (Munch in Gay,2008:119). Lia com voracidade autores não conformistas como Kierkegard, Dostoiévsky e Nietzsche, considerados marginais em relação ao pensamento que dominava a cultura, fortalecendo ainda mais sua visão subversiva do mundo. Sua pintura mais famosa, o “Grito”<sup>57</sup>, considerada “a quintessência da angústia moderna”, representa uma figura

---

<sup>57</sup> Edward Munch. O Grito,1893. Pintura a têmpera e pastel sobre cartão,91x74 cm. Oslo, Nasjonalgallerist. ( A Arte no século XX. Vol I,Taschen,2005)



impossível de se reconhecer, a ponto de não sabermos se trata de um homem ou mulher. Com ambas as mãos segurando o rosto, seus olhos arregalados, boca aberta, essa figura está em pé numa ponte, tendo ao fundo o céu com tenebrosas nuvens. Munch declarou que esse quadro foi pintado logo após ter tido um ataque de ansiedade. O quadro passa uma mensagem tão forte e tão universal de desespero, que as pessoas o associam a uma representação de um extremo estado de nervos, atribuído à representação do desespero contemporâneo.



O grande valor de Munch foi o de ter transformado seu “*breakdown*” num poderoso e preciso “*input*”. Do nosso ponto de vista, o “Grito” é uma confissão arrancada das profundezas da alma que encontrou eco na confissão não confessada de todos os que olham para essa pintura. Em 1932, Munch escreveu para um crítico: “Minha arte é na verdade uma automanifestação, uma tentativa de clarear minha atitude em direção ao mundo. É um

mundo com uma espécie de egoísmo...”(Gay, 2008:121). Para aqueles que amavam as artes, Munch possuía um enorme talento, suas pinturas poderiam ser interpretadas como testemunhas dentro das mais diversas realidades.

Os modernistas com seu ódio ao burguês, a paixão pela autoreflexão, a vontade de criar uma nova sociedade, transformaram sua arte num sintoma que denunciava uma cultura e sociedade em crises.

## A MORTE DE DEUS

No final do século XIX, a separação entre logos e mito estava aparentemente completada. A razão foi eleita como verdadeira e os mitos religiosos considerados falsos. “Cruzados” como Thomas H. Huxley acreditavam que tinham a missão de travar uma guerra, na qual as pessoas teriam que escolher entre mitologia e ciência racional. Esses “cruzados” desejavam definir a verdade à partir do que fosse “demonstrado e demonstrável.” Ao tratar o mito como se fosse racional, os cientistas, críticos e filósofos modernos o tornaram inacreditável. Consequentemente, a religião foi deixada de lado, assim como também as verdades reveladas pela arte e pela música, por se tratarem de verdades da alma, e portanto, não demonstráveis.

Em 1882, Nietzsche proclamou que Deus estava morto, e em certo sentido ele tinha razão, pois sem o mito, o culto e o ritual, isso sem mencionar a falta do sentido ético na vida, o sentido do sagrado estava morto. Ao fazer de “Deus” uma verdade totalmente imaginária a ser atingida apenas pelo intelecto crítico, o “homem” O matou para si. “*O Louco*” da parábola de Nietzsche em “*A Gaia Ciência*”, acreditava que a morte de Deus arrancou a humanidade de suas raízes. “Ainda há acima e abaixo?”, ele perguntava, completando: “Não vagamos, como se a varar um nada infinito?”

Em 1922, T.S. Elliot retratou a desintegração espiritual da cultura ocidental em seu poema “*A Terra Devastada*”, no qual ele descreve a terra como sendo um lugar onde as pessoas levam vidas artificiais, seguem cegamente as regras da sociedade, e não possuem a convicção que nasce da compreensão profunda. Elliot pergunta: Como será possível fincar raízes produtivas no “lixo pétreo” da modernidade, na qual as pessoas perderam contato com o substrato mítico de sua cultura? Em vez de entender a coerência intrínseca de sua tradição, elas só conhecem “uma pilha de ídolos quebrados”. Por meio de alusões aos mitos do passado, às mitologias sânscrita, bíblica, greco-romana, budista, européia, Elliot descreve a esterilidade da vida contemporânea: niilismo, superstição, egoísmo, desespero, alienação e enfado. Ao deparar com a iminente derrocada da civilização ocidental, o autor conclui: “Esses fragmentos eu escorei contra minhas ruínas. Os cacos das visões passadas que constam do poema podem nos salvar. Quando os tivermos reunido e reconhecido sua essência comum, poderemos retomar a terra devastada na qual vivemos” .

Profético, o poema de Elliot demonstra que os escritores e artistas, mais que os líderes religiosos, tem penetrado no abismo que existe hoje, entre o “homem” e a sabedoria mítica do



passado, e tentam restabelecer os vínculos. Na verdade, é como se procurassem por um antídoto que imunizasse as pessoas da crueldade e da esterilidade da modernidade. Picasso é um exemplo disso: em 1937 se voltou para um tema mitológico, no auge da Guerra Civil Espanhola, quando os bombardeios nazistas sob as ordens do general Franco, atacaram o vilarejo basco de Guernica em dia de feira, matando 1654 dos 7mil habitantes. Meses depois, Pablo Picasso expôs Guernica na Exposição Internacional de Paris. Aquela crucifixão moderna e secular chocou seus contemporâneos e, assim como “*A Terra Devastada*”, foi uma declaração profética, além de um brado magnífico contra a desumanidade de nosso admirável mundo novo”.(Armstrong, 2005:117)

Os romancistas também não ficaram alheios aos problemas, e utilizaram a mitologia para se aprofundarem nos dilemas da modernidade. James Joyce publicou seu “*Ulisses*,” no qual a experiência dos protagonistas se assemelha a partes da “*Odisséia*” de Homero, Jorge Luis Borges, Ítalo Calvino, Günter Grass, Salman Rushdie e Angela Carter, desafiaram a racionalidade, introduzindo em suas obras, elementos realistas com os princípios míticos dos contos de fadas e dos sonhos.

## MODERNIDADE: INDIVIDUALISMO, HEDONISMO E NARCISISMO

*“To love myself enough so that I do not need another to make me happy”<sup>58</sup>*

(Christopher Lasch)



A ideologia individualista dos modernistas acabou tendo um efeito muito mais profundo do que a luta pelo reconhecimento artístico. O modernismo acabou sendo um tipo de força histórica, que conseguiu desvalorizar a tradição, acabar com a imitação, estimular os artistas

<sup>58</sup> Amar a mim mesmo de uma maneira completa me permite que eu não precise de ninguém para me fazer feliz.

pesquisarem novas combinações, fazer rupturas com a experiência imediata, criando suas bases em cima dos valores individualistas.

A ausência da religião, não só resultou no “desencantamento” do mundo, como abriu espaço para que o comportamento burguês amoral invadissem a política, que a compaixão e a piedade permanecessem ausentes na economia. Apesar de Nietzsche e Marx denunciarem a falta de virtudes morais e o vazio existencial, há que se levar em consideração que o modernismo foi ao mesmo tempo um período de infinitas e abundantes possibilidades, passando à história como uma revolução cultural, e mais do que isso, uma espécie de rebelião constante contra todas as regras e valores da sociedade burguesa. O modernismo foi uma revolução que nasceu no final do século XIX, ignorando os valores da classe economicamente dominante, enalteceu os valores do romantismo, exaltou o eu e o prazer. Valores frontalmente hostis aos valores burgueses, normalmente centrados no trabalho, poupança, moderação e puritanismo. Viver com a máxima intensidade possível, valorizar tudo o que possibilitasse o “desregramento” de todos os sentidos, deixar-se levar pelos próprios impulsos e por uma imaginação sem limites, buscar incessantemente novas experiências, transformaram-se em mandamentos do modernismo, dando origem a cultura da personalidade, cujo centro passou a ser o eu.



O culto do eu, embora tenha se iniciado com Rousseau e atingido o seu auge no romantismo, foi só a partir da segunda metade do século XIX que uma boemia cada vez mais revoltada atacou fortemente a vida burguesa, proclamando o hedonismo e o individualismo como os grandes valores sociais da modernidade. Apesar de ter sido a própria burguesia que introduziu o individualismo radical na economia, ela temia que o individualismo e o hedonismo tomassem corpo na cultura e na vida social, porque desejava manter uma disciplina autoritária e puritana no campo da cultura, por razões óbvias.

## TEMPO, ESPAÇO E ALTURA

No final do século XIX, a percepção que os indivíduos tinham do tempo, do espaço e da altura mudou drasticamente, marcando os tempos modernos. Pela primeira vez na história da humanidade, o “homem” passou a se deslocar com velocidade, fazendo com que o andar a pé ou em lombo dos animais se tornasse obsoleto. De dentro de um trem, a paisagem passava



depressa, em imagens borradas, inspirando as pinturas impressionistas. A sensação da altura experimentada dentro de um balão e mais tarde dentro de um avião, introduziu o conhecimento da topografia. Essas inovações acabaram gerando uma certa desorientação, impactando diretamente o cotidiano das pessoas. O tempo ficou mais “curto”, e com isso a consciência da brevidade aumentou as dúvidas e as crises de consciência. De certa maneira, parecia que a morte chegava mais depressa e, com ela, a falta de certeza tanto no céu quanto no inferno. Os artistas demoraram para se dar conta da desorientação vivida pela maioria das pessoas, e quando acordaram, se viram obrigados a juntar as peças de um mundo de uma maneira diferente, de um mundo que parecia estar em pedaços e virado de ponta cabeça.



O secular Hobbesianismo, alimentou na política a fome por experiências ilimitadas, o que mais tarde acabou contaminando a economia e a cultura. A ênfase dos E.U no puritanismo, se degenerou numa desagradável mentalidade típica das pequenas cidades. Este período foi marcado pela perda da ética, no qual a modernidade comprometeu seriamente a estabilidade emocional das pessoas, antes depositada na religião, no trabalho e na família.



A necessidade de fazer rupturas com as instituições como a família, com o trabalho e com a religião, ou pelo menos com o antigo modelo delas, levou o indivíduo trocar a paz do dever cumprido, pelos prazeres sensoriais e pela busca incessante do dinheiro, o que acabou criando um enorme vazio existencial. A obrigação de transformar a vida num grande entretenimento, a busca incessante pelo prazer imediato e a importância que o dinheiro passou a ter para as pessoas, fizeram com que ruíssem as instituições pilares da moral

tradicional, transformando os aspectos mais profundos do mundo contemporâneo, em algo completamente diferente do que fora antes. Mas ao mesmo tempo, esse mundo totalmente novo, possibilitou experiências ilimitadas e criou novas formas de dispersão e fragmentação.



## HEDONISMO

O estilo de vida proposto pelo modernismo e pela sociedade de consumo desde o seu início, era viver só o presente, o aqui e o agora, e não mais em função do passado ou do futuro. Este tipo de “filosofia”, não só foi responsável pela destruição do sentimento de pertencimento, como também corroe o sentido de continuidade histórica, preparando terreno para o nascimento de uma sociedade contemporânea hedonista e narcísica, descrita por Bell como uma sociedade: “na qual existe a perda da vontade e da força moral, em que os homens se transformaram em competidores uns dos outros pelas coisas materiais e luxuosas, perdendo a habilidade de compartilhar e de fazer sacrifícios”. (Bell, 1978:83)



Khaldun fala da perda na sociedade contemporânea do *asabîyah* que é o senso de solidariedade que faz com que o homem se sinta irmão do outro, a perda do sentimento de grupo, do afeto mútuo, e da vontade de lutar e de morrer pelo outro. A sociedade contemporânea, segundo ele: “não perdeu apenas o senso de sacrifício e do



compartilhamento do perigo, mas também os propósitos morais, o *telos* que concede à sociedade a justificação moral”. (Khalidun, 1978:83)



Bell é consciente da possibilidade do hedonismo contemporâneo dar origem a uma crise espiritual, que pode provocar o abalo das instituições liberais, na medida em que o hedonismo e sua consequência o egoísmo, levam inevitavelmente a perda da “*civitas*”, gerando também uma indiferença pelo bem comum e ausência de confiança no futuro.



Numa sociedade que valoriza apenas a busca da realização de si mesmo, sem dúvida alguma corre o risco de um declínio da legitimidade das instituições. A era do consumismo solapa o civismo, mina a coragem e a vontade, e não oferece um valor superior ou um motivo para ter esperança.



A crise do hedonismo e o seu correlato o egoísmo, não atinge somente as pessoas e a vida em sociedade, mas atinge também o próprio capitalismo, que se revela impotente em fornecer motivação para as pessoas. Segundo Lipovetsky: “o capitalismo americano perdeu a legitimidade tradicional que tinha como alicerce à santificação protestante do trabalho, e se revela incapaz de fornecer um sistema de motivação e de justificação do qual toda sociedade precisa, e sem o qual, a vitalidade de uma nação se destrói” (Lipovetsky, 2005:104). Outros fatores como a guerra do Vietnã, problemas raciais, concentração da miséria em determinadas áreas, principalmente nos países ricos, e por fim a contracultura, contribuíram para uma crise de confiança no capitalismo e num dos seus mais fortes representantes, os Estados Unidos.

Mas o fato que o hedonismo aliado à recessão econômica, se torna um grande perigo porque contribui para a frustração dos indivíduos com relação aos seus desejos não realizados. Essa situação tem o perigo potencial de gerar soluções extremistas, da mesma maneira que a crise cultural gera instabilidade política. Para Lipovetsky está claro que: “é nessas circunstâncias, que as instituições tradicionais e os processos democráticos de uma sociedade desmoronam, e que as cóleras irracionais aumentam, com o desejo de ver surgir um homem providencial que salvará a situação” (Lipovetsky, 2005:104).

A sociedade hedonista, e a “enxurrada do eu”<sup>59</sup> compõem o comportamento de hoje. Viver na contemporaneidade significa viver para si, sem se preocupar com as tradições e com a posteridade. Desde a derrota dos E.U pelo Vietnã, o terrorismo internacional, as crises econômicas globais, as guerras, os problemas com as usinas nucleares, os desastres ecológicos, as armas nucleares, escândalos de corrupção, escândalos sexuais, todos esses fatos reunidos colaboram para uma profunda crise de confiança nos líderes políticos de todo o mundo, responsáveis pelo nascimento de um grande pessimismo e medo de catástrofes eminentes, que no fundo justificam e explicam o desenvolvimento de estratégias narcísicas como uma estratégia de sobrevivência. Instala-se assim, uma espécie de narcisismo coletivo, como um sintoma da crise da contemporaneidade. Portanto, quando o futuro se torna incerto e ameaçador, só resta às pessoas cuidar do presente e junto com isso vem o desejo da juventude eterna, efeito colateral no nível pessoal, de uma sociedade em crise.

Depois dos tumultos dos anos de 1960, os americanos principalmente, se fecharam em torno de suas próprias preocupações. O sentimento de impotência gerado diante dos acontecimentos catastróficos da primeira metade do século XX, fizeram com que as pessoas perdessem a esperança de que poderiam contribuir para um mundo melhor. Voltaram-se para si, até mesmo como uma forma inconsciente de auto-preservação, investindo energia naquilo que haviam se convencido ser a única coisa que fazia sentido, ou seja, no próprio desenvolvimento psicológico. Permanecer em contato com seus próprios sentimentos, se alimentar de uma forma saudável, fazer aulas de balé ou de dança do ventre, fazer uma imersão na sabedoria oriental, correr, aprender como superar o “medo do prazer”, foram decisões aparentemente inofensivas, embrulhadas na retórica da autenticidade, consciência e cuidado consigo próprio. Duas consequências ficaram evidentes no momento que essas atitudes atingiram o status de um programa de vida. A primeira delas foi que o voltar para si

---

<sup>59</sup> Termo empregado por Lipovetsky



e só para o presente, acabou gerando um tremendo repúdio pelo passado, e a segunda consequência, foi o fato de que o “cuidado consigo próprio”, afastou definitivamente as pessoas do seu próprio self.

Viver o aqui e o agora intensamente, extrair dele o maior prazer possível, viver exclusivamente para si, abandonando os que chegaram antes e excluindo os que vierem depois, passaram a ser as grandes paixões da modernidade. Lasch afirma que: “com o senso histórico tão minguido e o desmoronamento de qualquer tipo de preocupação com a posteridade, a crise espiritual da década de 1970 traz uma certa semelhança com as rupturas feitas, há alguns séculos, com as religiões milenares”.(Lasch, 1991:5)

A excessiva preocupação consigo sempre foi uma estratégia para esconder o desespero que a pessoas sentem de viverem numa sociedade em permanente mudança, e com um futuro incógnito. Segundo Lasch: “a única coisa que parece fazer algum sentido é viver apenas o momento, com os olhos fixos na sua própria performance, e se tornar especialista na sua própria decadência, com uma especial *self attention*<sup>60</sup> transcendental”. (Lasch, 1991:32)

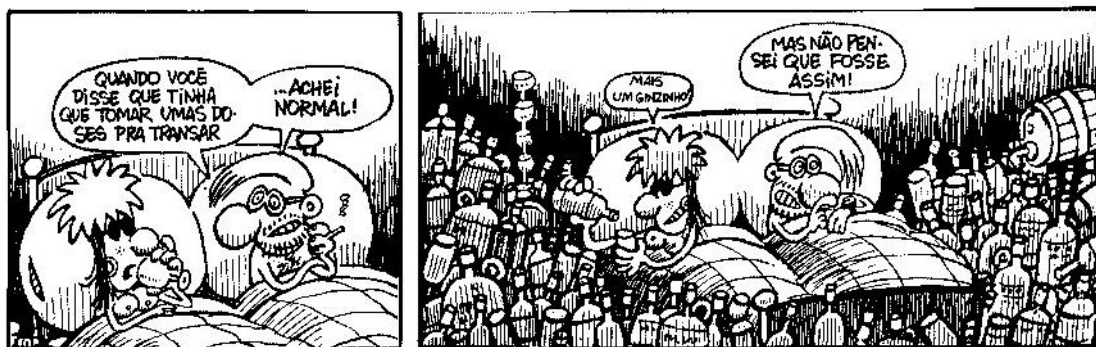


Jamais existiu em toda história da humanidade uma atitude semelhante a esse descaso com o futuro e essa excessiva preocupação consigo. Nem mesmo os Anabatistas, que no século XVI esperavam ansiosamente pelo Apocalipse, demonstraram tamanho descaso pelo futuro ou pelo passado. Sua impaciência com relação ao viver no mundo era uma questão transcendental, ligada mais a um desejo disfarçado de atingir o quanto antes a Idade de

<sup>6060</sup> Atenção consigo

Ouro, (que seria inaugurada logo após ao Apocalipse), do que um desprezo pelo tempo histórico.

A diferença é que hoje o clima é psicológico e não religioso. As pessoas não buscam mais a salvação, preferem se dedicar às ilusões momentâneas de bem estar, saúde e segurança psíquica, ou o à fuga de tudo isso.



### NARCISISMO: A PERSONALIZAÇÃO EXTREMA



O termo narcisismo, além de ser empregado muitas vezes de maneira errada, como se fosse apenas um culto à privacidade, seu conteúdo psicológico também tende a ser muito descuidado. Eric Fromm, foi o primeiro psicólogo a esvaziar o narcisismo do seu significado clínico, ampliando-o como um sinônimo de vaidade, autosatisfação, autoadmiração, estendendo seu significado às formas de paroquialismo, preconceitos étnicos, raciais e todas as formas de fanatismo. O narcisismo é a antítese da doutrina humanista de cooperação e solidariedade de Fromm, que ele o define como sinônimo do individualismo anti-social. Como Lasch e Sennet, também vemos o narcisismo não só como uma autoadmiração, mas também como uma forma de expressão do ódio que as pessoas sentem por si mesmas. Mas, o narcisismo, acima de tudo, pode ser definido como uma defesa desenvolvida pela pessoa, contra uma fúria infantil com relação à frustração, em que o indivíduo tenta compensar desesperadamente as perdas, com fantasias de um eu privilegiado.

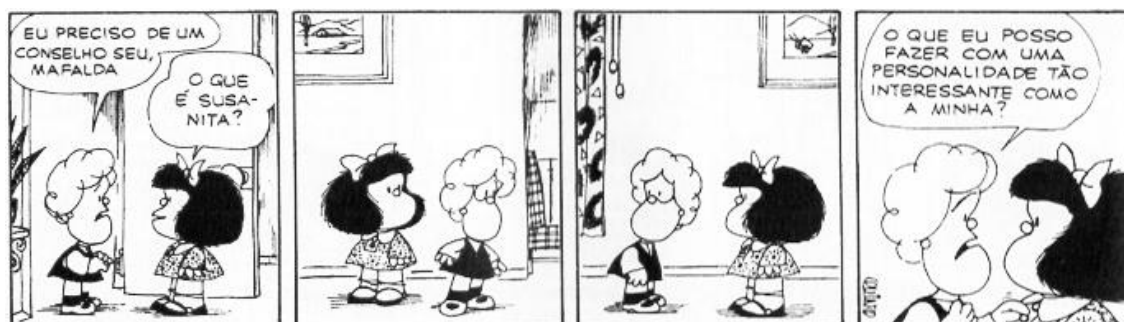


Infelizmente, alguns autores se recusam discutir a etiologia do narcisismo, e não gostam de colocar muita ênfase nos seus aspectos clínicos, com medo de que fazendo isso, se percam os aspectos sociais. Do nosso ponto de vista, esses autores cometem um grande erro, pois à medida em que ignoram a dimensão psicológica, perdem também a dimensão social. Pois, os traços de caráter associados ao narcisismo patológico, aparecem abundantemente no dia a dia, conforme aponta Lasch : “no medo de dependência, no sentimento de vazio, numa ilimitada raiva reprimida, e nos desejos insatisfeitos da oralidade”(Lasch,1991:33) Além disso, esses autores também ficam sem poder discutir as características secundárias do narcisismo como: o pseudo insight, a sedução calculada, o nervosismo, e o humor autodepreciativo.

Frustrada com o casamento, Rê Bordosa para satisfazer sua oralidade, “come bombons e guloseimas de manhã até a noite” e seu desejo narcísico é “de sair por aí dando pra todo mundo”



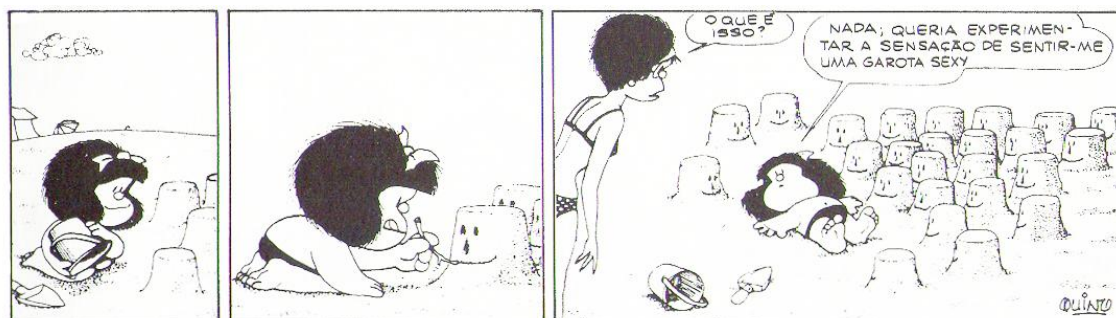
Pode-se afirmar que o narcisismo é a primeira patologia de comportamento associada às influências da sociedade mercantilista. Claro que o narcisismo brota de outras fontes também, e está ligado ao desenvolvimento da personalidade, pois enquanto desordem de caráter, o narcisismo é uma preocupação excessiva com o eu, impedindo a pessoa de criar uma fronteira entre o eu e o mundo exterior, relacionando os eventos externos às próprias necessidades e desejos.



Como atesta Giddens: “embora o narcisismo seja uma suposta busca pela identidade, esta acaba sempre em frustração, até porque, a busca incansável de “quem sou” nada mais é do que a expressão da absorção narcisista, ao invés de uma busca verdadeira.



O narcisismo também se opõe ao compromisso necessário para sustentar as relações íntimas, porque o compromisso para o narcísico cria restrições às oportunidades. O indivíduo narcísico precisa tentar muitas experiências para encontrar a autorealização, sendo que o compromisso atrapalha suas tentativas. O narcísico trata o corpo como instrumento de satisfação sensual, em vez de relacionar a sensualidade à comunicação com os outros. Sob o impacto do narcisismo, as relações íntimas assim como as conexões mais amplas com o mundo social tendem a ter aspectos inerentemente destrutivos.”(Giddens,2002:158)



A perda das tradições fez com que os indivíduos perdessem o apoio advindo delas e substituíssem esse apoio por uma dependência do Estado e de outras burocracias. Do ponto de vista de Lash, o narcisismo contemporâneo nada mais é do que a dimensão psicológica dessa dependência. Hoje, o narcisismo é visto como um tipo de personalidade que os indivíduos precisaram desenvolver para fazer frente às exigências da vida contemporânea, como as novas formas de socialização e as novas maneiras de organizar as experiências.

O narcisismo talvez tenha sido a melhor maneira que homens e mulheres encontraram para poder lidar com as tensões e as ansiedades da vida moderna. Alguns autores, defendem a idéia de que o mundo de hoje desperta em todas as pessoas, por si só, o narcisismo. A própria família é atingida em cheio por essa “patologia” mantendo-a e perpetuando-a, pois, na medida



em que é a família modelo e influência as estruturas mais sutis da personalidade dos seus membros, e o fato dos pais atualmente terem uma necessidade exagerada de fazer seus filhos se sentirem amados e queridos, não combina com as suas próprias necessidade de auto-realização. Portanto, acabam criando uma fórmula mentirosa e hipócrita para convencer seus filhos que eles ocupam um lugar muito especial em suas vidas, sendo que esta atitude é perfeita para criar estruturas de personalidades narcísicas.

O narcisismo não se resume apenas a um determinismo psicopatológico ou social, mas é o retrato da personalidade “liberada” das pessoas de hoje em dia, que Lasch descreve como sendo a personalidade do sujeito : “que possui charme, uma pseudo consciência de sua própria condição, uma promíscua pansexualidade, fascinação pelo sexo oral, medo da castração materna, hipocondria, uma autoproteção bastante superficial , negação veemente de qualquer tipo de dependência, medo de se entristecer e um grande pavor do envelhecimento e da morte”.(Lasch,1991: 50)

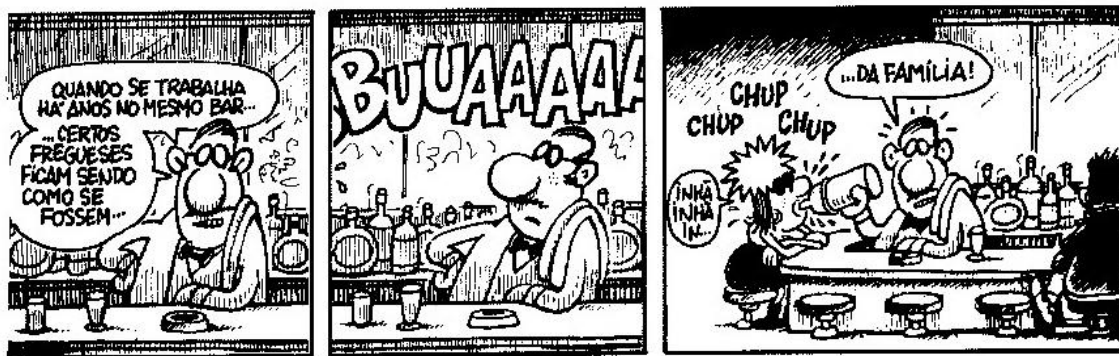


## NARCISISMO E CONSUMISMO

Segundo Sennet, uma das razões para a propagação do narcisismo foi a “morte” do espaço público, a decadência da autoridade tradicional que cedeu espaço para a formação de uma cultura urbana, secular e capitalista, composta da criação obrigatória de consumidores com necessidades diferenciadas. A ênfase que a propaganda colocou nas diferenças e gostos pessoais, fez com que as pessoas acreditassem que a personalidade substituiu o caráter, e que o comportamento conduz o indivíduo ao eu interior, quando na verdade, são os sentimentos que ajudam a construir a identidade. Isso tudo reunido, se transformou na fórmula perfeita para a formação narcísica do caráter, e para o afastamento do indivíduo do seu próprio self.

No momento em que o consumismo invadiu definitivamente a modernidade tardia, concedendo um valor extremo à aparência e aos bens materiais, a sociedade transformou em necessários, os traços patológicos do narcisismo. Ao mesmo tempo em que o consumo massifica, a mídia propaga a necessidade narcísica de ser “diferente” de todos os outros, e é esta busca exagerada pela diferença que impede as pessoas de desenvolverem uma identidade reflexiva, coerente e única. O excesso de personalização tem ligações com concepções de grandiosidade e também dificulta a tarefa do indivíduo de desenvolver uma identidade “séria” ou “enxuta”, o que é perfeito para a sociedade de consumo. Pois a perda do próprio self leva as pessoas a se adaptarem às expectativas alheias, em diferentes e múltiplos ambientes sociais.





Em 2006, os psicanalistas Richard Ulman e Harry Paul expuseram em sua obra *“The Self Psychology of Addiction and its Treatment: Narcisus in Wonderland”*<sup>61</sup> uma visão dos problemas dos toxicômanos. Embora eminentemente clínica, eles denunciam de uma maneira clara, a falta hoje em dia de fronteiras entre a patologia e a “normalidade”, ou entre a patologia e a sociedade de consumo. Na modernidade tardia, os indivíduos que na infância foram educados para serem o centro das atenções, enfrentam grandes dificuldades para lidar com as frustrações, transformando o cigarro, o álcool, a comida e o sexo, em meios de apaziguar o vazio e a dependência do amor.

Os autores se baseiam na psicologia do self de Kohut, que defende a idéia de que para se conquistar um self bem sucedido, é necessário que o indivíduo leve em consideração as normas e expectativas dos seus antepassados, e que também tenha vivido a experiência de ter sido objeto na infância, de um amor materno incondicional. As pessoas hoje, descartam as expectativas dos seus antepassados, preferindo ficar eternamente dependentes do “amor incondicional”, ou de qualquer coisa que a mídia e a propaganda afirmem ser o seu substituto, como: carros, drogas, sapatos, roupas e de uma infinidade de alternativas oferecidas pela sociedade à esses deslumbrados Narcisos.



<sup>61</sup> “A Psicologia do Self da Adicção e seu Tratamento: Narciso no País das Maravilhas”





Sem discutir o narcisismo perde-se a perspectiva do emaranhado que existe hoje entre patologia e padrões da cultura contemporânea como: a tremenda dificuldade de se situar no tempo, a extrema fascinação pelas celebridades, o medo de competição, a incapacidade de ter humor, e a deteriorização das relações entre o homem e a mulher. Mas, o narcisismo, de uma maneira geral, permanece como sinônimo de egoísmo e acima de tudo não deixa de ser uma metáfora que descreve o estado de espírito no qual o mundo aparece como o espelho do self.

## UM NOVO ESTÁGIO DO INDIVIDUALISMO

Inaugura-se assim, um novo estágio do individualismo, no qual o narcisismo desenha um perfil inédito do indivíduo, das suas relações consigo próprio, da sua relação com o seu corpo, com o mundo, com os outros, e principalmente com o momento histórico, no qual o “capitalismo” antes severo e acumulador, cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo. Segundo Lipovetsky: “se a modernidade se identificava com o espírito do empreendimento e com a esperança futurista, o narcisismo, é claro, com sua indiferença, inaugura a pós-modernidade, a última fase do “*homo aequalis*”.”(Lipovetsky,2005:32)

O narcisista vive sua ilusão de onipotência, e ao mesmo tempo depende do outro para validar sua autoestima, ciente que está, da sua necessidade de uma platéia que o admire, enquanto que sua aparente liberdade de laços familiares só esconde e disfarça sua insegurança, que ele compensa se ligando àqueles que são celebridades, aqueles que tem poder ou carisma. Para o narcisista, o mundo é um espelho, mesmo se levando em consideração que ele o vê como um espaço vazio, para ser formatado segundo seu próprio desenho.







Após os anos agitados da década de 1960, ocorreu uma desafeição ostensiva e generalizada pela coisa pública, que se expandiu para o social e independentemente da crise econômica, os interesses se voltaram apenas para as questões pessoais. Lipovetsky chama essa crise de “dessindicalização”, que atingiu proporções jamais imaginadas: desabaram as esperanças revolucionárias, desapareceram as rebeliões estudantis acompanhada de um profundo esgotamento da contra cultura.



Como observa Lipovetsky: “ a res pública se desvitalizou, e as grandes questões filosóficas, econômicas, políticas e militares passaram a despertar a mesma curiosidade que qualquer acontecimento comum, todas as “superioridades” vão minguando aos poucos, arrebatadas que são, pela vasta operação de neutralização e banalização sociais. Apenas a esfera privada parece sair vitoriosa dessa maré de apatia, cuidar da saúde, preservar a própria situação material, desembaraçar-se dos “complexos”, esperar pelas férias, tornou-se possível viver sem ideais, sem finalidades transcendentais[...]o narcisismo nasce da deserção política. Fim do *homo politicus* e surgimento do “*homo psychologicus*” à espreita do seu ser e do seu maior bem estar”.(Lipovetsky,2005:33)

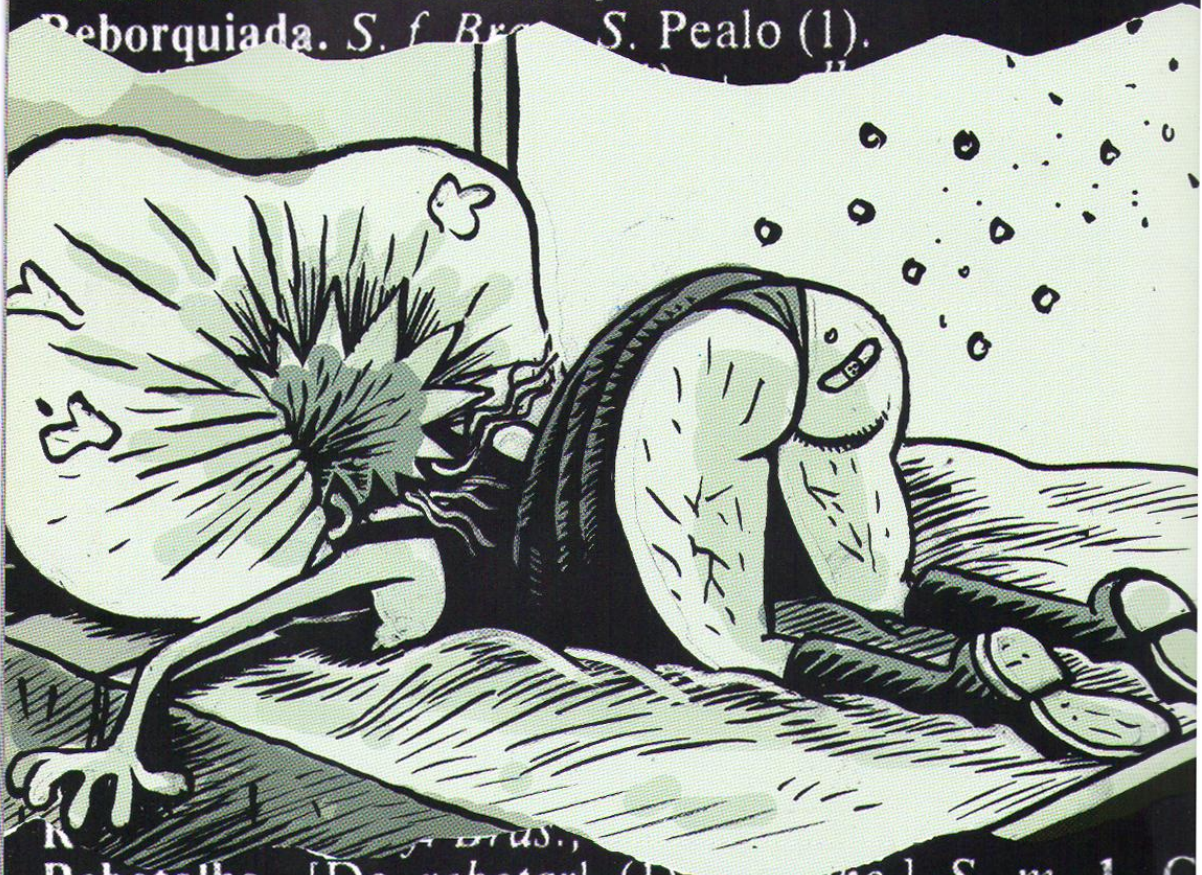


to cheio, com fios sobrepostos. [Pres. ind.: *rebo*  
*rebordas, reborda, etc.* Cf. *rebordo* (ô).]

**Rebordo** (ô). *S. m.* Borda revirada: "Sentado  
rebordo do tanque redondo e sem água  
ornava o pátio, ... o Titó movia lentamente co  
um leque um velho chapéu de palha" (Eça  
Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*, p. 35). [Pl.: *re*  
*dos* (ó). Cf. *rebordo*, do v. *rebordar*.]

**Rebordosa**. [De *rebordo* (ô) + o fem. de *-oso*.] *S.*  
*Bras.* 1. *V. repreensão* (1). 2. Doença grave. 3. Si  
ção desagradável; contingência(s) dura(s). 4. R  
cidência de moléstia. [Var.: *reboldrosa*.]

**Reborquiada**. *S. f. Bras.* *S. Pealo* (1).



**Rebotalho**. [De *rebotar*<sup>1</sup> (1) + *-alho*.] *S. m.* 1. C  
sem valor; ninharia, insignificância. 2. Restos inú  
refugo. 3. Pedacinho, migalha, cigalho.

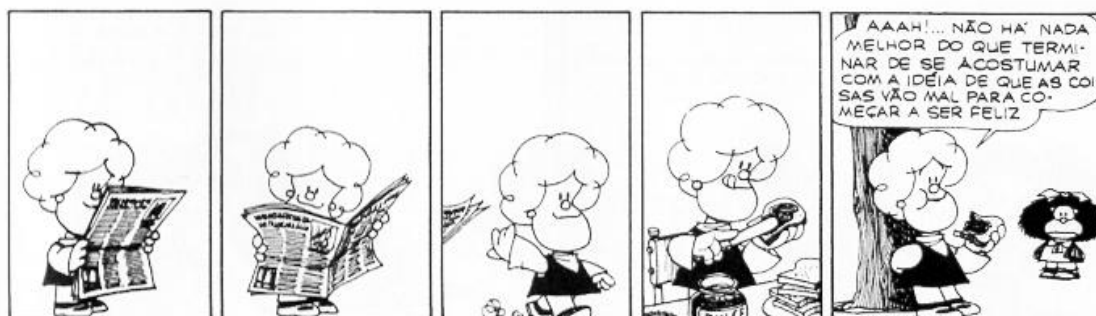
**Rebotar**<sup>1</sup>. [De *reboto* (ô) + *-ar*<sup>2</sup>.] *V. t. d.* 1. Tornar b  
embotar: *rebotar a navalha*. *P.* 2. Enfastiar-s



Sem dúvida alguma, o narcisismo contemporâneo além de carecer de um niilismo trágico, abunda em apatia frívola, à despeito da mídia só anunciar catástrofes.



O narcisismo não se trata do último refúgio de um eu desencantado que se atira de corpo e alma aos prazeres egoístas, pelo contrário, o narcisismo é uma forma inédita de apatia. Diante da voracidade com que a mídia espalha os últimos acontecimentos, impossível os indivíduos terem tempo de sentir qualquer emoção que seja duradoura. O narcisismo se trata de uma característica intrínseca da personalidade da modernidade tardia, resultante de um processo global, soberano na regência do funcionamento social.



Esse novo “perfil” narcísico, nasceu em função da derrocada dos valores sociais, estimulado pelo excesso de individualismo, proposto pelo capitalismo e sua ética hedonista. A sociedade da abundância gerou a cultura centrada no eu, que exagera na crença do potencial humano psíquico e corporal. Todo esse quadro, é o retrato de uma sociedade que se liberta da tradição, e de uma certa forma estabelece definitivamente a privatização sistemática como sendo o verdadeiro estilo de vida, já há algum tempo alardeado pelo consumismo. O narcisismo de certo modo é o efeito do cruzamento de uma lógica individualista e hedonista, com uma lógica terapêutica e psicológica, elaborada no século XIX.

## A PERDA DO SELF

Na modernidade tardia, o excesso se tornou a marca distintiva da sociedade de consumo, enquanto o extremismo, é o comportamento mais valorizado. Os esportes são radicais, somente os assassinos em série chamam a atenção do público e das autoridades, na vida pessoal a anorexia; bulimia; diversas compulsões e vícios, fazem parte do cardápio diário.



Embora as pessoas cuidem do corpo de uma maneira jamais vista, isso não impede o florescimento de uma série de patologias individuais. O individualismo extremado nasceu da internacionalização do modelo econômico capitalista no modo de ser. Ou seja, o objetivo econômico do burguês de obter o maior ganho possível, se estendeu para a sexualidade e para a política. Portanto, a modernidade tardia se afirma como uma era de extremos, na qual vigora a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e o excesso.

Embora a revolução da informática tenha atingido de uma maneira contundente a vida pessoal, ela não provocou nenhuma revolução no nível interior e nenhum movimento de autoconsciência. À despeito do aparecimento de uma falsa revolução psi, aparentemente ligada ao crescimento pessoal, mas no momento em que a informação assumiu o lugar da produção, transformando o “comercio da consciência” em mais um produto para ser consumido, ampliando o espaço para um narcisismo ilimitado.

## OBSTÁCULOS PARA AUTOREFLEXÃO

Até aqui, falamos da importância que assume a reflexão ou reflexividade na teoria de Giddens, mas é importante salientarmos que embora a reflexividade já tenha se instaurado em vários setores da sociedade ocidental, ainda existem inúmeros obstáculos para que ela possa atingir a sociedade como um todo. Existem muitas teorias à esse respeito, a maioria delas ligadas à própria sociedade de consumo, que impede principalmente a autoreflexão. Outros acreditam, que isso se deve à “cultura de massa” e à própria mídia, que submetem o



indivíduo a uma lavagem cerebral, propiciando a existência de um “mercado consumidor” que se deixa enganar pela sedução e pela mentira.



Do nosso ponto de vista, o maior obstáculo para autoreflexão, se trata sem a menor dúvida, do narcisismo. Embora, se tenha falado muito de “reflexividade” da vida contemporânea esse narcisismo exacerbado, é o que impede as pessoas de esvaziarem-se do seu próprio ego e atingir o self através da reflexão, para poderem construir suas identidades baseadas num conhecimento genuíno de si mesmas. A nosso ver, esse é um dos maiores desafios para os homens e mulheres contemporâneos.

A grande força que o narcisismo adquiriu na contemporaneidade, foi em função desse momento histórico em que nada passou a ser objeto de uma discussão séria que necessitasse reflexão, como também foram excluídos exames sérios à respeito de qualquer assunto ou problema. As consequências foram que a consciência de classe acabou sendo substituída pela autoconsciência, e a consciência política pela “consciência” narcísica.

Estamos falando da era da dissolução do Eu, inaugurada pela ética permissiva e hedonista. O esforço saiu de moda, a disciplina perdeu seu valor, em seu lugar entrou triunfante o culto do desejo e de sua satisfação imediata, a anarquia dos impulsos ganha a batalha, o indivíduo perde seu centro de gravidade.





A erosão das referências do Eu atingiu as identidades e os papéis sociais, antigamente, claramente definidos. Hoje, os status da mulher, do homem, da criança, do louco, do civilizado, etc., se tornaram indefinidos e entraram numa era de incertezas, na qual a natureza das “categorias” sociais não param de se desenvolver. Mas, enquanto a erosão das formas de alteridade é atribuída ao processo democrático, à igualdade, o Eu passa por um processo de personalização. Se o movimento democrático dissolveu as referências tradicionais do Outro, esvaziando-o de toda diferença, e estabelecendo uma identidade entre as pessoas, a personalização narcísica faz com que as referências do Eu sejam vacilantes, esvaziando o Eu de qualquer conteúdo que seja definitivo. O processo narcísico, cria uma nova alteridade, o outro passa a ser reflexo do Eu.

## 5.0 | AS TRANSFORMAÇÕES DA MODERNIDADE

“Por volta de dezembro de 1910, a natureza humana mudou”

(Virginia Woolf)

## A PERDA DO RESPEITO PELO PASSADO

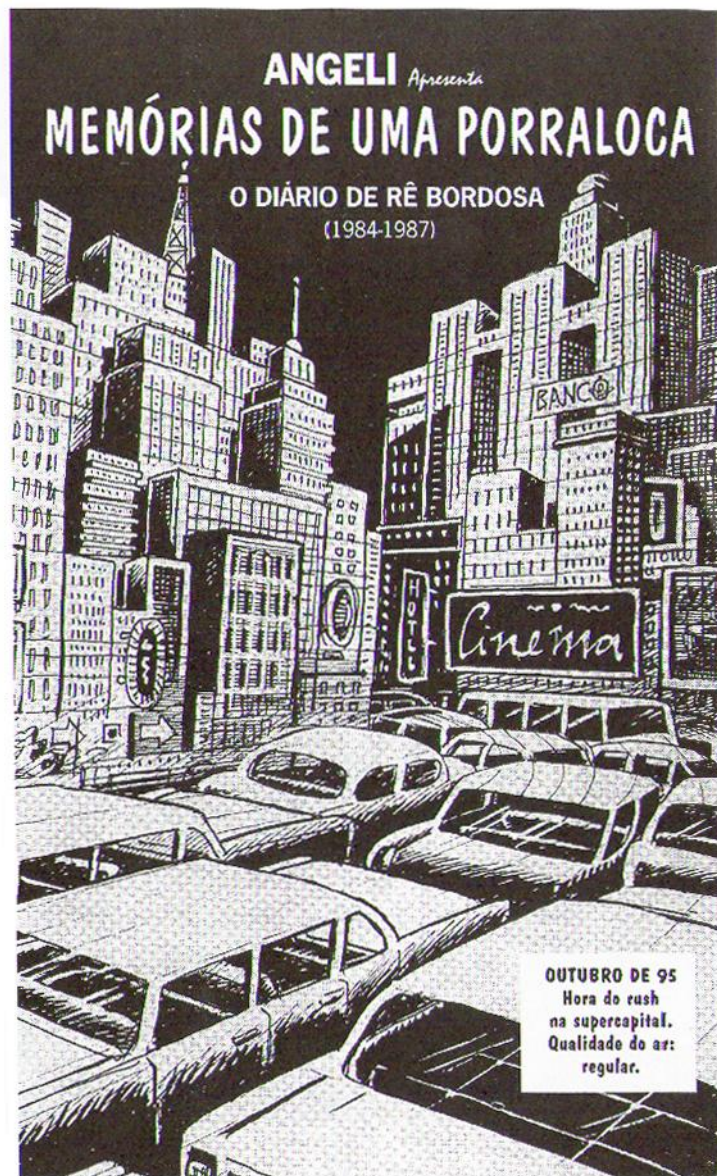
As grandes descobertas só vieram contribuir para o aumento do caos da modernidade, obrigando o “homem” mudar drasticamente a visão que tinha de si mesmo e do mundo. As descobertas na física, por exemplo, alteraram definitivamente a imagem do universo; enquanto a transformação do conhecimento em tecnologia, alterou a mudança dos antigos sistemas de produção, criando novos cenários e destruindo tudo o que era antigo. Os novos conceitos de velocidade e eficiência modificaram completamente o ritmo de vida; e o nascimento da empresa capitalista possibilitou pela primeira vez na história, a criação de um espaço para a luta de classes. As invenções também funcionaram como fermento para esse crescimento rápido e desordenado: a máquina de escrever, o cabo Atlântico, o telefone, se transformaram em agentes do capitalismo, responsáveis pelo florescimento de uma classe média, tanto na Europa como nos Estados Unidos.

A perda do respeito pelo passado e a dificuldade da preservação do sentido da continuidade histórica, foram algumas conseqüências advindas do fato da vida moderna se deixar permear pelo efêmero, pelo fugidio, e pelo fragmentário. A modernidade não envolveu apenas uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, mas também se caracterizou por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas, patrocinadas por uma ativa e interessante vanguarda, que desempenhou um papel fundamental no modernismo, fazendo alterações sem fim, a ponto de ser difícil descobrir em meio à tantas rupturas quais seriam os elementos eternos e imutáveis.

Embora o modernismo tenha sido um movimento comprometido com a descoberta, as práticas e os juízos estéticos acabaram se fragmentando, a ponto de Harvey comparar o modernismo com um: “livro de rabiscos de um maníaco, cheio de itens coloridos, sem nenhuma relação entre si, nenhum esquema determinante, racional ou econômico”(Harvey,2007:2).Mas, ao mesmo tempo, de alguma maneira, as pessoas começaram a tomar consciência da ganância dos poderosos, da falta de escrúpulo dos ricos, dos problemas da ética e da moral, tanto das elites quanto do povo.

Isso sem mencionar a confusão que causaram as múltiplas opiniões à respeito da política, da estética e sobre o campo espiritual. Na esteira das grandes preocupações, ocupava um lugar privilegiado, o crescimento desordenado da população e a transformação rápida das cidades e sua conseqüente desumanização.





Angeli para compor uma personagem que fosse desagregada, sem nenhum sentido de vida e viciada, ambientou coerentemente suas histórias na cidade de São Paulo, que sempre foi decadente, à despeito de nunca ter tido um auge. É uma cidade feia e abandonada pelas autoridades e políticos, e jamais ofereceu aos seus habitantes uma boa qualidade de vida. São Paulo é só concreto, o verde é raro e o tráfego, mesmo no tempo em que as histórias da Rê Bordosa foram publicadas, já estava começando a ficar enlouquecedor. Conseqüentemente, em função de um progresso e de uma expansão muito rápidos, a modernidade acabou perdendo profundidade e nitidez, impactando a vida pessoal, causando às pessoas perda da capacidade de se organizar, e de organizar a própria vida.

Depois de uma fase triunfante que o hedonismo teve na sociedade de consumo, ocupando um lugar central na cultura moderna, na qual efetivamente o orgasmo estava em primeiro lugar, e o êxito se identificava com a corrida em direção à aquisição de objetos, o mundo ocidental depois da década de 1960 entrou numa fase desencantada, pós-materialista, na qual a

qualidade de vida se sobrepôs ao hedonismo quanto valor, e o próprio hedonismo se personalizou e mudou para um “narcisismo psi”<sup>62</sup>.



Os anos 1960 foram anos de passagem, que se submeteram à lógica hedonista, a qual impunha uma oposição virulenta ao puritanismo, à autoridade, ao trabalho alienado, premiando a cultura de massa erótico-pornográfica e a irrupção psicodélica. Mas, ao mesmo tempo, esse decênio preconizou os ideais que iriam ganhar prioridade depois dos anos de contestação: como a crítica à bulimia consumista, crítica à vida urbana e padronizada, crítica aos valores agressivos e viris, psicologização da militância, integração da autoanálise e do eu na crítica social, e a vontade das pessoas de “mudar a vida” transformando diretamente as relações consigo mesmo e com os outros. Com esse clima que indicava grandes modificações, Lipovetsky foi um dos autores que acreditou que o prazer ilimitado, o deboche, o desregramento dos sentidos, não teriam provavelmente espaço na sociedade ocidental num futuro bem próximo, e na época, acreditava que já tinha havido uma transformação, afirmando que: “o entusiasmo psicodélico já caiu e o “desejo” saiu de moda, o culto ao desenvolvimento espiritual, psi e esportivo, substituiu a contracultura” (Lipovetsky,2005:93).

Embora as civilizações tradicionais tenham sido sem dúvida alguma, mais dinâmicas que os sistemas pré-modernos, a rapidez e a extensão das mudanças ocorridas na modernidade foi tão grande que acabou atingindo todo o globo terrestre. Para Armstrong, todas essas transformações tiveram um potencial desastroso: “a vida nunca mais seria a mesma, e talvez o resultado mais significativo, e potencialmente desastroso dessa nova experiência, tenha sido a morte da mitologia”.(Armstrong,2005:101)

A natureza intrínseca de algumas instituições modernas, marcaram também a descontinuidade das ordens sociais tradicionais das modernas, como a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimadas, e a completa transformação em mercadoria, de produtos e trabalho assalariado. Segundo Giddens: “outras transformações tem apenas uma continuidade especiosa com ordens sociais pré-existentes, como por exemplo, a cidade. Os modernos assentamentos urbanos frequentemente incorporaram os locais das cidades tradicionais, e isto fez parecer que meramente expandiram-se a partir delas. Na verdade o urbanismo moderno é ordenado segundo princípios completamente

<sup>62</sup> Termo cunhado por Lipovetsky

diferentes do que estabeleceram a cidade pré-moderna em relação ao campo, em períodos anteriores”(Giddens,1991:16).

## TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO: AS CIDADES

Durante o século XVI, a Europa e mais tarde um pouco, os Estados Unidos, iniciaram uma civilização absolutamente sem precedentes na história mundial, que chegaria a outras partes do globo nos séculos XIX e XX. Depois da descoberta da agricultura, a invenção das cidades, foi a última das grandes revoluções da experiência humana, causando um impacto profundo na vida das pessoas, que só agora foi possível entender.

O simples fato de morar na cidade despertava nas pessoas um certo orgulho, a ponto de se sentirem superiores à aquelas que moravam no campo, sendo que esse sentimento de superioridade, nada mais era do que uma forma inconsciente de repulsa à todo um passado pré-capitalista. Mais tarde, na alta modernidade, tanto o orgulho como o desprezo iriam desaparecer em função das conquistas de novas tecnologias, que acabaram com as diferenças entre metrópole e interior, mas acabaram também com a rica experiência da convivência com o diferente. Jameson compara essa perda, com a perda que os parisienses sofreram no início da modernidade com relação aos seus marcos objetivos da passagem do tempo, tão bem descritos por Baudelaire e Proust. Este último, num dos seus romances: “*Em Busca do Tempo Perdido*” descreve essa perda de uma maneira poética dizendo que: “*le muraille de l’escalier où je vis monter le reflet de sa bougie, n’existe plus depuis longtemps*”<sup>63</sup>

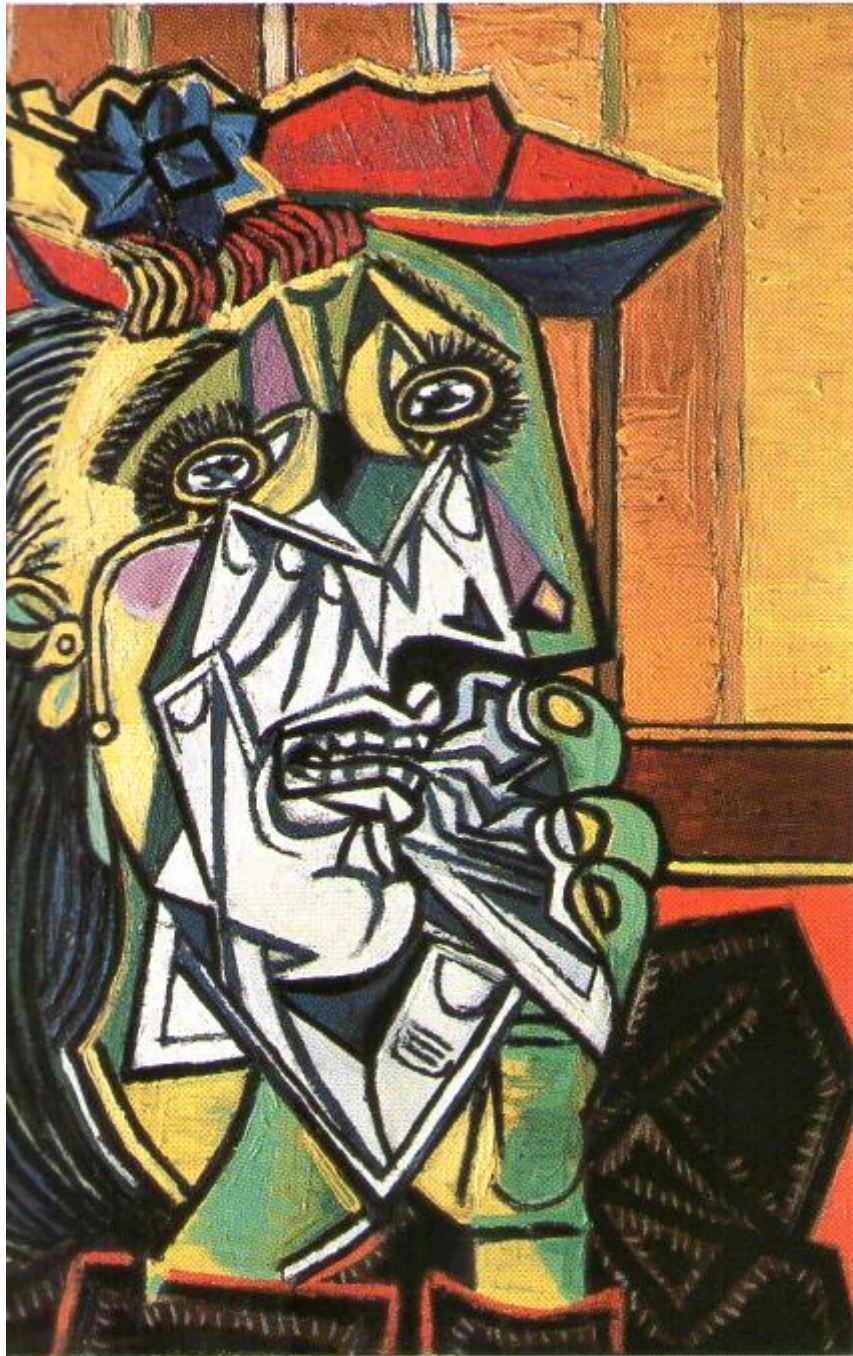
À partir do século XIX, as cidades sofreram um grande aumento populacional, facilitando os sincretismos culturais e pessoais, favorecendo também as sínteses filosóficas. Cada um passou adotar um estilo próprio de vida, em meio a uma grande e inédita mobilidade geográfica e social. Os artistas trocaram os temas mitológicos e a natureza morta, que antes povoavam suas telas, por temas de passeios em dias ensolarados, cidades barulhentas e vida noturna. Enfim, o modernismo tinha tudo a ver com o urbano. A luz elétrica iluminou as cidades, na mesma época em que Freud revelava o Inconsciente, e Picasso desconstruía figuras<sup>64</sup>, como para compensar o excesso de claridade, que tinha acabado com as noites escuras. Suas figuras desconstruídas levavam as pessoas à reflexao, não permitindo que elas se esquecessem de suas feiúras internas, que a luz elétrica disfarçava.

---

<sup>63</sup> “ o reflexo da vela no muro da escada, onde vivo, já não existe há muito tempo”

<sup>64</sup> Pablo Picasso. Mulher a Chorar,1937. Óleo sobre tela, 60 x 49 cm. Londres, Tate Gallery ( Arte do Século XX, vol I. Taschen)





As transformações trazidas pela modernidade foram acompanhadas de uma enorme explosão populacional, responsável pela expulsão de milhares de pessoas do campo, empurradas em direção às cidades, para viver uma vida para qual não estavam preparadas. Mais tarde, no século XX, a comunicação de massa iria lidar com essa explosão, colocando no mesmo emburramento pessoas de classes diferentes e com diferentes ambições, sendo responsável pela eclosão de crises de pertencimento e de identidade. Viver nas cidades passou a ser sinônimo de viver em meio a um turbilhão, gerando insegurança, medos e sentimentos de nostalgia, nascendo o mito de que a vida na pré-modernidade era mais feliz e harmônica.





Jung também deixou registrada essa nostalgia e o impacto que ele sofreu com a ruptura com o campo. Segundo Jung: “quanto maior é a familiaridade que eu tenho com a cidade, mais cresce em mim a impressão de que é necessário se ter a consciência de que as coisas mudaram e que a realidade é muito diferente da vida no campo em que eu cresci, entre rios e florestas, na convivência com os homens e os animais, num pequeno vilarejo banhado pelo sol, no qual os ventos e as nuvens se moviam no céu, e a noite escura propiciava que coisas misteriosas acontecessem. Meu vilarejo não era apenas uma localidade no mapa, mas “God’s world”<sup>65</sup>, ordenado por Ele e povoado de significados secretos. Aparentemente o homem não sabe disso, e mesmo os animais de alguma forma, parece que perderam a sensibilidade de perceber isso. Isso era evidente, por exemplo, no olhar perdido das vacas, no olhar resignado dos cavalos, e na devoção dos cachorros [...] Agora, as pessoas olham para o chão e para o alto das árvores, para ver o que elas podem extrair para seu uso próprio, como animais que vivem em rebanhos que não tem consciência que vivem num cosmos unificado, num mundo de Deus, numa eternidade, onde tudo já nasceu e tudo já morreu”. (Jung,2001:33).

Berman relata que quando Haussmann deu início aos trabalhos da reforma dos bulevares de Paris, ninguém entendeu por que ele os queria com trinta e até cem metros de largura, mas terminado o trabalho, as pessoas perceberam que essas ruas imensamente amplas, meticulosamente retas, foram projetadas para um tráfego pesado. O macadame que cobria anteriormente essas vias, era macio e fornecia perfeita tração para as patas dos cavalos, mas dificultava a vida dos transeuntes, porque eram empoeirados nos meses do verão, e enlameados na época das chuvas e da neve. À despeito do imperador ter muito orgulho dos pavimentos de macadame, Haussmann discordava de Napoleão III, dizendo que este tipo de

<sup>65</sup> Mundo de Deus

superfície exigia dos parisienses “ou ter uma carruagem ou caminhar sobre pernas de pau”.<sup>66</sup> Com isso, a vida nos bulevares, embora mais radiante e excitante que toda a vida urbana no passado, tinha se tornado arriscada e ameaçadora para as multidões de homens e mulheres que andavam à pé. O aperfeiçoamento das condições carroçáveis, não só aumentou a velocidade do tráfego, como pela primeira vez, condutores podiam, no coração da cidade, lançar seus animais em plena velocidade.

É nesse cenário urbano da modernidade, que se desenrola a experiência de Baudelaire : “eu cruzava o bulevar com muita pressa, chapinhando na lama, em meio ao caos, com a morte galopando na minha direção, de todos os lados”(Baudelaire,1996:25). Para Berman, Baudelaire “é o homem moderno arquetípico, o pedestre lançado no turbilhão do tráfego da cidade moderna, um homem sozinho, lutando contra um aglomerado de massa e energia pesadas, velozes e mortíferas. O borbulhante tráfego da rua e do bulevar não conhece fronteiras espaciais ou temporais, espalha-se na direção de qualquer espaço urbano, impondo seu ritmo, ao tempo de todas as pessoas, transformando o ambiente moderno em “caos”. O caos aqui não se refere apenas aos passantes, cavaleiros ou condutores, cada qual procurando abrir o caminho mais eficiente para si mesmo, mas à sua interação, à totalidade de seus movimentos em um espaço comum. Isso fazia do bulevar um perfeito símbolo das contradições interiores do capitalismo: racionalidade em cada unidade capitalista individualizada, que conduz à irracionalidade anárquica do sistema social, que mantém agregadas todas essas unidades.”(Berman, 2007,191)

Lançados nesse turbilhão da rua, as pessoas passaram a depender apenas dos seus próprios recursos, os quais frequentemente ignoravam possuir, mas foram forçados explorá-los, a fim de sobreviver. Para atravessar o caos urbano, homens e mulheres, precisaram desenvolver habilidades, não só para enfrentar os sobressaltos e os movimentos bruscos, mas também como ressalta Berman, para enfrentar: “as viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares, não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e com a sensibilidade.”(Berman, 2007:191)

Ao mesmo tempo que Baudelaire mostrou que a vida na cidade moderna obrigou à todos realizarem uma coreografia de novos movimentos, paralelamente também mostrou que a cidade colocou em movimento novas formas de liberdade. Segundo Berman: o “homem que sabia mover-se dentro, ao redor e através do tráfego poderia ir a qualquer parte, ao longo de qualquer dos infinitos corredores urbanos onde o próprio tráfego se movia livremente. Essa mobilidade abriu um enorme leque de experiências e atividades para as massas.”(Berman, 2007:191)

Os indivíduos da modernidade tardia também tiveram de uma maneira ou outra que lidar com a mutação do espaço construído. O impacto foi grande, porque ao passarem a viver nesse espaço modificado, não estavam preparados para absorver essa transformação, até porque, não possuem ainda o instrumental perceptivo para se adaptar a esse novo hiperespaço, em parte porque seus hábitos perceptivos foram formados no antigo espaço da modernidade até os últimos 20anos do século XX. Segundo Jameson: “a recente arquitetura, assim como muitos outros produtos culturais, representa algo como um imperativo ao

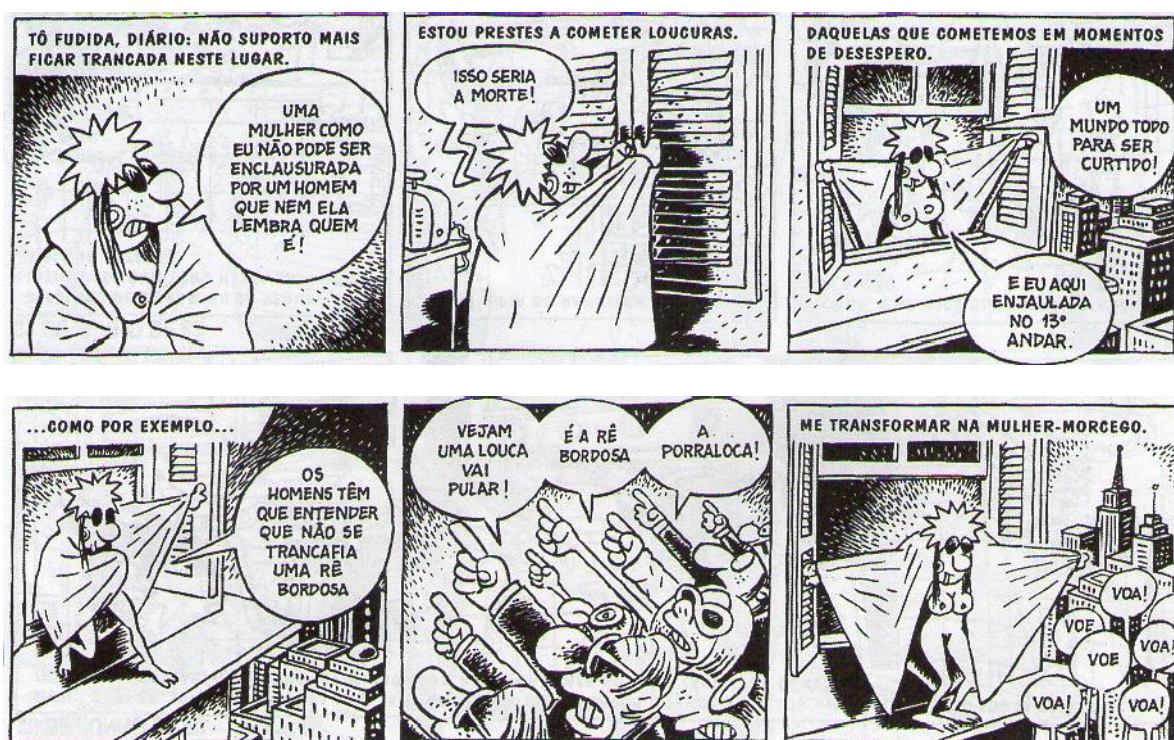
---

<sup>2</sup> Berman, 2007,190



crescimento de novos órgãos, que expandam os nossos sentidos e os nossos corpos até novas dimensões, ainda inimagináveis. De qualquer modo, o próprio conceito de espaço demonstra aqui, sua suprema função mediadora na maneira pela qual sua formulação estética traz, de saída, conseqüências cognitivas por um lado e, por outro, conseqüências sócio-políticas”. (Jameson, 2007:126)

Em função de sua heterogeneidade e de sua fermentação libidinosa, a cidade capitalista passou a exercer um grande fascínio sobre as pessoas. O individualismo estimulado na modernidade, empurrou-as para um hiperconsumo, descentrando-as, sendo que as cidades tiveram um papel importantíssimo nesse quadro, ajudando a seduzir as pessoas não só para os seus espaços como também para os shoppings e grandes centros de compras.



Quando foi mostrado ao Ocidente as imagens das cidades do Leste europeu, com sua vida desolada, miserável e provinciana, com as prateleiras vazias dos mercados, essas imagens funcionaram como um motor propulsor para que a cidade ocidental se transformasse num dos argumentos mais fortes contra a propriedade coletiva, e contra o socialismo.

Sennet, ao estudar os tipos de relações que as pessoas que moram nas cidades desenvolvem consigo próprias e com o outro, chegou à conclusão que elas vivem um progressivo isolamento e conseqüente afastamento do outro. O autor acredita que os projetos arquitetônicos, responsáveis pela enorme privação sensorial e cerceamento tátil, contribuem para que o corpo se torne cada vez mais insensível, levando as pessoas ao sentimento de desimportância com relação ao seu semelhante. Ressaltou também, que o espaço urbano leva cada vez mais a perda da conexão do corpo com o espaço, sendo que o movimento e a

velocidade acelerados, contribui para a falta de sensibilidade do corpo, tornando as pessoas indiferentes às dores alheias



Sennet como Giddens, defendem a ideia de que é necessário mudar o entendimento que as pessoas têm à respeito do próprio corpo, para que elas passem a se importar mais umas com as outras. O individualismo incentivado pela modernidade, é um dos grandes responsáveis pelo afastamento entre as pessoas, fazendo-as acreditar que o objetivo da vida e o grande segredo da felicidade é a autosuficiência. Giddens insiste que a felicidade e autorealização, só podem ser obtidos através da reflexão. Só à partir da autoreflexão, que o indivíduo pode reconhecer sua incompletude, inerente à natureza humana, e à partir daí, afirma Giddens enfaticamente, é que o “homem” estará apto para se abrir para a compaixão e solidariedade, virtudes cada vez mais ausente nas cidades.

Se a grande preocupação do modernismo foi com o tempo, expresso por Proust, Bergson e Joyce, o espaço e conseqüentemente a ocupação do mesmo pelas cidades e pelos seus edifícios foi a preocupação do pós-modernismo. Hoje, a Modernidade Reflexiva, se preocupa com o hiperespaço, capaz de transcender as capacidades do corpo humano no que se refere ao se “mover” e se “localizar”. Jameson fala: “que essa disjunção alarmante entre o corpo e o seu meio ambiente construído, está para o atordoamento inicial do antigo modernismo, como as velocidades das naves espaciais para as dos automóveis, [...] mas que apresenta um dilema ainda mais grave, que é a incapacidade de nossas mentes, ao menos por enquanto, de mapear a grande rede de comunicação global, multinacional e descentralizada, na qual nos encontramos presos, como sujeitos individuais. (Jameson, 2006:38)

## **OS DESACERTOS DO MODERNISMO E O SEU IMPACTO SOBRE OS INDIVÍDUOS**

Às quinze horas e trinta e dois minutos do dia 15 de julho de 1972, foi decretada a morte oficial do modernismo. Os americanos que estavam com seus televisores ligados, puderam assistir a implosão do conjunto habitacional Pruitt-Igoe em Saint Louis, Missouri.





Para Jenks, este dia marcou a morte do modernismo e o nascimento da pós-modernidade,<sup>67</sup> pelo menos com relação à arquitetura.

Pruitt-Igoe, um condomínio composto de 32 edifícios, foi construído com a finalidade de abrigar pessoas de baixa renda. Concebido e desenhado pelo arquiteto Minoru Yamasaki,<sup>68</sup> (o mesmo que projetou o World Trade Center) segundo o ideário modernista de Le Corbusier, responsável pela idéia de que a liberdade conquistada no plano político e social, deveria estar presente também nos edifícios modernos. Os avanços das novas tecnologias e a utilização de novos materiais, permitiram uma grande inovação na arquitetura, como a instalação de janelas compridas e retangulares; fachadas livres e sem ornamentos; telhados propositadamente planos, para serem usados com a dupla finalidade de lazer e de ser um lugar onde as pessoas pudessem tomar sol. Essas mudanças foram realizadas para deixar claro que a liberdade existia também nas construções. O piso térreo do Pruitt-Igoe livre e espaçoso, era um convite à socialização, enquanto que os pilotis permitiam espaços maiores e mais livres, conferindo dramaticidade ao edifício, que suspenso do solo, marcava uma nítida diferença entre o edifício, e a deteriorada moderna malha urbana que o cercava.

---

<sup>67</sup> Usaremos o termo pós-modernidade no que se refere à arte e à arquitetura, para estabelecer uma clara distinção do modernismo.

<sup>68</sup> Chamado maldosamente por alguns, de o arquiteto do pó.



As condições de vida no Pruitt-Igoe se deterioraram logo após sua inauguração, devido a extrema pobreza de seus moradores, dos crimes que aconteciam dentro dos edifícios, e em função da segregação que seus habitantes passaram a ser vítimas.



Os problemas se multiplicavam e tudo indicava que não tinham solução. Os elevadores, propositadamente projetados para pararem apenas no quarto e no décimo sétimo andares, não só para estimular a socialização dos condôminos, como também para baratear os custos

da construção, contribuíram para que os outros andares se transformassem em depósitos de lixo, verdadeiros ninhos de ratos e baratas, que se espalhavam por todo o edifício. Pruitt-Igoe se transformou no paraíso dos traficantes e mesmo que os pais cuidassem dos seus filhos, estes estavam sempre expostos às drogas. As áreas deterioradas dos edifícios eram locais de crime, enquanto no telhado, projetado para o lazer, aconteciam crimes de abuso sexual.

As áreas verdes foram abandonadas: primeiro, porque nenhum morador se sentiu responsável por elas, e segundo, porque jamais foram reconhecidas como áreas de lazer. O lugar onde habitavam 10.000 pessoas se transformou numa paisagem de horror. Pruitt-Igoe foi um dos exemplos mais contundentes do impacto do morar na cidade. Líderes arrogantes apostaram no “progresso”, e nas maravilhas das teorias socialistas que impregnavam a arquitetura, desconsiderando totalmente o fato de que morar na cidade poderia afetar a vida das pessoas, despreparadas que estavam para essa novidade. Pruitt-Igoe foi um dos casos mais extremos, mas existem muitos outros exemplos de desacertos com relação à arquitetura e às cidades, em outros lugares além dos E.U, citados em estudos especializados.

Herdeira dos desafios enfrentados pela arquitetura do século XIX, a arquitetura moderna passou por cima de tudo para buscar soluções que empregassem as novas tecnologias impostas pela Revolução Industrial, substituindo tijolos e argamassas por blocos pré-moldados, utilizando vidros, ferro e concreto, tanto nos chamados edifícios culturais (bibliotecas, escolas, museus etc.) como nos edifícios econômicos (estações de trem, lojas de departamento etc.). Essas inovações possibilitaram tanta liberdade aos arquitetos que estes passaram construir edifícios como se fossem verdadeiras esculturas. A pressão que a sociedade exerceu sobre a construção civil, não dizia respeito apenas à aplicação de nova tecnologia, mas obrigava também engenheiros e arquitetos absorverem em suas obras os mais novos imperativos sociais, como as pressões do mercado e os imperativos administrativos de planificação urbana, mudando completamente a concepção e organização do espaço que as pessoas tinham anteriormente. Segundo Anderson, isto nada mais foi do que: “a mobilização capitalista de todas as condições urbanas da vida” (Anderson, 1999:48). À despeito de tantas inovações, a arquitetura moderna não conseguiu conquistar um modelo prático, como resposta às exigências da modernidade, criando uma variedade muito grande de estilos, que visavam um “sinistro utilitarismo.”

Le Corbusier, um dos mais significativos revolucionários modernistas, “*expert*” nesse “sinistro utilitarismo”, concebeu, desenhou e publicou seus melhores trabalhos na França, durante a Primeira Guerra Mundial, tornando-se uma das figuras mais influentes do modernismo. Defendia a necessidade dos arquitetos utilizarem a maior quantidade possível de tecnologia nas construções. Em “*Vers une architecture*”, uma de suas mais importantes obras teóricas, declarou sua paixão pela tecnologia, sendo que sua concepção de casa era de uma máquina de viver. Insistia que o momento da construção em massa tinha chegado, e que isso causaria uma grande revolução na maneira de se morar. Seu objetivo, como declarou inúmeras vezes, não era construir palácios para os ricos, mas sim casas para os operários e para os pobres.

Na sua opinião, as cidades modernas não poderiam mais se dar ao luxo de ter casas privadas, mas teriam que optar por grandes unidades habitacionais. As famosas unidades “fechadas” concebidas por Corbusier, funcionariam como uma pequena cidade, onde seria instalada uma escola primária, um centro de recreação, um centro comercial, e tudo que oferecesse conforto e liberdade para o indivíduo moderno para o afastar e o proteger da loucura dos grandes centros urbanos. As casas, segundo Corbusier, precisavam ser construídas com o máximo de economia de materiais, precisavam ser econômicas também com relação aos gastos de manutenção, mas principalmente serem ascéticas e limpas. Corbusier nutria um ódio declarado por qualquer tipo de ornamentação, e muitas vezes dizia sentir pena da família real britânica, condenada a andar de carruagem, enfeitada de dourado. Desrespeitosamente, chegou a sugerir que a família real jogasse as carruagens, (que ele chamava de monstruosidades entalhadas) do alto dos rochedos, e viajassem pelo reino num carro de corrida Hispano-Suiza 1911.

Corbusier não escondia o quanto apreciava uma casa sem móveis, fazia apenas uma pequena concessão à existência de cadeiras, que se inevitáveis, tinham que ter o conforto e a funcionalidade dos assentos de uma cabine de avião. Os modernistas desejavam botar abaixo todas as tradições e instaurar um conceito absolutamente novo com relação às moradias e ao ato de morar. Para Corbusier, assim como também para os seus seguidores, a única coisa que eles esperavam de uma casa, era que ela fornecesse um abrigo do sol, do frio, da chuva, dos ladrões e curiosos; e fosse um receptáculo de luz e de sol, construída com um determinado número de células, apropriadas para se cozinhar e trabalhar.

O cômodo moderno só passou a existir, no século XVII, em função da invenção do corredor, cuja privacidade se contrapôs aos espaços indiferenciados que as pessoas usavam para dormir no meio de ninhos de ratos, obrigando à todos que quisessem mudar de lugar, passar por cima dos corpos adormecidos. Portanto, a invenção do cômodo tem íntima relação com a origem da família nuclear e com a construção da subjetividade burguesa, que Corbusier com suas “células” parecia querer derrubar. Da mesma maneira que a “planta livre”, de uma certa maneira, pode ser considerada como um desafio à existência do cômodo tradicional e talvez até uma tentativa de transcendê-lo, e uma maneira de impor uma nova forma de morar e de viver, com conseqüências éticas e políticas, e porque não, talvez até com conseqüências psicanalíticas.

A funcionalidade para Corbusier, e conseqüentemente para seus discípulos, era o item mais importante em qualquer tipo de construção. Desprezavam a beleza, por se tratar de um ideal burguês, e lutavam para que ela fosse abolida das construções. Os edifícios modernistas tinham que falar do futuro, tecnologia, dinamismo, velocidade, e principalmente de democracia. Obcecados pela forma, pela ordem e pela ciência, desejavam que as cadeiras lembrassem assentos de avião ou de carros de corrida, que as lâmpadas falassem do poder da indústria, e que seus bules de café, lembrassem a alta velocidade dos trens modernos.

Uma das casas mais famosas construídas por Corbusier, exemplo da aplicação nos seus mínimos de detalhes, da arquitetura moderna, foi a Ville Savoye, na França.





Nas colinas de Poissy, em meio a uma clareira, Le Corbusier ergueu uma caixa retangular branca, que os desavisados poderiam confundi-la com uma caixa d'água, ou dependendo do ângulo, com um cilindro de gás, mas, com um olhar mais cuidadoso, podia se ver o terraço, protegido por uma parede em semi-circulo. A casa foi construída sobre pilotis, com janelas laterais envidraçadas, e se parecia mais com um máquina industrial de uso desconhecido do que com uma casa. Segundo Button, a casa parecia: “uma visitante temporária, cuja estrutura poderia a qualquer momento receber um sinal para acionar seus motores escondidos, erguendo-a lentamente por cima das árvores e vilas, iniciando uma longa viagem de volta para uma galáxia remota”. (Button, 2007:58)



Ville Savoye foi inspirada nas conquistas da ciência e da aeronáutica, sendo que na entrada principal, uma grande porta de aço imitando a porta de um submarino, se abria para um hall, muito parecido com um centro cirúrgico: nu, claro e limpo, tendo no fundo uma pia, que convidava moradores e visitantes se lavarem das impurezas do mundo lá fora. O chão de ladrilhos, projetado para ficar permanentemente limpo, compunha o cenário asséptico de

lâmpadas que pendendo do teto sem nenhum acabamento, pareciam esculturas tubulares. O corrimão da escada que levava para o segundo andar, dominava o ambiente da sala, concebido para quando as pessoas o segurassem, tivessem a experiência do que é ser moderno. Corbusier projetou o corrimão, para despertar nas pessoas o verdadeiro espírito de cientificismo e racionalidade. Nem nos aposentos íntimos, o clima tecnológico e austero cedia lugar a algum tipo de decoração. Os banheiros pareciam um misto de santuário e submarino. Lembravam o primeiro pela higiene, silêncio e circunspeção, e o segundo pela grande quantidade de tubulação exposta.

A linguagem visual das casas era inspirada nas fábricas, não tendo sido diferente com Ville Savoye. Quase sem nenhum móvel, as paredes e tetos se encontravam em ângulos retos, a iluminação artificial era com lâmpadas industriais. Corbusier parecia ser um discípulo de São Francisco: recomendava aos seus clientes que possuíssem o mínimo de coisas possível. Quando Madame Savoye, muito timidamente, levantou a hipótese de colocar uma poltrona e dois sofás na sala de estar, Le Corbusier protestou veementemente dizendo que: “a vida doméstica hoje em dia está sendo paralisada pela deplorável noção de que temos de ter móveis” e que “esta noção deve ser eliminada e substituída pela do equipamento.” Diante do espanto de Madame Savoye, Corbusier completou: “o que [o indivíduo moderno] precisa ter, é uma cela de monge, bem iluminada e aquecida, com um canto de onde possa olhar as estrelas”(Corbusier in Button,2007:58). O ascetismo proposital tinha a finalidade de apagar qualquer sentimento ou lembrança que eventualmente os estilos arquitetônicos do passado, pudessem ter provocado nas pessoas. Como afirma Button: “os prédios modernistas foram concebidos para servirem de palcos, no qual os “atores” pudessem encenar um drama idealizado sobre a existência contemporânea. (Button, 2007:27).

De uma maneira geral, a obsessão pelo interesse estético das construções, muitas vezes levou os modernistas a esquecerem da eficiência e do conforto. No caso dos Savoye, em nome da economia, Corbusier usou argumentos técnicos para convencê-los ao invés de construir telhado, se construísse um espaço plano, segundo ele, mais barato, mais fácil, com a vantagem de conservar a casa mais fresca no verão. Além do que, Madame Savoye poderia usar esse espaço para fazer sua ginástica, sem ser perturbada pelos vapores úmidos que subiam do térreo. Após uma semana que os Savoye haviam se mudado, esse espaço se mostrou desastrosamente impraticável. Apareceu um vazamento que escorria dessa cobertura até o quarto do filho do casal. A quantidade de água foi tão grande, que a criança acabou contraindo pneumonia, indo parar no sanatório, e ficando internada durante um ano.

Após seis anos que a casa tinha sido terminada, Madame Savoye enviou uma carta à Corbusier, na qual expressava o seu desespero, pedindo que o arquiteto tomasse providencias dizendo: “está chovendo no hall, está chovendo na rampa, e a parede da garagem está totalmente encharcada. E o que é pior, continua chovendo no meu banheiro, que inunda com o mau tempo, pois a água passa através da clarabóia”(Button,2007:65). Corbusier prometeu que sanaria o problema, mas não sem antes lembrá-la, de que a cobertura plana fora recebida com entusiasmo por críticos do mundo inteiro, tanto que o numero de visitantes, até onde ele sabia, continuava grande, sugerindo então: “os senhores deveriam colocar um livro sobre a mesa no hall do primeiro andar, e pedir a todos os visitantes que registrem por escrito os

seus nomes e endereços. Verão que possuirão uma bela coleção de autógrafos”.<sup>69</sup> (Corbusier in Button, 2007:65).

## O CÔMODO E A CIDADE

A cidade se deteriorou e se desintegrou de uma tal maneira, jamais imaginada no início do século XX. Esses espaços de miséria urbana, acabaram sendo um convite para a alienação cotidiana, para o crime, drogas, verdadeiras ante salas para a alucinação. Esse espaço “pós-moderno” nos quais as pessoas habitavam com desconforto, ou com prazer, estimulava à todos abandonar os velhos hábitos, categorias e percepções do externo/interno, tentando destruir de uma vez por todas as paredes ou qualquer tipo de separação que remetesse à privacidade burguesa.

Nem mesmo a área da velha casa é poupada, hoje se estabelece diálogos diferentes com os antigos cômodos. O quarto, antes reservado e preservado, perde o significado que um dia teve, tendo sido ponto central, fenômeno estético, em filmes nostálgicos franceses, representando intimidade e inviolabilidade. Rê Bordosa é o exemplo extremo da quebra da sintaxe do morar, inaugurando a era do “unicômmodo”, transmutando seu banheiro em quarto, sala de visitas, cozinha e sala de jantar, sendo que a maior parte do tempo, seu relacionamento com o mundo e com os outros, não acontece de pé, mas deitada. Parafraseando Gehry, assim, o olho humano perde sua importância crítica, e o sentimento de centro, não tendo mais esse último, seu valor simbólico.<sup>70</sup>



<sup>69</sup> Corbusier só se safou do processo que os Savoye abriram contra ele, em função da eclosão da Segunda Guerra Mundial

<sup>70</sup> Sobre esse assunto consultar Jameson, Frederic. *A Singular Modernity: Essay On The Ontology Of The Present*. London: Verso, 2002.



A maneira do indivíduo contemporâneo de se relacionar com o espaço, tem uma íntima relação com o capitalismo tardio, que o empurra sempre em direção a algo diferente que não é mais a vizinhança, a família, o estado e nem mesmo a nação, mas em direção à algo abstrato, “como o anonimato de um cômodo de uma rede internacional de motéis, ou o espaço neutro dos terminais de aeroporto que desfilam sua mesmice em nossa memória”(Jameson, 2007:136) Como afirma Harvey: “o conceito de moradia unifamiliar é o menos característico dos projetos pós-modernos: a grandiosidade dos palácios ou da vilas por certo é cada vez menos apropriada para uma era que começou com a “morte do sujeito”. Tampouco a família nuclear é um interesse ou uma preocupação pós-moderna. (Harvey, 1991:129)



Se as emoções do modernismo foram a ansiedade, o pós-modernismo pode ser considerado uma “*bad trip*”, mergulhando o indivíduo numa experiência esquizofrênica, numa desordem existencial e como falaria Jameson numa “perpétua distração temporal da vida pós-anos 60”. Os deslocamentos dos espaços arquitetônicos acabaram com as coordenadas de esquerda/direita, frente/atrás, acima/abaixo, tornando problemático o posicionamento do corpo.



## O MUNDO URBANO MODERNO

O verdadeiro tom do modernismo foi autoritário, fálico e arrogante, denunciando, segundo Bell, o mundo urbano: “onde a vida, os estímulos, e a sociabilidade, privilegiaram “as pessoas a ver” e a “querer ver” as coisas, estimulando uma “fome de ação”, onde o desprezo pela contemplação foi justificado pela necessidade imperiosa de ter que ir em busca de novidade, e pela obsessão de ter que despertar sensações” (Bell, 1978:68). Com relação ao entretenimento, em pleno modernismo, ainda na década dos anos 1950 as novelas entravam nos lares, atingindo seu ápice nos anos de 1960.



Esse foi o mundo herdado pelo pós-modernismo, sendo a arquitetura apresentada como uma espécie de populismo estético. A retórica populista teve o mérito de apagar as características do alto modernismo, no qual ainda existia a fronteira entre a alta cultura e a cultura de massa ou cultura comercial. Segundo Harvey: “os pós-modernistas revelaram um enorme fascínio por essa paisagem “degradada” do brega e do kitsch, dos seriados de TV e da cultura Reader’s Digest, dos anúncios e dos motéis, dos “talk shows” e dos filmes B hollywoodianos, com seus livros de bolso de aeroporto, e suas sub categorias do romanesco e do gótico, da biográfica popular, das histórias de mistério, assassinatos, e ficção científica.(Harvey,1991:28)

Os movimentos pós-modernistas nas artes e na arquitetura, fizeram um grande esforço para revogar sem sucesso, o sólido gosto burguês, fracassando principalmente nas cidades neoclássicas, cujo maior exemplo foi Paris, onde tentaram até acabar com a rua corredor, (que deu fama aos modernistas) e abolir também, algo ainda mais fundamental, que era a distinção entre interior e exterior. Onde puderam, transformaram as antigas ruas corredores, em lojas de departamento, sendo o Japão um dos modelos e emblemas desse tipo de transformação. Afirma Harvey: “que o conceito de “cidade” pós-moderna, já pode ser visto, como era de se esperar, em algumas partes de Tóquio”.(Harvey, 1991:120). Por mais interessante que fosse essa novidade, do ponto de vista de ocupação de espaço, a consequência do ponto de vista de Harvey, foi que se tornou impossível na paisagem urbana, se encontrar uma “iguarria” arquitetônica à moda antiga. Nas palavras de Harvey: “as

realizações dos arquitetos pós-modernos podem ser comparadas a lanchinhos de fim de noite, frágeis substitutos de uma refeição de verdade.” (Harvey,1991:120)

O tom da arquitetura pós-moderna, de certa maneira, é populista, não só no que tange respeitar a linguagem urbana, como também por usar essa mesma linguagem para construir os seus edifícios. Diferentemente do alto modernismo, que procurou criar uma nova linguagem, (como no caso americano,) deixando claro que suas construções não estavam inseridas no sistema simbólico comercial e cafona da cidade, que circundava os seus edifícios, no entanto, os pós-modernistas, fizeram questão de integrar justamente esse sistema simbólico nas suas edificações.

Os edifícios modernos que foram construídos como verdadeiras torres de vidros, com seus blocos de concreto e lajes de aço, pareciam que tinham sido construídos para durar para sempre. Segundo Harvey: “ pareciam que tinham sido concebidos para dominar todas as paisagens urbanas, de Paris a Tóquio e do Rio a Montreal, denunciando todo ornamento como crime, todo individualismo como sentimentalismo e todo romantismo como kitsch”(Harvey,1991:45) Esses edifícios, à partir dos anos 1960 foram sendo substituídos progressivamente por “blocos-torre ornamentadas”, “praças medievais”, imitação de “vilas de pesca”, e por habitações projetadas segundo as necessidades dos seus habitantes. As fábricas e armazéns foram renovados, e os ornamentos de toda espécie foram reabilitados em nome de um ambiente urbano mais humano. De fato, as construções modernas eram frias, cheias de vidros e concreto, o que conferia à paisagem um ar mecânico, asséptico demais, racional demais, disciplinado demais, para uma sociedade de consumo que estava acabando de nascer, ávida por novidades.

O que se assiste hoje é a dissolução das fronteiras da cidade tradicional com as antigas conotações urbanas libidinosas das grandes cidades. Antes a cidade (e desde seu começo), prometia liberdade ( na era medieval, a concepção que se tinha do urbano era de um espaço de fuga da terra, da servidão, do poder arbitrário do senhor feudal) No início o “ar da cidade” oferecia uma total ruptura com o que se vivia nas pequenas cidades do interior : estreiteza dos hábitos e costumes, provincianismo rural, rigidez das tradições, superstições e ódio acirrado à tudo que fosse diferente. Enquanto o urbano, segundo sua característica sempre prometeu liberdade, prazer e gratificação sexual, ligados muitas vezes à transgressão e à ilegalidade, “seduções” hoje encontradas por toda parte.



## VIDA NA CIDADE: TRANSGRESSÃO E ILEGALIDADE

Diante da globalização, com a perda das características das cidades do interior, Jameson pergunta: “o que acontece, então, quando aquela área rural e aquela realidade essencialmente provinciana desaparecem, tornando-se padronizada, ouvindo e falando o mesmo inglês dos grandes centros urbanos, assistindo os mesmos programas de televisão, consumindo os mesmos bens de consumo da antiga metrópole, para onde no passado, essas mesmas pessoas provincianas do interior desejavam ir, no intuito de [conquistar] uma libertação fundamental?” (Jameson, 2006:119). O problema é que até mesmo aqueles que habitam as cidades perderam a possibilidade de ter essa “libertação fundamental”. Hoje, podemos afirmar, que apenas a degradação urbana marca visualmente a diferença das cidades do interior. Enquanto os planejadores modernistas das cidades procuravam conseguir o “domínio” da cidade sobre a totalidade, a idéia que os pós-modernistas tem do urbano é de um lugar caótico, anárquico, e aceitam com bastante tranquilidade o fato de que é o acaso que lança homens e mulheres em situações completamente abertas, sem nenhum apoio.



## O DESGASTE DO MODERNISMO

A inovação modernista, cuja particularidade foi se unir ao escândalo e à ruptura, só pode existir em função de uma lógica social e de uma ideologia maleáveis que permitiram a produção de contrastes, divergências e antinomias. A revolução individualista, que pela primeira vez na história decretou o ser individual, permitiu que o indivíduo percebesse a si mesmo como fim último, e inteiramente responsável por si. Esses fatores associados, permitiram que o modernismo se desenvolvesse mesmo sendo uma arte que investia em figuras desconstruídas, abstratas e herméticas, chegando a dar a impressão de serem inumanas.

Surgido na “era de ouro da sociedade de negócio”, o modernismo reinou como arte de oposição, recebido pela classe média como algo ofensivo e escandaloso. Jameson afirma que: “além de ser considerado como algo feio, sexualmente chocante, dissonante e boêmio, foi alvo de ridículo e de repressão. Até mesmo Freud e Marcuse, achavam-no ofensivo ao bom gosto, provocativo em demasia e demolidor dos valores da classe média”. (Jameson, 2006: 41). Além do mais, “o modernismo em geral não combinava com o mobiliário rebuscado da época vitoriana, com os seus tabus morais ou com as convenções da sociedade bem educada. Isso significava dizer que, fosse qual fosse o conteúdo político explícito dos grandes representantes do alto modernismo, eles sempre foram, em seus aspectos mais implícitos, perigosos e explosivos, subversivos no interior da ordem estabelecida”. (Jameson, 2006: 41)

Mas, o modernismo artístico sobreviveu e acabou se impondo, não só porque de fato, não introduziu nenhuma ruptura absoluta na cultura, como fez a lógica do mundo individualista. Sua essência democrática separou a arte da tradição e da imitação e, simultaneamente coordenou um processo de legitimação de todos os temas. Manet rejeitou o lirismo das poses, os arranjos teatrais e majestosos, contribuindo para que a pintura não mais idealizasse o mundo, concedendo a liberdade do pintor escolher um modelo medíocre e indigno.

Durante todo o século XX, até a Segunda Guerra Mundial, o modernismo teve uma postura revolucionária, encontrada na arquitetura, no teatro e na poesia com Ezra Pound, T.S Elliot, William Yeats. A burguesia adepta do alto modernismo, não sem resistências, acabou aderindo parcialmente ao realismo, ou apropriando-se de estilos românticos e decorativos do passado. Mas sua resistência não foi suficiente, a antiga cultura burguesa acabou colapsando diante das novelas de Virginia Woolf, James Joyce ou Marcel Proust, ou do cubismo e primitivismo de Pablo Picasso e Georges Braque, ficando o alto modernismo, restrito aos museus e “publishers”.

## **PÓS MODERNISMO: A DESSUBLIMAÇÃO DAS ARTES E DA CULTURA**

O processo de dessublimação ao qual nos referimos aqui, diz respeito à integração no cotidiano, não só de conteúdos que se opõem à cultura superior, como também a assimilação e a banalização das obras de arte, por uma sociedade que passou a difundir-las em grande escala. Ou como diria Lipovetsky, é uma espécie de liquidação da cultura distanciada, em contradição com o real, pela opção de uma cultura que é engendrada/sustentada pela sociedade da “*drugstore*” e da televisão. Se antes os cubistas integravam nas suas telas pedaços de vidro ou de papel, o pós-modernistas aderem ao “*ready-made*”. Importante é que o objeto seja comum, sem nenhum significado especial como dizia Duchamp, ao expor seu mictório.



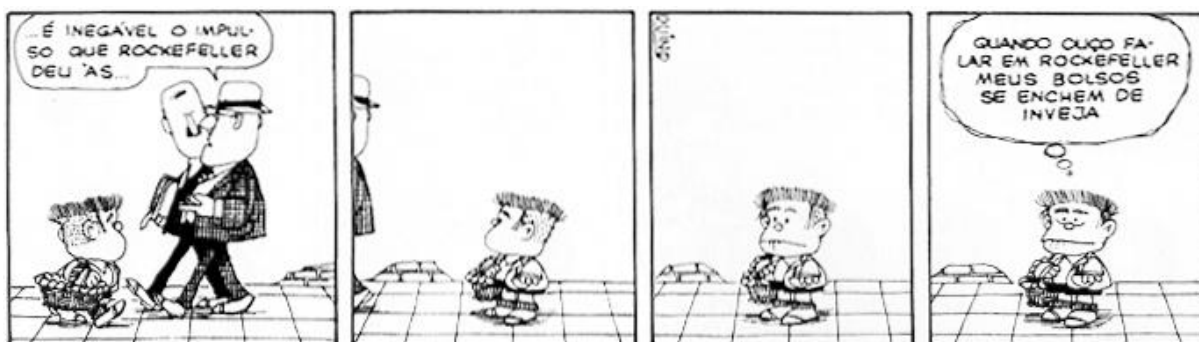


Os pintores pop, os novos realistas, tomaram como tema os objetos, as marcas e os resíduos do consumismo de massa. A arte pós-moderna assimilou progressivamente todos os temas, todos os materiais e assim fazendo se definiu por um processo de dessublimação das obras, correspondente exato da dessacralização democrática da instância política, da redução dos sinais ostentatórios do poder, da secularização da lei: o mesmo trabalho de destituição das alturas e das majestades está em andamento, todos os temas são colocados no mesmo plano, todos os elementos podiam entrar nas criações plásticas e literárias. As obras pós-modernas foram reações específicas e localizadas contra o modelo modernista. A tarefa de descrever o pós-modernismo se tornou absolutamente complicada e difícil, até porque a única unidade deste novo impulso não foi dada por si, mas paradoxalmente pelo próprio modernismo, que o pós-modernismo pretendia derrubar.

A pop art de Andy Warhol, o fotorrealismo; a música de John Cage; (síntese entre o clássico e o popular, declaradamente contra a música moderna) o punk, o rock. No cinema, os filmes de Godard, os filmes de ficção e os filmes comerciais, tudo isso reunido pode e deve ser chamado de pós-modernismo. Na medida em que, as obras pós-modernas são reações

específicas e localizadas contra o modelo modernista, passaram a existir tantas formas de pós-modernismo quanto os modelos modernos que desejavam ver destronados. A tarefa de descrever o pós-modernismo se tornou absolutamente complicada e difícil, até porque a única unidade deste novo impulso não foi dada por si, mas paradoxalmente pelo próprio modernismo, que ironicamente o pós-modernismo pretendia derrubar.

Do ponto de vista de Anderson, as razões do declínio do modernismo estavam menos ligadas à estética, e mais às mudanças econômicas que o mundo sofria em função das consequências das duas Grandes Guerras Mundiais, e da história política da época. Para ele, a derrota política da geração radical do final dos anos 1960, explica o aparecimento do pós-modernismo. A sociedade frustrada em suas esperanças revolucionárias, compensou-as com um cínico hedonismo, que encontrou a saída na super explosão de consumo da década de 1980.



Segundo Anderson: “ a prosperidade da nova classe média ocidental, combinada com a desilusão política de muitos dos seus integrantes mais articulados, forneceu o contexto necessário para a proliferação do discurso pós-moderno”.(Anderson,1989:168).

Para Harvey, o fato mais espantoso à respeito do pós-modernismo é sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico, que também compõe o conceito baudeleriano de modernidade. Portanto, praticamente, o pós-modernismo remonta à ala de pensamento ( o de Nietzsche em particular), que enfatiza o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de se lidar com ele apenas com o pensamento racional. Isso , contudo, não implica que se considere o pós-modernismo apenas como uma versão do modernismo, pelo fato de que as idéias latentes de um período, acabaram se tornando explícitas e dominantes no outro.

Muitos autores acreditam que a preocupação com a instantaneidade na sociedade contemporânea, surgiu em função da ênfase colocada na produção cultural em eventos, espetáculos, happenings e imagens de mídia, nos quais, os produtores culturais aprenderam a explorar e usar novas tecnologias, como a mídia e a multimídia, cujo objetivo é celebrar a transitoriedade da vida moderna.



## A SOCIEDADE DE CONSUMO

Logo após a Segunda Guerra Mundial, marxistas e não marxistas se deram conta de que um novo tipo de sociedade começava surgir no Ocidente, denominada de varias nomes: sociedade pós-industrial, sociedade de consumo, sociedade capitalista multinacional e etc. Era inegável a existência de novos tipos de consumo, assim como foram evidentes as mudanças na moda, e no estilo de viver. O uso ilimitado da propaganda para vender desde bons costumes à Coca-Cola, a penetração da televisão e da mídia em geral nos lares das diferentes classes sociais, a conquista da cultura do automóvel, a padronização universal dos gostos, dos valores e dos anseios, foram os aspectos que marcaram uma ruptura radical com a sociedade do pré-guerra.



Nos Estados Unidos, no final da década de 1940 e início da década de 1950, em função do grande desenvolvimento alcançado com a Segunda Guerra Mundial, nasceu o que poderíamos chamar de um novo momento na história do capitalismo ocidental, um tipo de capitalismo multinacional. Este foi um período no qual se estabeleceu uma nova ordem internacional com o neocolonialismo, com a chamada Revolução Verde e suas preocupações ecológicas e com o grande avanço da tecnologia. O computador, que havia se tornado pessoal, ficou acessível a um número cada vez maior de pessoas.

O consumo se instalou como uma estrutura aberta e dinâmica, libertando o indivíduo dos laços da dependência social, acelerando os movimentos de assimilação e de rejeição, produzindo indivíduos flutuantes e cinéticos, universalizando os modos de vida, permitindo

um máximo de singularização dos indivíduos, desenvolvendo uma modernidade personalizada, igual à vanguarda artística ou à psicanálise. A modernidade tardia se tornou um momento histórico complexo, organizando-se até metade do século XX em torno de lógicas antinômicas: umas rígidas, uniformes, coercitivas e outras flexíveis, opcionais, e sedutoras. A ordem rígida se impôs na produção, que passou a funcionar através de uma lógica hierárquica e disciplinar, segundo uma estrutura burocrática estrita, apoiada sobre os princípios da organização científica do trabalho. A poupança, o trabalho, o esforço, foram os valores rígidos que a sociedade Ocidental mais cultivou, acompanhados de uma educação autoritária e regularizadora.

Os anos 1960 dão início a uma uniformização de comportamento, com o acesso de todos, nos países desenvolvidos e de poucos nos países pobres, ao automóvel, à televisão, ao uso indiscriminado do jeans. Ao mesmo tempo nasceu a revolta das mulheres, as culturas rock e pop dominaram o imaginário dos jovens, e a crise de gerações ganhou adeptos.



O masculino e o feminino se divorciaram de suas características milenares que antes o definiam, o homossexualismo deixou de ser visto como perversão, expondo seu rosto ainda com muito cuidado, os comportamentos dos mais velhos e dos jovens se aproximaram, nascendo o culto da juventude. Isso tudo aconteceu não sem antes causar uma certa desestabilização: Como afirma Lipovetsky: “ a era psi, a educação permissiva, o divórcio, as atitudes descontraídas, os seios nus, a ética hedonista, os múltiplos movimentos de reivindicação, animados por ideais de igualdade contribuíram para esta desestabilização, porém é muito mais a profusão dos objetos e o estímulo das necessidades, os valores hedonistas e permissivos unidos à técnica da contracepção, enfim, o processo de personalização, que permitiram essa abertura “cool” dos pontos de referências sociais, a legitimação de todos os modos de vida, a conquista da identidade pessoal, o direito de ser absolutamente si mesmo, o apetite de personalidade até seu termo narcísico”. (Lipovetsky,2005:87)

A pop art ofereceu uma metáfora do pós-moderno, chamada por alguns autores da “estética do flerte”. Os movimentos que se seguiram foram mais intransigentes, mas o fato é que o pós-moderno jamais suplantou completamente o moderno, mas inaugurou uma série de novos caminhos que foram utilizados na cultura. O que, de uma maneira fundamental, alterou não só os apoios, mais também os alvos da prática artística. Definiu o fim da aristocracia, a dissolução da burguesia, e o fim da identidade da classe operária. Embora os discursos alternativos não tivessem desaparecido, os discursos de oposição, embora ainda



fracos como antagonismo, ficaram por conta do sexo, raça, ecologia, orientação sexual, diversidade regional ou continental.

O consumismo contribuiu em benefício da personalização, culminando no anseio pela libertação pessoal, cujo valor se encontrava no enraizamento do ideal de autonomia individual. A década de 1960 marcou um fim e um começo. Foi o fim do modernismo, porque, entre tantos outros fatores, os anos de 1960 foram a última ofensiva contra os valores puritanos e utilitaristas, e o início de uma cultura pós-tradicional, que se contentou como defende Lipovetsky, em democratizar a lógica hedonista, radicalizando a inclinação de privilegiar “as tendências mais baixas em detrimento das mais nobres, se tratando de uma repulsa “neo-puritana” que guia a radioscopia do pós-tradicional”(Lipovetsky, 2005:84). Uma cultura, cujo valor dominante passou a ser o prazer (com maior número possível de estímulos aos sentidos), onde se assistiu o triunfo do anti-moral, e o fim da separação entre os valores do cotidiano e os da esfera artística.



Junto com o consumismo apareceu uma tendência de satisfazer o sujeito e seus desejos, de neutralização dos conflitos de classe, dissipação do imaginário revolucionário, e uma apatia crescente.





A burguesia que Baudelaire ou Marx, Ibsen ou Rimbaud, Grosz ou Brecht, ou mesmo Sartre conheceram e retrataram, se transformou em coisa do passado. Mas não se pode afirmar, que durante o período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, o desaparecimento da burguesia cedeu lugar a uma mobilidade de classes.

De uma maneira geral, foi à partir dos anos 1970, principalmente na esfera pública, que houve uma maior democratização dos hábitos, junto com uma certa desinibição dos costumes. Muitos sociólogos passaram a falar de um aburguesamento da classe operaria no Ocidente, termo não muito feliz para o processo que o Ocidente estava passando. Mas para Anderson, o fenômeno mais notável foi a degradação das classes dominantes nos anos 1990 e o aparecimento de princesas midiáticas, starlets, presidentes fracos. Anderson chama esse fenômeno de “disneyzação” dos protocolos, confusão das práticas, e sôfregos cortejos pelos subterrâneos noturnos” (Anderson,1989:101)

A era do consumismo fez com que a ética protestante se diluísse, da mesma maneira que colocou um ponto final no valor e na existência dos costumes e das tradições. Responsável pela produção de uma cultura nacional mesclada e interpenetrada pela cultura internacional (na verdade mais americana que qualquer outra), o consumismo conseguiu realizar essa façanha a partir das necessidades criadas pela propaganda e pelas informações, através de uma mídia ávida por novidades, desenraizando o indivíduo do seu cotidiano, antes centrado na sua vida local, gerando grande instabilidade emocional e social, arrancando-o segundo Lipovetsky: “da imobilidade imemorial existente nas relações com os objetos, com os outros, com o corpo e consigo mesmo”( Lipovetsky,2005:83). Depois das revoluções políticas e econômicas dos séculos XVIII e XIX, nasceu a revolução do cotidiano, que expõe o indivíduo constantemente à novidades, fazendo com que ele se mantenha aberto à mudar sem resistências, seu modo de vida.



O hedonismo se exacerbou na década de 1960, com o avanço do consumismo, passando a ocupar um lugar central na cultura moderna, mas ao mesmo tempo a sociedade pós-tradicional revelou um radicalismo político e cultural, que explodiu em revoltas estudantis. A contracultura nasceu do movimento hippie, e a moda do consumo da maconha e do LSD invadiu quase todas as rodas, de intelectuais a alunos; de profissionais a turistas; aumentou a produção e a procura por filmes e publicações “pornô pop”, a liberação sexual passou a ser ampla e irrestrita, mas ao mesmo tempo se assistiu a um aumento acentuado da violência e da crueldade. A revolução cultural se identificou com a ampla liberdade de dizer e de sentir qualquer coisa, com o prazer e com o sexo. Como muitos afirmam, a cultura de massa hedonista e psicodélica foi revolucionária apenas na aparência, porque segundo Lipovetsky: “na verdade, (ela foi) simplesmente uma extensão do hedonismo da década de 1950, e uma democratização da libertinagem que certas frações da alta sociedade que já praticavam esse estilo de vida há muito tempo” (Lipovetsky, 2005: 84).

O hedonismo, depois de uma fase triunfante, na qual o orgasmo efetivamente estava em primeiro lugar e o êxito se identificava com a corrida em direção à aquisição de objetos, perdeu sua hegemonia a partir da década de 1960, quando o mundo ocidental entrou numa fase desencantada, pós-materialista, na qual a qualidade de vida se sobrepôs ao hedonismo quanto valor, e o próprio hedonismo se personalizou e mudou para o narcisismo psi. Se de um lado a década de 1960 se submeteu à lógica hedonista: oposição virulenta ao puritanismo, à autoridade, ao trabalho alienado, à cultura de massa erótico-pornográfica e à irrupção psicodélica, do outro, esse decênio preconizou a crítica à bulimia consumista, à vida urbana e padronizada, aos valores agressivos e viris, psicologização da militância, integração da auto-análise e do eu na crítica social, vontade de “mudar a vida” transformando diretamente as relações consigo mesmo e com os outros. Muitos autores na época acreditaram que o prazer ilimitado, o deboche, o desregramento dos sentidos não teriam mais lugar no futuro. Na visão de Lipovetsky, se isso tudo não desapareceu totalmente, pelo menos já houve uma transformação: “o entusiasmo psicodélico já caiu e o “desejo” saiu de moda, o culto ao desenvolvimento espiritual, psi e esportivo, substituiu a contracultura” (Lipovetsky, 2005: 93).

É difícil “reler essas pastorais dos anos 1960”, afirma Berman, “sem alguma tristeza nostálgica, não tanto pelos hippies de ontem, como pela crença virtualmente unânime, partilhada por aqueles honrados cidadãos que no geral desprezaram os hippies, acreditando que uma vida de estável abundância, lazer e bem estar tinha chegado aqui para ficar”. (Berman, 1982:103). Se por um lado, os anos 1960 causaram amargura, perplexidade e até

mesmo um certo desespero histórico, seu lado positivo e saudável foi aquele que acabou gerando uma profunda e severa “autoanálise cultural”, que muitas vezes degenerou numa espécie de autorepúdio e numa mórbida autoflagelação.

Mas o que conseguiu mudar tudo, foi a invenção da televisão, se colocando como a primeira tecnologia de alcance mundial. Comercializada à partir dos anos 1950, adquiriu maior importância nos anos 1960, mas enquanto sua imagem era em branco e preto, ela sofria a desvantagem da concorrência com o cinema colorido, desvantagem que só foi recuperada à partir dos anos 1970, quando conquistou a tecnologia das cores. A TV foi a responsável por um imenso salto qualitativo no poder das comunicações da massa, embora o rádio já tivesse se revelado, principalmente no período entre guerras, um instrumento de comunicação mais poderoso do que o jornal. As transmissões radiofônicas durante 24 horas criou um público fiel e permanente. A grande vantagem do rádio sobre o jornal, e hoje sobre a Internet, está no desligamento entre olho e ouvido, o que libera as pessoas para atividades simultâneas como comer, trabalhar, viajar, descansar, todas elas compatíveis com o som do rádio ao fundo.

Para Anderson, " a TV foi um isolado divisor de águas tecnológico da pós-modernidade enquanto o modernismo foi dominado por imagens de máquinas; agora, o pós-modernismo é dominado por máquinas de imagens".(Anderson,1989:105) A televisão, o computador, cuja tendência atual é de se fundirem, são objetos peculiarmente vazios, e além de não serem “condutores de energia psíquica” , possuem a tendência de anulá-la. Essas máquinas despejam uma cascata de imagens, com cujo volume nenhuma arte pode competir, chamada por Robert Hughes de “cataratas de tagarelice visual”.<sup>71</sup>



Na filosofia, a mescla de um pragmatismo americano revivido com a onda pós-marxista e pós-estruturalista que abalou Paris depois de 1968, produziu o que Bernstein chamou de “raiva do humanismo e do legado do Iluminismo”.

<sup>71</sup> Robert Hughes: Nothing if Not Critical, Nova York, 1990:14





Isso desembocou numa vigorosa denúncia da razão abstrata e numa profunda aversão a todo projeto que buscasse a emancipação humana universal pela mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão. Para muitos, a crise moral do nosso tempo é uma crise do pensamento iluminista. Embora o Iluminismo tenha permitido que o homem se emancipasse da comunidade e da tradição da Idade Média, a afirmação do “eu sem Deus”, proposta pelo Iluminismo, e a exaltação da razão, deixou os indivíduos na ausência da verdade de Deus, sem nenhuma meta espiritual ou moral. Foram a luxúria e o poder que se instalaram na modernidade e paradoxalmente, são os únicos valores que não precisam da razão para serem praticados.

## 6.0 | CONCLUSÃO

“Há um sentido de desespero no ar, e um sentimento de que o homem foi condenado pela ciência e pela tecnologia a uma nova era de precariedade”.

(Bernard James)

“A Modernidade Reflexiva, por si só oferece várias possibilidades aos indivíduos de ser e de agir, mas é importante estar pronto para aproveitar as oportunidades que a Modernidade Reflexiva oferece”

(Anthony Giddens)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter conseguido demonstrar a teoria da “Modernidade Reflexiva” de Anthony Giddens, ou mais especificamente partes da teoria, de uma maneira prática, usando como exemplo a história em quadrinhos da Rê Bordosa e algumas tirinhas da Mafalda, demonstrando assim, que os problemas estudados por Giddens à respeito das transformações da modernidade e dos seus impactos na vida pessoal e no self, são graves e afetam de uma maneira geral todos os indivíduos da sociedade ocidental, espelhados nas historietas. As denúncias feitas por Giddens, e o que ele fala à respeito dos impactos dessas transformações, são facilmente encontradas ou detectáveis em livros, romances, filmes, na história em quadrinhos, e em qualquer tipo de arte, cujos autores acabam retratando e provando, mesmo sem ter consciência, a teoria da Modernidade Reflexiva de Giddens. Nessas obras geralmente, os personagens vivem uma luta constante para sobreviverem às mudanças drásticas que aconteceram na modernidade, e normalmente são pessoas perdidas, desorientadas e deprimidas, vivendo aquilo que Giddens chama de fenômeno da “irreflexividade”

Para que nosso trabalho tivesse maior consistência, e por se tratar de um trabalho de História, fomos buscar no passado as explicações necessárias, causas e origens, para dar sentido às afirmações de Giddens. A horizontalidade histórica escolhida por nós, teve como objetivo, colocar o pensamento de Giddens dentro de um contexto histórico.

O Iluminismo foi o responsável pela crença que se disseminou, de que quanto mais o “homem” conhecesse o mundo, mais ele poderia controlá-lo e direcionar sua vida segundo seus propósitos. Tentamos demonstrar, a ilusão dessa crença, à partir das dificuldades que existiram entre as relações do conhecimento humano, pregado pelo Iluminismo como solução para a modernidade, com o autoentendimento humano, que acabou se mostrando muito mais difícil e complicado, que um dia os pensadores do Iluminismo pudessem imaginar. Assim, a explicação para o caos que hoje vivemos, não se encontra como frequentemente se pensa, no ceticismo metodológico do conhecimento, embora seja esse desempenho um papel muito importante, mas nos pontos levantados por Giddens, com os quais trabalhamos ao longo do nosso trabalho.

Acreditamos como Giddens, na importância da institucionalização da Reflexividade, tanto no nível institucional como pessoal, não só como saída para o caos do mundo hoje, como também como uma possibilidade para as pessoas conquistarem uma autoidentidade sólida, que lhes permita ter consciência dos problemas contemporâneos e de se sentirem aptas, seguras e com condições de transformar a sociedade no que se refere à cultura e à tradição. Procuramos demonstrar através do que não deu certo na vida da Rê Bordosa, o sofrimento daqueles que vivem na contramão da reflexão.

Procuramos mostrar que o sujeito ao qual Giddens se refere, é um sujeito que se apóia nele mesmo, nas suas relações interpessoais, e nos sentimentos amorosos, para se proteger das incertezas da modernidade, conviver com as dificuldades causadas pela globalização e com a ascensão do individualismo, que impede à todos a emergência da autoidentidade. Giddens acredita na ruptura das comunidades restritas e de seus códigos estáveis e explícitos, e na liberdade do indivíduo de escolher seu estilo de vida, fatores que o levará à

reflexividade. Dessa maneira, as pessoas podem construir seu comportamento a partir da consciência que tem de si, e com o auxílio da psicologia, da psicanálise, da sociologia, do “*consulting*” e de todas as formas de terapia, que ocuparão daqui para frente um lugar importante na sociedade, ou seja, com a ajuda dos Sistemas Especialistas, que são os instrumentos de cura e de transformação, não só das pessoas, como também da sociedade.

Anthony Giddens não é ingênuo e nem otimista demais, para acreditar que o indivíduo capaz de construir uma nova modernidade, apareça do nada ou de um simples esforço pessoal, mas sim é fundamental que ele tenha tido na sua infância, confiança naqueles que cuidaram dele. Portanto, a autoidentidade a que Giddens se refere é uma realidade psicológica, uma espécie de procedimento do indivíduo dirigido para si mesmo, diferente por exemplo do Sujeito proposto por Touraine, que se trata de “um dissidente, de um resistente, e se forma bem longe do cuidado de si, lá onde a liberdade se defende contra o poder”. (Touraine, 1978:279)

Existe um longo caminho que o indivíduo reflexivo precisa traçar, sem contar os enormes obstáculos que precisa superar. Pois, se o que limitava a ação dos indivíduos nas sociedades tradicionais era o isolamento, a ignorância, a dependência, hoje, nas sociedades contemporâneas, o que limita a ação dos indivíduos é a agitação, a proliferação dos ruídos, e o consumismo. Ironicamente, tanto numa situação como noutra, se observa que existe o espaço da não-ação, e da não-esperança.

Gostaríamos de salientar que o trabalho de Giddens não está centrado no “eu” segundo uma perspectiva eminentemente psicológica, mas sim na importância do conhecimento dos mecanismos que contribuem para a formação da autoidentidade, que se constitui através das instituições da modernidade. Ao mesmo tempo que as instituições influenciam os indivíduos, são também influenciadas por aqueles que conquistaram uma sólida autoidentidade. Também ressaltamos que o processo de globalização ocupa um lugar importante na teoria de Giddens, na medida em que, a ação dos indivíduos contribuem para influências sociais, com conseqüências globais.

Para nós, a grande contribuição de Giddens reside no fato de que os paradoxos do conhecimento humano, que alimentavam o pensamento “pós-moderno”, relacionado à morte da epistemologia, podem agora, graças à Giddens, ser compreendidos de uma maneira mais simples, através da linguagem da sociologia. Concordamos com Giddens que “hoje em dia, os mundos social e natural estão totalmente influenciados pelo conhecimento humano reflexivo, mas isso não conduz a uma situação que nos permita ser, coletivamente, os donos do nosso destino. Muito pelo contrário: o futuro se parece cada vez menos com o passado e, em alguns aspectos básicos, tem se tornado muito ameaçador. Como espécie não temos mais uma sobrevivência garantida, mesmo a curto prazo, e isto é uma conseqüência de nossos próprios atos como coletividade humana. Hoje em dia, a noção de risco é fundamental para a cultura moderna, justamente porque grande parte do nosso pensamento tem de ser do tipo “como se”. Do ponto de vista de Giddens, Beck e Lasch: “muitos aspectos de nossas vidas, tanto individual quanto coletiva, temos que construir regularmente futuros potenciais, mesmo sabendo que essa construção pode, na verdade, ser impedida de acontecer. Novas áreas de imprevisibilidade são muito frequentemente criadas pelas próprias tentativas que buscam controlá-las. A globalização é a causa de mudanças na vida cotidiana...O mundo da reflexividade em que a interrogação das formas sociais torna-se lugar-comum, é um mundo que em muitos casos estimula a crítica ativa” (Beck, Giddens, Lasch, 1997: 8,9).



Concluimos que o grande valor da Modernidade Reflexiva está em demonstrar o quanto a reflexão se constitui no meio mais eficaz para diminuir a insegurança dos indivíduos, se constituindo num caminho possível, para homens e mulheres contemporâneos que desejam mudar a sociedade, no que se refere à cultura e à tradição. Até porque, como afirma Giddens: “a radicalização da modernidade é algo tão perturbador, que seus traços mais conspícuos, como a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da reflexividade meticulosa, constitutiva, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente, nos levam a um novo e inquietante universo de experiência. Se o “nós” aqui ainda se refere primariamente àqueles que vivem no próprio Ocidente ou , mais precisamente, nos setores industrializados do mundo, é algo cujas implicações são sentidas em toda parte”. (Giddens, 1991:58). A mudança que esse cenário exige. só virá através da consciência que as pessoas passarem a ter à respeito dessa necessidade.

O que queríamos demonstrar é que o pensamento de Giddens exposto em suas obras “Modernidade e Identidade” (1991) e “Conseqüências da Modernidade” (1989) contém as idéias à respeito do papel da globalização e sua interferência nos fatos sociais, como tratam também da ascensão do individualismo, responsável pela emergência da identidade. A linha de raciocínio giddeneana à qual nos mantivemos fieis, é de que a ruptura das comunidades e da tradição deu liberdade ao indivíduo de escolher seu estilo de vida, e que essa escolha é fruto da reflexividade, passando o indivíduo dirigir seu comportamento à partir da consciência que dele toma.

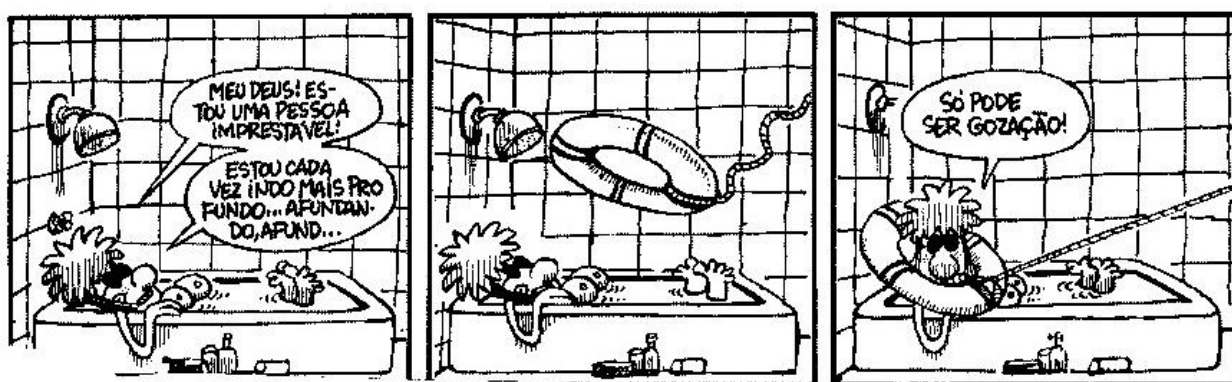
Entre os intelectuais, não tem sido apenas Giddens que tem se preocupado com os rumos da modernidade, para Berman, o projeto multissecular da modernização não passa de um desastroso equívoco, talvez até de uma maldição cósmica, mas sem dúvida nenhuma, de muita arrogância. Berman afirma: “ que a figura de Fausto tem hoje um novo papel simbólico, o de uma espécie de demônio que arrancou o ser humano de sua unidade primordial com a natureza. Tanto assim que em 1973, Bernard James, antropólogo cultural, escreveu: “há um sentido de desespero no ar”, e um sentimento de que o homem foi condenado pela ciência e pela tecnologia a uma nova era de precariedade”. (Berman, 1982:104). Segundo James, o “homem” vive num planeta pilhado e super povoado, restando a ele apenas duas opções: ou interromper essa pilhagem, ou perecer.

A sociedade moderna, tal como ela própria frequentemente se concebeu, aparece como um sistema capaz de “reflexividade”, de crítica sobre si, tendo como referencial ela própria, diferentemente das sociedades naturais que faziam com que o indivíduo e o sagrado se comunicassem diretamente através da tradição ou fora dela. Como afirma Giddens, a sociedade moderna separou o indivíduo e o sagrado em benefício de um sistema social, autoproduzido, autocontrolado e autoregulado. Instalou-se assim uma concepção que afasta cada vez mais ativamente a idéia de Sujeito. Giddens imagina que irá chegar uma hora em que esse diálogo da modernidade consigo própria e do homem com ele mesmo, talvez exija a volta da Igreja, da família e dos amigos como a principal rede de proteção e de solidariedade dos indivíduos, no lugar do Estado, devendo este último intervir quando essas instituições não cumprirem plenamente as suas obrigações.

Além de Giddens, Bell também se preocupa com a ausência da religião, principalmente agora, nos dias atuais, que cresce uma profunda necessidade dos indivíduos de compartilhar um despertar comum: “minha preocupação com a religião se encontra naquilo que eu assumi que é o caráter constitutivo da cultura: a roda de questões que trazem as pessoas para os seus predicados, a consciência no homem de sua finitude e dos seus inexoráveis limites para o seu poder e o esforço conseqüente para encontrar uma resposta coerente para reconciliar os homens às suas condições humanas. Na medida em que toca o mais fundo início da consciência, eu acredito que a cultura, à qual se tornou consciente dos seus limites em explorar o mundano, se voltará em determinado ponto para o esforço de recuperar o sagrado”. (Bell,1978,xxix).

O movimento proposto por Giddens de retorno do indivíduo à si, fechou o século XX com chave de ouro, no qual os homens se empenharam no poder, no totalitarismo, na guerra, na sociedade de massa, num momento que estavam: “durante muito tempo em uma noite onde as únicas luzes vinham das estrelas, sinais da ordem do mundo e das intenções de Deus”. (Touraine, 2002:278). Sem dúvida, o tédio de um self sem limites e a falta de sentido das ações políticas, fazem Bell afirmar: “que tudo indica que uma longa era está nascendo de uma maneira lenta mais perto”. (Bell,1978:xxix).

Por tudo o que dissemos até aqui, fica muito difícil imaginarmos que contornos terá uma nova modernidade, até porque a imprevisibilidade do momento que vivemos em todos os níveis, nos abafa qualquer exclamação de esperança. Não compartilhamos com o otimismo de Giddens, e de outros autores como Touraine, que acreditam que: “o indivíduo não será mais aquele que procura racionalmente seu interesse no mercado ou o jogador de xadrez, personagens que parecem muito impessoais e que um dia os sistemas especializados substituirão, mas sim o ser afetivo, centrado sobre si mesmo, preocupado em realizar-se. (Touraine, 1978:278). Mas sim, acreditamos que a Modernidade Reflexiva, por si só oferece várias possibilidades aos indivíduos de ser e de agir, mas é importante estar pronto para aproveitar as oportunidades que a Modernidade Reflexiva oferece.



## 7:0 | BIBLIOGRAFIA

- Adorno, T. W. *Dialética de la Ilustración: Obra Completa, 3*. Madrid: Ediciones Akal, 2007.
- *Mínima Moralía: Arte & Comunicação*. Lisboa: Edições 70. Paulo.
- *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz E Terra, 2002.
- Alberti, Verena. *O Riso e o Risível*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- Armstrong, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 .
- Anderson, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio De Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1999.
- *Against pos modernism*, Cambridge, 1989.
- Angeli Filho, Arnaldo. *Rê Bordosa: Do Começo ao Fim*. Porto Alegre: L&Pm, 2007.
- *Angeli, O Criador E Suas Criaturas*. *Caros Amigos*, Nº 50, P.30-37, 2001.
- Arenth, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- *Homens em Tempos Sombrios*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2008.
- Ariés Philippe e Jorges Duby. *História da Vida Privada: Da Primeira Guerra a Nossos Dias*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.
- Aristóteles. *Arte Poética*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- Armstrong, John. *The Secret Power of Beauty: Why Happiness is in the eye of the Beholder*. London, 2000.
- Augé, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*.
- Bakhtine, Mikhail. *L'oeuvre de François Rabelais: et la Culture Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance* . França: Gallimard, 1970.
- Barthes, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- *Escritos Sobre Teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Bataille, Georges. *El Erotismo*. México, D.F: Tusquets Editores, 2008.
- Baudelaire, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1996.
- *Escritos Sobre a Arte*. São Paulo: Hidra, 2008.
- Baudrillard, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, Lda., 2007.

- Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- Bauman, Zygmunt. A Arte da Vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- Sociedade Individualizada: Vidas Contadas, Histórias Vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- Amor Líquido. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- Confiança e Medo na Cidade. Rio de Janeiro Zahar Ed., 2009.
- Em Busca Da Política. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2000.
- Europa. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- Globalização: As Conseqüências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- Medo Líquido. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- Modernidade e Ambivalência. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Modernidade e Holocausto. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Modernidade Líquida. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.
- O Mal Estar da Pós-Modernidade. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed.1988
- Tempos Líquidos. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003.
- Vida Líquida. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadorias.  
Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Vidas Desperdiçadas. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- Baumgart, Fritz : Breve História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Beauvoir, Simone De. O Segundo Sexo: 1. Fatos E Mitos. Rio De Janeiro:Fronteira, 1991.
- O Segundo Sexo: 2. A Experiência Vivida. Rio De Janeiro: Fronteira  
1990.
- Beck, Ulrich, Anthony Giddens, Scott Lasch. Modernização Reflexiva. São Paulo: Editora da  
Universidade Estado Paulista, 1997.



- Beck Ulrich and Elizabeth Beck-Gernsheim. *The Normal Chaos of Love*. Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1990.
- *O Que É Globalização?: Equívocos do Globalismo, Respostas à Globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Bell, Daniel. *The Cultural Contradictions of Capitalism*. New York: Basic 1976.
- Benjamin, Walter. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo: Obras Escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- *Correspondência*. Walter Benjamin, Gershom Scholen. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- *Illumination: Essays And Reflections*. New York: Schoken Books, 2007
- *Rua De Mão Única: Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- Bergson, Henri. *O Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Berman, Marshall. *Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Bloch, Marc. *Apologia da História: Ou O Ofício de Historiador*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- Blustein Jeffrey. *The Moral Demands of Memory*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- Botton, Alain de. *A Arquitetura da Felicidade*. Rio De Janeiro: Rocco, 2007.
- *Desejo de Status*. Rio De Janeiro: Rocco, 2005.
- Bourdieu, Pierre. *A Distinção: Crítica Social Do Julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- *Sobre a Televisão*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1997.
- *Os Usos Sociais da Ciência*. São Paulo: Fundação Da Editora Da UNESP, 2003.
- Boyer, Pascal. *Tradition as Truth And Communication. A Cognitive Description of Traditional Discourse*. New York: Cambridge Press, 2006.
- *Contrafogos: Táticas para Enfrentar a Invasão Neo-Liberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.
- Boyle, David. *O Manifesto Comunista De Marx E Engels*, Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- Braudel, Fernand. *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

- Reflexões Sobre a História. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Bruckner, Pascal. A Euforia Pepétua: Ensaio Sobre o Dever de Felicidade. Rio De Janeiro: Difel, 2002.
- Burke, Peter. História e Teoria Social. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- Variedades de História Social. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- New Kind of History: From the Writings of Febvre (Torchbooks) England: Joana Cotlin Books, New Edition, 1974.
- Campbell, Joseph. Mito e Transformação: São Paulo: Ágora, 2008.
- Transformations of Myth Through Time. New York, Harper & Row, Publishers Inc, 1999.
- Calluf, Emir. Sonhos Complexos e Personalidade. A Psicologia Analítica De C.G. Jung. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969.
- Cançado, José Maria. Proust: As Intermitências do Coração e outros Ensaios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- Chartier, Roger. A História ou a Leitura do Tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- Chauveau, Agnes e Ph Tétart (org). Questões Para A História do Presente. São Paulo: Edusc, 1999.
- Compagnon, Antoine. The 5 Paradoxes of Modernity. New York: Columbia University Press, 1994.
- Comte-Sponville, André. A Vida Humana: São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- Costa, Jurandir Freire. o Vestígio e a Aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo. Rio De Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- Csikszentmihalyi, Mihaly. A Descoberta do Fluxo: A Psicologia do Envolvimento Com a Vida Cotidiana. Rio De Janeiro: Rocco, 1999.
- de Certeau, Michel de. Histoire Et Psychanalyse: Entre Science et Fiction. França: Gallimard, 2002.
- Debord, Guy. A Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo. Rio De Janeiro: Contraponto, 1997.
- Deleuze, Gilles. Crítica e Clínica. São Paulo: Ed 34, 1997.

- Demo, Pedro. *Charme da Exclusão Social: Polêmicas Do Nosso Tempo*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- Dierner, Ed. *Culture And Subjective: Well Being*. Massachusetts Institut Technology, 2000.
- Dosse, François. *A História*. Bauru: Edusc, 2003.
- *A História Em Migalhas: Dos Annales À Nova História*. Bauru: Edusc, 2003.
- *História do Estruturalismo: Volume I- O Campo Do Signo*. Bauru, Edusc, 2007.
- *História do Estruturalismo: Volume II O Canto Do Cisne*. Bauru, Edusc, 2007.
- *História e Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2004.
- *O Império do Sentido: A Humanização Das Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 1997.
- Duby, Georges. *Ano 1000 Ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- Dufrenne, Mikel. *Estética e Filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- Duque-Estrada, Paulo Cesar (org). *Espectros de Derrida* Rio De Janeiro: Nau Editora: Ed. PUC - Rio, 2008.
- Eagleton, Terry. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- Eco, Humberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- *Cinco Escritos Morais*. Rio De Janeiro: Record, 2006.
- *História da Beleza*. Rio De Janeiro: Record, 2004.
- *História da Feiúra*. Rio De Janeiro: Record, 2004.
- Ehrenberg, Alain. *La Fatigue d'être Soi. Depression et Société*. Paris: Odile Jacob, 1998.
- Eliade, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Portugal, Lisboa: Edições 70, Ltda.
- Elias, Norbert. *A Sociedade Dos Indivíduos*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes, Vol. 1*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização, Vol. 2*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- *Sobre o Tempo*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- Elster, Jon. *Strong Feelings: Emotion, Addiction And Human Behavior*. Cambridge: The MIT Press, 2009.
- Freitas, Verlaine. *Adorno & A Arte Contemporânea*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- Freud, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão e O Mal Estar na Civilização e Outros Trabalhos*. Rio De Janeiro: Imago Ed., 1974.
- Frankfurt, Harry G . *Sobre A Verdade*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.
- *Sobre Falar Merda*. Rio De Janeiro: Editora Intrínseca, 2005.
- Gagnin, Antonio Luis. *Os Quadrinhos*, São Paulo, Ática, 1975
- Garcia, Guy. *The Decline Of Men: How The American Male Is Tuning Out, Giving Up, And Flipping Off His Future*. New York: Harper Collins Publisher, 2008.
- Garcia-Roza, Luis Alfredo. *Palavra e Verdade: Na Filosofia Antiga e na Psicanálise*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- Gaspari, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.
- Gauntlett, David. *Media, Gender And Identity*. New York: Routledge, 2008.
- Gay, Peter. *Freud Para Historiadores*. São Paulo: Paz E Terra, 1989.
- *Lendo Freud*. Rio De Janeiro: Imago Ed., 1992.
- *Modernism: The Lure Of Heresy From Baudelaire To Beckett And Beyond*. New York: W. W. Norton, 2008.
- Geertz, Clifford. *O Saber Local: Novos Ensaios Em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- Giddens, Anthony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- *As Consequências Da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- *Modernidade e Identidade*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002
- *The Constitution of Society* Cambridge: Polity (Publisher), 1984.
- *The Politics of Climate Change*. Cambridge: Polity Press, 2009.
- *Runway World*. New York, NY: Routledge, 2003.
- *Modernity And Self-Identity: Self And Society In The Late Modern Age*, Cambridge: Polity, 1991.
- *The Transformation of Intimacy*, Cambridge, Polity, 1992.



- The Third Way: The Renewal Of Social Democracy. Cambridge, Polity, 1998.
- Ginzburg, Carlo. História Noturna: Decifrando O Sabá. São Paulo: Companhia Das Letras, 1991.
- Mitos , Emblemas E Sinais: Morfologia E História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Nenhuma Ilha é uma Ilha: Quatro Visões Da Literatura Inglesa. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.
- O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- O Queijo e os Vermes. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.
- Os Olhos de Madeira: Nove Reflexões Sobre a Distância. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.
- O Andarilho do Bem: Feitiçarias E Cultos Agrários Nos Séculos XVI E XVII. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.
- Relações de Força: História, Retórica, Prova. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.
- Glassner, Barry. The Culture of Fear: Why Americans Are Afraid Of The Wrong Things: Crime, Drugs, Minorities, Teen Moms, Killer Kids, Mutant Microbes, Plane Crashes, Road Rage, & So Much More. New York: Basic Books, 1999.
- Gombrich, E.H. A Little History of The World. New Haven: Yale University Press, 2008.
- The Story of Art. London: Phaidon, 2006.
- Gramsci, Antonio. Cadernos Do Cárcere: V.2. Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Habermas, Jurgen. O Discurso Filosófico da Modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Halbwachs, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- Harvey, David. A Produção Capitalista do Espaço. São Paulo: Annablume, 2006.
- Condição Pós Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- Hauser, Arnold. História Social da Arte e da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Hebdige, Dick. Subculture The Meaning of Style. England: Methuen And Co.Ltda, 1979.
- Hobsbawm, Eric (org).A Invenção Das Tradições. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1997.

- O Novo Século: Entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Sobre História. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.
- Irigary, Luce. Ce sexe que n'en est pás un. Paris: Ed. De Minuit, 1977.
- Jameson, Fredric. A Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present. London: Verso, 2002.
- A Virada Cultural: Reflexões Sobre O Pós-Moderno. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Pós Modernismo; A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- Marxism and Form. New Jersey: Princeton University Press, 1974.
- Jones, Ernest. Vida E Obra De Sigmund Freud. Rio De Janeiro: Editora Guanabara, 1979.
- Jung, C.G. The Earth Has A Soul: The Nature Writings of C. G. Jung. California: North Atlantic Books, 2001.
- Junger, Ernst. El Autor Y La Escritura. Barcelona: Editorial Gedisa, 1996.
- Kant, Immanuel. Idéia de Uma História Universal de Um Ponto De Vista Cosmopolita São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Keane, John. Civil Society. Old Images, New Visions. California: Stanford University Press, 1998.
- Kupermann, Daniel. Ousar Rir : Humor, Criação E Psicanálise. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Kohut, Heinz. The Restoration of Self. United States of America: The University Of Chicago Press, 2009.
- Lacroix, Michael. O Culto da Emoção: Ensaio. Rio De Janeiro: José Olympio, 2006.
- Lash, Christopher. A Mulher e a Vida Cotidiana: Amor, Casamento e Feminismo. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- Haven in a Heartless World. New York: W.W. Norton, 1995.
- The Culture of Narcissism: American Life in an Age of Diminishing Expectations. New York: W.W. Norton, 1991.
- The Minimal Self. New York: W.W. Norton, 1984.
- Le Goff, Jacques. A Bolsa e a Vida: A Usura na Idade Média. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- História e Memória. Campinas: Editora Da Unicamp, 2003.

- Por Amor às Cidades. São Paulo: UNESP, 1998.
- Lima, Luiz Costa (coord). A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1979.
- História, Ficção, Literatura. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.
- Lipovetsky, Gilles. A Era Do Vazio. Barueri: Manole, 2005.
- A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade de Hiperconsumo. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.
- A Sociedade da Decepção. Barueri: Manole, 2007.
- A Sociedade Pós-Moralista: O Crepúsculo do Dever e a Ética Indolor dos Novos Tempos Democráticos. Barueri: Manole, 2005.
- A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do Feminino. São Paulo: Companhia Das Letras, 2000.
- O Luxo Eterno: Da Idade do Sagrado ao Tempo das Marcas. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.
- Os Tempos Hipermodernos/ Gilles Lipovetsky com Sébastien Charles. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- Manguel, Alberto. A Cidade das Palavras: As Histórias que Contamos para Saber quem Somos. São Paulo: Companhia Das Letras, 2008.
- Márquez, Gabriel Garcia. La Bendita Manía De Contar. Madrid: Ollero & Ramos Editores, Escuela Internacional De Cine Y Televisión, 1998.
- Marx & Engels. Manifesto do Partido Comunista . São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.
- Melucci, Alberto. Nomads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society. London: Temple University Press, 1989.
- Mezan, Renato. Interfaces da Psicanálise. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.
- Freud, Pensador Da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Morin, Edgar. Cultura de Massa no Século XX: Volume 1: Neurose. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- Cultura De Massa No Século XX: Volume 2: Necrose. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- Moya, Álvaro de. Shazam!. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- Mukarovsky, Jan. Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

- Nietzsche, Frederic. *Além do Bem e do Mal* São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.
- *A Visão Dionisiaca do Mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- *Ecce Homo*. Porto Alegre: L&Pm, 2003.
- *Sobre Verdade e Mentira*. São Paulo: Editora Hedra, 2007.
- Novais Fernando A. *História da Vida Privada No Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea, Vol. 4*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.
- Paglia, Camille. *Sexo, Arte e Cultura Americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- Panofsky, Dora, Erwin Panofsky. *A Caixa de Pandora: As Transformações de um Símbolo Mítico*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.
- Panofsky, Erwin. *A Evolução do Conceito do Belo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- Paz, Octavio. *El Arco E La Lyra México*: Fce, 2006.
- *O Labirinto da Solidão*. São Paulo: Editora Paz E Terra, 2006.
- *Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Pierruci, Antonio Flávio. *O Desencantamento do Mundo: Todos os Passos do Conceito em Max Weber*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- Priore, Maria Del. *História Do Amor No Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- *História Das Mulheres No Brasil*. São Paulo, Contexto, 2006.
- Rabelais, François. *Gargântua e Pantagruel*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2003.
- Ramos, Paulo. *A Leitura dos Quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- Reis, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio De Janeiro: Editora FGV, 2006.
- Robert, Marthe. *Romance das Origens, Origens do Romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- Roudinesco, Elizabeth. *Por Que A Psicanálise ?* Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- Orthony, Andrew. *The Cognitive Structure Of Emotions*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- Saliba Elias Thomé. *Raízes Do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: da Belles Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo, Companhia Das Letras, 2002.
- Said, Edward W. *Humanismo e Crítica Democrática*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.



- Sarlo, Beatriz. Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva. São Paulo: Companhia Das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- Sennett, Richard. The Craftsman. New Haven: Yale University Press, 2008.
- The Corrosion of Character, the Personal Consequences of work in the New Capitalism. New York: W.W. Norton & Company, Inc
- Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- Schwartz, B. The Paradox of Choice: Why less is More. How The Culture of Abundance Rob us of Satisfaction. New York: Harper Perennial, 2005.
- Sontag, Susan. Diante da dor dos Outros. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.
- Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.
- Tarnas Richard. The Passion of The Western Mind. New York: Harmony Books, 1993.
- The New Yorker Cartoons. (trad. de Sergio Augusto) Rio de Janeiro: Agir Editora Limitada, 2009.
- Touraine, Alan. Crítica da Modernidade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- Um Novo Paradigma para Compreender o Mundo de Hoje . Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- Ulman, Richard and Harry Paul. The Self Psychology of Addiction and its Treatment. New York: Routledge, 2006 .
- Walton, Stuart. Uma História das Emoções. Rio De Janeiro: Record, 2007.
- Webber, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Editora Companhia Das Letras, 2004
- Wiggershauss, Rolf. A Escola de Frankfurt: História, Desenvolvimento Teórico, Significação Política. Rio De Janeiro: Difel, 2006.
- Winnicott, D.W. Natureza Humana. Rio De Janeiro: Imago Ed, 1990.